

ILSYANE DO ROCIO KMITTA

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO
PANTANAL
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

**DOURADOS, MS
2010**

ILSYANE DO ROCIO KMITTA

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO
PANTANAL
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações.*

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite.

DOURADOS, MS

2010

ILSYANE DO ROCIO KMITTA

**EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, NATUREZAS CONSTRUÍDAS: ENCHENTES NO
PANTANAL
(PORTO MURTINHO – 1970-1990)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (UFGD) _____

2º Examinador:

Prof. Dr. José Augusto Pádua (UFRJ) _____

3º Examinador:

Prof. Dr. João Carlos de Souza (UFGD) _____

Irio, João Alfredo e Maeme,
minha família, essência da minha história.

A meus pais (*in memoriam*), pela vida.

AGRADECIMENTOS

Em especial, à minha família, meu esposo Irio, pelo amor incondicional, apoio e confiança. Aos meus filhos amados - João Alfredo e Maeme - pela compreensão nos momentos de impaciência e pelas inúmeras ausências.

Ao Prof. Eudes Fernando Leite. Orientador e amigo, pelo muito que aprendi trilhando o caminho das minudências, lapidando as arestas do estranhamento, tão comum entre pessoas com interesses distintos e, ao mesmo tempo, na resultante, tão confluentes.

Ao prof. Dr. Robert Wilcox (*Northern Kentucky University*), por sua disponibilidade na leitura dos textos, pela participação na banca de qualificação, pelas sugestões apresentadas e indicação de bibliografia que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

A meu pai, meu mestre primeiro na história humana. Aquele que foi meu primeiro narrador, antes mesmo de eu saber a significância de tal fato. À minha mãe, pelas renúncias, esquecimentos e silêncios que me fortaleceram, impulsionando-me a seguir pelo labirinto das palavras, nos caminhos de Clio.

Aos meus colaboradores, gratidão sempre. Especialmente, aos moradores de Porto Murtinho que me receberam e concederam-me suas narrativas, permitindo o registro de suas experiências vividas. Meu apreço pela memória de um povo hospitaleiro que, em muito, contribuiu para o desfecho deste fragmento de história dos pantanais.

Aos professores da FCH/UFMG, Departamento de História, que desde minha graduação, sempre estiveram prontos a auxiliar e orientar minha formação acadêmica. A Prof^a Nauk de Jesus, pela acolhida. A todos, indistintamente, minha gratidão.

Aos amigos: Marcelo Ferreira de Souza, que não mediu esforços, sempre que solicitado para a leitura dos textos, aquisição de livros e, especialmente, pela sua amizade; Jean Paulo de Menezes, que me auxiliou nos primeiros passos do mestrado. Pedro Vieira Neto e Rosemeire Cesco, amigos de longas conversas, de incentivo e confiança.

Ao casal, Gilson Domingos e Nilza, meus tutores em Corumbá, pela incansável presteza, sempre que solicitados.

A FUNDECT pelo financiamento da pesquisa.

À Secretaria de Turismo de Porto Murtinho; Museu Jaime Aníbal Barrera; 2^a Cia de Fronteira; ao Cel. Francisco José Mineiro Junior; ao Major Lobo Junior; ao Sr. Marcelo Miranda Soares.

Aos pesquisadores da EMBRAPA-Corumbá, na pessoa de Débora Calheiros.

Aos funcionários do Instituto Luís de Albuquerque, em Corumbá. Funcionários do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, em Cuiabá, na pessoa de Eliane Fernandes.

Aos funcionários da AGESUL, na pessoa de Gildson Arimura Arima.

Aos colegas de mestrado, turma 2008.

ÚLTIMO OLHAR

Pára, contempla, observa: Não são
miragens
De um mundo perdido no tempo ou no
sonho.
Em que a vida brincasse de fazer coisas
imensas e pequenas coisas misteriosas.
Não é uma terra fora da Terra e do
presente.
Visão, alegoria, fábula.
É o aqui e o agora de um Brasil que é
teu e desconheces.
São as árvores, os bichos, as águas,
Os crepúsculos
Do Pantanal Mato-grossense
Todo um mundo natural
Que pede para ser compreendido,
amado, respeitado.
Olha bem, olha mais. Cada imagem é
uma história
E cada história um aviso, um anúncio,
uma anunciação.[...]

(Carlos Drumond de Andrade)

RESUMO

A relação do homem e natureza, no Pantanal, sua interação com os ecossistemas, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente, é marcada pelo ciclo das cheias e de sua antítese, as secas. As experiências humanas em uma região historicamente valorizada, principalmente por suas características ambientais, são nossa proposta para discussão. Utilizando a metodologia da história oral, procuramos conhecer as experiências dos sujeitos, suas práticas cotidianas e sua trajetória de vida, enquanto morador nos pantanais, especialmente em Porto Murtinho, MS. Para compreender como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes, buscamos fazer uma leitura da história a partir da memória de um povo que considera a enchente um fenômeno natural, porém marcante na região do Pantanal, e as estratégias humanas construídas para a sobrevivência em áreas tradicionalmente afetadas pelas águas. Os homens modificam a paisagem e o espaço ao seu redor, e são por eles modificados, seja no passado ou no presente. Essa rede de relações não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas também pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico e possibilita o entendimento de que a ação humana, individual ou coletiva, não é apenas uma determinante identificável, mas elabora significações próprias, que favorecem a compreensão de que essa região encerra características que ultrapassam a visão midiática e edênica do Pantanal, que significa a região como um paraíso de espécies animais, reserva da flora e fauna, alienando, em boa medida dessa representação, o homem pantaneiro e sua história. Nesse contexto, a enchente, sob a ótica da História Cultural, produz uma resignificação do que é um morador urbano no Pantanal e permite compreender por que as cheias nem sempre são um problema para essa região.

Palavras-chave: Pantanal. Homem. Natureza. Memória.

ABSTRACT

The relationship between man and nature, in Swampland, its interaction with ecosystem, the way to notice and mix with the peculiarities of the environment is marked by the cycle of the floods and its antithesis, droughts. The human experiments in a region historically valued, mainly by its environmental characteristics, are our proposal for discussion. Using the methodology of oral history, we know the experiences of the subjects, their daily practices and their life trajectory, while occupant in waterlands, especially in Porto Murtinho-MS. To understand how the local history includes, in their characteristics and modifications, the phenomenon of floods, we made a reading of history from the memory of a people that considers the flood a natural phenomenon, but remarkable in the region of Swampland, and the human strategies built for survival in areas traditionally affected by water. Men modify the landscape and the area around it, and they are modified, in the past or present. This network of relations is explained not only or only by political aspects, but also by the social, religious, cultural and economic aspects, and allows the understanding that the human action, individual or collective, is not only an identifiable determinant, but produces own significations, to promote the understanding that the region contains characteristics that go beyond the middle and paradisiac vision of Swampland, which means the regions as a paradise of animal species, reservation of flora and fauna, joining, in a good way of this representation, the waterland man and his history. In this context, the flood, under the perspective of Cultural History, produces a resignification about what a urban tenant is in Swampland and allows us to understand that the floods are not always a problem for that region.

Keywords: Swampland; man; nature; memory.

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1 - Delimitação das sub-regiões do Pantanal	73
Figura 2 - Projeto inicial de paisagismo 1981	214
Figura 3 - Projeto inicial das rampas de acesso elaboradas em 1981	215
Figura 4 - Contornos do dique envolvendo toda a cidade	216
Figura 5 – Projeto inicial da casa das bombas 1981	218

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 - Linha ferroviária construída pela Cia Mate Laranjeira	84
Foto 02 - Vista parcial de Porto Murtinho na década de 1960	98
Foto 03 - Posto Médico e odontológico da 2ª Cia de Fronteira em 1979	131
Foto 04 - Cidade de Lona em 1979	133
Foto 05 - Destacamento Barranco Branco da 2ª Cia de Fronteira	134
Foto 06 - Barracos improvisados no Km 7 em 1979	140
Foto 07 - Barracos improvisados no km 8 em 1982	140
Foto 08 - Moradia improvisada em ônibus pela família Gonzáles	141
Foto 09 - Chuveiros improvisados na cidade de lona	151
Foto 10 – Disposição interior dos chuveiros improvisados na cidade de lona	152
Foto 11 - Margens do Rio Paraguai em Porto Murtinho	177
Foto 12 - Vista parcial da cidade na década de 1980	181
Foto 13 - Erosão na BR 267 nas enchentes de 1982	195

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Delimitação do Pantanal brasileiro – participação dos municípios em km ²	73
Gráfico 2 - Cotograma das maiores enchentes em Porto Murtinho, desde 1959	74
Gráfico 3 - Nível das águas em Porto Murtinho (1959-1988)	117
Gráfico 4 - Nível das águas no rio Paraguai (1975-2009)	128
Gráfico 5 - Croqui dos contornos da barreira de proteção contra as enchentes	196

LISTA ABREVIATURA E SIGLAS

ANA – Agência Nacional de Águas

CONSPLAN- Consultoria em Planejamento

DNOS – Departamento Nacional de Obras e Saneamento

EDIBAP – Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

MINTER – Ministério do Interior

PCBAP – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai

PRODEPAN – Programa de Desenvolvimento do Pantanal

SEDEC- Secretaria Estadual de Defesa Civil

SERPHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo.

SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

SUDECO – Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste

SUMÁRIO

Agradecimentos	5
Epígrafe	6
Resumo	7
Abstract	8
Lista de Mapas e figuras	9
Lista de fotografias	10
Lista de Tabelas e gráficos	11
Lista de abreviaturas e siglas.	12
Sumário	13
Apresentação	14
1 - O ciclo das águas: um mar em Xaraies	
1.1 Aspectos históricos e características ambientais da região pantaneira	22
1.2 As enchentes em Porto Murtinho	40
1.3 Homem e natureza no ritmo das águas no Pantanal sul-matogrossense	47
1.4 Relação homem e natureza: elos “aparentemente” harmônicos	56
2- Porto Murtinho: As enchentes e a urbe	
2.1 A cidade nas teias do seu traçado	76
2.2 Porto Murtinho: sua História e seus encantos no Pantanal de Nabileque	80
2.3 Nas fábricas de tanino emergem os “marca onças”	88
2.4 A singularidade de um espaço urbano no Pantanal	96
2.5 A cidade e as águas: o Paraguai espreado tracejando o “mar de xaraies”	113
3- As águas e a “cidade de lona”. Experiências do cotidiano na cadência das águas	
3.1 “nesta hora todo mundo é igual, é como no carnaval.”	129
3.2 “tudo pra nós aqui se torna festa”	157
3.3 Recomeçar com a cidade, refazer caminhos.	160
3.4 Muitos deixaram a cidade	164
3.5 O murtinhense não vive sem o rio	168
4- O dique como elemento constitutivo e modificador do espaço urbano	
4.1 “ela se esconde por trás de uma muralha”, é uma cidade corajosa e cheia de esperança”	178
4.2 “a muralha que a cerca é a sua proteção, sua segurança contra as águas que constantemente avançam em sua direção.”	192
5- Considerações finais.	219
6- Fontes e Bibliografia	228

APRESENTAÇÃO

A pesquisa *Experiências vividas, naturezas construídas: enchentes no Pantanal. (Porto Murtinho 1970-1990)*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, insere-se no campo da História Cultural e dialoga com os trabalhos desenvolvidos na linha da História, no estudo de Fronteiras, Identidades e Representações. O interesse pela temática é advindo das atividades que integraram o Plano de Trabalho da pesquisa: *Aspectos históricos das enchentes no Pantanal: Porto Murtinho*, desenvolvida através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (2006-2007).

O intuito de contribuir e abordar problemáticas cada vez mais presentes no campo da História foi o desafio norteador no decorrer do trabalho de pesquisa e levantamento das fontes. Consistiu em construir uma análise, cujo significado das experiências vividas pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados levasse à percepção de que as experiências desses sujeitos históricos e sociais acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si próprios, da natureza e do espaço em que se inserem na sociedade.

Pesquisar, neste caso, as enchentes do Pantanal, em Porto Murtinho, é o ato que visa à criação de um conhecimento sobre o assunto e, subsecutivamente, apresentar características específicas, visando ultrapassar uma explicação imediatista. A construção do conhecimento foi além do fato, com explicações consistentes, baseadas em referenciais teóricos e na utilização de metodologias apropriadas para a análise do processo componente da pesquisa.

Na fase inicial da pesquisa (2006-2007), além de uma primeira visita a Porto Murtinho, foram realizadas leituras e análise bibliográfica de artigos científicos, de revistas e de jornais que tratavam das enchentes no Pantanal e seus aspectos históricos, tanto no âmbito geral quanto específico da região de Porto Murtinho. As fontes localizadas no Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que englobam periódicos, separatas, teses, dissertações e obras de História Regional, bem como as fontes digitalizadas que se encontram em arquivo nesta unidade de pesquisa, foram de suma importância para a elaboração do texto, na etapa de Iniciação Científica.

Terminada a pesquisa de Iniciação, em julho de 2007 e com o intuito de lhe dar prosseguimento no programa de mestrado, buscamos novas informações. Essa fase, que aqui denominaremos de segunda, aflorou por ocasião do Encontro Regional de História Oral, na Universidade Estadual de Mato Grosso, em Cáceres, onde realizamos uma pesquisa em documentos e jornais no Arquivo Público Municipal de Cáceres, no Centro de Documentação da Universidade Estadual de Mato Grosso e na biblioteca da instituição. Tal

trabalho consistiu na consulta de teses e dissertações sobre o Pantanal. A pesquisa no Arquivo Estadual de Mato Grosso, em Cuiabá, foi decisiva para a delimitação temporal da investigação.

Finalmente, uma segunda visita à cidade de Porto Murtinho – MS possibilitou coletar informações relevantes dos moradores e realizar uma pesquisa ainda mais extensa, abrangendo: arquivo da Câmara Municipal, Prefeitura Municipal, Museu Jaime Aníbal Barrera, Secretaria de Turismo e Cultura, Arquivo da Igreja Sagrado Coração e 2ª Companhia de Fronteira de Porto Murtinho. Nessa fase, o contato com a população, foi essencial para definir a metodologia da pesquisa. Com o levantamento e a identificação de tais fontes, foi possível efetuar uma análise preliminar das consequências provocadas pelas águas nos hábitos e costumes da população local ao longo do tempo. Tendo como base essa análise, elaborou-se o anteprojeto apresentado como requisito para a seleção no programa de mestrado.

Na continuidade da pesquisa, buscamos fontes e informações no Arquivo Histórico de Campo Grande, na Biblioteca da Embrapa, em Corumbá, no Serviço de Sinalização Náutica do Oeste no 6º Distrito Naval, em Ladário, nos arquivos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e no Centro de Documentação da UFGD.

A proposta de pesquisa, partindo de uma problemática diferenciada, trata a enchente enquanto fenômeno natural que afeta o homem, o qual, por seu turno, elabora respostas que garantem sua presença no lugar. Considerando a particularidade e especificidade da temática, optamos por utilizar a metodologia da história oral. Por meio das entrevistas, buscamos conhecer as experiências dos sujeitos a partir de suas próprias vozes e das suas práticas cotidianas, o que possibilitou conhecer sua trajetória de vida, enquanto morador urbano no Pantanal.

As enchentes marcaram profundamente a cidade, alterando o espaço e as relações de sociabilidade da população, no período de 1970 a 1990. Nesse período, as enchentes foram de grandes proporções para a cidade, resultando na construção do dique de contenção das águas e no deslocamento da população. O recorte cronológico contempla tais eventos, considerando que, nos anos de 1974, 1979, 1982, 1988, o nível das águas atingiu e ultrapassou marcas entre 7 e 9 metros, respectivamente.

A análise e a comparação desses relatos foram utilizadas para a compreensão de questões, tais como, as relações e práticas sociais do grupo, antes, durante e depois da enchente; bem como as experiências vivenciadas pelos moradores no processo de reconstrução da cidade, contribuindo para um novo entendimento dos deslocamentos ocorridos no período das enchentes. As respostas para essas questões possibilitaram problematizar a pesquisa com a intenção de identificar as relações e práticas sociais da cidade e o estabelecimento das relações entre a sociedade, o homem e a natureza,

considerando que tais relações não apresentam caráter estático, isto é, estão sempre em construção.

Assim, surge o eixo da pesquisa: homem, sociedade e natureza em uma área singular. Nesse amálgama de relações, os homens modificam a paisagem, operam transformações, reordenam o espaço ao seu redor e são modificados por ele. Tal rede de relações não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas, também, pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico. Denominamos como relações “aparentemente” harmônicas, considerando que harmonia designa ausência de conflitos, uma combinação de elementos ligados por uma relação de pertinência, o que exige as constantes modificações e transformações operadas no meio ambiente.

Em função da temática, a disciplina de História Ambiental da América Latina 1500-2000, ministrada pelo Professor Robert Wilcox, contribuiu para as discussões dos variados temas inseridos no campo ambiental, como: região e meio ambiente, percepções, ciência e política da natureza, pecuária e meio ambiente. Possibilitou, ainda, o contato com uma bibliografia voltada para o desenvolvimento, cultura e questões ambientais. Ousamos trazer um pouco dessa discussão para o bojo da pesquisa e adentramos, timidamente, para tratar desses aspectos, percebendo que a rede de relações entre homem, sociedade e natureza não se explica apenas ou somente pelo aspecto político, mas também pelo aspecto social, religioso, cultural e econômico.

A presente pesquisa está voltada para a nova postura da historiografia contemporânea, seja no âmbito da História Cultural, seja no da História do Tempo Presente e contempla, em seu interior, alguns conceitos e aspectos da História Ambiental. Isso permite entender que a ação humana, individual ou coletiva, não é apenas um determinante identificável, ela tem significações próprias que envolvem todo um universo de crenças que intermedeiam o diálogo entre o homem e a natureza, favorece a compreensão de que essa região encerra características que ultrapassam a visão edênica do Pantanal; contemplando, em seus aspectos teóricos e metodológicos, a possibilidade de conhecer historicamente as estratégias construídas pela população em uma área tradicionalmente afetada pelas enchentes.

As etapas de produção da pesquisa incluem a definição do problema a ser investigado, pesquisa sobre a temática, seleção dos entrevistados, elaboração do roteiro de entrevistas, produção e realização de pré-entrevistas, condução e transcrição das entrevistas e análise do material. Associados, tais elementos permitem uma análise que estabelece traços de singularidade e especificidades inerentes ao tema junto aos moradores de Porto Murtinho e, também, com aqueles moradores que, no período das enchentes, deixaram a cidade e fixaram suas residências em outras cidades, como, Bela Vista, Dourados, Jardim e Campo Grande.

A escrita do texto foi sendo delineada a partir das narrativas, mas vai além de uma única fonte, pois as minudências das narrativas são entrelaçadas e convergem para a tessitura do texto final. Parece-nos relevante, no entanto, destacar que, na análise de Garrido¹, “não é uma soma de entrevistas independentes entre si, mas um conjunto orgânico e coerente de entrevistas” que possibilitam o entendimento de como a população “passou” pelas enchentes e quais as estratégias criadas por ela.

Não foi tarefa fácil definir o ponto de partida para delinear a problemática da pesquisa: da análise e compreensão de dois espaços paralelos, sendo, um, a cidade historicamente constituída e, outro, uma cidade provisória, construída a partir de uma problemática local; no caso em questão, as enchentes do Pantanal. Tal fato leva a um novo arranjo social que culmina na confusão do público e do privado e tendo na construção do dique de contenção das águas um novo elemento constitutivo e modificador da urbe

A pesquisa em arquivos para localizar os documentos aqui ditos “oficiais”, que englobam as ações do Estado, esbarrou na burocracia, que os classifica como acessíveis ou não acessíveis. A escassez das fontes escritas é atribuída, pelo setor público, à própria questão das enchentes, ou seja, muitos documentos se perderam por conta das águas que invadiram os espaços onde estavam arquivados ou mesmo pela falta de cuidado para com eles, como, por exemplo, um lugar adequado com critérios organizacionais e preservacionistas para o arquivamento. Essa escassez, por sua vez, gera a fragmentação das fontes e nos colocou diante de um problema que esperamos ter suprimido, no decorrer da pesquisa. Cabe aqui recorrer a Pollak, quando lembra que “se a memória é socialmente construída, é obvio que toda documentação também o é.”² Necessário, então, observar que a utilização das fontes orais, nesta pesquisa, não se faz exclusivamente pela escassez das fontes escritas.

As fontes, como os jornais do período temporal no qual está situada a pesquisa, permitem-nos verificar que a intervenção do Estado e da União foi significativa para a região. Diante de tal importância, buscamos localizar e verificar a possibilidade de acesso aos arquivos do Exército Brasileiro e ao arquivo do Ministério do Planejamento, em Brasília; esse último mantém documentos pertencentes ao antigo Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS, que esteve à frente de todas as ações do Estado, no período.

Como uma fonte auxiliar, no desenvolvimento da pesquisa, buscamos reportagens de jornais, como: *O Momento*, *Folha da Tarde*, *Correio do Estado*, *Correio de Corumbá*, *O Pantanal*, que foram localizados e pesquisados no Instituto Luiz de Albuquerque - ILA e no Centro de Documentação da Universidade Federal, em Corumbá. Entendemos que a pesquisa nos jornais possibilita o acesso a dados de natureza diversa que incluem questões

¹ GARRIDO, J de A., *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*, 1993, p. 38.

² POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 207.

como a econômica, social, política, demográfica, permitindo a análise dos múltiplos aspectos que delinearão o fato, no caso, a enchente na cidade de Porto Murinho e a construção do dique.

A utilização dos jornais, dos periódicos, das imagens, bem como dos demais documentos e relatórios, auxiliando no entendimento, possibilitou uma relação dialética entre as diversas fontes que compõem a pesquisa. Segundo Janotti, o vasto saber e a sensibilidade no trato das fontes é uma exigência necessária ao historiador, “pois delas depende a construção convincente de seu discurso.”³ Portanto, todo texto tem uma historicidade e pede uma reflexão teórica para situar o leitor nas diferentes concepções abordadas e fontes utilizadas. As muitas imagens que temos são fotografias de acervos particulares de algumas famílias. Sua utilização visa situar o leitor no contexto descrito.

Os relatos orais das experiências vividas pelos moradores consistem em fonte primária e nessas narrativas buscamos entender as relações que se tecem entre homem e natureza e como se deu a construção de um novo espaço, no período das enchentes. Compartilhando da perspectiva teórica de Ferreira, quando a autora afirma que a história oral é somente “capaz de suscitar e jamais de solucionar”⁴, ou seja, a história oral, encarada como metodologia possível, apenas formula as perguntas e questionamentos, porém as soluções devem ser buscadas na teoria da História, que possui conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. Nesse sentido, a história oral, como já dito anteriormente, é a metodologia viável para a realização da pesquisa, face ao fato de que tal método produz sua própria fonte documental.

A partir dos primeiros contatos com os moradores e com a Secretaria de Turismo de Porto Murinho, tornou-se possível a elaboração de um roteiro das entrevistas, contemplando pontos considerados essenciais para o entendimento das principais questões e problemas relativos ao cotidiano dos moradores no período das grandes enchentes, quando se deu o deslocamento da população desabrigada pelas águas para um acampamento provisório. Na realização das entrevistas, algumas intervenções foram feitas, apenas quanto aos temas importantes para o desenvolvimento da pesquisa, evitando, assim, interferências que causassem embaraço, prejudicassem ou viessem a induzir o narrador. Essa atitude permitiu melhor fluidez das memórias. Aqui, faz-se necessário registrar que uma entrevista de história oral deve estar pautada em princípio éticos⁵, e que diferença e igualdade, sinceridade e respeito⁶ são conceitos significativos no desenvolvimento de pesquisas que utilizem fontes orais.

³ JANOTTI, M. de L., *O livro fontes históricas como fonte*, 2005, p. 10.

⁴ FERREIRA, M. de M. (org.), *História oral: desafios para o século XXI*, 2000, p. 14.

⁵ PORTELLI, A., *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, 1997, p. 13.

⁶ Idem, p. 18.

A teia de narradores foi constituída com uma primeira indicação da Secretaria de Turismo e, a partir de então, fomos “costurando” os narradores que se entrelaçam nas memórias a partir da citação de nomes no decorrer das narrativas, nas entrevistas. As visitas à cidade levaram-nos ao contato com moradores, chalaneiros, pescadores, proprietários e funcionários dos hotéis, comerciantes, professores, funcionários públicos, enfim, formamos uma teia de narradores a partir de uma entrevista inicial com um professor aposentado. Dialogamos com a população, tanto direta quanto indiretamente, e quando as informações nos foram repassadas, nós as registramos em caderno de campo. A construção de um encadeamento de relatos, de informações permitiu-nos transitar pelas várias memórias, encontrando o fio condutor e norteador desse fragmento de história.

Os relatos orais das experiências vividas pelos moradores consistem no elo de entendimento de como se deu a construção de um novo espaço, no período das enchentes, e a resistência deles diante da possibilidade de mudança do local da cidade. Auxiliam no entendimento do processo de reconstrução da cidade e de como os moradores elaboraram e reelaboraram seus valores durante essa trajetória, estabelecendo laços de sociabilidade distintos. Contribuem para um novo entendimento dos deslocamentos e demais aspectos pontuais que intermedeiam as relações da população, nos dias atuais.

O texto está dividido em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, apresentamos a enchente enquanto um elemento importante na configuração cultural e histórica da região do Pantanal. Amparados pela revisão bibliográfica, tratamos de tal configuração e como as enchentes e sua antítese, as secas, se constituem elemento da geografia e hidrologia da planície pantaneira e como foi descrita ao longo do tempo pela historiografia. Nesse primeiro capítulo, inserimos a discussão das relações do homem, natureza e sociedade. Os aspectos que permeiam essas relações que, aparentemente, são harmônicas, no entanto, demandam transformações, adaptações e concepções de mundo dos habitantes da cidade de Porto Murtinho. Logo, trataremos da questão que envolve o homem, a sociedade e a natureza, incluindo em partes, nessa discussão, elementos da História ambiental.

A urbe constitui o objeto de discussão do segundo capítulo. Registramos o cotidiano da população, o desenvolver de um centro urbano na orla da planície pantaneira. As dificuldades e os anseios pelos quais a cidade foi tecendo sua história, com suas especificidades em que as enchentes constituem elemento integrante dessa construção. A atividade extrativista, primeiramente da erva-mate e, posteriormente, do tanino, como fixadores de mão-de-obra indígena e paraguaia, fator que contribui para uma miscelânea cultural na região limítrofe com o Paraguai. As inundações e a necessidade dos deslocamentos para um abrigo provisório.

No terceiro capítulo, adentramos no espaço da “cidade de lona” e, assim, foi possível compreender como se deu a construção de um enredo de relações nesse espaço singular e

provisório, por ocasião das enchentes de 1979 e 1982. Muitas pessoas, no decorrer do período das enchentes, deixam a cidade, estabelecendo-se em outros centros urbanos, ocasionando um êxodo considerável atrelado a fatores econômicos que permeavam a atividade extrativista local. O rio Paraguai figura como elemento formador da identidade murtinhense que se recusa a abandonar suas margens. O intuito é mostrar a resistência dos moradores quanto à realocação da cidade e como, mais uma vez, a relação do homem com a natureza foi fator determinante para a não aceitação da mudança.

A construção do dique de contenção das águas, como elemento modificador do espaço urbano, é apresentada no quarto e último capítulo. O pano de fundo é a resistência dos moradores em abandonar as margens do rio Paraguai. Na ocorrência da enchente de 1982, a União e o Estado sinalizaram com a possibilidade da mudança da cidade para o local onde havia os alojamentos, ou seja, mudar a cidade definitivamente para o local da “cidade de Iona”. Buscamos apresentar, também, como a inserção do dique transforma a paisagem da cidade e a postura assumida pela população diante de tais mudanças. Para os moradores, o dique construído difere da planta original, e as mudanças efetuadas podem trazer graves consequências para a cidade, na ocorrência de uma nova enchente de grandes proporções.

O processo de construção do conhecimento histórico sobre as enchentes, em Porto Murtinho, a “cidade de Iona”⁷ e a construção do dique de contenção das águas, ultrapassa a questão da veracidade das fontes, que não falam por si, mas revelam respostas de questões, implicando, basicamente, na descoberta do seu significado, enquanto elemento constitutivo do conhecimento em constante construção, no seu caráter contestatório das explicações simplistas do fato. Para tanto, cabe ao historiador a busca de dados, de fragmentos, rastros, pistas deixadas “através de seu esforço minucioso de decodificação e contextualização de documentos, pode chegar a descobrir a ‘dimensão social do pensamento’⁸.” Articular, separar, perguntar, imaginar nos vazios, ler nas entrelinhas, perguntar aos silêncios, rearticular e reviver na elaboração de um mapa mental uma trajetória, os movimentos, os vestígios e captar que na tessitura das entrelinhas a cidade nas teias do seu traçado, os marcos de memória, contidos sempre no dizer mais e/ou menos que o vivido de cada elemento do conjunto que o comporta. É tarefa do historiador perceber que trazem uma intencionalidade, seja de quem as produziu ou mesmo o que escondem nas suas entrelinhas. Mattoso ressalta que “os documentos só têm sentido quando inseridos numa totalidade, que é a existência do homem no tempo.”⁹

⁷ Como ficou conhecido o local onde foram construídos alojamentos para os desabrigados pelas enchentes de 1979 e 1982.

⁸ CHALOUB, S., *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, 1990, p. 16.

⁹ MATTOSO, J., *A escrita da história: teorias e métodos*, 1998, p. 17.

A descrição do fato pelo fato não corresponde à explicação do contexto histórico analiticamente, todavia, o domínio de conceitos vai propiciar credibilidade à pesquisa, mas não a engessando. Ousamos viabilizar uma análise com critérios científicos pautados no conhecimento de forma ampla e completa, em que a teoria vai além da plasticidade.

Apresentamos a escritura final do texto, resultante de um trabalho de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem, convergem e, somados às fontes e às conexões possíveis de bibliografia produzidas sobre a temática e/ou concernentes a ela, articulam o desenrolar de novas pesquisas que tragam em seu bojo a relação homem, sociedade e natureza, amparadas por um campo teórico-metodológico, articulado com o dinamismo não apenas do homem, mas, também, da História.

1 - O CICLO DAS ÁGUAS: UM MAR EM XARAIES

1.1 Aspectos históricos e características ambientais da região pantaneira

A abordagem temática desta pesquisa, no campo histórico, em questão, segue pela perspectiva da História Cultural, que se afirma com uma contribuição de procedimentos e conceitos da história, da literatura, da teoria literária e da antropologia, revelando, assim, características interdisciplinares que permitem maior embasamento e uma forma distinta de diálogo. Segundo Pesavento¹, é importante entender que a História Cultural não é uma "virada de mesa" com relação aos pressupostos teórico-metodológicos, mas uma nova abordagem, um novo olhar que se apoia sobre as análises já realizadas e, que, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque.

A História Cultural soma-se ao conhecimento acumulado, porém não ignora a matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa². Nesse aspecto, suscita novas abordagens com enfoque nos mecanismos de recepção das práticas culturais e das representações, e dos processos comunicativos, em todos os seus aspectos na historiografia. Na análise de Falcon, "não é, ou não deveria ser, uma simples denominação aplicada a um campo de estudos constituído de objetos e/ou temas específicos aos quais corresponderia determinado lugar no plano da realidade histórica."³

Ao apresentar a discussão, o autor sugere que a História Cultural, "uma vez concebida como um campo de múltiplos temas e saberes, "pode ser pensada como "um leque disciplinar ora como área de investigação interdisciplinar ou mesmo metadisciplinar, capaz de dar conta de todas as práticas e representações sociais."⁴ Em conformidade com Veloso, "uma das questões centrais trazidas pela História Cultural é a expansão da memória social, possibilitando incessantes releituras do passado."⁵

Parte-se da ideia do conjunto de acontecimentos construídos pelo homem ao longo do tempo para a compreensão do universo que o circunda, permitindo questionamentos relacionados à forma de como foram vivenciadas algumas experiências em suas particularidades. No entanto, sinaliza para uma abordagem cujos enfoques contemplem os mecanismos de representações e de processos comunicativos em vários aspectos, dentro do campo historiográfico.

Ao abordar uma problemática cada vez mais presente no campo da História, o desafio foi construir uma análise em que o significado da experiência vivida pelos sujeitos e

¹ PESAVENTO, S.J., *Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano*, 1995, p. 280.

² Idem, p. 280.

³ FALCON, F. J. C., *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*, 2002, p. 80.

⁴ Idem, p. 105.

⁵ VELOSO, M. P., *Triunfo às ondas do mar: Linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro*, 2004, p. 193.

os valores elaborados ou reelaborados por eles possam levar à percepção de que as experiências históricas e sociais acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si e do espaço no qual estão inseridos. Tal análise oportuniza o entendimento das enchentes como um fenômeno natural do Pantanal, um fator propulsor de mudanças, de busca de estratégias que possibilitem uma interação e permanência no ambiente, bem como uma leitura do homem e da natureza no Pantanal.

A pluralidade de abordagens suscita diferentes compreensões do mesmo fato⁶ e permite examinar, através dele, o desenrolar de um processo que envolve a produção e a difusão cultural, em que os sistemas produtivos dão o suporte aos processos e aos sujeitos⁷, visto que as “normas” que perfazem essa sociedade, quando produz cultura, estão alicerçadas na consolidação de seus costumes e crenças. Muitas são as dúvidas frente a essa dimensão complexa, múltipla, que gera aproximações e apropriações em diversos níveis da vida humana.

A História Cultural articula enfoques possíveis para o historiador, possibilitando que decifre, ao menos em parte, essa complexidade que se formula na produção e recepção das práticas culturais, visto que a história “é o produto de um lugar.”⁸. Hunt, ao descrever que “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo”⁹, mostra que o entendimento dessas práticas culturais podem ser classificadas pelo modo como, em uma determinada sociedade, os homens, em seus usos e costumes, pensam, falam e se relacionam, seja solidariamente, seja com hostilidade, enfim, como preservam suas memórias e suas relações individuais com o meio no qual estão inseridos. Nesse caso, a relação entre homem sociedade e natureza, que se apresenta como uma relação aparentemente harmônica, no entanto, é dinâmica, devido às ações e às transformações ocorridas ao longo do processo histórico. Assim, segundo Worster,

Os seres humanos participam dos ecossistemas tanto como organismos biológicos aparentados com outros organismos quanto como portadores de cultura, embora raramente a distinção entre os dois papéis seja precisa.¹⁰

Nessa análise, é possível perceber que a paisagem física e a paisagem humana possuem uma história que se mantém preservada e inscrita na memória daqueles que tecem essa rede de relações. Assim, homem e natureza fazem parte de um sistema que se enreda e se recompõe confluindo numa unidade que podemos aqui denominar de original.

⁶CHARTIER, R., *O mundo como representação*, 2002, p. 66-67.

⁷ Idem, p. 73.

⁸ CERTEAU, M. de., *A operação historiográfica*, 1982, p.73.

⁹ HUNT, L., *A nova História Cultural*, 1995, p.25.

¹⁰WORSTER, D., *Para Fazer História Ambiental*, 1991, p.206.

Por conseguinte, uma paisagem, tanto física quanto cultural, pode ser a resultante de uma ação humana, visto que a natureza não é externa ou imóvel.

Porto Murtinho, um centro urbano no Pantanal, preserva em suas particularidades traços inerentes à região pantaneira. Traços estes que fazem parte em suas superstições, implícitos nas canções, nos causos, nas marcas das cheias nas paredes de suas casas, na culinária, nos costumes e nos hábitos particulares e peculiares da região. Portanto, falar das enchentes em Porto Murtinho não é apenas contar uma historinha datada e factual, mas captar, nas entrelinhas, a construção histórica e social da região pantaneira, na qual esse centro urbano está inserido.

Encontramo-nos diante de uma questão que implica maior atenção. Tanto as enchentes como sua antítese, as secas, ambas periódicas na região, trazem consequências graves para esse espaço pantaneiro. Porém, existe uma distinção em relação a elas. Analisar essa oposição permite melhor compreensão dos aspectos norteadores para a região. Segundo Silva Leite,

[...] encanto e natureza mesclam-se, portanto nesta percepção do mundo que insistimos em chamar de natural, do mundo fabuloso retido nas construções do imaginário. Mas é também de notar que paisagens inteiras se constroem na relação de linguagens e de sistemas míticos e ou narrativos.¹¹

Conhecer melhor essa relação, a partir de experiências de muitas vidas, favorece o entendimento da história pantaneira. É, ainda, uma forma de entender que a região encerra muitas características que ultrapassam, sobremaneira, a visão midiática que significa a região como um paraíso de espécies animais, reserva da flora e fauna, alienando, em boa medida, dessa representação, o homem e sua história.

Faz-se necessário perguntar qual é a imagem que construímos sobre esse Pantanal. Como nominá-lo ante as transformações pelas quais é submetido cotidianamente, tendo, inclusive, sua geografia alterada pelas águas que, em muito, contribuem para a construção de imagens paradisíacas. Em que medida é possível pensar como Mário César Silva Leite quando, na obra *Águas encantadas de Chacororé*, ao imprimir suas primeiras imagens sobre o Pantanal, diz: “e fiquei com aquele nome sem coisa, aquele nada com nome, um lugar sem representação. Um vazio chamado Pantanal. Uma beleza sem materialidade, um espectro indescritível.”¹²

Caso consideremos a insistência imagética da mídia, hoje, perceberemos que, para muitos, esse espaço continua com a mesma configuração impressa pelo autor. Uma não representação, um nome sem coisa, no entanto, preenchendo todas as imagens, digamos,

¹¹SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 17.

¹² Idem, p.34.

um nada com nome. Buscamos aqui a pertinência das palavras de Leite quando observa que “o homem que constrói representações acerca do Pantanal também desenvolve conhecimento sobre como viver e sobreviver na região; codifica e decodifica a paisagem da qual ele também é componente, personagem e ator.”¹³ A interação do homem com a natureza se dá na medida em que essa atende aos seus propósitos, não se excluindo ou negando que existe uma relação de domínio ou de sobreposição.

A título de exemplo, não são raras aquelas pessoas que preenchem o espaço pantaneiro, com índios, onças, jacarés e tuiuiús, como uma natureza imóvel e intocada, acompanhada de um considerável “exército” de exotismo compondo a fauna. Do mesmo modo que outros o preenchem com mitos e lendas, um santuário ecológico, misturando a realidade com ficção, delineada por uma enormidade de coisas sem nome. Historicamente, construíram-se representações de um ambiente em que o nome sem coisa foi preenchido paulatinamente pela mídia e pelo imaginário do homem, alheio à realidade do espaço em discussão.

Encontramos ideia similar em Moretti¹⁴, ao descrever a venda da imagem do Pantanal para fins de atividade turística. Isso veio se desenvolvendo gradativamente na região, a partir da década de 1970. O Autor aponta que o Pantanal “é apresentado para o mundo como um lugar natural, embora artificializado, ou seja, esse lugar tem como característica a presença de elementos da natureza, mas se encontra deslocado do real.”¹⁵ E, obviamente, as águas preenchem, em grande parte, esse imaginário, tal a sua voluptuosidade, tamanho e encantamento. Entretanto, podemos pensar, segundo a concepção de Leite, que “a ânsia e o desejo pelo paraíso, sensação que compartilhamos com o imaginário medieval-renascentista [...] vai ao encontro da indústria do ecoturismo e, sobretudo das empresas de turismo [...]”¹⁶ O Autor legitima tal colocação, se pensada a partir da ótica do capitalismo.

Edenizar, nesse caso, torna-se um conceito integrante dos mitos pós-modernos necessários para o não empobrecimento do universo simbólico que partilhamos, em uma sociedade que se encontra apática ao se deparar com as mobilizações que geram inquietações frente a questões que englobam a biodiversidade, os problemas ambientais e o valor adquirido por eles, nos últimos anos. Como exemplo, citamos a apropriação do “espaço/natureza” e sua transformação em “espaço/mercadoria.”¹⁷ Notemos que, de acordo com o autor, “ a realidade desse espaço importa menos que o sistema de imagens que ele

¹³ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís*, 2005, p. 167.

¹⁴ MORETTI, E. C., *Paraíso Visível e Real Oculto*, 2006, p.17.

¹⁵ Idem, p.18.

¹⁶ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís*, 2005, p. 173.

¹⁷ GARMS, A., *Pantanal: o mito e a realidade*, 2004, p. 1.

evoca e que responde a toda cultura de consumo que, para tanto, se elaborou.”¹⁸ No caso específico do Pantanal, a imagem comercializada é do mosaico das águas espraiadas.

Para Diegues, “as águas estão no centro de uma das mais ricas e complexas simbologias criadas pelo homem.” O autor classifica em três temas dominantes as significações simbólicas. São elas: a água enquanto fonte de vida, água como meio de purificação e água sendo elemento de regeneração.¹⁹ A água é uma das condições básicas para a reprodução dos organismos vivos e que, ao mesmo tempo, “se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados.”²⁰ Nesse contexto, “a água está, assim, na natureza, e a um só tempo, na cultura. Está nos mitos e na história.”²¹ Encontramos ideia similar na obra, *A água e os sonhos*, de Gaston Bachelard, quando esse autor se dedica, capítulo após capítulo, a falar das “águas claras às águas brilhantes que fornecem imagens fugidias e fáceis; da água substancial à água sonhada em sua substância; das águas profundas e duradouras, água violenta .”²² Outra característica, estudada pelo autor, é a atribuição da água ao feminino, à maternidade, fonte de um nascimento contínuo, a associação da água à pureza.

A ocorrência das enchentes, enquanto fenômeno cíclico no espaço que compreende o Pantanal, traz a ambiguidade, uma “possibilidade de criação da vida”²³ e, ao mesmo tempo, um elemento de destruição, de desgaste. Essas observações permitem mostrar que “essa ambivalência, típica de todos os símbolos, pode ser vista sobre dois planos opostos, mas não irreduzíveis: as águas como fonte da vida e da morte, criadora e destruidora.”²⁴

Notemos, nesse contexto, que a ação gradual do homem, enquanto sujeito que atua como elemento de intervenção, tem, como resposta de suas ações, as transformações, seja ambiental ou demográfica, na organização social do objeto. Nesse caso, o Pantanal é deixado de fora desse imaginário com nuances midiático e paralelamente a esse fato, o homem é alijado desse espaço.

O alijamento está associado à ideia do “paraíso ecológico”, sacrário para a flora e a fauna, não para o homem. Participamos inteiramente da opinião de Leite, ao ressaltar o fato de que a edenização do Pantanal configura-se como “um mito pós-moderno, do interior do qual, a natureza pode ser separada do homem.”²⁵ E, nesse imaginário midiático, as águas são o elemento que encerra significados e atuam como evocadoras de múltiplos aspectos,

¹⁸ Idem, p. 2.

¹⁹ DIEGUES, A. C., *Os ex-votos marítimos da sala de milagres da Basílica do Senhor Bom Jesus de Iguape*, 2000, p. 159.

²⁰ CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 15.

²¹ Idem, p. 16.

²² BACHELARD, G., *A Água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 14-15.

²³ CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 159.

²⁴ Idem, p. 159.

²⁵ LEITE, E. F., *Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação*, 2008, p. 148.

tanto materiais quanto imaginários, inscrevendo-se no domínio do simbólico.²⁶ Será ousadia dizer que a água, no caso das enchentes cíclicas no Pantanal, traz em si o limite e o encantamento, visto que atua como elemento portador de dualismo em sua significância e simbolismo.

Em sua análise, Kuhlmann, ao se referir aos ciclos das águas no Pantanal, salienta que o

[...] que mais impressiona é a alternância dos fenômenos climáticos. Excessiva umidade, durante a estação chuvosa é sucedida por meses de secas extremas, em que a falta d'água se alia a temperatura excessiva.²⁷

Essa primeira impressão sobre o espaço pantaneiro foi, de maneira lenta e gradual, inserindo-se e formatando a região. O Almanaque Comercial Mato-Grossense pontua, ao tratar do clima e da salubridade do Pantanal, que são duas as estações dominantes e distintas: a da seca e a das chuvas. E continua: “não são privativos nem peculiares aos pântanos de Mato Grosso tais condições de salubridade.”²⁸ Prosseguindo na descrição do ambiente, completa que a condição ambiental encontrada é a mesma de outras regiões, “lá onde não se apresentou ainda o homem como quanto baste de actividade e indústria para modificar a ação deletéria da natureza.”²⁹

Ante esse fato, é possível perceber que a ação modeladora do homem é tida como substancial para a representatividade do ambiente, em questão. A apropriação espacial está estreitamente ligada a toda uma estrutura organizacional, tanto econômica quanto cultural e social. Essa modelagem está calcada por valores que suplantam o economicismo, mas que contempla em seu interior aspectos que privilegiam os estereótipos construídos historicamente que servem como base para as transformações geradas pelo homem, estabelecendo uma “falsa harmonia”, maquiadora de tais transformações. Ao falar sobre a relação harmônica do homem com o ambiente, Albana Xavier ressalta que “não se pode ignorar que o homem é o sujeito de todas as ações capazes de interferirem direta ou indiretamente nos ecossistemas.”³⁰

Isso posto, percebe-se a construção de um sistema simbólico que atua e interage com o imaginário que delinea o espaço pantaneiro, transformando e tangenciando as relações do homem com a natureza, com o ambiente em si e com os elementos que o margeiam. No texto, *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, Leite chama a atenção para a problemática que envolve o meio ambiente pantaneiro e o homem. Para o

²⁶ CUNHA, L.H de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 15.

²⁷ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso. Seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 110.

²⁸ COMMERCIAL *Almanach Mato-Grossense*, 1916, p.91.

²⁹ *Idem*, p. 92.

³⁰ NOGUEIRA, A. X., *Pantanal: Homem e cultura*, 2002, p. 30.

autor, é preciso perceber que “essa interação é parte significativa da identidade regional.”³¹ Ressalta, ainda, que enfrentamentos entre homem e natureza foram constantes para o estabelecimento e permanência do homem na região.³² É preciso considerar, segundo o autor, que o desenvolvimento de atividades econômicas foi acompanhado pela natureza e suas particularidades e especificidades, como as enchentes e as secas, fenômenos inerentes da planície pantaneira.³³

Porto Murtinho, assim como outras regiões do Pantanal que são atingidas pelas águas, constitui-se numa reserva biológica, onde o homem tem sua participação como um elemento integrante dessa natureza nos ciclos das águas. As transformações e adaptações operadas nesse ambiente são mútuas e singulares e podem estar alicerçadas numa cultura “rústica”, por assim dizer, no conhecimento empírico, nas crenças e costumes, nos hábitos tão particulares da região, que atuam como agentes desse processo de interação. Segundo Leite, “esses elementos formam o conjunto que integra a caracterização do Pantanal.”³⁴ O que ocorre é uma simbiose que engloba o homem, a natureza e a cultura.

O Pantanal, classificado como a maior área alagável conhecida, localiza-se na Bacia do Alto Paraguai, na porção Centro-Sul do Continente Sul Americano, abrangendo os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Situa-se entre 15°8' e 22° de latitude S e entre 55° e 59° de latitude W, com uma extensão de 140.000 Km², integra o conjunto de áreas úmidas mundiais situadas geograficamente em vários pontos do planeta.³⁵ É relevante ressaltar que, face aos estereótipos construídos historicamente e socialmente em relação ao Pantanal, ele foi declarado Patrimônio Nacional, pela Constituição Brasileira de 1988 e, em 2000, considerado, pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), como uma região intocada, posta prioritariamente para a conservação ambiental que se interliga a um sistema maior de áreas úmidas da grande Depressão da América do Sul. Ante essa designação, atribui-se aos Pantanaís o “*status*” de patrimônio da humanidade.³⁶

O estereótipo construído do Pantanal como um “paraíso”, para Rossetto, transmite a ideia de que as sociedades que habitam tais pantanaís “vivendo temporalidades específicas”³⁷ não provocam alterações substanciais como a introdução de novos elementos e técnicas que permitam a sua continuidade no referido espaço. Não há a menor possibilidade de se pensar que os habitantes das planícies pantaneiras mantiveram esse

³¹ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanaís*, 2005, p. 168.

³² LEITE, E. F., *Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação*, 2008, p. 148.

³³ Idem, p. 148.

³⁴ Idem, p. 179.

³⁵ VILA DA SILVA, J. dos S.; ABDON, M. de M.; SILVA, M. P. *Levantamento do desmatamento no pantanal brasileiro até 1990/91*, 1998b, p. 1739.

³⁶ ROSSETTO, O. C., “*Vivendo e mudando junto com o Pantanar*”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras, 2004, s/p.

³⁷ Idem, s/p.

ecossistema estanque, vivendo em harmonia com a natureza, sem que essas “comunidades” adentrassem no processo gradual da “modernidade”, aqui pensada como transformações que possibilitam o desenvolvimento de atividades, como a pecuária e o turismo.

Estamos diante do primeiro equívoco ao qual o Pantanal é exposto diariamente pela mídia mundial. Estereótipo de “paraíso intocado,” um santuário ecológico livre das constantes transformações pelas quais passa cotidianamente toda a extensão terrestre. Como salienta Costa, as imagens paradisíacas construídas pelos viajantes setecentistas, “homens profundamente cristãos,”³⁸ e que, de certa forma, perduram no imaginário midiático, ou seja, essas imagens criadas anteriormente, hoje se encontram arraigadas e multiplicadas diariamente no imaginário contemporâneo. Ainda em conformidade com a autora,

[...] foi o olhar destes homens que fixou e definiu imagens que, em muitos casos, ainda persistem no imaginário contemporâneo. Eles transmitem um estranho encantamento; o espaço é ao mesmo tempo hostil, fantástico e paradisíaco. Lugar de homens, animais e ambiente totalmente estranho. Sua paisagem é algo indefinível. O equilíbrio entre secas e cheias desfigura os contornos da paisagem e cria uma geografia móvel.³⁹

A visão paradisíaca do Pantanal, ostentada diariamente pela mídia, está estreitamente relacionada à idealização da natureza, no Brasil, que está enraizada, por sua vez, na memória da sociedade, que compreende a natureza “como portadora de riquezas infinitas e inesgotáveis, dada a exuberância da vegetação, abundância da água, diversidade da flora e da fauna, fertilidade dos solos, entre outros aspectos.”⁴⁰

O Pantanal, apresentado em âmbito midiático, como um espaço de rara beleza, paraíso idílico, figura como alvo de ações preservacionistas por parte das esferas de poder local, Estadual e Federal. Entretanto, podemos pensar que, ante a complexidade do ambiente e das transformações pelas quais tem passado, de acordo com Moretti, é possível visualizar “um lugar com diferentes facetas: aquele que é transformado em símbolo para ser vendido e aquele construído pela sociedade local, através de sua história, o real.”⁴¹ Estas observações de Moretti estão, de certa forma, concatenadas com as pontuações de Bergier, ao sinalizar que

[...] a mudança do clima deverá repercutir, ainda neste século, na dinâmica e estrutura de ecossistemas e sociedades em todo o mundo. O Pantanal carece de conhecimento a respeito dos possíveis efeitos da mudança

³⁸ COSTA, M. de F., *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p.63.

³⁹ Idem, p. 64.

⁴⁰ MARTINEZ, P. H., *Brasil: desafios para uma história ambiental*, 2005, p.31.

⁴¹ MORETTI, E. C., *Paraíso Visível e Real Oculto*, 2006, p.18.

climática sobre os ecossistemas regionais e atividades sócio-econômicas vigentes (agropecuária, pesca, turismo, mineração).⁴²

Nesse contexto, designar o Pantanal como área de preservação não é um ato explicativo, suficiente pela força da expressão. Trata-se aqui da necessidade de entender o longo processo de formação dessa região e procurar explicações que contemplem os diversos pantanais sem alijar o homem, elemento participante e constitutivo desse processo, considerando uma complexa interação entre processos naturais e humanos. De modo menos sintético, Leite apresenta a seguinte leitura do ambiente:

[...] um Pantanal que existe na vida e no imaginário e que se projeta ou retrocede, captando antigas e novas linguagens, ecossistemas, formas de estar no mundo, analogias, similitudes, crenças, medos, esperas, descobertas, tipos humanos, narradores em plenitude, e na revelação de seus impasses.⁴³

Concepção essa muito distante da realidade deparada cotidianamente pelos habitantes da região. Não se pode negar a pertinência das palavras de Rosseto, ao observar que ocorrem “alterações substanciais nos papéis desempenhados pelas identidades sociais pantaneiras no contexto da estrutura produtiva.”⁴⁴ A fim de compreender melhor o problema, a autora acrescenta que “as transformações no Pantanal estão relacionadas à dinâmica atual de reprodução e expansão do modo capitalista de produção e ao processo de globalização como um novo fenômeno de reestruturação produtiva da economia mundial.”⁴⁵

Ao descrever o processo de implantação e desenvolvimento de um núcleo fronteiro, em Mato Grosso, Corrêa ressalta que “portugueses e espanhóis acabariam por disputar uma região central da América do Sul, ainda desocupada e mal avaliada em seu potencial estratégico e em suas riquezas naturais a serem exploradas.”⁴⁶ A preocupação inicial dos portugueses foi com a ampliação dos territórios na zona fronteira com o intuito de “dominar” o curso dos principais rios na região: Paraná, Paraguai e Guaporé, “considerados vitais à sobrevivência da longínqua região mato-grossense.”⁴⁷ A autora escreve que as atenções se voltam para o norte, no intuito de preservar as zonas de mineração, mantendo, assim, a segurança e a vigilância constante da região. A região ao sul passou a ser considerada em função de uma possível invasão castelhana na região e, além disso,

⁴² BERGIER I. et al. *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p. 8.

⁴³ SILVA LEITE, M. C., *Águas encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 18.

⁴⁴ ROSSETTO, O. C., “Vivendo e mudando junto com o Pantanal”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras, 2004, s/p.

⁴⁵ Idem, s/p.

⁴⁶ CORRÊA, L.S. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 15.

⁴⁷ Idem, p. 16.

[...] compreendia também os pantanais do rio Paraguai que, mais cedo ou mais tarde, viriam a ser disputados por suas potencialidades estratégicas naturais, sobretudo sendo formados por terrenos extremamente propícios ao desenvolvimento da pecuária.⁴⁸

Partindo do exposto, e para uma melhor compreensão, são pertinentes as palavras da autora, quando analisa que “o Pantanal mato-grossense começou então a ser mais intensamente ocupado com a abertura de fazendas de criação de gado, cujo núcleo inicial surgira nos arredores de Cuiabá no Século XVIII.”⁴⁹ Em *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, Lécio Gomes pontua que, até então, “o Pantanal continuava praticamente ignoto ou timidamente palmilhado por alguns mais afoitos, assim mesmo somente na periferia.”⁵⁰

O Pantanal foi descrito como um dos obstáculos enfrentados pelas Monções e Bandeiras que adentraram pelos sertões a procura de ouro e apresamento de índios.⁵¹ Queiroz cita o clássico estudo de Sérgio Buarque de Holanda ao descrever sobre o tema, analisando que

[...] as monções constituíram uma inovação, em relação aos antigos meios de locomoção dos aventureiros paulistas que, como foi dito, desde um século antes se dirigiam para essa região. Sabe-se de fato que, em suas incursões pelos sertões de aquém e além-Paraná, tais aventureiros (bandeirantes) preferiam as marchas a pé.⁵²

Somente com a criação da Província de Mato Grosso, a região passa a pertencer definitivamente à coroa portuguesa, isso em função da “ocorrência de um importante evento: a casual descoberta, em 1718, de ricas jazidas de ouro de aluvião [...] Tal descoberta acarretou notáveis mudanças na história de toda a região.”⁵³ E, segundo o autor, estava “associada a atividade predadora” dos bandeirantes, no início do Século XVIII. As mudanças se iniciam com um processo efetivo de povoamento, inicialmente pelos brasileiros e portugueses. Atrelado a esse fato, ou seja, à descoberta das jazidas, está o despertar do governo português pela região, visando sua efetiva posse.

A partir dessa descoberta e ao longo do tempo, muitos foram os elementos que caracterizaram a região. Com a promessa de enriquecimento rápido, muitos são atraídos para a região de Cuiabá e o referido arraial dá base para a conquista territorial portuguesa da região. Aliada à mineração, desenvolve-se a atividade agropecuária com a finalidade de abastecer a população que ali se instalou por ocasião da descoberta do ouro. Contudo, a

⁴⁸ Idem, p.18.

⁴⁹ Idem, p. 39.

⁵⁰ SOUZA, L. G. de. *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 199

⁵¹ QUEIROZ, P. R. C. *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*, 2006.

⁵² QUEIROZ, P. R. C., *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*, 2006, p. 3

⁵³ Idem, p. 4.

criação bovina espalhou-se pelos pantanais, onde encontrou um ambiente propício para seu desenvolvimento.

Nesse período, o que temos na história de Mato Grosso são descrições do processo colonizador e explorador.⁵⁴ São as narrativas das sagas bandeirantes que adentraram os sertões longínquos em busca de jazidas auríferas.⁵⁵ Nas palavras de Amorim, “a ambição do ouro foi que descobriu e desbravou Mato Grosso”⁵⁶, e completa, “os bandeirantes não viam obstáculos diante de si. Atravessavam rios, combatiam índios, venciam as febres. Domavam a natureza.” As consequências das atividades mineradoras são sentidas em todas as regiões que dela fizeram uso. Kuhlmann ressalta que, “sem base agrícola, o garimpo deixa em sua passagem taperas, núcleos humanos decadentes e estagnados.”⁵⁷ O impacto visual é desolador, acrescenta-se o assoreamento e contaminação dos rios, o desvio dos cursos d’água, a erosão descaracteriza a paisagem natural, comprometendo o ciclo natural reprodutivo de peixes e plantas.

Antes da chegada de espanhóis e portugueses – que, por longa data, disputaram essas planícies - a planície inundável, conhecida como Pantanal, foi habitada por nações indígenas, como, os Bororo, Guató, Paiaguá, Guaicuru, Cadiuéu, entre outras. É preciso reconhecer, nesse caso, que os maiores obstáculos que se apresentaram para a exploração e reconhecimento do Pantanal foi “a presença constante do índio, sempre atento e hostil aos penetradores,”⁵⁸ com isso, tornavam as incursões, pelo seu interior, morosas, por isso o avanço deu-se paulatinamente. Já no século XVI, ficou conhecida pelos viajantes como um lugar edênico e, ao mesmo tempo, como um inferno, devido ao número de dificuldades enfrentadas e às enchentes que inundavam toda a região.

O isolamento geográfico da região, ou seja, a distância da região em relação aos núcleos de povoamento litorâneos, aliado aos obstáculos da própria natureza no período das cheias, fizeram com que as tentativas de fixação, do não indígena, na região, somente fossem possíveis dois séculos mais tarde. Além disso, o contato com os índios, muitas vezes, não se configurava de forma pacífica, o que levou a coroa espanhola a se afastar da região. As primeiras concentrações urbanas são delineadas em meados do Século XVIII, em lugares estratégicos, avizinhados das fronteiras espanholas. Um efetivo processo de ocupação e povoamento não indígena, na região que compreende o Pantanal, só foi iniciado

⁵⁴ TAUNAY, Affonso d’E [1981]. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981; LEVERGER, Augusto [1975]. *Vias de comunicação de Mato Grosso*. 2. ed. Fac-símile da edição de 1905. Cuiabá: UFMT, 1975; LUCÍDIO, J. A. B. [1993]. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois: a ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói; HOLANDA, S. B. [1990] *Monções*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁵⁵ AMORIM, A., *Viagem pelo Brasil; do Rio ao Acre. Aspectos da Amazônia, do Rio a Mato Grosso*, 1913, p. 467.

⁵⁶ Idem, p. 467.

⁵⁷ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 114.

⁵⁸ SOUZA, L.G. de., *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 199.

efetivamente em meados do Século XIX, estimulado pela abertura da navegação do rio Paraguai, que se apresentou como uma nova alternativa econômica que possibilitava “a implantação da atividade mercantil em grande escala com base na exportação de alguns gêneros de produção regional e na importação de todas as mercadorias que atendessem ao seu consumo.”⁵⁹

É nesse ambiente, e com a chegada do homem branco europeu, que a relação do colonizador com a natureza apresentou sua face mais dura, considerando que o processo de colonização e de povoamento efetivo da região, teve sempre a natureza como um dos obstáculos mais latentes.

Durante séculos foi um lugar escondido, inicialmente porque a sua imagem de riquezas fabulosas o colocava como objeto de cobiça [...] As bandeiras paulistas e o ouro cuiabano, mesmo transformando-o em caminho fluvial, procuram também mantê-lo em segredo, por ser um território conquistado [...] o fato de ser oculto lhe garantiu sobreviver com uma geografia fantástica e assim permanecer até o final do século XVIII.⁶⁰

Os moldes eurocêntricos marcaram a ideia de civilização no início do século XIX e estavam alicerçados em um polo oposto, a barbárie. Nessa “construção” de civilização na América Latina, a superioridade do homem se sobressaiu a terra e aos animais. A ideia civilizatória era pautada na dominação para possíveis transformações graduais, lentas, progressivas e impactantes, o que modificou drasticamente o meio. O éden, então, transforma-se no inferno, na visão esplendorosa eurocêntrica. O local, inicialmente concebido como lugar de sonhos, agora aflora como temível pesadelo. Além da grande resistência indígena para evitar sua ocupação, a natureza tenta impedir o avanço colonizador: mosquitos, predadores e felinos defendem seu habitat natural.

A ação antrópica atua em um processo acelerado de degradação ambiental, nos Pantanaís mato-grossenses. O aproveitamento dos recursos é dado pelo extrativismo e domesticação, figurando como formas únicas para tal intento e como aspectos importantes na relação do homem e natureza. Com a chegada do europeu, inicia-se uma transformação ambiental mais agressiva e danosa para a planície pantaneira. Findou-se o fascínio da natureza selvagem dos trópicos sobre os europeus.⁶¹ Entretanto, é importante lembrar que ainda que o Mar de Xaraies adquirisse uma aura idealizada, em consonância com a cosmovisão renascentista, o processo histórico tratou de, paulatinamente, consolidar outras expectativas em relação ao Pantanal. Notemos que, quando pensada a natureza do ponto de vista do capitalismo, ela está sujeita à ação predatória do homem.

Nesse contexto, a colonização da América, em seu início, é descrita como uma interação perfeita e harmoniosa entre homem e natureza, onde as trocas eram de

⁵⁹ CORRÊA, L. S., *Corumbá: Um núcleo Comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 35.

⁶⁰ COSTA, M. de F., *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p.31.

⁶¹ THOMAS, K., *O homem e o mundo natural*, 1988, p.18.

subsistência. A história dos trópicos passa a ser contada como um processo expansionista, necessário e inevitável. A expansão europeia atinge os trópicos e opera nas trocas e adaptações de culturas alheias ao solo latino-americano. Essas trocas afetam as sociedades humanas e também provocam modificações ambientais, físicas e biológicas nos ecossistemas, as variedades anulam as singularidades que suscitam o uso contínuo de tecnologias. Enfim, tal processo não foi diferente quanto à ocupação dos pantanais.

Esse espaço, que compreende a planície pantaneira, está inscrito no cenário local, nacional e mundial como uma Reserva da Biosfera. Mas, se considerarmos as escalas local e regional, elas encontram-se limitadas, em âmbito local, pela exploração da pecuária e, em âmbito estadual, limita-se à expansão agrícola. Portanto, faz-se necessário um amplo conhecimento da realidade desse espaço e a compreensão de uma gama de fatores que possibilitam novos entendimentos no que tange à dinâmica territorial e à consequente desterritorialidade: o uso do solo, os problemas sociais oriundos e específicos de cada comunidade, seja ela ribeirinha ou urbana, e outros aspectos, como o exercício da sustentabilidade; todavia, sem esquecer as especificidades e singularidades de cada espaço geográfico com seus elementos e formas tão diferenciadas. Assim, conclui-se que o desenvolvimento não deve estar calcado na depredação ambiental, comprometendo todos os ecossistemas naturais do Bioma Pantanal.

O Pantanal é uma depressão geológica do rio Paraguai, com divisas territoriais fronteiriças com os Andes, na Bolívia, e com o Chaco Paraguai. Situa-se entre os paralelos de 16° e 22° LS e os meridianos 55° e 58° W, localizando-se no sudeste de Mato Grosso e no noroeste de Mato Grosso do Sul, embrenhando-se pela Bolívia e Paraguai, unificando-se, ao prolongamento natural, com o Chaco Boreal.

Figurando, hoje, como um dos ecossistemas⁶² mais expressivos, por reunir em seu interior um conjunto que contempla uma diversidade da fauna e da flora, o Pantanal, com solo arenoso, cuja vegetação dominante é o cerrado, é a maior planície contínua de alagamento de águas interiores. Em virtude de suas dimensões, formando um sistema pantaneiro de inundação contínuo, que se estende em terras brasileiras, formando uma “fronteira viva” , pelo Chaco Paraguai e boliviano. As águas que invadem e circundam esse ecossistema são advindas da Bacia do Alto Rio Paraguai, tributário da Bacia Platina. O clima tropical semi-úmido possui diferenças marcantes entre a estação chuvosa e seca, uma cobertura vegetal complexa e diversa, com uma predominância considerável das savanas.

A região está localizada na Bacia Platina que possui uma formação fitogeográfica riquíssima na sua biodiversidade, incorporando um mosaico de ecossistemas constituído de trocas com características bióticas e abióticas que interagem entre si, compondo as várias

⁶² Constitui-se de todas as partes dos mundos físico e biológico que interagem, ou seja, são conjuntos de organismos e seu ambiente físico.

regiões sujeitas às inundações sazonais. Segundo Costa, significa que tal região “constitui um grande sistema ecológico”⁶³ e, nesse contexto, “suas dimensões são definidas pelas características geológicas e geomorfológicas que produzem a hidrologia, a fauna, a flora e o conjunto climático.”⁶⁴ Portanto, esses fatores, interagindo entre si, produzem um sistema de área alagável que permite a sua continuidade e especificidades próprias do sistema hidrológico pantaneiro, que, por sua vez, vem passando por constantes acomodações e transformações. Com características diversas nos períodos de cheia e vazante, é mais do que notório que, “nesse fluxo e refluxo das águas, o Pantanal respira, organiza-se, compõe-se e reorganiza-se em ritmos e sistemas de vida que se entrecruzam”.⁶⁵

A estação seca ou inverno inicia-se a partir de março, quando as águas começam a baixar e o Pantanal começa a secar. Nesse período, a temperatura é agradável e há pouquíssimas chuvas. No tempo das secas, “o Paraguai escorre de manso por entre as margens pouco elevadas [...] apenas a diversidade de revestimento floral denota as largas manchas de argila ou de areia que as compõem.”⁶⁶ O início das chuvas é em outubro e se estende até março, período em que o Pantanal se transforma num imenso alagado, quando a água se avoluma e se espraia, e os limites dos rios extrapolam seus leitos, é quando “o rio está nos paus.”⁶⁷ É possível identificar, nas palavras de Proença, uma explicação condizente, quando ele diz: “acho que eu posso dizer, rios entranhados um no outro, que andam, que caminham, que voltam e que têm toda amplidão pra escolher.”⁶⁸ Ao falar sobre o emaranhado dos rios, ele volta seus olhos para o horizonte, como que em sinal de contemplação. É como se trouxesse, para diante dos seus olhos, a planície inundável. Seus braços, mãos e dedos se entrelaçam em movimentos graciosos, imitando o movimento e o caminho sinuoso das águas.⁶⁹ A perplexidade, ante a cena, é inevitável. Recordemos *Pantanais Matogrossenses*, de Virgílio Corrêa Filho, na apresentação da obra, Christovam Leite de Castro assim descreve esse complexo emaranhado fluvial:

Pela enorme planície espraia-se o rio, eriçado de afluentes, como a nota dominante do concerto das forças naturais, arrastando o seu limo fertilizante, improvisando lagoas e semeando as ilhas de vegetação, que recebem a “empreinte” da sua influencia inelutável.⁷⁰

Foi o lugar de sonhos, descrito por viajantes, no século XVI ao XVII, atraindo nobres e aventureiros que deram início à conquista da imensa planície inundável, transformado em

⁶³ Idem, p.20.

⁶⁴ Idem, p.20.

⁶⁵ SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 36.

⁶⁶ PROENÇA, M. C. *No termo de Cuiabá*, 1958, p. 80.

⁶⁷ De acordo com os habitantes, esta expressão é usada quando a água transpõe as margens dos rios e espalha campo a fora, inundando os campos.

⁶⁸ Augusto Cesar Proença. Entrevista em julho/2008. Corumbá, MS

⁶⁹ Idem, s/p.

⁷⁰ CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 10.

terras pertencentes à coroa espanhola e, posteriormente, portuguesa. No século XVI, os espanhóis percorreram o espaço que compreendia o Mato Grosso, explorando a foz do Prata e os caminhos fluviais para chegar até as regiões andinas. Esses espanhóis, Aleixo Garcia (1523), Juan de Ayolas (1538), Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1542), Domingo Martinez de Irala (1542-1546), Ñuflo de Chaves (1557) e Ruiz Diaz Melgarejo (1560), comandavam expedições da coroa espanhola, na região. Em seguida, as Missões jesuíticas formaram os núcleos indígenas, com objetivos estratégicos e com o intuito de ocupação do espaço.⁷¹

Em sua obra, *História de um país inexistente*, Maria de Fátima Costa salienta que o Pantanal foi descrito, por viajantes, como “um mundo onde realidade e fantasia se imbricavam.”⁷² e ainda aponta que “o espaço interior da bacia do Alto Rio Paraguai, onde se localizava o Pantanal, foi concebido, inicialmente, como um lugar de sonhos, e assim se insere na história ocidental. Antes disso, como toda a América, constituía território indígena.” A autora acrescenta que “ [...] hoje a construção da sua história seja fragmentada [...] é como se sua história também obedecesse ao movimento de suas águas que passam, correm, inundam e espraíam-se por vastos territórios [...]”⁷³ Segundo a autora, a demarcação do território que compreende a planície pantaneira só se efetivou nos primeiros anos de 1800 quando,

[...] as águas e terras da bacia do alto Paraguai passaram a fazer parte do território português na América, logo convertidas em brasileiras, e começaram então a ser freqüentadas por expedições naturalistas que, com curiosidade científica aperfeiçoaram mapas e preencheram manuais com catalogação de plantas, animais, minerais, a região passou a fazer parte dos roteiros científicos integrando-se ao universo de saber que então inventariava o mundo, classificando sua natureza como recursos naturais.⁷⁴

Como citado anteriormente, esse Pantanal compreende uma área de preservação que constitui a terceira maior reserva ambiental do mundo, contemplando um dos mais ricos ecossistemas com florestas estacionais periodicamente alagadas.⁷⁵ Em conformidade com Costa, muitas das imagens construídas, ainda hoje, sobre o Pantanal, trazem muito do imaginário dos viajantes do século XVI.

Nominado pelos viajantes oitocentistas como a “laguna de los Xaraies”, esse espaço, que apresenta mobilidade geográfica, face ao seu ciclo de águas, foi uma “imagem constante nos relatos e mapas europeus”⁷⁶ e transformou-se num “lugar fabulosamente

⁷¹ CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1990, p. 17.

⁷² COSTA, M. de F. *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999, p. 31.

⁷³ Idem, p. 32.

⁷⁴ Idem, p. 59.

⁷⁵ EMBRAPA PANTANAL. *Impactos ambientais e sócio-econômicos no Pantanal*. 1997a

⁷⁶ COSTA, M. de F. *História de um país Inexistente: Pantanal entre os séc. XVI e XVIII*, 1999. p. 131

imaginado, criado, representado”⁷⁷, que traz em seu bojo, desde as primeiras incursões espanholas e portuguesas e, posteriormente, pelas entradas bandeirantes e monçoneiras, imagens de um território que abriga em seu interior um universo místico, envolvendo águas habitadas por uma infinidade de seres transcendentais⁷⁸, mas abrigando, também, em seu interior, uma enormidade de riquezas naturais propícias para implantação da pecuária, posteriormente.

Para Banducci Júnior, a vasta extensão territorial que abrangia o Mato Grosso com “águas abundantes e vegetação esparsa mostrou-se bastante adequada para a atividade pastoril.”⁷⁹ A adaptação do bovino ao ambiente contribui largamente para a modelagem espacial pantaneira. Em meados do século XIX, a abertura da navegação, pelo Rio Paraguai, impulsiona o comércio e surgem as primeiras fazendas de gado e, conseqüentemente, a implantação das charqueadas ou saladeiros, produzindo e exportando produtos, como, carne, couro e derivados de origem bovina.⁸⁰ Para Corrêa,

[...] nos pantanais surgiria um modelo ainda mais peculiar de ocupação econômica, moldado pelo meio ambiente típico e complexo de seu regime de cheias e vazantes, contexto no qual o gado foi fator viabilizador do uso econômico dos recursos e do solo pantaneiro.⁸¹

A depressão pantaneira é tomada, durante a estação chuvosa, por inundações que têm um impacto profundo sobre a relação do ser humano com o local, por conta de sua ação de renovação das gramíneas e outras espécies da flora nativa, de grande importância para a expansão da atividade pecuária.⁸² No entanto, assim como traz benefícios para essa atividade, com a fartura de pastagens e das salinas, “como são chamadas as lagoas, cuja água apresenta elevada concentração de sais”⁸³, essas inundações acarretam perdas consideráveis nos rebanhos, como ocorrido nas enchentes de 1973 e 1974, com tantos prejuízos, que levaram alguns pecuaristas a deixarem a região.⁸⁴ Com o aumento da área inundada, perdem-se consideráveis áreas de pastagem e o gado é remanejado para locais mais altos ou mesmo para outras propriedades, arrendadas para o período das cheias. O deslocamento dos rebanhos para as áreas mais altas, no período das cheias, não é visto como um transtorno, tendo em vista sua proteção e a necessidade das inundações, para a

⁷⁷ Idem, p. 131.

⁷⁸ SILVA LEITE, M. C., *Águas encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p. 61.

⁷⁹ BANDUCCI JÚNIOR, A., *Dando Nome aos bois. A representação simbólica do gado no Pantanal Matogrossense*, s/d, p. 3.

⁸⁰ Idem, p. 4.

⁸¹ CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o Sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1990, p. 96.

⁸² WILCOX, R.W. *La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980*, 2001, p. 121.

⁸³ MAGALHAES, N. W de., *Conheça o Pantanal*, 1992, p. 10.

⁸⁴ WILCOX, R.W. *La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980*, 2001, p. 127.

renovação das pastagens. Tais inundações são tidas como extremamente benéficas para a reposição de nutrientes e o reverdecimento das pastagens, sem contar o “surgimento dos barreiros salitrados e das lagoas salgadas.”⁸⁵

Sendo uma formação fitogeográfica complexa, a preservação ambiental é indispensável, visto que tem implicações sobre todos os ecossistemas onde as alterações ambientais refletem na própria dinâmica interna. Pelo que percebemos, há uma ambiguidade em torno das colocações contidas na historiografia no que tange ao ciclo das águas. Em que medida podemos apenas designar o Pantanal como área de preservação? Isso não é suficiente, pois se trata, aqui, da necessidade de entender o longo processo de formação dessa região, buscar explicações que contemplem a complexidade do assunto em foco. Godói Filho sinaliza para o fato de que “é uma paisagem de formação recente do ponto de vista geológico.”⁸⁶ Acrescenta, ainda, que essa paisagem é a “resultante dos processos de soerguimento da cadeia andina, que propiciaram a individualização da bacia sedimentar do Pantanal. Sedimentos esses trazidos das porções mais elevadas, pelos rios da bacia do alto Paraguai, vem soterrando-a desde então.”⁸⁷

Nesse sentido, A'b Sáber apresenta uma questão de relevante importância, ao chamar a atenção para o fato da confusão conceitual criada para designar esse espaço com a “aplicação simplista da expressão “ecossistema pantaneiro” a totalidade do conjunto fitogeográfico regional.”⁸⁸ A introdução de elementos alheios ao ambiente, que aderem e desenvolvem práticas culturais e sociais nocivas, segundo o autor, demandam um “novo padrão de entendimento.”⁸⁹ Prossegue em suas observações, ressaltando que se “trata, assim, de uma célula espacial do país que está a exigir uma extensão administrativa particularizada, e um novo padrão de controle, por parte do Estado e da sociedade brasileira.”⁹⁰

Ao defender o aprofundamento dos estudos referentes à região, o autor sugere que se deve considerar que “a bacia do Pantanal foi certamente fruto de uma reativação tectônica quebrável,”⁹¹ e que “estudos realizados a partir da década de 1970 eliminaram o antigo epíteto de “Complexo do Pantanal”, já que a região apresenta um mosaico integrado de paisagens e espaços geocológicos perfeitamente visualizáveis e cartografáveis.”⁹² Para

⁸⁵ Idem p. 114.

⁸⁶ GODOI FILHO J. D. de., *Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-grossense e de sua área de Influência*, 1984, p. 74.

⁸⁷ Idem, p. 74.

⁸⁸ A'B SÁBER, A. N., *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p. 13.

⁸⁹ Idem, p. 14.

⁹⁰ Idem, p. 14.

⁹¹ Idem, p. 31.

⁹² Idem, p. 57.

o autor, é revelada em evidência geomorfológica a presença de atividade tectônica substancial nos significativos afloramentos rochosos.

É realmente indiscutível que a formação dessa ampla área alagável seja resultado de um lento processo geológico, que comporta, em seu interior, particularidades nas variações climáticas que, por sua vez, oferecem sustentabilidade aos ecossistemas que compõem a planície inundável, formando vários pantanais no conjunto da grande depressão aluvial. De acordo com o relatório do Programa de Desenvolvimento do Pantanal - PRODEPAN⁹³, muitos geólogos consideram o Pantanal como uma “graben” que teria sido moldado no final terciário, oriundo da alteração dos Andes, formando, por afundamento, “uma grande fossa”, com fartas redes de falhas e fraturas que tem quatro direções predominantes. Seria, portanto, através dessa “graben” que corre o rio Paraguai “condicionada à direção do seu curso, pelos óbices que encontrou.”⁹⁴

Carlos Tucci, quando da elaboração de relatório que discute a implantação de programas e ações da Agência Nacional de Águas - ANA, descreve o Pantanal como sendo “um grande banhado [...] que recebe o escoamento do Planalto, como os rios do Pantanal têm pequena capacidade de escoamento, o fluxo é retido na planície e grande parte é evaporado.”⁹⁵ Acrescenta, também, que podem ser considerados como aspectos relevantes da Bacia do Rio Paraguai “as inundações ribeirinhas, a mineração no Mato Grosso, na parte superior da bacia, a erosão do solo devido às atividades agropastoril no Planalto, desmatamento, irrigação, e efluentes domésticos e industriais.”⁹⁶

É de suma importância atentar para o fato de que o Pantanal Mato-grossense atua como um espaço transitório, como nota A'b Sáber:

O Pantanal Mato-Grossense funciona como um notável interespaço de transição e contato, comportando: fortes penetrações de ecossistemas dos cerrados; uma participação significativa de floras chaquenas; inclusões de componentes amazônicos e pré-amazônicos; ao lado de ecossistemas aquáticos e subaquáticos de grande extensão, nos pantanais de suas grandes planícies de inundações.⁹⁷

Nesse sentido, o autor defende a ideia de que o Pantanal, pela sua localização entre, pelo menos, três consideráveis domínios morfoclimáticos e fitogeográficos sul-americanos, funciona como uma espécie de depressão-aluvial-tampão e, ao mesmo tempo, como receptor dos componentes bióticos advindos de outras áreas adjacentes e/ou limítrofes.⁹⁸ Para o autor, é realmente indiscutível o fato de que “como acontece com todas as faixas de

⁹³ PRODEPAN, 1974, p. 309.

⁹⁴ Idem, p.309.

⁹⁵ TUCCI, C. E. M., *Documento de apoio as ações de planejamento da ANA*, Abril/2001, p.39.

⁹⁶ Idem, p. 39.

⁹⁷ A'B SÁBER, A. N., *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p.58.

⁹⁸ Idem, p.58.

transição e contato, o Pantanal Mato-grossense se comporta, em termos fitogeográficos, como um delicado espaço de tensão ecológica.”⁹⁹

Uma das características que o difere das demais áreas de preservação são os seus ciclos ou períodos cíclicos de seca e inundações, que permitem a recirculação de nutrientes de forma contínua, dando suporte a micro e a macro vegetação abundante e convertendo matéria inorgânica em orgânica, o que resulta na produção de uma fonte de alimento animal, extremamente nutritiva. É de suma importância destacar que, além da “variabilidade interanual, o Pantanal apresenta uma variabilidade plurianual,”¹⁰⁰ ou seja, ocorre uma alternância entre anos demasiadamente secos ou, inversamente, muito chuvosos. Ao analisar a relação entre mudança do uso da terra, oceanos e o nível do rio Paraguai, em Ladário, Bergier considera que a

[...] oscilação interanual do nível do Rio Paraguai é uma resposta integrada da quantidade de água precipitada na Bacia do Alto Paraguai (Bolívia e Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), da quantidade de água evapotranspirada e da quantidade de água drenada para aquíferos subterrâneos. Portanto, mudanças no regime de chuva e mudanças estruturais na Bacia do Alto Paraguai serão necessariamente refletidas nas oscilações interanuais registradas na série temporal. Entre as mudanças estruturais pode se destacar a mudança do uso da terra na parte alta da Bacia do Rio Taquari.¹⁰¹

Corrêa Filho, ao escrever sobre “as pulsações periódicas do Pantanal”¹⁰², de início, sinaliza que elas “perturbam a adaptação do homem a terra, e ocasiona-lhe prejuízos a economia.”¹⁰³ No entanto, essa alternância na periodicidade e alterações no fluxo das águas favorece algumas espécies, inibindo outras, auxiliando na reestruturação dos ecossistemas que compõem a região e compreende os diversos pantanais. Cabe destacar que uma das características hidrológicas e de suma importância é “a função do Pantanal que atua como um grande reservatório, provocando uma defasagem de 1 a 5 meses entre as vazões de entrada e saída,”¹⁰⁴ ou seja, a formação das lagoas e baías está condicionada a esse processo lento de vazante.

1.2 As enchentes em Porto Murtinho

Em Porto Murtinho, segundo o Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai – EDIBAP, a vazão média de saída é de 1.261 metros cúbicos. No período

⁹⁹ Idem, p. 58.

¹⁰⁰ ADAMOLI, J. A., *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 51.

¹⁰¹ BERGIER I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.10.

¹⁰² CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 100.

¹⁰³ Idem, p.100.

¹⁰⁴ EDIBAP, 1979, p. 19.

das cheias, o rio Paraguai espraia-se e escoo lentamente rumo ao sul, isto é, de Corumbá, até atingir a região de Porto Murtinho, as águas podem demorar de dois ou mais meses e cerca de seis meses pra deixar o solo brasileiro, escoando para a região Chaquenha. Junto com as águas, sedimentos são depositados e carregados para as margens, contribuindo para o levantamento gradual do leito dos rios que compõem o mosaico das águas. A análise das enchentes, na região de Porto Murtinho, em sua capacidade máxima anual, permite registrar o total da vazão de água que sai do Pantanal.¹⁰⁵

A partir de 1974, o Pantanal passa por um ciclo plurianual e, em 1977, inicia-se um período de grandes inundações com alturas hidrométricas elevadíssimas. Em Porto Murtinho, a capacidade máxima inicia-se a partir de 1979 e, como resultado, a cidade fica toda tomada pelas águas. Em 1980, devido ao resíduo da enchente anterior, houve nova elevação do nível do rio Paraguai na parte sul da cidade, atingindo 20% e, seguida da enchente de 1982, o nível atinge a marca de 9,72 metros, superando o registro histórico da enchente de 1959. Esse período de intensas inundações vai até 1988. O rio Paraguai, de janeiro a agosto, recebe a totalidade da vazão de seus principais afluentes e o período das inundações também é demasiado extenso.¹⁰⁶

O rio Paraguai corresponde a 4,3% de todo território nacional. Com uma área de 362.376 km², pertence à Bacia do Prata¹⁰⁷. Sua posição é privilegiada e faz fronteira com Paraguai e Bolívia. Segundo Diegues,

[...] a amplitude da rede tributária que converge para o rio Paraguai, aliada a baixíssima declividade da depressão pantaneira, faz dessa região um dos maiores conjuntos de áreas úmidas do planeta com cerca de 140.000 km².¹⁰⁸

A Planície aluvionar do Pantanal é retentora da maior parte da água oriunda do Planalto e funciona como reservatório, onde 60% dessa água evapora na planície pantaneira, regularizando a vazão em, aproximadamente, cinco meses entre a entrada e a saída de águas nos pantanais. Em Porto Murtinho, a montante da vazão ocorre em julho, fora do período das chuvas. Esse fato está atrelado a pouca declividade do rio Paraguai que tem uma variante de 1,5 a 5 cm/km. A vazão do rio atinge 2.382 m³/s com nível de água de 4,25 m. No período das grandes cheias, em Porto Murtinho, como em junho de 1979, a vazão chegou a 5.879 m³/s e o nível de água a 9,14 m. Em julho de 1982, com uma vazão recorde de 6.289 m³/s e o nível de água atingindo, 9,72 metros.

¹⁰⁵ ADÁMOLI, J.A. *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 52.

¹⁰⁶ Idem, p. 56.

¹⁰⁷ DIEGUES, A. C., (org.) *Povos e águas: Inventário de áreas úmidas*, 2002, p. 264

¹⁰⁸ Idem, p. 264

Essas enchentes deixaram a área do município de Porto Murtinho e da Ilha Margarida¹⁰⁹ totalmente alagada e ocasionou o deslocamento de toda população para um acampamento provisório, denominado de “cidade de lona”. Posterior à enchente de 1982, construiu-se o dique de contenção de águas que evitou a inundação da cidade, na enchente de 1988, quando as águas atingiram o nível de 9, 80 metros.

Ao efetuarem a análise sobre os impactos das inundações no Pantanal, na década de 1970, Silva e Abdon sinalizam que, nos últimos anos do século XX, ou seja, a partir de 1974, o Pantanal é atingido por um fenômeno de ocorrência global, como as alterações climáticas. Tal fato alterou consideravelmente o regime hidrológico nos pantanais. De acordo com os pesquisadores, após 10 anos de uma seca que castigou severamente o Pantanal, em “1974, teve início o mais longo ciclo de cheia do século passado no Pantanal, que persistiria até 2002.”¹¹⁰ Período esse que compreende as grandes enchentes na cidade de Porto Murtinho, com níveis acima da média normal das enchentes anteriores.

As águas das cheias trazem a matéria orgânica que regenera e fertiliza o solo, mas também transportam sedimentos oriundos de áreas com um elevado índice de contaminação de pesticidas e fungicidas. Em função do desenvolvimento, o Pantanal vem sofrendo vários tipos de pressão, como as advindas da agropecuária, da contaminação dos rios, do desmatamento de grandes áreas para pastagens, da erosão e assoreamento do leito dos rios, das construções civis como barragens, estradas e diques. Tal qual como em outros ecossistemas, as influências negativas são sentidas nas alterações ambientais constantes, que modificam a paisagem e afetam o homem, habitante dessa região.

O desmatamento constitui um dos maiores impactos ambientais na região e, conseqüentemente, acelera processos erosivos, que se apresentam acentuados em regiões como Porto Murtinho, constituindo-se em um processo lento e gradual que acarreta uma menor concentração de água no solo e provoca picos de inundações, podendo resultar no agravamento das enchentes na região. No estudo específico da região, os pesquisadores da EMBRAPA observam que

[...] o rio Taquari é um dos formadores da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai. Modificações observadas nas últimas três décadas são o aumento da atividade agropastoril, o aumento do desmatamento a partir da década de 70, o aumento do ravinamento das sub-bacias do planalto, o aumento da precipitação média e modificação da estrutura morfológica dos rios do Pantanal, os desmatamentos em áreas de preservação permanente e o aumento das áreas de inundação abaixo de 200 m de altitude.¹¹¹

¹⁰⁹ Situa-se a 545 km de Assunção e 36 km do fecho dos Morros, localizada entre a Colônia Carmelo Peralta (PY) e em frente a Porto Murtinho, MS. Ilha habitada em sua maioria por pescadores e pequenos comerciantes – zona de livre comércio - o acesso a ilha é possível com barco de pequeno porte e chalanas. No período das inundações, pela proximidade com Porto Murtinho, a população foi socorrida pelo governo brasileiro.

¹¹⁰ SILVA & ABDON et al., *Impacto da Inundação na sócio-economia da planície do baixo rio Taquari, período de 1970 a 1996*, 2002, p. 303.

¹¹¹ EMBRAPA, 1993. Plano 1997a

O aumento da precipitação média e das áreas inundáveis compromete o desenvolvimento da atividade principal desenvolvida na região – a pecuária. Galdino acrescenta que “o aumento da inundação em áreas do baixo curso do rio Taquari tem transformado a pecuária desta região numa atividade com baixa rentabilidade, na medida em que extensas áreas de campo passaram a ser inundadas vários meses durante o ano, desde 1974.”¹¹² Face a essas observações de Galdino, encontramos similaridade com a análise de Bergier que sugere que,

[...] do ponto de vista sócio-econômico, o Pantanal tem passado por transformações e adaptações em função da variabilidade interanual e interdécadas do pulso de inundação. Em épocas mais secas, como entre 1964 e 1973, houve o predomínio da atividade pecuária e em períodos mais úmidos foram também verificadas atividades como a pesca e o turismo.¹¹³

Na década de 1970, o Pantanal sofre ações mais constantes em função da pecuária, são construídos, então, muitos “aterros” para proteger as pastagens das inundações. As cordilheiras, áreas mais altas onde não há ocorrência das inundações, foram desmatadas para o remanejamento do gado. Tal ação modificadora teve impacto na migração dos peixes e da água putrefata, pela falta de renovação das mesmas.¹¹⁴ Além dos aterros, é comum a construção de diques ou barragens que tem a função de polders, e de estradas rurais para acesso entre fazendas e deslocamento do rebanho bovino. As estradas são fatores de aceleração para a destruição do ecossistema; elas são modificações que geram impactos ambientais com reflexos em menor ou maior grau. A título de exemplo, citamos a Transpantaneira, cuja construção não foi acompanhada de um estudo hidrológico adequado e, por isso, figura como obra inacabada, posto que as seguidas enchentes, na década de 1970, impediram a continuidade dos trabalhos.

A biosfera pode suportar modificações, com o cuidado de não ultrapassar os limites que ameaçam seu equilíbrio dinâmico. No entanto, tais transformações podem acarretar danos aos seus processos essenciais, como no seu comportamento hidrológico e, desse modo, gerar um desequilíbrio em cadeia. José de Barros Neto descreve, de forma poética, sua impressão do Pantanal da Nhecolândia, lugar esse que ele chama de “paraíso verdadeiro”. Diz ele: “O Pantanal é maravilhoso e produtivo, mas, assim como um amigo que nos agasalha, se rebela ao primeiro arranhão da sua pele.”¹¹⁵ Talvez, mesmo que inconscientemente, o autor prenuncia o caos no simulacro da ordem preestabelecida, no paraíso imaginário.

¹¹² GALDINO, S. et al., *Mudanças do regime hidrológico da bacia do Rio Taquari – Pantanal*, 2002, p. 24.

¹¹³ BERGIER, I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.15

¹¹⁴ DOUROJEANI, M., *Construindo o futuro do Pantanal*, 2006, p. 77.

¹¹⁵ BARROS NETTO, J. de., *A criação empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia, 1979*, p. 123.

Conforme descrição de Diegues, os pantanais, assim como as “demais áreas drenadas pela bacia do Paraguai, sofrem ação de um regime climático tropical com alternância de duas estações bastante marcadas”¹¹⁶ Quanto às enchentes no Pantanal, elas são caracterizadas como um fenômeno natural que ocorre anualmente entre os meses que vão de outubro a março, período de verão com concentração das precipitações. Suas características em relação a outros tipos de enchentes, como as que ocorrem nos meios urbanos, são distintas, pois, no Pantanal, esse fenômeno possui significados que dão peculiaridade à região, significando uma renovação de todos os ecossistemas. O período de estiagem vai de abril a setembro, considerado de inverno seco.¹¹⁷

Calheiros define o ciclo anual de cheia e seca no Pantanal como “fenômeno ecológico mais importante da planície de inundação de um rio, pois controla sua estrutura e funcionamento, desempenhando papel preponderante na ciclagem de nutrientes e disponibilidade de água.”¹¹⁸ Para as pessoas que vivem nas regiões mais propensas às inundações, como os ribeirinhos e os chalaneiros, “o Pantanal só enche se chover” porque, segundo eles, não tem como prever as enchentes, “só se sabe quando a água começa a subir” e conhecer sua intensidade mesmo, “é só quando ela começa a baixar.” Na troca de informações, é possível perceber que, para aqueles diretamente envolvidos nas atividades desenvolvidas na região, a água é uma constante, não é prejudicial, dá um pouco de trabalho, “mas é bonito demais ver aquele mundão de água sem fim” e complementam “sem água não tem Pantanal.”¹¹⁹

Silva salienta que, contrariamente à abordagem dos noticiários nacionais, quando as enchentes são descritas como trágicas e catastróficas, tendo em vista que a atenção está voltada para as grandes propriedades que desenvolvem a pecuária e tem seus rebanhos atingidos pelas águas, os pantaneiros reconhecem a importância das cheias para “a renovação e preservação do ecossistema.”¹²⁰ Em sua análise, Amaral Filho observa que

[...] no Pantanal mato-grossense, todo o sistema de drenagem está ligada ao rio Paraguai e este não possui vazão suficiente para a eliminação das águas nas épocas de maiores precipitações. Com o represamento das águas pelo rio Paraguai, há inundação generalizada, de duração variável em função da cota local do terreno e também da posição em relação ao rio Paraguai, pois há um desnível de norte para sul e um estrangulamento ou diminuição no sistema de drenagem, a partir de Corumbá no sentido de Porto Murtinho. Assim a área situada ao norte tem um período de inundação menor, que a área situada no sul, ou seja, nas proximidades de Porto

¹¹⁶ DIEGUES, A.C., (org), Povos e Águas: inventário de áreas úmidas, 2002, 264

¹¹⁷ Idem, p. 264.

¹¹⁸ CALHEIROS, D. F. et al., *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortandade de peixes no Pantanal*, 1996, p. 460.

¹¹⁹ Anotações em caderno de campo; Conversa com pescadores e chalaneiros em Porto Murtinho. Agosto/2008.

¹²⁰ SILVA, C. J. da., *No ritmo das águas do Pantanal*, 1995, p.2.

Murtinho, as inundações ocasionarão maiores conseqüências do que nas proximidades do rio Itiquira e cidades de Poconé e Cáceres.¹²¹

No Pantanal, as enchentes são vistas não somente como um processo de subir e baixar das águas, mas, além de tudo, como um fenômeno que mexe com a vida de toda uma população, desde os que moram nas fazendas e nas áreas ribeirinhas até aqueles que residem nas cidades localizadas em toda a região pantaneira. Para o pantaneiro, a cheia “limpa os campos.”¹²² A relação do homem e natureza, no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente é marcada pelo ciclo das cheias e das secas. Nas observações de Costa sobre a sazonalidade das águas:

Cheias e secas dominam o ritmo da vida nessas terras inundáveis. Para seus habitantes, os “naturais do rio”, a vida segue alternando-se nesse compasso: quando as águas estão baixas, com a alegria dos que desfrutam a abundância, cantam e dançam: cheia transformando suas canoas em casa, navegam por quatro meses entre os tantos braços do Paraguai espreado. E o cotidiano se faz sobre a cadência imposta pelas águas [...]

¹²³

Essas constatações nos permitiram analisar que, mesmo a enchente sendo um fenômeno natural e recorrente, no Pantanal, a relação do homem com a natureza perfaz amplos caminhos que envolvem transformações, suscitando apropriações e adaptações que se entrecruzam e se complementam, garantindo, assim, a continuidade e sobrevivência de ambos na multiplicidade de seus habitats. Mas essa interação não pode ser definida como completamente “harmoniosa”. Ela é marcada por transformações, por vezes, fatores de desequilíbrio para ambas as partes. Para Corrêa Filho, “o clima regula grandemente, nos pantanais, as atividades humana, que sobremaneira se diferenciam das congêneres em outras paragens.”¹²⁴

A elevação do nível das águas, no Pantanal, não é apenas um indicativo da precipitação das chuvas nas cabeceiras dos rios do alto Pantanal, ela se torna um fenômeno da natureza; trata-se de uma dinâmica do próprio Pantanal que tem, nas enchentes, a renovação da vida. Essa renovação constitui-se também no aumento da fertilidade do solo e na manutenção da terceira maior reserva florestal, que abriga em seu interior aspectos pouco explorados, como, por exemplo, a suposta convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente, ou seja, as “relações sofridas entre homens e natureza, projetando-se, necessariamente, nas relações entre sociedade e comunidades residentes nas cidades

¹²¹ AMARAL FILHO, Z.P. do., *Ecologia da Savana nas regiões Amazônica e centro-oeste do Brasil*, 1983, p. 33.

¹²² POTT, A., *Pastagens no Pantanal*, 1988, p. 22.

¹²³ COSTA, M. de F., *História de um país inexistente. O pantanal entre os Séc. XV e XVIII*, 1999, p. 100.

¹²⁴ CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 33.

instaladas nas bordas do Pantanal¹²⁵, os seus centros urbanos. Pode-se descrever o mecanismo de movimentação da seguinte forma: fatores como a uniformidade topográfica aliados ao baixo gradiente do relevo, a predominância de litologias sedimentares e a pluviosidade como aspectos contribuintes para as grandes enchentes por dificultar o escoamento das águas.

Esses fatores são aliados e preponderantes no desempenho das inundações de caráter geral na região, propiciando o aumento do volume das águas em toda a extensão que compreende os diversos pantanais, onde o movimento das águas interliga vazantes, corixos e baías.¹²⁶ Se considerarmos que o rio Paraguai atua como o receptor das águas de diversos afluentes, que chegam lentamente e trazem uma quantidade considerável de sedimentos, perceberemos que as inundações se incumbem de espalhar esses sedimentos pelo Pantanal, fora das calhas fluviais.¹²⁷

É possível distinguir dois tipos de inundações que ocorrem nos Pantanais, uma pluvial “chamada de enchente de chuva, que ocorre em áreas não diretamente afetadas pelos rios, resultante da elevação do lençol freático, causada pela falta de gradiente hidráulico e pelas chuvas concentradas” e outra fluvial “os leitos rasos e indefinidos dos rios descarregam água como vertedouro e através de defluentes [...] distribuindo-a nos campos.”¹²⁸ No período das inundações, a velocidade das águas é alterada, sendo capaz de remover obstáculos criados pela vegetação e à medida que atinge os canais maiores, esta velocidade aumenta.¹²⁹ Para Carvalho, é preciso observar que a altura das inundações anuais nos principais rios é determinante para o número de depressões e canais que tornar-se-ão ativos, espalhando água por toda a planície inundável.¹³⁰

Mesmo nas grandes enchentes, a região do Pantanal não fica totalmente encoberta pelas águas. Orlando Valverde salienta:

O rio Paraguai alaga uma planície aluvial, cuja largura média é avaliada em 25 km. Faixas mais estreitas são alagadas pelas cheias do Miranda, do Taquari, do Cuiabá e de muitos outros rios menores. Inúmeras lagoas periódicas surgem; outras permanente crescem; braços de água se

¹²⁵ A’B SÁBER, A.N. *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p. 13.

¹²⁶ As vazantes são depressões entre as cordilheiras, mesmo longas são pouco profundas e desempenham a função de vias de escoamento temporário das baías no período das enchentes. Algumas vazantes podem ser temporárias e outras permanentes. Corixos constituem-se por pequenos cursos de água predominantemente perene interligando as baías próximas. Com canais mais estreitos e profundos, seu poder erosivo supera ao das vazantes. As baías são áreas deprimidas de terreno, lagoas encontradas em praticamente toda a região do Pantanal, com formas e dimensões diversas, apresentam-se cheias de água e muitas tem água salobra e recebem a denominação de salinas. Em períodos de estiagem secam, formando os barreiros.

¹²⁷ CARVALHO, N de O., *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*, 1974, p. 44.

¹²⁸ POTT, A., *Pastagens no Pantanal*, 1988, p. 14.

¹²⁹ CARVALHO, N de O., *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*, 1974, p. 45.

¹³⁰ Idem, p. 46.

anastomosam. Sem embargo, amplas áreas ficam sempre salvo das inundações [...].¹³¹

Ao utilizar a nomenclatura de Pantanal, estamos restringindo uma região que compreende vários “Pantanais Matogrossenses”¹³², dentre eles: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, da Nhecolândia, do Rio Negro, do Taboco, do Jacadigo, do Abobral, do Nabileque, do Paraguai, do Paiaguás. Tais denominações estão atreladas aos rios que banham tais planícies. (mapa 01)

Nas grandes enchentes, o Nabileque escoar em quantidade considerável, constituindo-se numa grande descarga, apresentando uma área inundável próxima a 90 km, incluindo o seu braço principal. Mesmo tendo diversas bocas e diversas saídas, durante as cheias, atinge uma área a partir da barranca que fica toda coberta pelas águas. O mesmo rio, em época de estiagem, tem o comportamento de um corixo ou uma vazante em níveis baixos e com leitos múltiplos.¹³³

1.3 Homem e natureza no ritmo das águas no Pantanal sul-matogrossense

As especificidades e particularidades de cada um desses pantanais estão intimamente ligadas à presença humana, na região, que marca a apropriação e a interação com o meio e assegura a continuidade de atividades genuínas, como a condução das comitivas, que, mesmo em declínio, ainda é própria do Pantanal. As atividades do trato com o gado atuam como agente na relação do homem com a natureza e se fundamentam no convívio interligado, onde homens, animais e a planície pantaneira pertençam a um universo indiviso. Em tal aspecto, partilho da opinião de Leite, quando escreve que “a ocupação econômica da região, [...] sempre teve no seu interior a presença marcante da natureza pantaneira e suas particularidades, especialmente as grandes enchentes e sua antítese, as secas.”¹³⁴ Souza, assim descreve a atividade dos peões:

Naqueles tempos históricos, o peão tinha que ser, ao mesmo tempo, cavaleiro para percorrer as longas distâncias durante as secas, canoieiro quando as chuvas regurgitassem os corixos e ele tivesse de usar os remos, e bom andador a falirem os outros recursos.¹³⁵

Observamos que os contatos iniciais entre o homem e a natureza foram se ajustando em função dos interesses advindos que atuam como portadores das transformações e

¹³¹ VALVERDE. O. Fundamentos Geográficos do Planejamento rural do município de Corumbá. *Revista Brasileira de Geografia*, 34 (janeiro-março 1972) p. 59

¹³² CORRÊA, V. “*Pantanais Matogrossenses - Devastamento e Ocupação*”. Publicação nr. 02, 1946.

¹³³ CARVALHO, N de O. Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai. In: BRASIL. DNOS. *Estudos Hidrológicos da Bacia do Alto Paraguai*. Rio de Janeiro: 1974. 4v. p. 47

¹³⁴ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 174.

¹³⁵ SOUZA, L. G., *Retrospectiva Histórica do Pantanal*, 1986, p. 200.

danos posteriores. Esses contatos estavam estritamente ligados à natureza, e conhecê-los auxiliou na fixação e permanência no local. Dourojeani alerta para o fato de que o Pantanal que vemos “é fruto de milênios da ação humana sobre ele,”¹³⁶ assim, hoje, não é realmente natural, visto a “introdução voluntária ou involuntária de espécies exóticas, sejam plantas ou animais e, em especial, peixes [...]”¹³⁷, elementos, esses, alheios ao ambiente.

A implantação de atividades econômicas, como a pecuária, integra essa categoria das ações transformadoras que provocam danos, como a erosão e o assoreamento, e trazem consequências: uma maior frequência e/ou intensidade das enchentes, ou mesmo a ausência dessa, que provoca alterações ecológicas, afetando todos os ecossistemas. Amparados na análise de Bergier, consideramos que tais modificações estão diretamente vinculadas aos impactos ambientais, aos quais o Pantanal foi exposto a partir da década de 1970, considerando o aspecto de que

[...] os impactos mais evidentes da supressão da vegetação nativa e substituição por culturas agrícolas, especialmente pastagens com manejo inadequado, são relacionados à ruptura do equilíbrio dinâmico dos solos, à instalação de processos erosivos e o conseqüente assoreamento de cursos d’água que abastecem boa parte do Pantanal.¹³⁸

É sabido que a vegetação natural mantém, na região, um processo de erosão natural, atenuando a ação das chuvas no solo. A remoção da vegetação natural pode instalar na região um processo de erosão, causando o assoreamento dos cursos d’água, prejudicando a manutenção da fertilidade dos ecossistemas. As águas contribuem para a renovação dos campos, no entanto, é preciso considerar que alterações substanciais refletem em impactos ambientais irreversíveis, como o esgotamento das pastagens e a inserção de uma vegetação alheia ao sistema biótico da planície pantaneira, que atuam como competitivas para a adaptação ao ambiente.

A revisão bibliográfica, o referencial teórico, os levantamentos e as entrevistas indicaram e confirmaram algumas reflexões desse processo de análise dos ciclos climáticos alternados no Pantanal sul-mato-grossense e estabelecem uma relação de ambiguidade. As secas são tidas como extremamente danosas para os ecossistemas e desencadeiam ações como as queimadas que em muito modificam a paisagem pantaneira. Muitos efeitos dessas queimadas têm seu reflexo no sistema organizacional das populações residentes nas áreas afetadas.

A seca no Pantanal atinge seu ápice de julho a setembro, quando a água está restrita aos leitos dos rios ou as áreas de lagoas, que apresentam uma concentração elevada de sais, e os banhados, também conhecidos como brejos ou alagadiços, nas partes

¹³⁶ DOUROJEANI, M., *Construindo o futuro do Pantanal*, 2006 p. 55.

¹³⁷ Idem, p. 60.

¹³⁸ BERGIER, I. et al., *Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas*, 2008, p.16.

mais baixas. Somente o regime das chuvas pode alterar esse quadro. No entanto, é possível constatar que algumas regiões mais altas raramente são atingidas pelas águas e estão mais suscetíveis aos danos ambientais provenientes da ação das queimadas.

Na época das secas, são muito comuns as queimadas amplamente utilizadas pelos fazendeiros da região para a limpeza dos campos. Acredita-se que, dessa forma, há um estímulo no rebrotamento, quando iniciado o período das chuvas. As queimadas foram utilizadas como uma técnica de preparação do solo para a agricultura. No entanto, a prática de queimadas da vegetação rasteira, ainda praticada, mostra que “a cinza resultante é buscada como fertilizador, embora em longo prazo o resultado seja maléfico, acarretando a degradação inevitável do solo.”¹³⁹ A destruição da matéria orgânica é inevitável, visto que após as primeiras chuvas o potássio é reduzido a carbono solúvel.

Essa concepção de renovação através do fogo pode trazer sérias consequências para o Pantanal. Nesse processo, o fogo atua como agente transformador das fisionomias originais da região pantaneira e seu entorno. Nos períodos de estiagens prolongadas, o fogo, ao se alastrar de forma desordenada, adentra outras áreas, consumindo grande quantidade de gramíneas e outras espécies da flora. Muitas espécies nativas e animais silvestres sofrem drasticamente a ação das chamas. Como a paisagem característica do Pantanal é de planície e campos, vasta com alterações na vegetação que oscila entre permanente e efêmera, os chamados campos cerrados, e a cobertura vegetal é basicamente constituída por espécies comuns aos cerrados, as queimadas tornam-se um perigo iminente e constante.

É muito comum deparar-se com a expressão “dequada”, quando se fala em queimadas, no Pantanal. Na linguagem dos moradores da região pantaneira, como Porto Murtinho, a dequada é atribuída às queimadas que espalham fuligem e cinzas sobre a vegetação e sobre as baías – as inúmeras lagoas espalhadas pelo Pantanal com caráter temporário ou permanente¹⁴⁰ – e causam a morte de grande quantidade de peixes. Em entrevista com o pescador Antonio Sória, ele nos conta que

[...] a dequada que fala né, depois da queimação, no tempo de agosto, aquele queimação, é queima o mato, e depois vem a chuva e leva tudinho aquela queimação dentro d'água. Aquele lá, a contaminação do mato assim, leva dentro d'água mata os peixe. Mata tudo que tem dentro d'água (...) peixe de fundo, morre tudinho. Bagre, jaú esse ai não guenta fica de boca aberta na flor de água (...) Por que não agüenta mais, estufa a barriga dele de ar e fica lá, ai o urubu vem comer.¹⁴¹

¹³⁹ CANDIDO, A., *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2001, p. 58.

¹⁴⁰ Temporárias são abastecidas pelas águas das chuvas e permanentes se localizam nas proximidades dos rios e com eles mantêm comunicação.

¹⁴¹ Antonio Sória. Entrevista em 20/08/2008. Porto Murtinho, MS

Segundo Calheiros, a “água de dequada” caracteriza-se “por apresentar uma coloração escura, semelhante ao chá preto, devido a compostos orgânicos dissolvidos provenientes do processo de decomposição.” As cinzas das queimadas, provocando uma elevação do PH¹⁴² da água, e podem causar a mortandade de peixes. Prosseguindo, em conformidade com a autora, “originalmente o nome “água de dequada” refere-se à água de cinzas usada na fabricação caseira de sabão, cuja cor é idêntica à cor formada durante o fenômeno, daí o nome popular.”¹⁴³ É conhecimento empírico na leitura do ambiente.

Para Martins, “a ação humana interage com as forças da natureza, provocando impactos sobre os ambientes e “reações” do mundo natural.”¹⁴⁴ Todavia, ainda em conformidade com o autor, que está apoiado no ponto de vista de historiadores ambientais, esta “ação humana pode agravar a situação ambiental e potencializar as catástrofes, bem como contribuir decisivamente para a desorganização dos biomas.”¹⁴⁵ Nesse contexto, as queimadas, para o bioma pantaneiro, são nocivas e atuam como elemento modificador, posto que o período de estiagem é problemático para a economia local, que está alicerçada na pesca e na pecuária. Sua antítese, as cheias, contribui para a manutenção de suas características geomorfológicas, climáticas e geológicas condicionantes, para a retenção das águas, de nutrientes e de sedimentos que compõem a depressão, isso sem causarem impactos ou comprometer a recomposição dos ecossistemas bióticos e abióticos.

As extensas áreas inundáveis têm a função de reter e repor nutrientes para o solo. Os ciclos climáticos são alternados, não seguindo, no entanto, uma regularidade específica. Estipula-se que as enchentes ocorram de cada 10 a 13 anos. No sul, o trimestre mais chuvoso é o que compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. É notória a concentração e a precipitação das chuvas nos meses de verão, quando o período é de alta umidade do solo. A alternância nos ciclos climáticos e a miríade de inter-relações que envolvem os sistemas bióticos e abióticos dificultam no sentido de um estudo definitivo e em profundidade, no que se refere à complexidade de seus ecossistemas. Resende, quando da análise e estudo dos pulsos de inundações, considera que

[...] a planície de inundação, por ser periodicamente inundada, age como um bioprocessador e os nutrientes inorgânicos transportados do rio para a planície de inundação são utilizados por diferentes comunidades de produtores primários durante as fases terrestres e aquáticas para produzir matéria orgânica que é utilizada por comunidades consumidoras aquáticas e terrestres, resultando em produções primária e secundária altas.¹⁴⁶

¹⁴² Potencial hidrogeniônico. É um índice que indica o grau de acidez, neutralidade ou alcalinidade de um meio qualquer.

¹⁴³ CALHEIROS, D. F. et al., *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortandade de peixes no Pantanal*, 1996, p. 464.

¹⁴⁴ MARTINS, M.L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 23.

¹⁴⁵ Idem, p. 23.

¹⁴⁶ RESENDE, E. K., *Pulso de inundação: processo ecológico essencial à vida no Pantanal*, 2008, p. 9.

A necessidade de preservação de suas áreas úmidas, em tal situação, com características que mantêm suas especificidades, tanto em termos econômicos quanto científicos, é de suma importância. A título de exemplo, para a necessidade de preservação é que grande parte dos ciclos de reprodução aquática e silvestre está intimamente associada aos ciclos de inundação e, por conseguinte, às estiagens. Ainda em conformidade com a autora,

[...] a inundação proporciona abundantes e variadas fontes alimentares para peixes detritívoros, herbívoros, insetívoros e onívoros que são a base da cadeia alimentar dos peixes carnívoros e de outras espécies animais que os consomem como aves aquáticas, jacarés, lontras e ariranhas. A inundação propicia, ainda, o desenvolvimento de toda uma vegetação aquática que serve de abrigo e alimento aos peixes.¹⁴⁷

Ante esse fato, é possível perceber que a geomorfologia e a hidrologia, ou melhor, sua interação se constitui na base de sustentabilidade da estrutura biótica dos ecossistemas pantaneiros. Posicionado hidrológica e geomorfologicamente, o Pantanal atenua e reduz o escoamento da bacia de drenagem do Alto Paraguai, funcionando como um “imenso reservatório natural, recebendo vazões distribuídas e oriundas do Alto Paraguai e seus afluentes, e as concentrando no escoadouro da bacia, a confluência com o rio Apa.”¹⁴⁸ Isso significa que as enchentes, com suas águas barrentas, formam a pedra angular dos ecossistemas que compõem o mosaico pantaneiro. Caso ocorram mudanças em qualquer estágio do seu regime hidrológico, esse impacto será drasticamente sentido na sua biota.¹⁴⁹ A preservação e a conservação da vegetação natural do Pantanal não serão resultantes de planos de conservação ambiental, e, sim, do fator hidrológico que atua como regulador através de seus ciclos de inundações irregulares.

As interferências atuam como fator inibidor causando o aumento, ou mesmo uma estiagem mais prolongada, que afetaria diretamente a vegetação natural. As inundações são limitações impostas para a implantação de culturas agrícolas na região, associadas à baixa fertilidade do solo. As áreas desmatadas são especificamente convertidas em pastagens que se destinam a suplementação do rebanho bovino no período das cheias e, em alguns casos, utilizadas como maternidade para o plantel da fazenda.¹⁵⁰ Para Silva, é notório que as

[...] áreas florestadas mais atingidas pelos desmatamentos são as savanas florestadas (Cerradão) e as savanas arborizadas (Cerrado e Campo-cerrado), nos municípios de Rio Verde de Mato Grosso, Santo Antonio do Leverger e Corumbá. No município de Porto Murtinho, os desmatamentos

¹⁴⁷ Idem, p. 11.

¹⁴⁸ PONCE, V., *Impacto hidrológico e ambiental da Hidrovia Paraguai-Paraná no Pantanal Mato-grossense*, 1995. s/p

¹⁴⁹ Idem, s/p.

¹⁵⁰ SILVA, J. dos S. V. da. et al., *Levantamento do Desmatamento no Pantanal Brasileiro até 1990/91*, 1998, p. 1742.

ocorrem nas savanas estépicas florestadas (mata, mata chaquenha) e savanas estépicas arborizadas (Chaco). Como este município localiza-se numa área de transição entre savana (Cerrado), savana estépica (Chaco) e floresta estacional (mata calcária), ocorrem também desmatamentos nessas outras fitofisionomias.¹⁵¹

Quanto ao estudo da Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões, Silva e Abdon¹⁵² classificam e descrevem as sub-regiões e os municípios que a compõem. (tabela1) Nessa descrição, a sub-região de Nabileque, que agrega os municípios de Corumbá, Porto Murtinho, Miranda e a sub-região de Porto Murtinho, localiza-se somente no município de Porto Murtinho. É um centro urbano concentrador de aspectos inerentes à planície pantaneira, como as áreas alagadiças em seu entorno.

A cidade de Porto Murtinho está mais vulnerável à ação das águas das inundações. A economia de caráter exploratório e extrativista da erva-mate e do tanino é fator que contribuiu para o aumento das áreas de erosão, deixando a área desprotegida. O Fecho dos Morros funciona como um funil, reduzindo a intensidade e a correnteza das águas. Segundo Corrêa Filho, seguindo em direção ao sul, “sem se distanciar grandemente em longitude, empina-se o Fecho-dos-Morros, entre cujas excrescências se afunila o rio Paraguai, engrossado pelos seus tributários mato-grossenses a montante do Apa.”¹⁵³

A porção sul da bacia do alto Paraguai compõe a província fitogeográfica chaquenha, apresentando os carandazais e paratudais, na região alagadiça do Nabileque, e consideráveis florestas de quebracho e aroeira. Os deslocamentos, no período das enchentes, contribuíram para um largo desmatamento das árvores de carandá, utilizadas para a construção das barracas e dos jiraus. Segundo Leonardi, o processo extrativista “por suas próprias características, é atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente”¹⁵⁴ e conclui que a natureza não pode ser pensada como se estivesse separada da realidade social.

O baixo curso do rio Apa apresenta uma área de Pantanal com enchentes que transbordam o rio e inundam as regiões circunvizinhas. Se considerarmos que cada sub-região apresenta características singulares de solo e da vegetação, há dificuldades na elaboração de um esquema único que vise preparar um sistema de caráter preventivo no período das inundações. Faz-se necessário, portanto, montar tantos sistemas quantos forem as variações de cada sub-região¹⁵⁵, sistemas que contemplem as informações essenciais, como as informações do nível de água e as características morfológicas em cada uma das sub-regiões. Para Adámoli, “a análise da dinâmica das inundações no Pantanal deve partir

¹⁵¹ Idem, p. 1743.

¹⁵² SILVA, J. S. V. da & ABDON M. M. *Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas Sub-Regiões*, 1998, p. 1710.

¹⁵³ CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 8.

¹⁵⁴ LEONARDI, V. P. de B., *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, 1999, p.15.

¹⁵⁵ ADÁMOLI, J. A., *A Dinâmica das inundações no Pantanal*, 1984, p. 60.

dos macrocondicionantes regionais, passar pelo comportamento das bacias dos tributários para, finalmente focalizar os casos particulares.”¹⁵⁶

O Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai - PCBAP¹⁵⁷ aponta, de forma concisa, que os problemas advindos com as inundações dependem muito do grau de ocupação das áreas atingidas. Conseqüentemente, um centro urbano terá problemas que abrangem a infraestrutura e também sua estrutura organizacional e necessitará de ações que vão além dos deslocamentos, envolvendo vários setores da sociedade. Ainda de acordo com o PCBAP, “o crescimento desordenado e acelerado das cidades [...] as áreas de risco considerável, como as várzeas inundáveis, foram ocupadas, trazendo como consequência prejuízos humanos e materiais de grande monta.”¹⁵⁸

A previsão das enchentes, no caso do Pantanal “em tempo real”¹⁵⁹, e o acompanhamento delas, ou seja, prever sua vazão antes da ocorrência, somente é possível com poucos dias ou mesmo horas de antecedência. No entanto, tem-se a possibilidade de uma estimativa em médio prazo, em função da baixa velocidade de escoamento das águas. Nesse caso, a cidade de Porto Murtinho terá uma estimativa do índice de inundação em um período de curto espaço de tempo.

Para que possamos concluir em parte esse diálogo, é realmente indiscutível o fato de que, sendo uma planície sedimentar em processo de constante formação e transformação, muitas serão as alterações geomorfológicas. Indiscutível também é que tais alterações podem ser tanto naturais quanto antrópicas. Certamente, o homem não terá controle sobre elas e, na resultante, tais adversidades consistem na luta constante do homem e natureza, sendo essas de adequação, assimilação e apropriações com a necessidade de conhecer as minudências que circundam esse espaço tão caprichosamente delineado, para a contínua ocupação da região que compreende os Pantanaís.

É fato que as enchentes são uma característica iminente dos pantanaís, porém passam a constituir uma problemática a partir da implantação de atividades econômicas que geram apropriações e desapropriações, nos mais variados aspectos. Nesses ecossistemas dependentes das cheias e de sua antítese, as secas, que caracterizam no período de um ano dois pantanaís sazonais, o homem apreende os modos que permitem a continuidade das atividades por ele desenvolvidas.

Mediante tal exposição, consideramos que as enchentes no Pantanal são resultantes de sua formação fitogeográfica e de sua rede hídrica, constituindo-se em aspecto central para o equilíbrio dos ecossistemas componentes da depressão pantaneira, onde a anatomia do solo é feita em torno dos recursos naturais da drenagem e a variação cíclica entre os

¹⁵⁶ Idem, p. 61.

¹⁵⁷ PCBAP/PNMA, *Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente*, 1997.

¹⁵⁸ Idem, p. 477.

¹⁵⁹ Idem, p. 484.

períodos de inundações e estiagem está atrelada. As inundações, após o período de estiagem, apresentam-se como menos danosas, por encontrarem o solo ressequido, o que facilita a absorção da água.

Entretanto, caso as águas encontrem um solo com resíduos de inundações, a absorção será mais lenta e as inundações atingirão maiores proporções. Aliado a isso, existe o tempo de escoamento das águas na direção norte/sul, que Valverde descreve como “discordância, quase em oposição.” Lembrando que a planície estende-se pelo curso médio do rio Paraguai, que vai da foz do Jauru, ao norte, até à foz do rio Apa, ao sul, desenvolvendo-se numa faixa de 125 e 83 metros acima do nível do mar, respectivamente.¹⁶⁰ O período aproximado do deslocamento das águas gira em torno de três meses.

As enchentes extraordinárias, como as de 1959, 1974, 1979, 1980, 1982 e 1988, (gráfico 2) são raras, e somente ocorrem quando todos os rios são atingidos e pelo transbordamento do rio Paraguai, quando suas margens alagam, para além de espaços entre 25 e 40 km, saturando a capacidade de absorção da água. Salvo as exceções, as enchentes são reguladas e atingem apenas partes do Pantanal, não sendo consideradas danosas ou calamitosas para a planície. Anterior à enchente de 1959, ocorreu um período de estiagem de, aproximadamente, doze anos; foi nesse período que foram construídos poços artesianos para suprir a demanda da água para o rebanho bovino e para a população ribeirinha. Embora extraordinária, essa enchente de 1959 pode ser vista como um recurso regulador, operando na eliminação de diversas pragas resistentes às inundações de menor gradiente, recuperando, gradativamente, os ecossistemas.

A periodicidade das inundações passou por grandes variações, nas últimas décadas. As agressões, pelas quais os ecossistemas são submetidos, comprometeram a “ordem natural” do ciclo das águas. Os desmatamentos, por exemplo, prejudicam a absorção da água, os assoreamentos comprometem o leito dos rios e, como consequência, provocam maiores inundações; em contrapartida, a falta delas acarretaria um dano de grau mais elevado. A resultante de um período longo de secas são as queimadas difíceis de serem controladas e que avançam devastando os ecossistemas

Os relatos de viajantes e memorialistas apresentam o Pantanal como lugar inóspito e propenso as constantes inundações. Isso dificultava o acesso e o povoamento que se deu em sua orla, formando-se pequenos núcleos que, hoje, denominamos centros urbanos conservadores das características inerentes da região.

Destacamos aqui a nota de rodapé da obra “Marchas na História. Comitivas e Peões Boiadeiros no Pantanal”, quando o autor, ao descrever o processo de fixação, no início do

¹⁶⁰ VALVERDE, O., *Fundamentos geográficos do planejamento rural do Município de Corumbá*, 1972.

povoamento de Mato Grosso, faz a seguinte anotação sobre o ciclo de secas e enchentes no Pantanal:

Cabe notar que enchentes e secas, no Pantanal, sugerem a imagem de “faces de uma mesma moeda”. No imaginário popular elas constituem-se nos marcos definidores dos períodos do ano. Muito mais significativas que as estações verão, outono, inverno e primavera, a época da cheia ou época da seca imprime à região um calendário peculiar influenciando nas mais variadas atividades locais.¹⁶¹

O fluxo mais intenso de povoamento veio com a implantação das sesmarias, no Pantanal e, posteriormente, com a implantação da pecuária como economia possível para a região sul e a agricultura para as regiões mais ao norte, instalando-se nas bordas dos planaltos. As fazendas para a criação bovina se instalam pela depressão pantaneira. Tais iniciativas aceleram os desmatamentos, os processos erosivos e o assoreamento dos rios que formam o mosaico hídrico pantaneiro. Fator, esse, que contribui preponderantemente nas constantes inundações e períodos de intensa estiagem.

O Pantanal permanecia incólume, sob o olhar vigilante dos Paiaguá e Guaicuru, até meados do século XVIII. A garantia das fronteiras portuguesas foi estabelecida com a construção de fortificações, como, Forte Coimbra, em 1775; Miranda, em 1776, e a implantação de núcleos, tais como, Corumbá e Cáceres, em 1778, e, posteriormente, Poconé, em 1781. Atréadas a esses núcleos, protegidas pelas fortificações, apareceram as primeiras fazendas de gado, estabelecendo-se latifúndios obtidos através das concessões de sesmarias que chegavam a medir, aproximadamente, 13.000 ha e, que poderiam ser solicitadas várias vezes pelo mesmo requerente.

O interesse pelas faixas de terras vinha ao encontro dos interesses da coroa portuguesa, garantindo, assim, a posse da grande planície. Em terras mais prósperas, como na região serrana, as sesmarias se constituíam em faixas de terras de uma légua, ou seja, aproximadamente, 3.600 ha.¹⁶² As primeiras doações de sesmarias datam de 1727¹⁶³. Em 1748, Portugal criou a capitania de Mato Grosso, como forma de garantir a fronteira¹⁶⁴, construindo, dessa forma, um eficiente sistema de defesa. As doações de sesmarias variavam em suas medidas, atendendo ao critério de medidas para lavoura e as destinadas para a criação de gado. Tais extensões eram extrapoladas, em decorrência das dificuldades

¹⁶¹ LEITE, E. F., *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 54.

¹⁶² FIGUEIREDO, A., *A propósito do Boi*, 1994, p. 105.

¹⁶³ CORRÊA FILHO, V., *Pantanais Matogrossenses*, 1946, p. 63.

¹⁶⁴ Em tempo, salientamos que não é nosso intuito a discussão sobre fronteira, que não se constitui no eixo da pesquisa. “Fronteira”, no nosso entendimento, diz respeito a uma experiência histórica complexa, tanto quanto é tratar do conceito. O objeto da pesquisa encontra-se na fronteira, mas voltamos a atenção para a temática pesquisada. Utilizamos o termo, no decorrer do texto dissertativo, no sentido de limite que demarca um país e o separa de outro(s), ou seja, como uma área contígua (adjacente/próxima) a esse limite.

encontradas para efetivar suas medições e no controle das terras apossadas pelos interessados na sua aquisição.¹⁶⁵

Para os habitantes das regiões ribeirinhas do Pantanal e também para os moradores dos centros urbanos, as inundações não são prejudiciais. Mesmo reconhecendo sua vulnerabilidade, admitem que, sem as águas, a sobrevivência de todos seria colocada à prova, suscitando novas estratégias que, em muito, contribuiriam para a degradação ambiental do Pantanal e seu entorno. Os problemas advindos dos ciclos climáticos, ou seja, os danos causados pelas cheias e pela seca, não são classificados como insuportáveis, ao contrário, são esperados.

É nesse contexto que inserimos a análise das relações entre o homem, a sociedade e a natureza. Nuances de uma relação, contidas nas palavras de Silvério, quando fala da enchente no Pantanal. Ele pergunta ao pesquisador:

Acho que você já conhece o Pantanal, já viu ele cheio, né? Então cê sabe o que é o Pantanal. Eu tenho que torcê pra enchê todo ano o Pantanal. Não enchê pra dá prejuízo pra ninguém, não. A coisa equilibrada, né?¹⁶⁶

As implicações das enchentes, em todo o Pantanal e nas cidades de seu entorno, produzem significados que marcam a vida desses homens de formas variadas. As representações que cada um elabora possuem traços comuns, mas a maneira com que o ciclo das águas no Pantanal afeta a cada um, por sua vez, pode ser bastante diferenciada. A leitura sobre o fenômeno tem a ver como o lugar social, com o espaço geográfico e, certamente, com a ligação econômica existente entre o indivíduo e o ambiente.

As estratégias de sobrevivência fazem com que essa ligação do homem pantaneiro com o meio ambiente crie uma relação de respeito e de leitura das mudanças ambientais que vão sendo percebidas. Essas mudanças são expressas através das alterações e dos desequilíbrios ambientais, como, por exemplo, o atraso do período das cheias ou seu inverso, os períodos de secas prolongadas e, ainda, os longos anos de cheias denominadas extraordinárias.

1.4 Relação homem e natureza: elos “aparentemente” harmônicos

O termo natureza, no sentido mais geral, pode indicar um conjunto de elementos existentes. Etimologicamente, o termo deriva do verbo latino ‘nasci’, ou seja, ‘nascer’ que, por sua vez, é homólogo do verbo grego ‘physein’, que significa ‘ser gerado’¹⁶⁷. Ainda de acordo com a Enciclopédia Einaudi, caso pensemos em sentidos menos gerais, o termo

¹⁶⁵ SILVA, C.J. da. SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*, 1995, p. 46.

¹⁶⁶ FERNANDES, F. A., *Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões*, 2007, p.175.

¹⁶⁷ MICHELI, G., *Natureza*, 1997, p.11.

natureza tem um dos seguintes significados: totalidade, essencialidade e nascimento, considerados separadamente, mas com uma ligação implícita e subentendida entre eles. Buscando seu significado, no Dicionário Houaiss, encontramos que natureza pode ser entendida como um conjunto de elementos do mundo natural, como cenário natural, todos os seres que constituem o universo e, filosoficamente, é essência. O homem é parte integrante desse universo, tanto quanto a natureza, embora suas ações frente a ela não sejam meras adaptações, elas são motivadas por desejos e interesses que atendem suas necessidades de sobrevivência.

Assim, pode-se concluir que o homem deve e tem obrigações para com a natureza e seus ciclos de vida. A natureza não existe meramente para satisfação dos desejos expansivos do homem. A reciprocidade e as adaptações são permanentes.

Ao discorrer sobre a “ideia” que temos de natureza, Donald Worster aponta que ela engloba percepção, ideologia e valor. O autor explica que, “quando se fala em natureza, ideias, significados, pensamentos, sentimentos aglomeram-se porque tentamos indicar várias coisas ao mesmo tempo”¹⁶⁸, podemos até mesmo dizer que a natureza é algo fora de nós, “podemos supor também que a natureza se refere a algo radicalmente distinto de nós, que ela está em algum lugar “lá fora”, parada, sólida, concreta, sem ambiguidades.”¹⁶⁹ Na análise de Worster, “há um consenso de que “natureza” designa o mundo não-humano, o mundo que nós não criamos originalmente”, ainda em conformidade com o autor, o “ambiente social” no qual os seres interagem, “na ausência da natureza, fica, portanto excluído.”¹⁷⁰

Para Zarrilli “existe uma estreita relação entre sociedade e meio ambiente e, os mesmos são respectivamente subsistemas de um sistema global que se condicionam entre si.”¹⁷¹ Os traços entre o homem e a natureza, para o autor, por vezes, não resultam em um contínuo processo de progresso, eles atuam como um modelo de troca unilateral que reflete na destruição da vida, na diminuição da capacidade reprodutiva da terra, como um corpo orgânico que exerce influências na qualidade de vida do homem e na sua subsistência.

Prosseguindo, de acordo com o autor, para se fazer uma análise integral dos sistemas que envolvem os subsistemas social e natural, aqui vistos como sociedade e natureza, faz-se necessário a incorporação das formas em que as ações antrópicas influenciam os sistemas e modificam alguns de seus atributos como a estabilidade e a comprovação de tais danos em níveis de artificialização, assim como sua capacidade de

¹⁶⁸ WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 206.

¹⁶⁹ Idem, 201.

¹⁷⁰ Idem, 201.

¹⁷¹ ZARRILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedad econômica em uma economia marginal. El Gran Chaco Argentino, 1980-1950*, 2000, p. 1.

adaptar-se aos fatores climáticos. Mas o que temos, na concepção do autor, são diagnósticos que não aprofundam as contradições entre sociedade e natureza.¹⁷²

Partindo desse contexto, não podemos mais estudar as alterações sofridas pelo ambiente, pela natureza, de uma maneira positivista, onde nos prendemos na “narração do que ocorreu,” desconsiderando as implicações das trocas realizadas entre homem e natureza, natureza e sociedade, que suplantam a ideia de simples modificações, podendo ser consideradas básicas, do ambiente. Para um estudo da natureza, de acordo com Worster, podemos considerar que, na qualidade de organismos vivos, “os seres humanos nunca conseguiram viver num isolamento esplêndido, invulnerável”, então, percebemos a participação dos indivíduos nos ecossistemas como organismos biológicos. Assim, nessa condição, o homem “tem sido parte inseparável da ordem ecológica do planeta.”¹⁷³

Por sua vez, o enfoque cultural-intelectual abre a possibilidade de integrar-se comodamente com as tradições dos historiadores, ou seja, suas fontes, métodos e temas são familiares à história intelectual no que tange às representações. Keith Thomas é um expoente desse enfoque. Na obra, “O homem e o mundo natural”, mostra que ocorre “uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor.”¹⁷⁴ O autor apresenta as modificações consolidadas na medida em que a natureza estava cada vez mais subjugada, deixando de representar uma ameaça ao homem. Natureza domesticada, mas não completamente dominada e suprimida.¹⁷⁵

No Brasil, a partir da década de 1990, as questões ambientais começam a tomar forma e a ganhar “visibilidade e materialidade”, despertando atenção para a necessidade da preservação e do chamado desenvolvimento sustentável. Interesse esse associado aos novos espaços e a uma rede de comunicação que, em tempo real e num breve período de tempo, apresenta informações de constantes e aceleradas mudanças sociais e os impactos ambientais por elas produzidos. Atrelado a essas transformações, está a necessidade de conhecer as relações entre os seres humanos e a natureza, nas diferentes épocas e sociedades. Para Martinez, tal aspecto permite entender que “a separação e a distância do passado são cada vez menores.”¹⁷⁶ A questão posta por Martinez é de que “a pesquisa e a reflexão sobre o passado ambiental, no Brasil, podem convertê-lo em um ativo e fecundo laboratório do ofício do historiador.”¹⁷⁷ Regina Horta analisa que essa inserção está baseada no fato de que ocorreu um descortinar cultural e histórico das imagens sobre a natureza, o

¹⁷² Idem, s/p.

¹⁷³ WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 206.

¹⁷⁴ THOMAS, K., *O homem e o mundo natural*, 1988, p. 18.

¹⁷⁵ Idem, p. 326.

¹⁷⁶ MARTINEZ, P.H., *Brasil: Desafios para uma História Ambiental*, 2005, p. 28.

¹⁷⁷ Idem, p. 34.

que reforçou a “concepção de que a forma como os homens descrevem e compreendem o mundo natural é inseparável dos valores e conflitos vividos.”¹⁷⁸

Um exame dessas mesmas transformações auxiliaria no entendimento do contexto ambiental mais amplo, como as catástrofes ambientais que assolam o mundo contemporâneo, os terremotos, os longos períodos de secas; em contrapartida, há o excesso de chuvas em determinadas regiões, obviamente, não partindo apenas da interpretação do fenômeno da destruição ambiental promovidas pelas relações de apropriações da natureza pelo homem ao longo do tempo.¹⁷⁹ Considerando o meio ambiente não apenas como um cenário passivo e estático em que se opera a trajetória humana, perceberemos que o homem atua como um construtor da natureza, ou seja, sociedade e natureza se moldam mutuamente.¹⁸⁰ A utilização do solo para a produção de alimentos e sua dimensão produtiva e econômica pode ser citado como exemplo.

O impacto é gerado por todas as sociedades em seus segmentos seculares e a diferença consiste apenas no grau de intensidade de tal impacto ambiental. Os aspectos que envolvem esse impacto são críticos e merecem uma análise apurada pelas diversas áreas de conhecimento. O diálogo interdisciplinar pode auxiliar na construção de novas reflexões abarcando simultaneamente todos os aspectos. Em conformidade com Martins,

[...] o fator geográfico, o fator demográfico, o fator econômico, o fator técnico, o fator cultural, estão todos imbricados nos problemas ambientais e devem ser analisados conjuntamente, a luz de quadros dilatados do espaço e do tempo.¹⁸¹

Faz-se necessário, portanto, pensar e rever algumas concepções que temos quando estudamos uma determinada região em seus aspectos culturais, sociais, onde traços de uma concepção ocidental atuam como base de análise. Partimos da ideia de que existe um grau elevado de dificuldade em apontar se os danos aos quais os ecossistemas foram expostos são resultantes tanto da ação humana quanto de fatores não humanos.¹⁸² No caso do Pantanal, mais especificamente os ciclos das águas, devemos atentar para o fato de que,

[...] para numerosas sociedades e grupos sociais, a natureza é mais do que mero meio de subsistência. Ela está diretamente ligada ao sistema de crenças e de conhecimento de maneira que ela é um recurso sociocultural. Para diversos povos na natureza estão inscritas as mais básicas noções de autodeterminação, de articulação social, de vivência e crenças religiosas, para não falar na existência da sociedade.¹⁸³

¹⁷⁸ DUARTE, R.H., *Pássaros e cientistas no Brasil; Em busca de proteção, 1894-1938*, 2006, p. 4

¹⁷⁹ MARTINS, M. L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 10

¹⁸⁰ Idem, p. 21

¹⁸¹ Idem, p. 25.

¹⁸² WORSTER, D., *Para fazer História Ambiental*, 1991, p. 205.

¹⁸³ MARTINS, M. L., *História e meio ambiente*, 2007, p. 35.

Analisamos, portanto, que, se a natureza é parte integrante da natureza humana, há uma ligação tênue entre ambas que ultrapassa a materialidade. Tentamos uma explicação melhor, utilizando a análise de Bachelard ao inserir a discussão no campo da psicanálise. Segundo suas observações, “compreende-se bem depressa que os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento pela natureza [...]” A partir desse fator, acrescenta que “não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real” e complementa “a natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas suas coisas um amor que se fundamenta alhures.”¹⁸⁴

Com cautela, mediante as observações do autor, levantamos o questionamento do fascínio que exercem as imagens construídas e comercializadas sobre o Pantanal e, nesse fascínio, o elemento de maior amplitude são as águas. Essas que, por sua vez, despertam para o encantamento que configura a água como o olhar da terra, que, por deveras, está associado, ainda, nas palavras de Bachelard ao “seu aparelho de olhar o tempo.”

Em *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*¹⁸⁵, o autor atenta para o número de pesquisas desenvolvidas e dos trabalhos que se tem escrito sobre o Pantanal, com abordagens e enfoques direcionados à preocupação com o meio ambiente, mas que estão desvinculados das populações que habitam esses espaços, como se elas estivessem alheias a eles. Suas justificativas giram em torno do fato de que o conjunto escrito auxilia, em muito, para a percepção e resolução de problemas que envolvem o meio ambiente e a preservação dos ecossistemas em sua totalidade, mas, ao mesmo tempo, não permite perceber as singularidades e especificidades da cultura local através de seus habitantes.

Essas observações são necessárias para mostrar que, de início, deve-se considerar também a mistificação do espaço, portanto, entender como uma determinada cultura pensa a natureza. Em que valores estão apoiadas tais percepções e significados e ainda como o homem interfere e modifica a natureza com base nos valores culturais e nos constrangimentos aos quais expõe os ecossistemas, bem como as consequências desse ato. Negligenciar tal fato é o mesmo que sucumbir aos determinismos e a busca de explicações simplistas no que tange as perturbações que afetam o equilíbrio dos ecossistemas, considerando que o mundo natural tem seu ritmo de desenvolvimento e organização.

A combinação de fatores naturais e humanos pode originar e moldar novas paisagens, onde a ação humana, interagindo com as forças da natureza, provoca impactos sobre os ambientes. Por conseguinte, a natureza não pode mais ser pensada como inerte,

¹⁸⁴ BACHELARD, G., *A água e os sonhos; Ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 119.

¹⁸⁵ SILVA LEITE, M. C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003.

como uma “paisagem intocada.” É imprescindível, no caso do Pantanal, deixar de lado a construção edênica que fascinava os viajantes do Século XVI. A natureza, tal como o homem, não permanece mergulhada na inércia, está em movimento contínuo, um movimento intenso e que perdura por milênios. Assim, concluímos que as sociedades não estão acima da natureza ou fora dela, são partes integrantes do mesmo universo. A ameaça que a humanidade tem provocado a si mesma é a gradual degradação ambiental.

É de suma importância, o entendimento das concepções elaboradas sobre o Pantanal. Ideias semelhantes podem ser percebidas nesse sentido, quando Albana Xavier assinala que tal atitude “obriga-nos a reexaminar nossa posição diante dos problemas ambientais [...]”¹⁸⁶ Logo, pensar o Pantanal como um paraíso encerra a possibilidade de uma relação entre homem e natureza que, além de ser uma relação de câmbios, é também de apropriação e adaptação, significando transformações do espaço pelo homem, que é parte integrante do sistema ecológico pantaneiro.

Segundo Xavier, dois fatores importantes que caracterizam o Pantanal repercutem diretamente no *modus vivendi* do homem que habita a região. O primeiro fator é “o isolamento em relação as grandes metrópoles do país”, o segundo fator é “a proximidade com os países latinos.”¹⁸⁷ Aliados, esses fatores permitiram a fixação de “traços culturais advindos de grupos culturalmente diversos”¹⁸⁸ que passaram a configurar todo um sistema cultural tipicamente pantaneiro. A esse respeito, Costa ressalta que

[...] um ambiente que se impõe e determina o ritmo da vida conseqüentemente, seus habitantes, de tantas e populosas nações desenvolvem uma cultura de equilíbrio e adaptação a este ambiente de paisagem móvel.¹⁸⁹

Nesse sentido, entendemos que a relação do homem com a natureza não pode ser ingenuamente descrita como um processo de todo harmônico, no entanto, é mais que notório que “esta região concentra uma diversidade de manifestações e formas de viver e relacionar-se com o ambiente muito *sui generis*.”¹⁹⁰

Ao definir a História Ambiental como uma relação mútua entre homem e natureza, Mc Neill considera que “o gênero humano tem sido durante muito tempo parte da natureza, porém uma parte diferente.”¹⁹¹ Entende que, nos últimos milênios, o homem exerce uma considerável influência sobre os ecossistemas existentes. Sua análise é relevante, por tratar-se do câmbio entre homem e natureza. Ressalta que a natureza efetua trocas por si mesma e pelas ações humanas e, procedendo dessa forma, opera câmbios no contexto em

¹⁸⁶ NOGUEIRA, A. X., *O que é Pantanal*, 1990, p. 8.

¹⁸⁷ Idem, p. 21.

¹⁸⁸ Idem, p. 36.

¹⁸⁹ COSTA, M. de F., *História de um país inexistente; o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, 1999, p. 125.

¹⁹⁰ Idem, p. 177.

¹⁹¹ Mc NEILL, J. R., *Naturaleza y cultura de la História Ambiental*, 2005, p.13.

que se desprende da história humana.¹⁹² Para Banducci Jr, as intervenções humanas no ecossistema pantaneiro estão contidas nas particularidades do local, que inclui as secas e enchentes que se constituíram inicialmente como obstáculos para a ocupação,¹⁹³ entretanto, constituem-se como elementos integrantes, básicos e essenciais para a manutenção desses ecossistemas e para a permanência humana no Pantanal.

O câmbio que acontece entre homem e natureza gera a compreensão e estabelece uma relação mística e de respeito do pantaneiro pela natureza, e do morador urbano no Pantanal pelos seus ecossistemas. A assimilação de hábitos e costumes consolida os laços do seu cotidiano. As mudanças, as transformações estão associadas à natureza e ao ritmo que essa impõe nos seus ciclos climáticos. Mas é plausível considerar que as transformações advindas de um processo contínuo, sejam inofensivas ou não ao ambiente e às populações, atuam como um sistema desestruturante e artificialista nessas relações e também em relação à preservação dos ecossistemas. Alterações nos hábitos e costumes geram consequências na estrutura cultural e interferem nas relações sociais e cotidianas.

Estimamos a pertinência das considerações de Banducci Junior a esse respeito, ao falar da relação dos peões do Pantanal da Nhecolândia com a natureza. Segundo ele, a relação do peão com o mundo natural funda-se no respeito e no temor e exige dele uma série de procedimentos e cuidados, a fim de manter definida e equilibrada a relação entre o mundo da cultura e o mundo natural que, mesmo interligados, são percebidos como antagônicos.¹⁹⁴ Do ponto de vista do autor, a perspectiva de natureza desses homens “contempla elementos de caráter simbólico que fundamentam um modo próprio de perceber e relacionar-se com o ambiente da planície.”¹⁹⁵ Baseados em tais parâmetros mentais, determinam sua conduta ante a natureza. Simbolismos utilizados na construção de um espaço imaginário e ambíguo.

A linguagem, as crenças e as tradições que, ao longo do tempo, norteiam um convívio entre homem e natureza, e revelam o respeito pelo meio em que esse vive. Ao adquirir consciência da necessidade de mudanças, os riscos e benefícios de tais atitudes, junto aos ecossistemas, estão alicerçados na cultura que mantém e assegura tais vínculos.

Quando interrogados, muitos pescadores e chalaneiros do Pantanal, na sua resposta, a afirmação é quase que unânime, vem no formato de um questionamento tanto para si quanto para o interlocutor: “Como explicar isso tudo aqui? É o que você está vendo.” A partir de tais questionamentos, é possível perceber que para essas pessoas, inseridas em tal meio singular, o Pantanal não pode ser descrito com explicações simplistas. Sua leitura

¹⁹² Idem, p. 22.

¹⁹³ BANDUCCI JUNIOR, A., *O significado simbólico da relação homem e natureza entre vaqueiros no Pantanal da Nhecolândia*, 1984, p. 423.

¹⁹⁴ Idem, p. 424.

¹⁹⁵ Idem, p. 424.

da natureza, do ambiente em que está inserido, supera a materialidade, adentra a um campo de ligações mais intensas que possibilitam sua sobrevivência, que permitem sentirem-se partes integrantes de tal natureza. Podemos pensar, em um sentido mais “árido”, ou seja, quando diz “é o que você vê”, pode significar que cabe a você produzir a resposta que deseja, formatar o espaço e nominá-lo de acordo com as suas necessidades e conceitos. As ponderações de Leite a esse respeito são pertinentes, pois ele observa que

[...] grupos sociais localizados fora do espaço urbano brasileiro (pequenos agricultores, pescadores, caçadores, lenhadores, seringueiros, garimpeiros, peões, entre outros) configuram-se em segmentos que recebem, produzem, assimilam, desprezam, enfim, conferem sentido e valores a procedimentos, vinculados ao seu universo.”¹⁹⁶

Nesse sentido, para esse homem que desenvolve habilidades que permitem sobreviver na região, as enchentes têm uma função vital de renovação, mas também suscitam novas estratégias e apropriações para sua sobrevivência. Tal afirmação é possível ser constatada nas palavras de Silvério, em entrevista concedida a Fernandes, quando este expressa que:

As enchente, só trais beneficio pro Pantanal. Ela não dá prejuízo. Esse Pantanal sem enchê, ele vira deserto. Seca nunca é bom pro Pantanal. Pantanal é bunito. Não cheio demais, mas meia enchente sempre é mais bunito. Tem mais vida, tem mais riqueza. Ce vê os pássaro é tudo alegre, os animais. Inclusive o home também. Tem mais vontade de vivê, que ele tá vendo.¹⁹⁷

Em certa medida, esse homem simples traz em si todo o conhecimento das particularidades dos ecossistemas que estão frente aos problemas sociais e ambientais gerados nas últimas décadas. Muitos desses problemas vêm se agravando em função da aceleração dos processos erosivos, assoreamento, desmatamento e alteração dos ciclos climáticos. O homem que convive com esse ambiente percebe que as alterações são constantes e interferem no seu modo de viver. Porém, sabe que as enchentes periódicas, assim como trazem dificuldades e prejuízos, são também contribuintes da riqueza da região.

Esse entendimento, essa maneira de “ler” o ambiente, pode ser atribuído aos hábitos que não são unilaterais, eles incluem indígenas, bolivianos, paraguaios e muitos outros que foram chegando e ficando. Então, formou-se esse imenso mosaico cultural carregado de hibridismos, observado na língua, no folclore, na música, danças e nos costumes tão comuns da região como o tereré¹⁹⁸ e o consumo de guaraná ralado, bebido com o intuito de repor energias.

¹⁹⁶ LEITE. E.F., *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 25.

¹⁹⁷ FERNANDES. F. A. G., *Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões*, 2007, p. 175.

¹⁹⁸ Espécie de chimarrão que é preparado com água fria, preferencialmente gelada, originário do Paraguai.

O entendimento e a leitura da natureza contribuem para que o homem, inserido nesse espaço, opere um conhecimento empírico que o “educa” para as surpresas da natureza. Seu desejo de conhecimento está atrelado ao desejo de dominar sem, contudo, agredir. É contemplativo e observador, mas também ágil, oportunista e preciso em suas decisões. Faz escolhas, é consciente das suas necessidades. Respeito e prudência são seus aliados na labuta cotidiana nos diversos pantanais. A diversidade cultural manifesta-se de várias formas, não desconsidera as trocas e a relação com o ambiente, bem como com o universo místico a ele atribuído. Correia ressalta que “um dos efeitos principais da guerra da Tríplice Aliança em solo mato-grossense foi a contribuição da grande migração paraguaia, fenômeno de efeito marcante na formação econômica, social e cultural do Sul do Mato Grosso.”¹⁹⁹ A miscigenação entre colonizadores brancos, indígenas e paraguaios formou as raízes étnicas do habitante da planície pantaneira. Traços desse amálgama étnico são encontrados na cultura pantaneira, assim como também nas práticas religiosas, nas práticas agrícolas, alimentação, na pesca, uso de determinados utensílios domésticos, uso da canoa, da zagaia e na sua relação com o meio ambiente.

É possível perceber, em Porto Murtinho, que a população já incorporou a cultura paraguaia que se faz presente nas datas festivas, como a Festa de Nossa Senhora de Caacupê. A proximidade com o Paraguai, através da Colônia Peralta e Ilha Margarida, contribui significativamente para esse sincretismo cultural, aliado às origens de sua colonização, que está voltada para a vastidão territorial e para a exploração das suas riquezas naturais. Aspecto importante desse multiculturalismo está na linguagem. O guarani é amplamente utilizado por toda população e, por diversas vezes, gera constrangimentos. Fato esse vinculado ao turismo, quando o falar guarani está associado ao “estar falando mal”. Na entrevista com Conceição Montanheri, ela chama a atenção para o entendimento de muitos sobre o fato. Estando diretamente envolvida nessas questões que, por vezes, envolvem os hóspedes do hotel de sua propriedade, bem como seus funcionários e colaboradores. Ela assim diz:

Acho que a gente tem mais é que respeitá essas pessoa. Eu falo mal o português e essas pessoas falam pelo menos três línguas porque elas falam o castelhano, o português e o guarani, então eu respeito tudo que existe aqui e a maneira e o jeito de vivê do povo essas coisas, porque quem veio de fora fui eu, isso já existia aqui, e tudo que existia deve ser respeitado.²⁰⁰

É através das narrativas que ingressamos no fascínio das experiências vividas desses grupos. Silva Leite situa a oralidade como “coesão que mantém os grupos conectados entre si através do imaginário onde a voz institui o mundo e a forma como estes homens e mulheres

¹⁹⁹CORREIA, L. S., *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*, 1980, p. 118.

²⁰⁰ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

se relacionam com ele.”²⁰¹ A possibilidade do contato com tais pessoas é algo fundamental para a proximidade com o passado, através de seus relatos. Fernandes ressalta que “o relato oral é um misto de lembranças e atualizações, nele se reproduz um fato que é coletivo e também crivado de impressões pessoais.”²⁰²

Quanto à natureza do fascínio, proporcionado pela história oral, Verena Alberti escreve que, “quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado.”²⁰³ Estamos frente à questão de que recordar não é o mesmo que viver novamente o passado, juntar fragmentos há muito depositados na estante das reminiscências, com nuances individuais ou de um grupo, mas, sim, uma atividade do presente, com significados e implicações diretas no cotidiano dos moradores.

A memória é construída socialmente e os modos desta construção podem ser tanto conscientes quanto inconscientes, portanto, não estão condicionadas ao passado, suas arestas são lapidadas pelo presente, onde são ressignificadas e atendem a interesses, sejam estes individuais ou do grupo.²⁰⁴ As trajetórias de vidas individuais assumem um papel relevante no sentido de contribuir para a elaboração de uma perspectiva de pesquisa na qual a história oral ajuda a entender que as práticas consolidadas a partir de uma história vivida podem ser por nós compreendidas como parte de uma história, cujo eixo é o homem e suas múltiplas relações com a natureza.

As entrevistas possibilitam questionamentos relacionados à forma de como são sentidas e vividas as experiências. São narrativas de histórias associadas às enchentes de uma maneira formal, pautada em datas, fatos, instituições, ou seja, um relato mais factual, assim como temos também relatos emocionados, com gestos que silenciam as palavras, do olhar perdido no espaço como estratégia de se recriar mentalmente o cenário das enchentes. O riso acompanha relatos daqueles que no período viviam o entusiasmo da juventude. A melancolia, o silêncio, os questionamentos, tudo sobremaneira resguardado como algo que cravou marcas na memória.

A oralidade permite-nos uma análise do fato narrado como sendo individual ou coletivo, bem como uma compreensão de como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes. Portanto,

[...] a oralidade se constitui num traço de cultura indispensável para o conhecimento da sociedade que habita o Pantanal [...] é sua existência e prática um dos artifícios mais significativos para a transmissão da cultura local [...] instrumento importante para preservar e reproduzir o imaginário regional, longamente construído e sempre reelaborado.²⁰⁵

²⁰¹ SILVA LEITE, M.C., *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p.23.

²⁰² FERNANDES, F. A. G., *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 25.

²⁰³ ALBERTI, V., *Ouvir Contar: textos em História Oral*, 2004, p. 15.

²⁰⁴ POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 203.

²⁰⁵ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p.179.

A unidade de um grupo e a continuidade das experiências vividas somente por eles pode ser preservada. O conhecimento empírico e a leitura do ambiente podem, através das narrativas, contribuir para a construção de uma História que contemple em seu interior as particularidades dos elementos que compõem estes grupos. Encontramos ideia similar em Leite, quando ele observa que “o homem que constrói representações acerca do Pantanal também desenvolve conhecimento sobre como viver e sobreviver na região; codifica e decodifica a paisagem da qual ele também é componente, personagem e ator.”²⁰⁶

O propósito é fazer uma leitura da história a partir da memória de um povo que considera que a enchente é um fenômeno recorrente, porém marcante na região do pantanal. O historiador do presente ao produzir as fontes orais, está se utilizando da memória. É mais do que notório que “a memória como fonte para o historiador é insubstituível em muitos casos”, no entanto, cabe a atenção por parte do historiador tendo em vista que “é também geradora de erros, de mitos, de mitologia.”²⁰⁷ Assim, a memória “não é somente a construção, mas, reconstrução,”²⁰⁸ neste caso um cuidado especial faz-se necessário em função dos sentimentos e emoções, do esforço de ocultar informações, dos lapsos e esquecimentos que norteiam essa memória em “reconstrução” no momento da entrevista, perceber até que ponto ela é confiável.

O trabalho do pesquisador com a história oral desenvolve de certa forma um importante mecanismo de inserção de pessoas que, pelas suas narrativas, diante da possibilidade de falar e contar suas histórias e sentir-se parte importante da construção de uma história. Assim, não podemos negar a pertinência das palavras de Ferreira ao salientar que “a história do tempo presente é a perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão histórica.”²⁰⁹ E como a História é sempre construção, fazer história oral aqui, significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. Essas fontes estão “marcadas pelo próprio presente, inerentes a ele qualquer que seja a época.”²¹⁰

Buscar as sociedades, entender suas concepções, sua visão de mundo é buscar suas reminiscências. Sobre tal aspecto, a memória pode ser entendida no seu sentido mais amplo como “uma base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações dos atos” ou ainda como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”²¹¹

²⁰⁶ Idem, p. 179.

²⁰⁷ FRANK, R., *Questões para as fontes do presente*, 1999, p. 107.

²⁰⁸ Idem, p.109.

²⁰⁹ AMADO, J. e FERREIRA, M. M., *Usos & Abusos da história oral*, 1996, p. 15.

²¹⁰ FRANK, R., *Questões para as fontes do presente*, 1999, p. 103.

²¹¹ LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 425.

Se o registro das memórias consiste na construção de conhecimento, as experiências vividas não podem ser tomadas como passado, e sim como presente dos grupos sociais, por serem constantemente reelaboradas e tangenciadas por interesses comuns ao grupo. Segundo Leite, ao trabalharmos com a metodologia da História Oral, é preciso “considerar que a memória produz um depoimento a partir de uma participação individual, lançando mão de conceitos elaborados no meio social.”²¹²

As narrativas podem ser construídas a partir de esquecimentos, na valorização do presente que é coletivo e elaborado no momento histórico que se vivencia. O espaço de memória pode, assim, ser visto como um processo de manutenção de determinadas tradições, uma forma de conservar o passado que se pretende rememorar dentro do presente, levando à discussão e à manutenção de várias formas de poder associadas à aceitação coletiva. Para Le Goff, é preciso considerar igualmente que “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades.”²¹³

É preciso observar e reconhecer que, quando tratamos de experiências vividas, “a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais”²¹⁴ que estão imbricadas nas especificidades de cada sociedade e norteando suas ações, enquanto sujeitos históricos. Nessa perspectiva, a representação do Pantanal, pela mídia, enquanto paraíso, natureza intocada, é questionado pelos moradores que se apoiam no descuidado turista, quando no trato do meio ambiente. Na narrativa da senhora Norma, ela enfatiza:

[...] não é assim que eu queria ver, a barranca do rio cheio de lixo, de lata, lata não porque latinha tão juntando tudo, mas muito plástico coisas assim que não tem nada, vê o pessoal jogando no rio a sujeira, os barcos(...) ainda fazendo suas necessidades e jogando o esgoto dentro do rio, acho que isso tem que mudar (...) veja um pouco como está a situação da questão ambiental do rio que esta poluído agora, então é preocupante.²¹⁵

Ao falar sobre os aspectos que permeiam seu passado, ela faz uma observação imediata do presente e, dessa forma, situa suas lembranças a partir de um ponto fixo e que tem significados múltiplos para a população. A preocupação com o meio ambiente e a preservação ambiental no Pantanal, estão inseridos no seu contexto social. A partir de suas concepções, ela elabora suas observações que são compartilhadas pelo grupo. Este recurso é utilizado novamente, quando fala da infância. Parte dela para o presente, em termos comparativos. Vejamos:

²¹² LEITE, E F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p.18.

²¹³ LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 426

²¹⁴ MONTENEGRO, A.C., *História Oral, caminhos e descaminhos*, 1993, p. 56.

²¹⁵ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

A minha infância foi uma beleza, porque eu ainda em toda minha época era totalmente a natureza envolvida onde eu vi muito bicho, aqui no Pantanal, onde a gente convivia com os pássaros, com os bichos do mato que falam, e pra mim é tão comum ver as cobra, vê os viado, todos os bichos que tem aqui no Pantanal, isso é coisa muito comum pra mim e que hoje já é raro ver (...). Mesmo você saindo nas fazendas, muitas vezes a gente não encontra mais os bichos que a gente tinha (...) e era muito bom.²¹⁶

Quando questionada sobre sua relação com a natureza, com sua cidade, Dona Norma, novamente, situa-se no presente para dar a dimensão dessa relação que está associada às imagens midiáticas, no universo simbólico pantaneiro. Ela diz:

Você subi em cima do dique no pôr-do-sol e você bate uma foto, hoje é uma imagem e amanhã é outra, nunca se repete a mesma, é a coisa mais linda, se existe alguma coisa de bonito que nós temos é o pôr-do-sol em Murtinho.²¹⁷

A relação com a natureza, elaborada por ela é, primeiramente, de crítica diante do descaso com o ambiente, seguido do fascínio, ao relatar um momento ímpar da infância, onde o contato com a natureza não estava restrito ou delimitado pelas propriedades ali existentes. Ao considerarmos sua análise, quando fala sobre a credence local que envolve as enchentes no Pantanal, ela questiona sua afirmação ao mesmo tempo em que adere às práticas do grupo, reafirmando a credence. Notemos que ao dizer “o camalote é uma realidade, você vê que não é uma crença, não é verdade? É uma coisa da natureza que pra nós é normal, isso aí é normal, desses camalote tá vindo enchente, as pessoas sabe disso.”²¹⁸ Estas observações, somente fazem sentido se estiverem alicerçadas na esfera cultural que legitima a sua relação com a natureza.

A possibilidade de estudos culturais sinalizou para a consideração e reconhecimento de que grupos e contextos culturais mantêm elos que não se restringem a sua identidade genética ou biológica, eles estão relacionados pelas tradições sociais. A cultura não se restringe às tradições, está presente no sistema cognitivo, ou seja, na visão de mundo que é construída pelas experiências culturais a que são expostas cotidianamente. Utilizamos o conceito de “cultura” descrito por Peter Burke, quando o autor classifica a cultura como sendo toda a esfera de criação humana a qual não está restrita aos critérios classificatórios de “popular” ou “erudita”, e sim sempre relacionada ao seu lugar social de produção e variáveis como a política e economia.²¹⁹

O espriar das águas no período das chuvas é visto pelos moradores como necessário. Nas entrevistas realizadas, verificamos que há pontos comuns no que tange a

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ BURKE, P., *Variedades de História Cultural*, 2000.

vulnerabilidade da população. Aspectos de uma relação de reciprocidade entre homem e natureza são plausíveis na entrevista com a senhora Conceição Montanheri. Ela nos diz:

Somos vulneráveis às enchentes ainda, só que mesmo assim torcemos pra que todos os anos haja enchentes, porque a enchente é a redenção do rio e do Pantanal, já que a água se espalha e há locais aqui como o Nabileque e nós já presenciamos isso.²²⁰

Em conformidade com a senhora Conceição, “o rio fica com uns 100 km de largura, então ele entra, ele sobe e ele se espalha” e continua “as águas você olha e se pudesse ficar lá no meio e olhar em volta, não enxergaria o horizonte.” Ela analisa as enchentes como necessárias e não prejudiciais, porque, na sua concepção, “sem cheias o rio não tem vida, as enchentes maiores ou menores são uma necessidade porque são elas que dão vida ao nosso rio Paraguai.” O grande volume de água que extravasa o leito dos rios formando as grandes enchentes é percebido por Silva:

No lugar onde dominava um sistema fluvial regular, inicia-se a mutação do mundo aquático, sem harmonia, quase sem escoamento, entregue às ações da natureza para distribuir-se em milhares de sangradouros, boqueirões entre serras, que se alagam durante as enchentes.²²¹

Ressaltamos aqui a pertinência das palavras de Leite ao descrever que as tradições permeiam esse universo cultural local, e nelas está a identidade do homem. Em suas palavras

[...] no imaginário do homem pantaneiro a enchente espraia-se e ocupa lugar de destaque [...] Todo pantaneiro preserva em sua memória alguma experiência com enchentes [...] porque compreendem como componentes daquele universo do qual fazem parte.²²²

Aliado aos aspectos de deslumbre está a observância das necessidades locais atreladas ao modo de vida da população. Assim, na leitura dos moradores da planície pantaneira, “a pesca depende, a quantidade de peixes, aumento ou diminuição de peixes no rio, depende das enchentes porque é quando os peixes têm maior possibilidade de se proteger, pra se defender e procriar, pra se desenvolver.”²²³

As experiências dos moradores são ressignificadas e reconstruídas a partir do individual, mas estão inseridas num universo mais amplo, onde coexistem valores intrínsecos da sociedade e dos grupos. É comum, nas narrativas, depararmos com as observações dos moradores sobre as enchentes. Muitas delas, no entanto, expressam certa indignação, expõem questionamentos pela forma como são vistos por aqueles que não estão inseridos nesse universo de singularidades do Pantanal. A narrativa da senhora

²²⁰ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

²²¹ SILVA, M^a do C. G., *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*, 1999, p. 287.

²²² LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 164.

²²³ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Conceição expressa em partes tais elucubrações. Ela diz “olha a enchente muito se atribui, muito se, há muita lenda, muito folclore em cima das enchentes e que na verdade não era bem assim.”²²⁴

À medida que as entrevistas se concretizam, novos aspectos são inseridos nas relações com a natureza. O universo mítico entrelaça com a preocupação da chegada das águas. Aspecto evidente na narrativa de Ninfa Avelar, quando interpelada sobre as crenças que envolvem o universo do homem e da natureza. Nas suas palavras, enfatiza:

Eu sei disso, tudo aprendi com meu pai é quando aqueles pássaro e lá um monte, parece fileira, eles andam no céu assim, quando eles sobe pra cá é porque a água vai baixar, quando sobe pra cá, desce pra cá, fala que a água vai desce e quando começa a subir formiga no portão, subi bichos, esses dias apareceu, aparece bichos raros no caso, entrou um veado num sei aonde, tava aí na cidade, e eu “puf” na minha cabeça, meu Deus será que vai vim mesmo essa enchente, porque meu pai fala que eles vinha já procurando abrigo, eles procuram com antecedência porque vem. Aí um dia aqui no portão mesmo, eu encostei no portão e aquele formigueiro subindo em mim, aí eu virei não sei pra quem e falei Meu Deus essas formiga e já “puf” na minha cabeça, lembrei de meu pai, vai vim chuva, vai vim muita chuva, e pior que veio, as formigas moram debaixo da terra, eles já vão procurando abrigo em lugares mais altos porque vai vim muita chuva e eles sabem que aquele local vai pegar água, eles os animais, isso que eu sei.²²⁵

As maneiras como homem e natureza conectam-se está intimamente associada ao universo simbólico, construído a partir de concepções que têm suas regras, adentrando, inclusive, a tradição religiosa, descrita amplamente na historiografia, como, por exemplo, as Festas do Divino, as Festas de São João e a Festa da Virgem de Caacupe. A fauna adquire simbologias que delineiam as representações a partir de sua ordenação como portadoras de bons ou maus presságios. Tais representações estão estreitamente ligadas às características classificatórias, empíricas e valorativas.

A relação do homem e natureza no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente, são constatações que nos permitiram analisar que mesmo a enchente sendo um fenômeno natural e recorrente no Pantanal, a população aprendeu a fazer uma leitura dos fatores que permitem a continuidade das suas atividades cotidianas e sua permanência nesse ambiente. A partir do momento que detecta o “perigo”, o homem se põe à espreita da natureza e, mentalmente, começa a elaborar suas estratégias de continuidade.

Pelas razões acima expostas, percebe-se que as relações estabelecidas entre o homem e a natureza estão basicamente centradas na perspectiva individual dos grupos sociais em que se inserem e refletem seus próprios valores, sentimentos, comportamentos e

²²⁴ Idem.

²²⁵ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

preconceitos. Todos imbricados de maneira a permitir o “saber fazer”²²⁶ Se é verdade que essa ação do saber fazer é essencial para a sobrevivência do homem no Pantanal, podemos admitir que, no desenvolvimento do trabalho, das atividades, são articuladas relações de respeito do homem pela natureza. Como verificamos na narrativa de Sebastião Coelho:

A natureza manda muito na vida do homem, num pode mudar a natureza, muda tudo! Tudo traz dificuldade. Numa época que nós tamo, tudo fica difícil porque mudou a natureza.²²⁷

Tomando como base o que aponta Michel Pollak²²⁸, pode-se sinalizar como sendo dois os elementos constitutivos da memória percebidos na narrativa. São, portanto, os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos que o autor denomina como “vividos por tabela”. É preciso observar, segundo o autor, que “a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais.”²²⁹ Temos, frente à questão, que recordar não é o mesmo que viver novamente o passado, não é juntar fragmentos há muito depositados na estante das reminiscências com nuances individuais ou de um grupo, mas sim uma atividade do presente com significados e implicações diretas no cotidiano do indivíduo, do grupo ou de uma sociedade.

Ao “costurar” a hipótese sobre a invenção da seca no Nordeste, Durval Albuquerque parte do pressuposto que “existia toda uma realidade histórica complexa em que se digladiavam diferentes visões e conviviam diferentes possibilidades, tendo a vencedora procurado apagar todos os rastros daquela luta.”²³⁰ A preocupação de Sebastião Coelho com o ambiente pode estar associada ao modo de viver dos grupos sociais ou diretamente ligada às preocupações mais amplas que recaem na política e na economia. Embora o narrador admita a importância da natureza, acrescenta que ela traz dificuldades. No segundo momento, suas palavras revelam sua inquietude frente às transformações que ocorrem paulatinamente na planície pantaneira. Reconhece que não pode alterar tal fato quando diz “numa época que nós tamo”, mas demonstra sua inquietação, por entender que não pode alterar tal realidade, em que as determinantes são as mais variáveis possíveis e escapam à sua compreensão. No entanto, demonstra sua compreensão ao fazer a leitura da natureza, enquanto elemento constitutivo da natureza humana.

Em todos os relatos e no conhecimento construído historicamente por memorialistas e também pelos historiadores, no exercício de seu ofício, percebemos que as múltiplas

²²⁶ FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 55.

²²⁷ Idem, p. 55

²²⁸ POLLAK, M., *Memória e Identidade Social*, 1992, p. 201.

²²⁹ FERNANDES, F. A. G., *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 2002, p. 56.

²³⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de., *Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste*, 1984, p.112.

relações entre o homem e a natureza perduram através dos tempos, sofrendo os ajustes convenientes que atendam a demanda do momento, aí incluídos os interesses econômicos. Reservamo-nos o direito de citar como exemplo o comércio de peles e penas de animais silvestres que impunemente eram mortos para atender aos anseios do comércio emergente no início do século XIX e as incursões de aventureiros e cientistas que utilizavam a fauna como alvos na prática de tiros e os barcos que consumiam uma quantidade considerável de madeira para manter suas caldeiras em funcionamento.²³¹ Assim, todas as modificações atendem a interesses intrínsecos, sejam eles de subsistência, culturais, sociais ou mesmo de domínio.

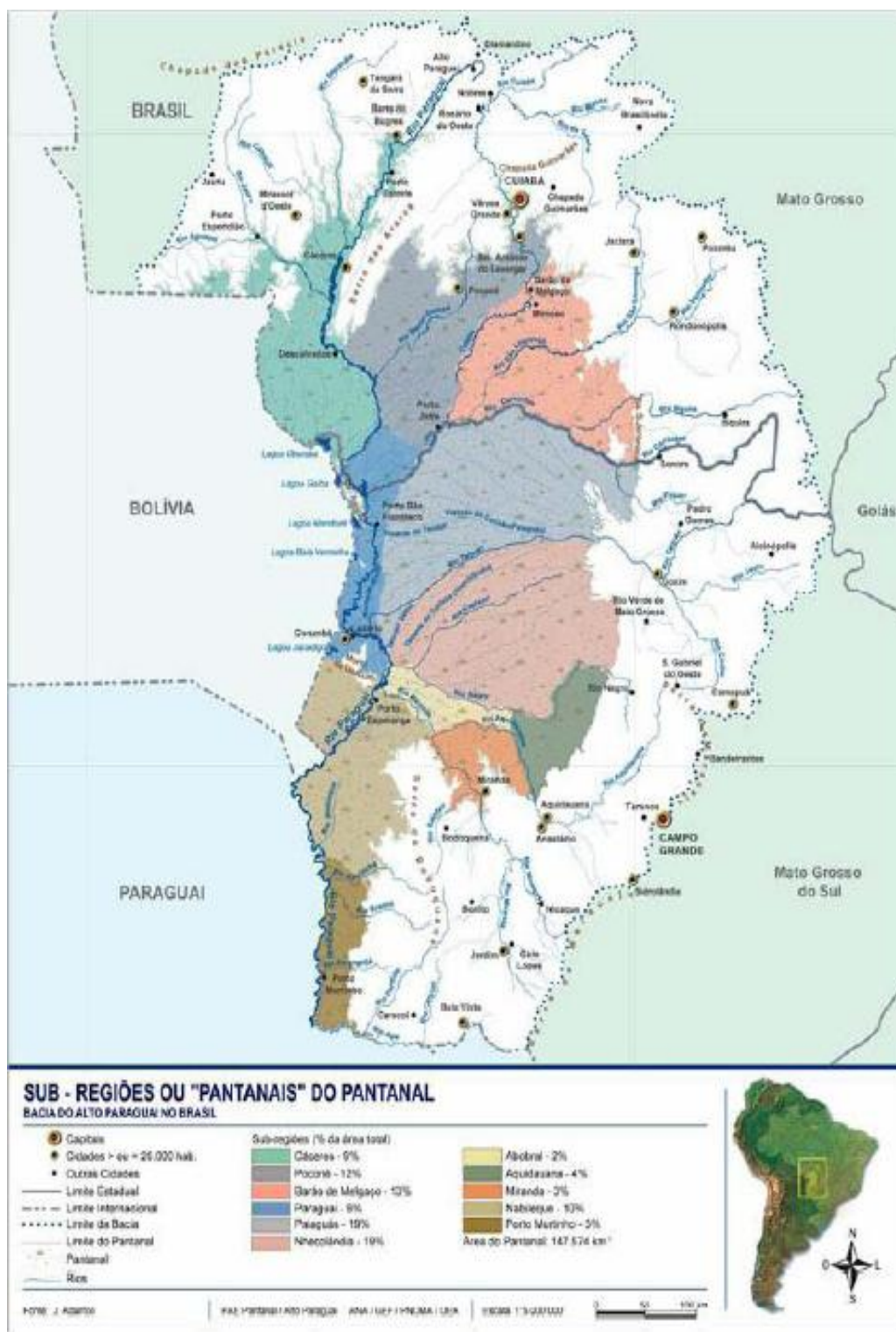
Não poderia ser diferente nessa região com características específicas que, por um longo período de tempo, esteve isolada. Antes da chegada do europeu, nações indígenas percorriam tal espaço, desenvolvendo relações de reconhecimento e sobrevivência. Com a introdução de elementos alheios à sua cultura, estabelecem relações de resistência e apropriações. Por se tratar dos pantanais, a água atua como um elemento de múltiplas variantes, ora como empecilho ora como aliada. A natureza os abriga e os protege dessa intrusão, mas, ao mesmo tempo, é a ameaça.

A dicotomia dos sentidos que ronda as relações do homem e natureza permanece e segue atuante. As águas preenchem parcela considerável dessa relação e traz consigo a construção de um universo mítico que envolve os indivíduos num misto de admiração e medo.

Pantanal de lagoas encantadas e de salinas indispensáveis para o rebanho bovino, Pantanal que pontilha os campos de tuiuiús e jacarés, Pantanal do rio Paraguai e do pantaneiro, elemento central do entrelaçado de conhecimento e culturas próprias de uma região que encanta os turistas, tal quais os viajantes do século XVI. Resta saber se por detrás de tamanho “rearranjo” não se escondem imagens que entrecruzariam o mosaico pantaneiro.

²³¹ DOMINGOS, G. L., *Pantanal da Nhecolândia: História, memória e a construção da identidade*, 2005, p. 62-65.

Mapa 1 - Delimitação das sub-regiões do Pantanal brasileiro. Bacia do Alto Paraguai e Pantanal no Brasil, 1998.



Fonte: J. DOS S.V. DA SILVA et al. Brasília, v.33, n. Especial, p.1703-1711, out. 1998

Tabela 1 - Delimitação do Pantanal Brasileiro

Participação dos municípios na área (km²) fisiográfica do Pantanal

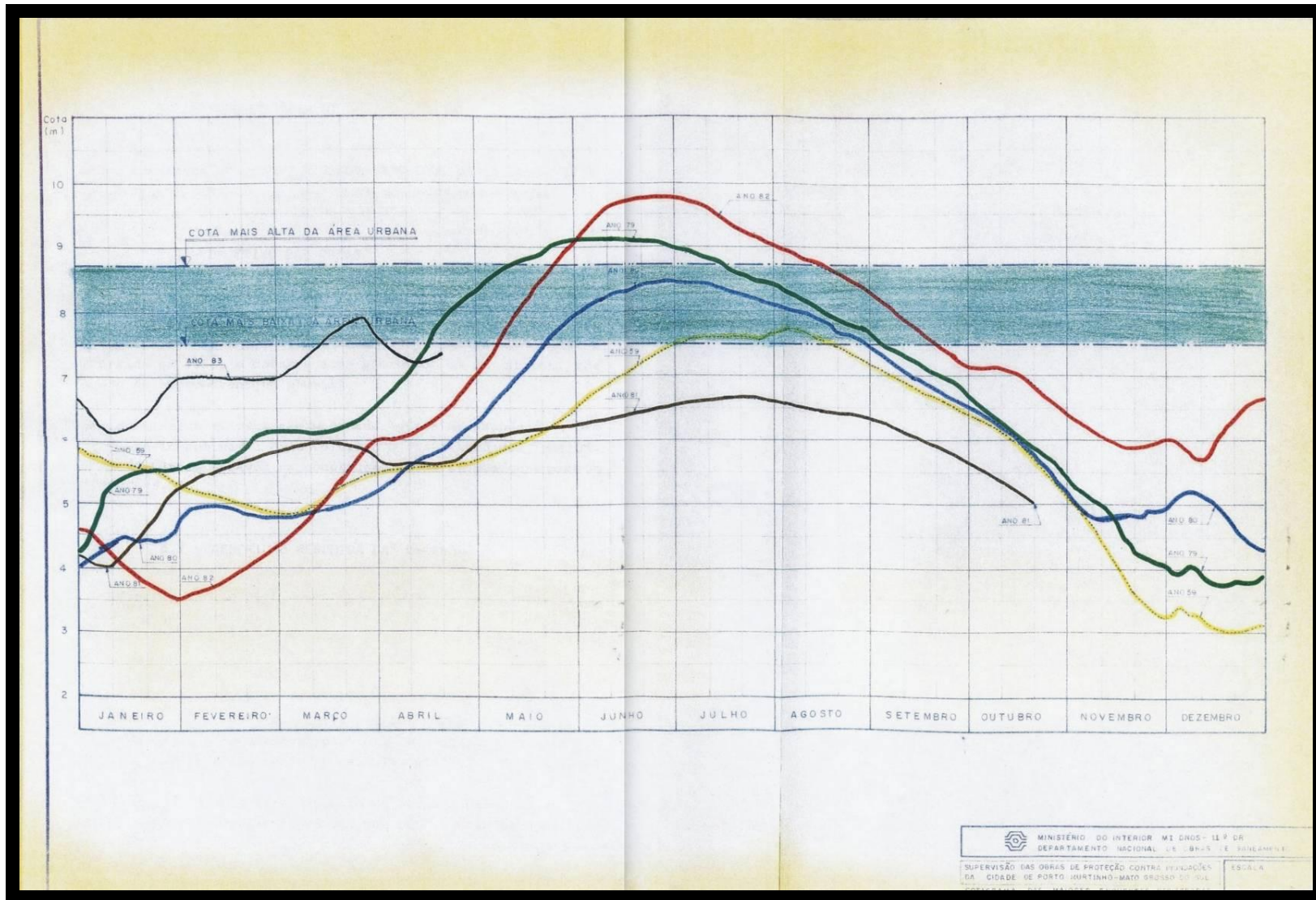
Municípios	Planalto	Pantanal (A)	Total (B)	Total IBGE	A/B(%)	B/C (%)
Mato Grosso	31.170	48.865	80.035	81.955,89	61,0	35,36
Barão de Melgaço	83	10.782	10.865	11.611,78	99,2	7,80
Cáceres	11.051	14.103	25.154	25.321,14	56,1	10,21
Itiquira	6.751	1.731	8.482	8.836,98	20,4	1,25
Lambari D'Oeste	1.439	272	1.711	1.719,10	15,9	0,20
Nsa. Sra. Livramento	4.019	1.115	5.134	5.331,57	21,7	0,81
Poconé	3.434	13.972	17.406	17.126,38	80,3	10,11
Sto. Ant. Leverger	4.393	6.890	11.283	12.008,94	61,1	4,99
Mato Grosso do Sul	37.193	89.318	126.511	131.417,50	70,6	64,64
Aquidauana	3.936	12.929	16.865	17.008,00	76,7	9,36
Bodoquena	2.500	46	2.546	2.514,30	1,8	0,03
Corumbá	2.858	61.819	64.677	65.165,80	95,6	44,74
Coxim	4.351	2.132	6.483	10.844,40	32,9	1,54
Ladário	311	66	377	341,40	17,5	0,05
Miranda	3.421	2.106	5.527	5.494,50	38,1	1,52
Sonora	3.598	719	4.317	4.088,90	16,7	0,52
Porto Murtinho	12.739	4.717	17.456	17.782,90	27,0	3,41
Rio Verde de MT	3.479	4.784	8.263	8.177,30	57,9	3,46
TOTAL (C)	68.363	138.183	206.546	213.373,39	66,9	100,00

Sub-regiões da área fisiográfica do Pantanal

Sub-regiões	Área (km ²)	Porcentagem (%)
Cáceres	12.456	9,01
Poconé	16.066	11,63
Barão de Melgaço	18.167	13,15
Paraguai	8.147	5,90
Paiaguás	27.082	19,60
Nhecolândia	26.921	19,48
Abobral	2.833	2,05
Aquidauana	5.002	3,62
Miranda	4.383	3,17
Nabileque	13.281	9,61
Porto Murtinho	3.839	2,78
Total	138.183	100,00

Fonte: J. DOS S.V. DA SILVA et al. Brasília, v.33, Nr. Especial, p.1703-1711, out. 1998

Gráfico 2 - Cotograma das maiores enchentes registradas em Porto Murtinho desde 1959.



Fonte: Arquivo AGESUL

2- PORTO MURTINHO: AS ENCHENTES E A URBE

2.1 A cidade nas teias do seu traçado

O mosaico pantaneiro tem a sua composição marcada por imagens que se entrecruzam neste cenário. Imagens que integram e contemplam em seu interior a história de uma época. Acrescentamos a esse mosaico algumas peças que em muito se encontram esquecidas. Assim como o artesão trabalha cuidadosamente a argila, trabalhamos com muita cautela com as memórias de uma população que vivenciou experiências singulares quando nas enchentes que assolaram a cidade, flagelando toda sua população. Cautela essa regada pelo respeito às diferenças e comprometimento com a história que escrevemos a partir dessas memórias.

Nesse contexto, há, então, a tessitura de um traçado móvel, que parte da convergência entre os saberes diferenciados. A ordem da leitura poderia ser qualquer uma. Texto esse que não possui mão-única, mas ganha a forma de bricolagem, a partir da junção de fragmentos, com uma perspectiva de encaixes, incorporando elementos como as memórias, que surgem no processo de construção, amalgamando esse traçado móvel.

Escrever sobre tais acontecimentos é ler nas entrelinhas e juntar os elementos de um mosaico de experiências com significados que proporcionam uma lição de grandeza das pessoas que não titubearam ante uma situação singular, mas sim, decidiram e indicaram caminhos para o desfecho dos fatos. Anônimos, cujas reminiscências nos permitem contemplar suas alegrias e desencantos e, que, hoje, possibilitam uma nova visão dos acontecimentos e nos conduzem por uma viagem pelos lugares de suas memórias. Percorremos o labirinto dos marcos da memória dos nossos narradores, buscamos entender o que eles significam e como foram construídos historicamente.

Nesse ponto, tomamos emprestadas as palavras de Foucault, ao dizer que gostaria de ser envolvido pelas palavras, levado para além do começo ao invés de proferi-las. O desejo que consiste em

[...] perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu será, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.¹

Memórias partilhadas, experiências construídas em espaços que evidenciam a tessitura de uma página da História a partir de narrativas por deveras singulares. Seria pertinente, então, o questionamento do que é construída a memória de Porto Murтинho? O

¹ FOUCAULT, M., *A ordem do discurso*, 1996, p. 5.

que permanece, o que não apareceu? Entender e buscar os sinais de rupturas para a compreensão do que foi edificado, ou não, como uma construção social, possibilita-nos tecer essa história com fios tênues das minudências. Aspectos que a população local reconhece como elementos constituintes de sua própria história de vida.

Retornamos à leitura da obra de Halbwachs, *A memória coletiva*, quando ele apresenta considerações referentes à memória como um fenômeno social, ou seja, é construída coletivamente e está sujeita a constantes transformações, reelaborações, o que descaracteriza a memória como sendo puramente individual. Para o autor, a memória “é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, o passado e presente.”² Nesse contexto, ainda em conformidade com o autor, a memória ultrapassaria questões pessoais, postulando significações para as ações dos indivíduos, fundamentando, assim, interpretações e vivências do passado.

Na análise de Pierre Nora, “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução [...]” e prossegue salientando que “a memória emerge de um grupo que ela une [...] é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.”³ Reescrever esses acontecimentos baseados nas narrativas, é como juntar peças de um quebra-cabeças, em que cada elemento, em especial, tem uma marca própria e, que incorporada ao todo, completa-o, conferindo dimensão histórico temporal aos fatos.

Sob esse enfoque, salientamos que o historiador trabalha com o passado, mas não está condensado nele. Está articulado com o presente, tendo em vista que está inserido em uma sociedade dinâmica e mutável, tal qual a História. Le Goff salienta que “a História é o estudo do movimento e da mudança das sociedades humanas; não há história imóvel.”⁴ Assim, nesse contexto, mergulhamos no imaginário construído nas temporalidades transcorridas pela planície pantaneira de Nabileque, como apresentado no primeiro capítulo.

Partindo dessa premissa, adentramos nos aspectos históricos temporais que delinearam esse centro urbano, no Pantanal. Aqui podemos ousar ser como Kublai Khan, do clássico *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino. O grande Khan, após ouvir variadas descrições de Marco Pólo, sobre as cidades por ele visitadas, optou por descrevê-las, partindo das narrativas até então ouvidas. Ele percebe que a cidade tece sua teia “nas relações entre as medidas do seu espaço e dos acontecimentos do passado.”⁵ E, ainda, observando que “a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão.”⁶

² HALBWACHS, M., *A memória coletiva*, 1990, p. 39.

³ NORA, P., *Entre memória e História: a problemática dos lugares*, 1993, p.9.

⁴ Le GOFF, J., *A visão dos outros: um medievalista diante do presente*, 1999, p. 94.

⁵ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p.15.

⁶ Idem, p.16.

As narrativas dos moradores de Porto Murinho, que testemunharam que participaram, que vivenciaram os acontecimentos, abrem a possibilidade de uma narrativa, cujos fragmentos se somam e dão forma à descrição que, cuidadosamente delineamos. Cada parcela desse processo de construção está alicerçado em perspectivas que fomentam novos questionamentos e novas descrições e, nesse contexto possibilita

[...] entender que um acontecimento nem sempre tem a mesma relevância para todos, ou para um grupo. É possível perceber distorções, uma vez que a experiência difere de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo.⁷

Mas, não basta apenas contar a história da cidade “a partir de uma perspectiva quantitativa e evolutiva”⁸; é preciso entender os meandros que se seguiram na constituição desse espaço singular que compreende a cidade de Porto Murinho e se encontra na tessitura dos “lugares de memória” dos seus moradores. Faz-se relevante salientar que essa pretensão não está alicerçada na obtenção da “veracidade absoluta, mas na verossimilhança possível”⁹ ante o fato de que adentramos no campo das representações e, conseqüentemente, dos discursos que se moldam sobre o real, ou melhor, se tecem no tempo presente. O que significa, de acordo com Pesavento, que “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”¹⁰ Mais que relatos de acontecimentos, as narrativas são mutáveis, ou seja, são reelaboradas de acordo com a dinâmica social a qual o indivíduo está exposto, gerando novas interpretações do passado.

Se considerarmos, de acordo com Nora, que o presente “é o momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída”¹¹, percebemos que, enquanto narrativa, a memória tende a desempenhar o papel que o mito tem nas sociedades ditas tradicionais. A memória é revivida e ritualizada através das narrativas dos indivíduos que compõem uma dada estrutura social, numa tentativa de identificação por parte dos mesmos. As interpretações do passado, no presente, estão inseridas no contexto da dinâmica social que se apresenta como uma constante ligação com o passado e que, no entanto, se mostra subentendida na busca da memória como uma necessidade de reelaboração do passado.

Para Carlos, “o modo de vida urbano produz idéias, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura.”¹² A ideia de que “a cidade aparece como um todo no qual

⁷ LEITE, E.F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p. 23.

⁸ PESAVENTO, S.J., *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 12.

⁹ PESAVENTO, S.J., *Indagações sobre a História Cultural*, 2001, p. 10.

¹⁰ PESAVENTO, S.J. *História e História Cultural*, 2004. p. 39.

¹¹ NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, 1993, p. 12.

¹² CARLOS, A.F.A., *A cidade*, 1992, p. 26.

nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte”¹³ é apresentado por Calvino e, nesta análise, nos permitimos pensar a cidade como sendo potencialmente um símbolo poderoso de uma sociedade complexa onde atividades econômicas, políticas e sociais espelham o modo de viver, pensar e sentir daqueles que ali vivem e a conceberam como um espaço territorializado.

A cidade de Porto Murtinho preserva os símbolos de uma época e permite que, tal qual viajantes nas temporalidades transcorridas, nossos passos ecoem por ruas amplas, cobertas pelas finas camadas de areia. Sejam tomados pelo calor, pelos olhares desconfiados e interrogativos. Embriagados pelo cheiro do chá de erva-mate de Dona Ninfa, do bife lambreado no mercado central, do café com bolachinha paraguaia da Dona Simiona. Envolvidos pela algazarra dos chalaneiros na Praça do tereré, pela confiança do Dionísio, pelo acolhimento e simpatia de Dona Conceição e seu Toninho. Pela serenidade de Seu Luluca, pelas superstições do Seu Hipólito e pela simplicidade do Professor Braz Leon. Aceitos na formalidade do professor Firmo. No ecologismo de Dona Norma e no choro saudoso de Artêmio. Na alegria de Dona Lídia e Seu Inocêncio. Observados pelo olhar inquieto de Dona Magna, deixemo-nos conduzir por Anice, aconchegados pelo acalento do cair da tarde à beira do rio Paraguai, pelo descortinar de um pôr-do-sol no Pantanal, pela calma das águas e dos barcos, cujas luzes pontilham as águas, imitando, sorrateiramente, minúsculas velas iluminando a noite dos enamorados no seu deleite ao luar. Passos lentos, tal qual do ancião desconhecido, a palmilhar sobre o dique.

É nessa atitude contemplativa que “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas”¹⁴ e lentamente vamos percebendo que “ a cidade diz tudo que você pensar, faz você repetir o discurso.” No entanto, é preciso que saibamos elaborar as perguntas que possam contestar as respostas dadas pela cidade, pelos seus “lugares de memória” e, mais ainda, “traduzir suas subjetividades e sentimentos em materialidades subjetivas palpáveis”¹⁵ o que permite que a história seja escrita.

Nesse contexto, vamos buscar as tênues linhas que nortearam o traçar e a formação de um centro urbano, a partir de uma necessidade de fixar fronteiras políticas e fortalecer uma atividade econômica na planície pantaneira. Na análise de Leite, “o processo de ocupação do Pantanal atendeu à necessidade de fixação e manutenção de marcos do território nacional.” E, prosseguindo em sua análise, para o autor, a importância maior, para o Estado brasileiro, estava centrada na “periferia banhada pelo rio Paraguai.”¹⁶ De um lado, a possibilidade de destituir o indígena do controle das áreas e, do outro, a garantia do

¹³ CALVINO, I. *As cidades Invisíveis*, 2003, p.17.

¹⁴ Idem, p. 20.

¹⁵ PESAVENTO, S.J. *Indagações sobre a História Cultural*, 2001, p. 12.

¹⁶ LEITE, E.F. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*, 2009, p. 44.

domínio da região fronteira. Os pantanais, enquanto área limítrofe com Paraguai e Bolívia, “manteve-se como palco de lutas”¹⁷ onde as relações de poder se revestiam da ineficaz ação do Estado.

2.2 Porto Murtinho: sua História e seus encantos no Pantanal de Nabileque

Esse pequeno centro urbano, no Pantanal Sul-matogrossense, e uma das sub-regiões dos pantanais, está distante 443 km de Campo Grande. Situado às margens do Rio Paraguai, cerca de 50 km, a montante do Rio Apa, tendo como limites, ao norte, o município de Corumbá, ao Sul e a Oeste, a República do Paraguai e, tendo, a Leste, Jardim e Bodoquena. Sua área total compreende 17.872,90 km². Seu relevo é de planície pantaneira, declives mínimos nas áreas alagáveis no entorno das margens do rio Paraguai. Nabileque, formado por sedimentos com argila e calcário situa-se no Pantanal baixo, área compreendida entre Corumbá e Porto Murtinho e apresenta uma feição de pastagens naturais facilmente inundáveis no período das águas.

Na confluência do rio Nabileque com o rio Paraguai estendem-se extensos palmares, especialmente de carandá, muito utilizado pela população ribeirinha e local para a construção de jiraus. Morros e elevações com cenários ecológicos magníficos contribuem para sua moldura, como, por exemplo, o Morro Pão de Açúcar, Fecho dos Morros, Ilha da Onça, Morro Celina, Barranco Branco, Forte Olimpo e a Cachoeira do Apa¹⁸, ilustrando esse palimpsesto por deveras descrito e revisitado por viandantes.

Porto Murtinho iniciou sua trajetória em meados de 1850, em virtude da ocupação, pela fronteira do Brasil com o Paraguai. A tropa, comandada pelo Tenente Francisco Bueno da Silva, montou acampamento, por um período de quatro meses no local conhecido como “Fecho dos Morros”. Foram atacados por paraguaios vindos de Assunção. A disputa entre os dois países era por uma faixa de terra entre os rios Apa e Branco, localizada na região de Porto Murtinho, requisitada pelo Paraguai como linha divisória. Segundo Arruda,

[...] desde o período colonial, a região matogrossense despertava preocupações pela sua posição estratégica. Havia desde a Independência, uma série de disputas de fronteiras com o Paraguai e toda a região sul da então província do Mato Grosso estava sob litígio.¹⁹

Formou-se uma comissão denominada Comissão Mista de Limites para finalizar a questão. O objetivo principal da comissão consistia em traçar a fronteira, demarcando definitivamente os limites da República Federativa do Brasil com a República do Paraguai.

¹⁷ Idem, p. 46.

¹⁸ Prefeitura Municipal de Porto Murtinho. Gerência de Turismo. Informações úteis sobre Porto Murtinho. Publicação interna. 2008.

¹⁹ ARRUDA, G., *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*, 2000, p. 114.

Tanto brasileiros quanto paraguaios integraram a comissão, que teve como chefe o Coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão.

Concluído em 1872 o serviço de demarcação, Thomaz Laranjeira, que integrou a Comissão Mista de Limites, atuando como secretário e, posteriormente, como fornecedor de gêneros alimentícios, demonstrou interesse em explorar a região. No decorrer dos trabalhos de demarcação, ele havia observado que a localidade era coberta por imensas áreas de ervais nativos e, como era conhecedor da industrialização da erva-mate, decide-se pela exploração do território que se apresentava como potencialmente promissor para suas atividades econômicas. Obtendo da Corte Imperial, em 1883, a autorização para iniciar as atividades de exploração da erva-mate, Thomaz Laranjeira trouxe, do sul do país, um grupo de fazendeiros conhecedores do manejo da erva e contando com a mão-de-obra barata vinda dos indígenas que habitavam a região e dos paraguaios. A empresa denominou-se Mate Laranjeira.²⁰

Foi somente em 1892²¹, quando a S. A. Banco Rio-Mato Grosso adquire a Fazenda Três Barras, à margem esquerda do rio Paraguai²² com o intuito de construir um porto para o escoamento da erva mate, é que Porto Murtinho desponta no cenário mato-grossense. Queiroz sinaliza que,

[...] no início do regime republicano, Laranjeira tratou de nacionalizar (pelo menos oficialmente) sua rota de exportação, como contrapartida à obtenção de novas concessões de terrenos ervateiros. De fato, o governo do Estado de Mato Grosso, agora responsável por tais concessões, exigiu que a erva fosse exportada por um porto brasileiro. Assim, a empresa estabeleceu, a partir de 1892, o Porto Murtinho, ainda no rio Paraguai, mas agora em território sul-mato-grossense.²³

Um porto, para embarque, foi instalado, por iniciativa de Antonio Correia da Costa, na Fazenda Três Barras de propriedade do Major Boa Ventura da Mota. No entorno do porto, inicia-se a formação de uma vila. A construção do porto, na margem esquerda do rio Paraguai, visava à centralização do embarque de toda produção da indústria extrativa da erva-mate explorada pela Cia Laranjeira, que detinha a concessão pelo Decreto 8.799, de 09 de dezembro de 1882, para a exploração dos ervais em terras mato-grossenses e paraguaias. Por um lado, o fator principal, na escolha do local do porto, foi a centralização do embarque da produção por via fluvial, mais especificamente, pelo rio Paraguai, por ser um rio de águas internacionais e navegável em todo seu curso. Por outro lado, o rio Paraguai estava ligado aos países platinos, principais consumidores da erva-mate produzida naquela região. A Gazeta Oficial, de 04 de maio de 1894, descreve a construção do porto:

²⁰ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da matte Laranjeira*, 1997.

²¹ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n.3, 1943). p. 243

²² CORRÊA FILHO, V., *Pantanaís Matogrossenses*, 1946, p. 151.

²³ QUEIROZ, P. R. C., *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*: Notas para discussão. UFMS Dourados

Como sabeis, o porto escolhido foi um dos melhores do baixo Paraguai, situado na antiga fazenda Três Barras, hoje propriedade do Banco Rio e Mato Grosso e nele já se acham em via de conclusão, senão concluídos, não só a ponte para o trapiche como também os armazéns destinados ao depósito dos nossos produtos.²⁴

A indústria ervateira ganhava corpo e seus tentáculos se inseriam nos mais variados segmentos da economia e política do Mato Grosso. Para D'Alincourt, a expansão da atividade ervateira foi motivado pelo esgotamento da atividade mineradora, o que restava era então “poucas alternativas econômicas para a região matogrossense que desenvolveu ao final do século XVIII, uma incipiente pecuária, a extração de alguns poucos recursos naturais e culturas isoladas de subsistência.”²⁵

Além das grandes concessões de extensas faixas de terras, a empresa investiu na construção de estradas de acesso, pontes e portos de escoamento dos seus produtos, na rede telegráfica. Nota-se que as vias de comunicação e transporte estavam totalmente sob o controle da indústria ervateira. Se considerarmos que sua estrutura econômica estava a serviço da máquina eleitoral, no seu período de atuação, percebe-se que atuou garantindo vitórias políticas que a favoreciam, e que propiciaram a manutenção e a conquista de novas alianças. Associado à política havia o predomínio do latifúndio e do monopólio que detinha a Cia Mate na exploração e exportação do principal produto: erva-mate.

Ao adentrar na máquina estatal, ganhava representatividade no cenário econômico matogrossense, articulando todo um circuito comercial reservado para o atendimento da indústria ervateira. Tal fato é verificável até meados da década de 1920, quando atingia o auge da sua produtividade que na resultante trouxe o fortalecimento de seu poderio econômico e político. Associando-se, posteriormente, a Mendes & Cia mantinha seu domínio com capital argentino que incomodou o governo brasileiro, no que tange o aspecto político-territorial, por se tratar de uma área limítrofe com o Paraguai.

Datada de 26 de maio de 1894, a Gazeta Oficial traz publicada a convocação do conselho fiscal para um exame das contas e convocação de assembleia para a mudança da estrutura administrativa pelo referido conselho. Assim consta:

Com a mudança da nossa exportação para o porto da fazenda Três Barras que denominam – Porto Murtinho, seria conveniente a transferência imediata da gerencia para ali, a fim de melhor atender todos os assuntos referentes a mesma exportação, grandes interesses, porem, da companhia nos aconselham realizá-la a mais demoradamente, de modo a evitar qualquer perturbação para a marcha regular de nossos negócios.²⁶

²⁴ Gazeta Oficial de 04/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso. Consultado em 25 de setembro de 2009.

²⁵ D'ALINCOURT, L., *Memória a cerca da Fronteira da Província de Mato Grosso*, 1953, p. 178.

²⁶ Gazeta Oficial de 26/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, MT. Consulta em 25 de setembro de 2009.

Porto Murtinho esteve incorporado ao Município de Miranda, até 1897, e, pela Lei n. 165, a Corumbá. Em 10 de abril de 1900, é criado o Distrito de Porto Murtinho, pela Resolução n. 255. Com a promulgação do Decreto n. 310, de abril de 1912, ocorreu a instalação da Vila e, através da Lei 810, de 08 de dezembro de 1919, passa a ser comarca. Foi elevado a município pela lei n. 560, datada de 20 de setembro de 1911. Elevado à categoria de cidade, pela Lei 962, de 12 de julho de 1926.²⁷ Em 1939, o município atingiu um espaço territorial de 14.066 km². O município, situado na região de fronteira com o Paraguai, passou por intervenções, sendo considerado Área de Segurança Nacional.

Nesse início, o município era constituído, basicamente, por moradores vindos do sul, especialmente do Rio Grande do Sul e Paraná, devido à produção da erva-mate pela Cia Laranjeira, de índios e paraguaios, que já viviam no local compondo o quadro da mão-de-obra disponível e de baixo custo.

Faz-se importante destacar aqui as observações de Arruda no que se refere à vinculação da Cia Mate entre as esferas pública e privada, entre governo e empresa. Para o autor, tal proximidade era tamanha que se torna difícil estabelecer algum limite entre uma e outra esfera ou quais interesses cabiam a cada uma das esferas.²⁸ O envolvimento de ambos, empresa e governo, ultrapassava os trâmites legais burocráticos, adentrava em interesses recíprocos. Segundo Arruda, “é fácil deduzir o favorecimento da Cia Matte Laranjeira por parte dos ocupantes do poder público [...]”²⁹ Era prática comum a utilização de cargos públicos como uma forma de fortalecimento da iniciativa privada.

O Decreto de concessão permitia ao beneficiário único, Thomaz Laranjeira, a exploração dos ervais nativos e uma “estreita ligação entre empresários desta atividade e políticos governantes do período.”³⁰ Tal fato atendia aos interesses mútuos, no caso de ameaças ao monopólio extrativista da erva-mate. As estratégias de controle iam muito além. Os tentáculos da Cia Mate, no período de sua atuação, que foi de 1840 a 1930, fortaleceram-se ao ponto de estabelecer um “Estado dentro do Estado”³¹, com domínio absoluto sobre os moradores e trabalhadores nos ervais. Em conformidade com Arruda, o significado de tal domínio centralizava-se num “poderoso instrumento de poder e disciplina”³² Essa imposição de regras e controle ultrapassava os limites brasileiros e adentrava em território paraguaio.

Em Porto Murtinho, além da construção do Porto, foi construída uma ferrovia (foto 1) que permitia a ligação e o transporte da produção da Fazenda São Roque à, então, vila de

²⁷ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 150.

²⁸ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira*, 1997, p. 29.

²⁹ Idem, p. 29.

³⁰ Idem, p. 31.

³¹ Idem, p. 33.

³² Idem, p. 36.

Murtinho, “aonde chegavam as centenas de carretas portadoras da erva mate do alto dos vales do Brilhante e Dourados, que regressavam carregadas de mercadorias para os fazendeiros serranos.”³³

Foto 01 - Linha ferroviária construída pela Cia Mate Laranjeira na Fazenda São Roque



Fonte: Arquivo Museu Jaime Aníbal Barrera.

Paralela à extração do mate, uma estrutura logística foi implantada e incluía estradas, cidades, portos e locais de trabalhos minuciosamente organizados impedindo a evasão da mão-de-obra, basicamente indígena e paraguaia. O controle dos trabalhadores não estava centrado apenas no processo de trabalho. Mecanismos, como, “violência física, castigos disciplinares para quem tentasse fugir”³⁴, caminhavam juntos com uma jornada de trabalho fustigante.

O regime de trabalho servil mantinha características muito comuns com o trabalho escravo. Segundo Kuhlmann,

Na área do mate, quase todo o trabalho de coleta e preparo da erva é feito por paraguaios. Sujeita-se o ervateiro ou mineiro, aos processos de trabalho mais primitivos e brutais. O transporte do fardo de mate, o “raído”, pesando algumas vezes mais de 150 quilos, é feito hoje pelo ervateiro, que o carrega nas costas; tal peso, produz um intumescimento no pescoço do mineiro, muito semelhante ao produzido pelo bócio. O salário do empregado, muito

³³ CORRÊA FILHO, V., *Pantanaís Matogrossenses*, 1946, p. 152.

³⁴ Idem, p. 106.

baixo, é á base das arrobas transportadas. Daí o interesse do mineiro, em transportar o máximo possível, mesmo pondo em risco a vida.³⁵

A Cia Matte mantinha os “comitiveiros”, homens designados para o trabalho de caçar os fugitivos que não se adequassem à rigorosa disciplina de trabalho imposta e também por seus débitos ou contas, que foram utilizados amplamente como poder de persuasão, ou melhor, coerção. Muitos foram os “mecanismos de controle dos trabalhadores, às vezes, sutis, outras vezes explícitos [...]”³⁶

Atuando como exportadores e importadores, imigrantes europeus, árabes e judeus foram atraídos pelo comércio que despontava na Bacia do Prata aliado à extração da erva-mate. Migrações e imigrações contribuíram para o desenvolvimento do sul do Mato Grosso. Fator, esse, estreitamente ligado ao intuito de desbravamento, conquista e incorporação de terras, o que corresponde ao alargamento das fronteiras e ao desenvolvimento da economia de caráter exportador. Não obstante, a história de Porto Murtinho é comparável a de outros centros urbanos que despontaram com o início de atividades de caráter extrativista nas suas origens aliadas à vasta extensão de seu território e às riquezas naturais.

O Porto logo entrou em pleno funcionamento para o transporte da erva-mate, atingindo grandes centros urbanos, como, Assunção no Paraguai, Buenos Aires, na Argentina. O veio extrativista gerava consideráveis dividendos, estimulando, cada vez mais, a produção e o aumento das exportações, mas também deixava suas marcas.

Em zona de erva-mate, na propriedade da Cia Mate Laranjeira tive a oportunidade de observar a mata latifoliada, já bastante alterada pela exploração da preciosa aquífoliácea. Grandes áreas florestais foram destruídas para a cultura do llex, sendo que a ocorrência deste, em áreas de vegetação natural, só foi verificada num trecho do cerrado.³⁷

A indústria ervateira possibilitou, à região, célere desenvolvimento e o Porto, transformou-se no principal canal de escoamento da exportação não apenas da erva-mate, mas do gado, couro e charque, para a América, Europa e Estados brasileiros. Atrelado ao desenvolvimento, fixa-se um traçado de devastação dos ervais nativos. Em primeiro momento, de acordo com Silva, “foi aquela sede, durante alguns anos notável entreposto comercial,”³⁸ posto que era, através desse porto, às margens do rio Paraguai, que se fazia a exportação não somente da erva como, também, dos demais produtos sul-matogrossenses, que atuava como receptor de gêneros indispensáveis para o consumo interno.

A utilização do Porto propiciava novos investimentos. Em 1917, é instalado um saladeiro que veio somar, à economia da região, investimentos em infra-estrutura e capital

³⁵ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 102.

³⁶ ARRUDA, G., *Frutos da Terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira*, 1997, p. 111.

³⁷ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 102.

³⁸ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 150.

estrangeiro. Destacamos a instalação de uma vila operária que abrigava cem pessoas que trabalhavam em regime acelerado, abatendo, diariamente, cerca de cem reses. Os investimentos e lucros com as charqueadas foram tão significativos que, a partir do século XX, tornou-se uma das principais atividades econômicas da região, agregados à pecuária intensiva nos pantanais. A produção era exportada para o Rio de Janeiro, Nordeste do Brasil e, também, Europa. As mercadorias destinadas ao consumo e abastecimento da população local eram trazidas de outras regiões do Estado via porto e as engrenagens do comércio mantinham-se funcionando em ritmo lento, mas gradual.

Mesmo com desenvolvimento acentuado, a economia teve suas bases ameaçadas quando o transporte da produção da erva-mate começou a acarretar prejuízos. O encarecimento do transporte estava atrelado às dificuldades de transpor grandes trechos alagadiços da planície pantaneira. Silva, ao descrever as vias de comunicação da região, faz observações no que tange ao acesso a Porto Murinho, que, por vias terrestres, sua comunicação com outros centros do Brasil se estabelecia mediante grandes dificuldades. Prossegue na análise ponderando que, “situado em terras alagadiças, grande parte do município fica inteiramente coberto de água na estação das chuvas.”³⁹

Notadamente, a ênfase na estação das chuvas como agente norteador do desenvolvimento da região. As estratégias ali implantadas pelos habitantes da região são diluídas e/ou contidas pela ação das águas. Continuando em suas observações, o autor salienta que “as suas estradas carroçáveis, feitas pelos próprios carreteiros e pelos seus bois, desaparecem por completo, naquela estação.”⁴⁰ As águas se fazem presente no desenvolvimento gradual face ao fato de que “os rios impedem a passagem durante meses inteiros, pois sobre eles não há pontes.”⁴¹

É relevante ressaltar a análise de Kuhlmann, a respeito do transporte na região; ele apresenta a seguinte descrição:

Com exceção de pequeno trecho do sul do Pantanal, servido pela estrada de Ferro Noroeste do Brasil, toda esta região tem no rio Paraguai e seus afluentes, as únicas vias de transporte. Os transportes terrestres são praticamente inexistentes.⁴²

A dificuldade no transporte da produção e os prejuízos acumulados levaram a Cia Laranjeira a associar-se ao argentino Francisco Mendes Gonçalves, e passa a denominar-se Laranjeira, Mendes & Cia, com sede em Buenos Aires. O contrato celebrado com o Estado, em 04 de fevereiro de 1904, transfere a concessão dos ervais. A introdução de capital estrangeiro permitiu novos investimentos. Em 1905, inaugurou-se, como citado, a

³⁹ Idem, p. 152.

⁴⁰ Idem, p. 152.

⁴¹ Idem, p. 152.

⁴² KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso e seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

Estrada de Ferro, de 22 km, que facilitou o transporte na região de produção da erva-mate da Fazenda São Roque até o porto de embarque. Em meados de 1930, com a transferência da sede da indústria ervateira e a posterior liquidação dos seus bens, a cidade perdeu seu suporte econômico.

O signo⁴³ dessa injeção do capital estrangeiro e inovação está posto na praça central da cidade: a locomotiva que conduzia os vagões utilizados no transporte da erva-mate para o Porto Geral, um atrativo turístico e símbolo de uma época áurea da economia do município, embora devastadora.

Por se tratar de uma região limítrofe, Porto Murtinho sofreu a primeira intervenção militar, erigindo-se a 2ª Companhia de Fronteira e um posto militar, a 70 km abaixo, no rio Paraguai, cuja função era o controle das embarcações internacionais que adentravam em águas brasileiras. Quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, o município é extinto e passa a integrar o Território Federal de Ponta Porã. Ao término da guerra, deu-se a extinção do referido território e Porto Murtinho é reintegrado ao Estado de Mato Grosso. Motivos esses que levaram ao abandono dos investidores da região. Ocorreu o primeiro êxodo populacional na região que sofria intervenção militar e, permaneceu apenas a esparsa população que se formou no entorno do porto. População essa que continua a traçar os contornos do pequeno centro urbano na orla da planície pantaneira.

Se considerarmos, de acordo com Pesavento, que a História Cultural possibilita uma nova abordagem sobre as cidades, percebemos que

[...] a cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, neste sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato.⁴⁴

A questão que se apresenta, exige uma reflexão cautelosa. Se a cidade é materialidade, é constantemente pensada, produzida e reproduzida por homens que, na sua edificação, tanto material quanto imaterial, depositam interesses intrínsecos; a cidade de Porto Murtinho foi erigida a partir da necessidade do escoamento da produção da erva-mate, que estava atrelada à visão oportunista de Tomaz Laranjeira e, conseqüentemente, ao processo de exploração e conquista das fronteiras. Iniciou-se, então, um processo de constituição de espaço, a partir das necessidades advindas das atividades econômicas ali implantadas.

A materialização de um espaço é representada pela apropriação desse e das múltiplas relações da história e dos homens e traz em si ideologias padronizadas daqueles que a conceberam e daqueles que ali vivem. As ações humanas, em relação à natureza, ao

⁴³ Segundo Geertz,(1989, p.69) utiliza-se o símbolo para expressar a relação com uma concepção de significados transmitidos de uma geração a outra, desse modo, lhe confere significados de realidades sociais e psicológicas, e se modela “em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a ele mesmo.”

⁴⁴ PESAVENTO, S.J., *Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 13.

mundo natural, não apenas se configuram na ligação direta com a demanda econômica e social, mas está estritamente ligada às representações construídas pela sociedade, no que tange às práticas instituídas. A observação está alicerçada no fato de que tais ações não são apenas necessidades materiais, mas estão vinculadas ao universo simbólico que permeia as práticas sociais.

Frente à dificuldade da transposição dos terrenos alagadiços do Pantanal, como citado anteriormente, a Cia Laranjeira enfrenta problemas e recebeu auxílio do capital estrangeiro que propiciou a melhoria no transporte. Ligados a esses fatores, favoreceu o despontar de uma nova atividade, os saladeiros, vinculada à pecuária na planície pantaneira e à emergente exploração do quebracho. Atividades essas lucrativas que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento do município, mas em períodos de curta e média duração.

2.3 Nas fábricas de tanino emergem os “marca onças”⁴⁵

A exploração do quebracho, do qual era extraído o tanino utilizado na indústria química, em curtumes e na tecelagem, já ocorria desde as últimas décadas do século XIX, no Paraguai e Argentina, sendo muito requisitado pela Europa. Zarilli destaca a instalação, na Argentina, das mais importantes sociedades anônimas de capital estrangeiro que comercializavam o tanino e a madeira do quebracho no mercado externo, especialmente para a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Acrescenta que tais empreendimentos estavam centrados em interesses próprios e o desenvolvimento das atividades procuravam ligar a região a esses interesses.⁴⁶

Árvore abundante no Chaco e na região de Porto Murtinho, coloca novamente a pequena cidade no cenário econômico matogrossense. Por ser de difícil reflorestamento, sendo uma árvore nativa da região, a extração acelerada resultou na devastação dos vastos quebrachais que foram impiedosamente dizimados. Segundo Leonardi, “o extrativismo por suas próprias características, é a atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente.”⁴⁷ Nesse contexto, restou apenas o fechamento das indústrias de tanino, em meados dos anos de 1970.

Para a exploração das matas de quebracho, foi instalada a Florestal Brasileira, S.A por um consórcio do Governo alemão, em 1935 e, no período de funcionamento, chegou a empregar cerca de duas mil pessoas que trabalhavam no processo de administração,

⁴⁵ O logotipo da fábrica de tanino Quebracho do Brasil era um triângulo com uma cabeça de onça. Quem trabalhava ou nascia na vila de propriedade da Quebracho do Brasil, recebia a pecha “marca onça”

⁴⁶ ZARILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedade econômica en una economía marginal. El gran chaco argentino, 1890-1950*, 2000, p. 5

⁴⁷ LEONARDI, V. P. B., *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, 1999, p. 15.

extração e industrialização do tanino. A Florestal Brasileira manteve-se, de 1935, quando inicia a exploração do quebracho, até 1974, encerrando definitivamente as atividades, em 1977.

Na fábrica, havia cerca de 340 operários e um número três vezes maior de trabalhadores das obragens, com uma produção diária de 200 sacas de 50 kg de tanino, atingindo uma cota mensal de 6500 sacas com corte de madeira de, aproximadamente, 1.600 toneladas. Ao encerrar suas atividades, em 1977, pela escassez de matéria-prima e surgimento de um produto sintético substituto do tanino, novamente o município enfrenta uma decadência econômica com um número elevado de desempregados comprometendo seu desenvolvimento.

Anteriormente, somente Argentina e Paraguai tinham o privilégio da industrialização do tanino, pois, desde 1895, os dois países somavam um total de 26 fábricas que atuavam como fornecedoras do tanino para os mercados da América e Europa.

Para descrever a tão auspiciosa obra, o Anuário Brasileiro esmera-se no emprego de palavras que traduzam a grandiosidade do investimento.

Raia uma nova e decisiva fase de prosperidade para Porto Murinho. É o verdadeiro início, também, da própria indústria nacional da extração do tanino [...] A “Florestal” iniciou de modo mais magnífico possível, a indústria organizada, racional em grande escala.⁴⁸

O discurso seguinte apresenta quão vantajosa era a sua exploração, dimensionando as perdas com as importações do produto final que era extraído da madeira do quebracho.

Os esplendidos quebrachais brasileiros já não dormiam olvidados enquanto o país ia importando tanino e canalizando, do mesmo passo, milhões de cruzeiros para o exterior.⁴⁹

Como a atividade vinha num acelerado processo de desenvolvimento e as matas de quebracho eram generosas, imigrantes alemães e portugueses instalaram uma nova fábrica de tanino, em 1937, a Quebracho Brasil S.A., que empregava cerca de oitocentas pessoas. Rigorosos preceitos técnicos foram seguidos para a montagem das suas oficinas por técnicos especialmente contratados, bem como a elaboração e a implementação de um projeto que incluía prédios térreos para suprir as necessidades de funcionamento e moradia, seguindo uma rigorosa estrutura e organização social, no espaço que pertencia à indústria e os campos para criação de gado e cavalos, que atendiam aos interesses da mesma.⁵⁰ O esmero das palavras, no Anuário, permanece na descrição da Quebracho Brasil.

O que se nota em Porto Quebracho – um enorme movimento produtivo, uma auspiciosíssima contribuição para o adiantamento e o progresso do

⁴⁸ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n. 3, 1943). p. 256

⁴⁹ Idem, p. 256.

⁵⁰ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 158.

frutuoso e encantador município de Porto Murtinho, como para o grande Estado de Mato Grosso e Brasil.⁵¹

Com investimentos e lucros crescentes, as duas fábricas atraíram, para as matas de quebracho, inúmeros trabalhadores da região norte do Estado de Mato Grosso, do nordeste e também do oeste paulista. Essa migração fomentou o aumento populacional e, juntamente com os migrantes, vieram os imigrantes alemães, portugueses e, mais uma vez, paraguaios que se instalaram no município para suprir a demanda de mão-de-obra das fábricas. Na exploração dos quebrachais, assim como ocorreu com a erva-mate, a mão-de-obra indígena e paraguaia, foi computada na aferição dos lucros. Encontramos, em Kuhlmann, uma exposição do quadro acima mencionado,

Ao sul do Pantanal, na sua parte mais estreita, diretamente em contato com a Bodoquena, há uma atividade que embora menos importante que a pastoril, é das mais prosperas da região – a extração do quebracho. Para sua industrialização foram montadas duas fabricas de tanino, com uma produção de cerca de 12 toneladas diárias.⁵²

A Florestal Brasileira investiu na construção de uma vila para abrigar os trabalhadores do tanino, que consistia na construção de casas, escola, posto médico, serviço de água, luz elétrica. Construção de oficinas mecânicas, fundições, ferrarias, curtume experimental, enfim, toda uma infra-estrutura que viesse atender aos trabalhadores evitando que eles se afastassem do local de trabalho que, nesse caso, incluía mulheres e crianças desenvolvendo as mais variadas atividades, como, lavar roupas e recolher lascas de madeira utilizadas como lenha. Nas palavras de Hipólito Soares, é possível observar a rigidez com que eram tratados os trabalhadores; em caso de faltas, eram demitidos. O contingente de mão-de-obra indígena e paraguaia disponível permitia tais demissões. Ele frisa que

Nosso chefe era um português rigoroso então a gente não podia faltar o serviço. Quando alguém faltava o serviço o porteiro já tinha ordem de juntar o cartão e levá lá pra mesa dele.⁵³

Cabe aqui salientar a análise de Oliveira ao apontar que “a disciplinarização da mão-de-obra, a fim de buscar um controle sobre o operariado, não só no espaço de trabalho, mas igualmente na vida fora da empresa, fazia parte da preocupação da elite – governo local e empresários.”⁵⁴ Essa estratégia foi amplamente utilizada pelas indústrias de tanino, no período que compreende os anos de 1935-1975. Um controle sutil, baseado na oferta de serviços essenciais, como, saúde e habitação.

⁵¹ Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá. n. 3, 1943). p. 256

⁵² KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

⁵³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁴ OLIVEIRA, V. W. N. de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 85.

Enquanto o Anuário descrevia com veemência o desenvolvimento, observa-se que os investimentos vultosos e o rigor na execução dos trabalhos de extração da matéria-prima, tanto da erva como do tanino, percorriam uma via de mão dupla: investimentos e lucros em curto prazo. O quadro que se apresenta é o seguinte, de acordo com o Anuário:

Entretanto, toda a região é escassamente povoada, contando apenas com um centro urbano de importância - Corumbá, [...] Porto Murtinho, que já teve grande importância na exportação do mate, é uma pequena cidade, que vive da indústria do tanino e do charque.⁵⁵

A Quebracho do Brasil encerrou suas atividades com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, quando o município foi anexado ao território de Ponta Porã, como sendo Área de Segurança Nacional. Os empresários eram, na sua maioria, estrangeiros com investimentos na região; no caso, na produção de tanino, basicamente, eram alemães, tiveram que retornar ao seu país de origem ou se ausentar do Brasil. Esse fato levou o município, mais uma vez, ao declínio econômico. Considerando que a população local, de acordo com o censo demográfico de 1939, contava com 5.843 habitantes e, em 1940, saltou para 7.262 habitantes. O número de empregados das duas indústrias, para o período, girava em torno de 2.800 pessoas, que correspondiam a 38,55% da população, ou seja, mais que um terço da população local.

A Florestal do Brasil manteve suas atividades até os anos de 1975. Silva faz uma ressalva quanto à mão-de-obra utilizada na fábrica e das dificuldades enfrentadas por ela em face da escassez da mão-de-obra. O autor aponta que

[...] dado ao isolamento em que vive Porto Murtinho, não pode chegar até lá o operário dos demais centros nacionais e, em consequência das últimas leis de imigração, já vai rareando a presença do peão paraguaio, que sempre foi o trabalhador daquela zona.⁵⁶

Quando encerrou suas atividades, a Florestal do Brasil S.A. deixou a estrutura física e, novamente, o município enfrenta uma decadência econômica com um número elevado de desempregados. Segundo dados do IBGE, o município contava com uma população estimada de 13.634 habitantes, sendo que, desse total, 14,67% fica desempregada na mesma fração de tempo, comprometendo a economia local. Além de inúmeros desempregados, a Florestal Brasileira e a Quebracho do Brasil deixaram os sinais de uma considerável devastação ambiental. Para Zarilli, “a exploração do quebracho é um dos mais sólidos exemplos históricos sobre a exploração extrativa capitalista de recursos naturais não renováveis e como este sistema gera consequências socioeconômicas negativas.”⁵⁷

⁵⁵ KUHLMANN, E., *A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado*, 1954, p. 117.

⁵⁶ SILVA, J. de M., *Fronteiras Guaranis*, 2003, p. 156.

⁵⁷ ZARILLI, A., *Transformacion ecológica y precariedade econômica en una economía marginal. El gran chaco argentino, 1890-1950*, 2000, p. 5

Essa fase consta na página da história, não apenas da cidade, mas de muitos moradores. A cidade, assim como mantém o signo deixado pela Cia Laranjeira - a locomotiva, recebeu, da Florestal e da Quebracho, os signos de uma época. São eles, respectivamente: a chaminé da Florestal e as ruínas da vila de Porto Quebracho. Atrativos turísticos do presente, preservando as marcas de um passado. Não podemos negar a pertinência das palavras de Durval Albuquerque quando explica que

Cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes.⁵⁸

Muitos moradores passaram a infância nas vilas operárias, outros trabalharam ali. Muitas famílias deixaram a cidade com o fechamento das fabricas e, conseqüentemente, ocorreu um êxodo populacional, mas quase imperceptível, tendo em vista que muitos permaneceram por não possuírem condições de retornar ou mesmo pela opção da permanência frente às dificuldades financeiras pelas quais passavam. O que constatamos é que, na sua maioria, os trabalhadores da indústria do tanino eram famílias de origem paraguaia, que atravessavam a fronteira com o intuito de melhorias na condição social.

As narrativas giram em torno de momentos vivenciados na vila operária da Quebracho S.A. Artêmio Sanchez nos diz:

Nas diversões de guri, assistindo esses enlatados americanos que eram importados pra Porto Quebracho, ali onde eu nasci, fiz meu primário, enfim tudo mais. Onde tive grandes professores, professoras. Eu sonhava em falar inglês. Então assistia aqueles filmes legendados e ouvia o ator americano falando e eu chegava em casa e queria falar inglês com meu cachorro.⁵⁹

Por se tratar de uma vila operária, as dificuldades impostas suscitavam novas perspectivas de vida, mesmo que essas estivessem contidas nos desejos das crianças e adolescentes em estudar na cidade, ou seja, entrar para o ginásio, em Porto Murtinho. Para Artêmio, aprender inglês não foi tão difícil. Encontrou Rodrigo Soares Gouvêa, com o qual fez um intercambio cultural que consistia na troca de aulas de inglês para o menino e guarani para o Senhor Rodrigo. As aulas aconteciam à noite e era feito o revezamento dos, então, aprendizes. Ele nos explica que “o seu Rodrigo me ensinava inglês numa noite e eu ensinava a ele o guarani na outra noite.” Não ocorria apenas e tão somente o intercâmbio de idiomas. Havia uma troca de experiências cotidianas que incluíam hábitos alimentares, música, religiosidade, hábitos cotidianos, como tomar tereré. Esse recorte de narrativa

⁵⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M de., *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*, 2007, p. 24.

⁵⁹ Artêmio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

possibilita entender que os elementos de cada grupo encerram em si um conjunto de experiências ao longo do tempo, que denominamos de história.

Os elementos, ou mesmo o grupo, ligam-se a outro, pois o homem é, naturalmente, um ser social. Assim, os diferentes povos, ao dialogarem, dão à cultura uma característica de circularidade. A cultura tem a ver basicamente com tudo que criamos, seja na linguagem, na economia, na política, na ciência, na arte, na religião. Considerando que algumas culturas, vistas como tradicionais, estão sendo rearticuladas, supõe pensarmos a cultura articulada por tais relações e mediadas pela nossa relação com a natureza.

Baseada na análise de Hunt, estimamos que as relações humanas, no caso em foco, sejam interligadas. A autora considera que “as relações econômicas e sociais não são anteriores as culturais, nem as determinam, elas próprias são campos de prática e produção cultural.”⁶⁰

Observa-se que muito dos moradores da cidade têm origem paraguaia. No período extrativista da erva-mate e, posteriormente, do tanino, e nas fazendas de gado na planície pantaneira, muitas foram as famílias paraguaias que vieram e ali se instalaram. É preciso reconhecer, num primeiro momento, que “a penetração de imigrantes nos pantanais não se fez de maneira pacífica, mas enfrentou vários obstáculos, com destaque para o elemento paraguaio, para o qual se canalizaram os sentimentos xenófobos de instituições do Estado [...]”⁶¹ Para Oliveira, o elevado número de imigrantes paraguaios em Porto Murtinho está estreitamente ligado ao fato de que o município “era a primeira cidade brasileira que os imigrantes se deparavam ao subir o rio Paraguai [...]” outro fator relevante é sua condição de “proximidade com a república paraguaia[...]”⁶² Sem maiores perspectivas de melhoria na sua condição social, trabalhavam e criavam seus filhos sem a pretensão, ou mesmo recursos, para retornar ao país vizinho. É fato verificado que havia, em muitas dessas famílias, com numerosos filhos, uma preocupação com a iniciação escolar, com a educação das crianças, que eram obrigadas a estudar mesmo que à luz de velas ou lampiões.

Tais dificuldades não impediam, no entanto, a prática das brincadeiras do cotidiano infantil, como, jogar bola, soltar pipa e nadar. Essa preocupação com a iniciação escolar das crianças estava atrelada à questão do idioma. Falava-se apenas o guarani que passou a ser proibido em muitos locais na cidade, incluindo a prefeitura, que mantinha uma placa de aviso. Para muitos pais, o fato de o filho ir para a escola e aprender o português, facilitava, em muito, as atividades corriqueiras do dia a dia, como a compra de mercadorias para o consumo da família. Na fala de muitos moradores, podemos observar que o falar guarani ou castelhano dificultava o acesso a determinados lugares públicos, no entanto, era muito

⁶⁰ HUNT, L., *A nova História Cultural*, 1995, p. 9.

⁶¹ OLIVEIRA, V. W. N de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 87.

⁶² Idem, p. 88.

solicitado quando em situações definidoras, como, por exemplo, no contato entre moradores da Colônia Peralta e Ilha Margarida, bem como com as comunidades indígenas.

Na narrativa de Ninfa Avelar, que veio do Paraguai e se naturalizou brasileira, aos doze anos de idade, é possível dimensionar as condições em que se encontravam as famílias paraguaias que vinham trabalhar e morar em Porto Quebracho. Na maioria dos casos, eram famílias numerosas, em que os filhos, desde a mais tenra infância, trabalhavam com os pais, seja na fábrica do tanino auxiliando nas mais diversas atividades, seja lavando roupas na barranca do rio ou, ainda, cuidando dos irmãos mais novos. Ela diz:

Vim com um ano de idade do Paraguai pra Porto Quebracho (...) tinha que lavar roupa, tinha que fazer muita coisa, eu tive 12 irmãos sabe, na época, tudo escadinha e eu era a mais velha da turma e tinha que ajudar a minha mãe. Então eu não tinha tempo, então eu estudava só de madrugada, três hora tava eu deitada com o lampião na cabeceira da cama estudando (...) nós estudávamos a luz de vela, lamparina, lampião, a gente as vez ia pra escola cedo, com o nariz tudo preto, sabe, do lampião porque a gente estudava das três as seis que os pais obrigava a gente a estudar porque de dia a gente não tinha tempo.⁶³

Essas informações também constam na narrativa de Artêmio Sanchez, um dos estudantes que prestou a prova, juntamente com Ninfa Avelar, para admissão ao ginásio.

Meu primeiro trabalho foi no carro alça-prima, eu fui carreiro. Acordava às três da manhã pra começar a trabalhar as quatro, fazia o quebra torto as oito e oito e meia tomava tererê. Às três horas da tarde recolhia tudo no alojamento. E a noite eu estudava com lamparina de carbureto.⁶⁴

No término das atividades com o tanino, em meados da década de 1970, a cidade vivenciava momentos áureos, conforme as narrativas. No relato de Lidia Fernandes, havia, na cidade, 16 lojas de tecidos, de roupas para festas, porque aconteciam muitos bailes e tinha também o cinema, que funcionava com gerador e depois com energia elétrica, lugar em que “todas as gentes iam bem vestidas.”⁶⁵ Havia 09 alfaiatarias, torrefação e moagem de café, muitos investimentos “de fora” em fazendas de gado, sem contar os investimentos da Florestal.

Os desfiles e eventos cívicos aconteciam em frente à prefeitura, às margens do rio Paraguai. No relato de Luiz Augusto Miranda Codorniz, ex-prefeito da cidade, conhecido como “Seo Luluca”, é possível identificar tal fato:

Em frente à prefeitura tinha um muro a uma distancia de mais ou menos 5 metros da escadaria, não tinha palanque, as autoridades ficavam ali na escada e tinha a parada militar e também os desfiles cívicos. Com a erosão a distancia do muro pro rio foi diminuindo a cada ano e com a enchente acabou tudo... Sempre depois do desfile era servido um coquetel para as autoridades, fui muito, era o prefeito e depois vice. Tudo que era festa começava ali.⁶⁶

⁶³ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁴ Artemio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁵ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁶ Luiz Augusto Miranda Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

O quadro apresentado pelos moradores, para o período de 1960-1980, é de uma pequena cidade onde a população cultuava, no seu cotidiano, os mais singulares hábitos e costumes. Tinha diante dos olhos uma obra-prima esculpida pela natureza: o Pantanal acalentado pelo rio Paraguai, onde emergiam pontos, ora maiores, ora menores, tracejando suas águas. Eram os navios de empresas estrangeiras que, recebendo subsídios do Governo, mantinham linhas irregulares de navegação entre Corumbá e centros da Bacia Platina. Essas imagens ficaram guardadas na memória dos moradores que, ao longe, avistavam as embarcações que serviam também como ponto de referência quando passavam pelo pequeno porto.

O transporte, desde a implantação da vila e, posteriormente, da cidade Porto Murtinho, configurou-se como fator negativo e de significativas reivindicações dos investidores que por ali passaram. O acesso e o transporte eram prejudicados pelas condições das estradas que consistiam, basicamente, em “carreiros” ou picadas e estradas carroçáveis abertas por boiadeiros na condução do gado para as charqueadas. Em períodos de chuvas intensas, tornavam-se inacessíveis e impediam a circulação de produtos. Em princípios de 1940, já eram reivindicadas estradas, especialmente, a que faria a ligação entre Porto Murtinho e Jardim. Em face da dificuldade de acesso, a região permanecia semi-isolada, contando apenas com o transporte fluvial pelas vias de comunicação do rio Paraguai.

A cidade, na década de 1960 e 1970, é assim descrita por Hipólito Soares:

eu morava lá em Porto Quebracho, a partir de outubro, a seca era grande né. Então aquelas águas do rio Guaicuru, do rio Santa Maria que banhava Quebracho, e banha até hoje, ficava impróprio pra consumo. A gente tinha que ir buscar água lá no rio Paraguai, de Chalana ou então explorando as lagoas, os lagos que tinha no interior da Quebracho, a gente chamava de pirizeiro, pirizal, tomando água lá do campo. Então essa época pra nós era muito dificultoso, por que além do calor, a gente tinha poca água potável pra beber tinha que ir buscar longe. Aqui em Murtinho tinha sempre os carro pipa.⁶⁷

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e, por isso mesmo, é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, e é de grande importância para compreendermos as relações existentes entre os moradores. Elas são interligadas por tênues fios que unem a cidade, a natureza, onde atuam como agentes que organizam e reorganizam o espaço urbano, redirecionam estratégias que atendam aos seus interesses primários, como a subsistência.

⁶⁷ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

2.4 A singularidade de um espaço urbano no Pantanal

A princípio, entende-se que a cidade é um lugar de prática dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria, repleta de valores e práticas pelas quais reivindicam o espaço urbano, o que nos permite dizer que a cidade vai além de um espaço meramente geográfico. A cidade é constituída por limítrofes simbólicos que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas e múltiplas relações. Uma soma considerável de experiências históricas permeia tais categorias que se articulam entre si e se tornam objetos de memórias. Isso posto, “a memória liga-se, decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço-temporal e não apenas a uma incursão no tempo - lugar e memória são indissociáveis.”⁶⁸

Na análise de Pesavento, “a construção de identidades urbanas tem seu acabamento na construção de paisagens, onde o enquadramento do espaço construído com seus elementos referenciais e icônicos se ajusta e se enlaça com o meio natural.”⁶⁹ Dessa forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo, onde os diversos lugares que constituem a cidade são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria, definida pela elaboração e reelaboração dos diversos valores sociais constituídos. Para Carlos, “o modo de vida urbano produz, idéias, valores, conhecimentos, formas de lazer e cultura.”⁷⁰ Representificar uma cidade não consiste na dissociação do tempo e da sua representação no espaço, ou seja,

[...] a cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.⁷¹

Do mesmo modo, Rolnik apresenta a ideia de que, contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade, quando se fala em território: “O território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito”⁷².

A ideia de existência de territórios no espaço urbano é a ideia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como

⁶⁸ CARLOS, A. F. A., *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, 2001, p. 217.

⁶⁹ PESAVENTO, S. J., *História, memória e centralidade urbana*, 2007, p. 2.

⁷⁰ CARLOS, A. F. A., *A cidade*, 1992, p. 26.

⁷¹ PESAVENTO, S. J., *Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço*, 2002, p. 25.

⁷² ROLNIK, R., *História Urbana: História na Cidade?* 1992, p.27.

cartografia das relações sociais e é essa marca que faz o território, ou seja, o território não existe previamente, anteriormente à marca ou ao processo social e coletivo que o produziu.

A cidade é um espaço complexo de relações onde

[...] a descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os micro estímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.⁷³

Essa é uma noção fundamental, a de entender a cidade como um espaço heterogêneo, construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que através de suas lutas cotidianas impõem à cidade um movimento de constante transformação, de apropriação de sentidos.

Toda cidade tem uma multiplicidade de histórias que contempla os mais diversos cenários, as mais diversas memórias. Atores sociais anônimos que, em suas tramas cotidianas, reescrevem as singularidades e peculiaridades dos espaços, agregando um universo simbólico próprio. Atores, como Dona Norma, que contrária às condições a ela impostas aos 14 anos, decide mudar o rumo de sua história. Além de estudar, ela trabalhava e desenvolveu muitas atividades voltadas ao comércio, dentre elas a de cubicar madeira, atividade essa atribuída como “serviço de homem”. Essa mulher, aparentemente muito simples, foi Conselheira Tutelar, funcionária pública responsável pela realização de mutirões de limpeza em muitos bairros, fala fluentemente três línguas, segundo ela mesma conta: “Falo, português, espanhol que é a língua que aprendi com minha mãe (...) aprendi na adolescência o guarani (...) com os trabalhos que eu fiz com os indígenas eu fui aprendendo o caiuí⁷⁴”.

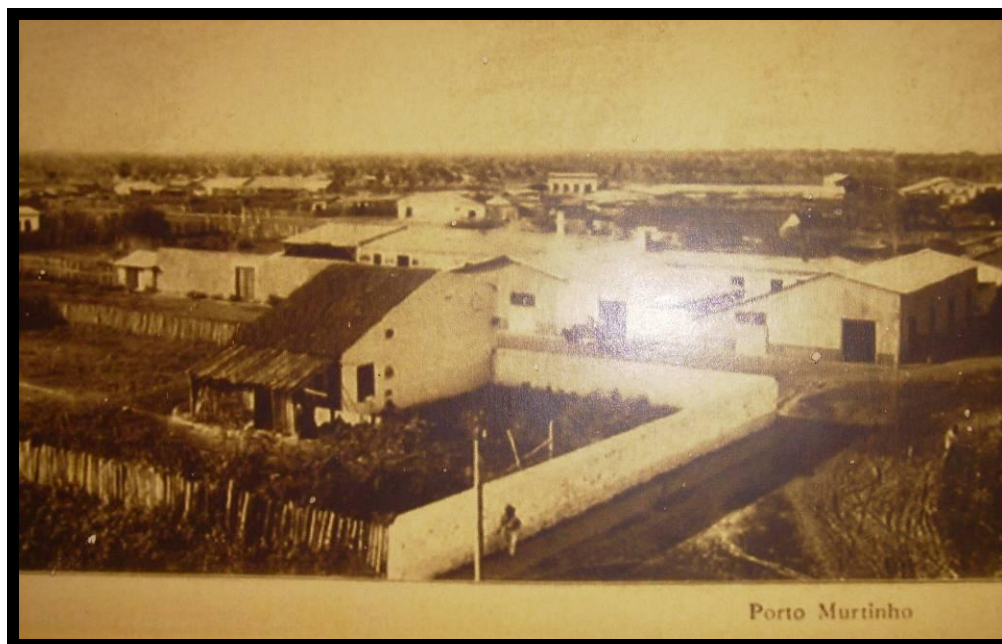
Enquanto fala, sorri satisfeita pelo caminho percorrido, pelos obstáculos que soube desviar para atingir objetivos pautados nas necessidades imediatas, mas, nem por isso, menos valorados. Diz-se ambientalista e, nas suas lutas constantes, defende a preservação do rio Paraguai, devido à grande quantidade de dejetos fecais e lixo deixado pelos barcos de turismo.

Na década de 1960 e 1970 (foto 2) a cidade mantinha o ritmo prosaico da planície pantaneira da qual faz parte. Esse estilo de vida, no entanto, está imbricado com o ritmo da natureza que se apresenta como um elemento distinto que complementa as práticas e as ações dos sujeitos.

⁷³ PESSAVENTO, S. J., *Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano*, 1995, p. 284.

⁷⁴ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

Foto 02 - Vista Parcial de Porto Murinho na década de 1960



Fonte: Arquivo Museu Jaime Aníbal Barrera

A cidade, além da sua materialidade, em conformidade com Pesavento, “é volume, espaço, superfície” e ainda, “é traçado, é espaço construído, é edificação [...]”⁷⁵ É também sensibilidade, isso posto, de acordo com a autora, a cidade é

Construção de um ethos, que implica na atribuição de valores ao que se convencionou chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam; é percepção de emoções e sentimentos, é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade.⁷⁶

Certamente, todos reconhecem que a objetividade absoluta não existe e sabe-se que não conseguiremos dominar essa verdade, mas apenas nos aproximar dela. A verdade da história provém da interface entre os componentes do passado, tal como ele nos chega, através de seus vestígios documentais e do historiador que o reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade. Há, portanto, uma correlação e reciprocidade entre o sujeito e o objeto.

A análise da subjetividade nos impõe uma variável acerca da investigação, ou seja, ainda que esse manancial de experiências, não contemplado pelas fontes tradicionais encontre, na história oral, forte aliado, depende de um fator que lhe é exógeno: a continência e o desejo por parte daquele que se posiciona no lugar da escuta. A postura do entrevistador, nesse ponto, torna-se determinante. É necessária a intervenção silenciosa ou

⁷⁵PESAVENTO, S. J., *Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço*, 2002, p. 24.

⁷⁶Idem, p. 24.

pronunciada do entrevistador, no sentido de estimular o entrevistado a romper o automatismo de seu repertório de experiências.

Sendo um centro urbano e sub-região do Pantanal de Nabileque, Porto Murtinho mantém traços identitários da cultura pantaneira edificada a partir da consciência do grupo.

Não tem como andar depressa, tudo é devagar aqui, tudo é calmo, tudo é tranqüilo. Acho que é por causa desse calor que faz aqui sabe, é uma certa preguiça, que não é preguiça no sentido de vagabundagem. Preguiça no sentido de indolência mesmo, que não tem como você ser, como correr e, se você correr você corre sozinho e o povo fica lá atrás, vai sozinho na frente. Então não adianta, ou você se adapta ao povo e ao jeito de ser do povo ou você fica fora do contexto. Você se adapta aqui tudo é devagar, não tem nada de correria não, é tudo de paciência, como diz o povo daqui, tudo devagarinho.⁷⁷

Faz-se relevante aqui a observação de Schama quando descreve que “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente.”⁷⁸ Essas observações nos permitem apresentar a ideia de que a construção da paisagem é um processo cultural e humano. O que significa que, de acordo com o autor, toda paisagem é cultura antes de ser natureza⁷⁹; um construto da imaginação projetado sobre os elementos que compõem essa paisagem, como, por exemplo, a água na sua ambiguidade.

Cabe, no entanto, reconhecer que quando determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias tornando os símbolos mais reais que seus referentes, tornando-se parte do cenário no qual a cultura atua como elemento norteador. Propomos uma reflexão, baseados na análise de Bachelard, para demonstrar a construção de uma representação sobre o Pantanal:

Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho [...]. A unidade de uma paisagem se oferece como a realização de um sonho muitas vezes sonhado.⁸⁰

Para os moradores, “o Pantanal por si só transmite uma energia, uma paz como eu nunca vi em lugar nenhum do mundo.”⁸¹ Na narrativa de Conceição Montanheri, é possível perceber quão difícil é entender o comportamento das pessoas que visitam o Pantanal. Enquanto proprietária de um hotel, ela enfrenta dificuldades, por vezes, no trato com os turistas, que não percebem o modo de viver, o pulsar cotidiano do local. Para ela, a natureza, o Pantanal em si, com a sinuosidade de seus contornos, atua como aliado.

Eu acredito que melhor que esse Pantanal nosso aqui não tem. E então o que acontece, esse pessoal vem pra cá fala, fala, fala, grita, grita, grita e a gente fica esperando pra eles acalmar e pergunta o que a gente pode fazer

⁷⁷ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁷⁸ SCHAMA, S., *Paisagem e memória*, 1996, p. 17.

⁷⁹ Idem, p. 24.

⁸⁰ BACHELARD, G., *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 05.

⁸¹ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

pra melhorar. E é automática essa questão da calma, de paz aqui. Você nem que queira consegue ficar irritado, ficar estressado, vamos dizer assim, aqui na beira do rio. E não tem lugar nenhum melhor no mundo do que uma beira de rio pra tirar o stress, no meu entendimento. E não tem nenhum rio melhor pra tirar o stress do que o rio Paraguai, do que o meu Pantanal.⁸²

Esse modo de viver tão singularmente traz suas compensações que se configuram na sociabilidade do grupo, da cidade, na interação e na experiência de vida traçada a partir de necessidades básicas. A natureza se apresenta, em alguns momentos, ora como aliada, ora como inoportuna, mas não perde seu encantamento, que está muito distante do fascínio do primeiro olhar daquele que visita o Pantanal. Tal encantamento permeia o real, muito diferente das imagens pré-concebidas pelos folders e pela telinha da TV.

Antigamente era costume por aqui na época de verão, as pessoas dormir no terrero, na frente de casa, no fundo do quintal, botava a cama não tinha ventilador, né. A gente dormia no terreiro. As vez o sono tava tão bom de repente caia chuarada. A gente entrava de qualquer jeito, pegava aqueles colchão feito de capim, as vez o capim se transformava em pó e saía aquele capim caindo, a gente recolhia primero a cama dos pais, ai a gente ia recolhe o da gente. E o duro que muitas vez era cinco hora da manha e não dava mais pra continuar dormindo.⁸³

A mesma observação é feita por Conceição, que relata com saudades um aspecto singular da cidade pantaneira.

Muito mosquito, muito pernilongo, tinha aqui e com o calor isso piorava bastante, não tinha muito como... era comum você ver no quintal das casas, as pessoas colocavam a cama no quintal e amarrava o mosquiteiro nas arvores e dormiam, era fresquinho, era uma delicia dormir no quintal, e como era um cidade pacata que era e que é ainda Porto Murtinho.⁸⁴

Inicialmente, o homem se percebe enquanto sujeito do espaço geográfico. A partir dessa constatação, ele articula formas de viver e pertencer ao espaço, com o qual estabelece vínculos. Delimita ou não esse espaço, moldando-o às suas necessidades, mas não necessariamente é moldado por ele. As mútuas relações são estabelecidas a partir de necessidades intrínsecas e de sobrevivência, seja individual, seja do grupo ao qual pertence. O estabelecer das formas de sociabilidade, implica na organização coletiva que, por sua vez, mantém as características do grupo.

Como não tinha energia, o que se fazia, se sentava nas calçadas, então o vizinho do lado sentava na frente da casa, eu sentava na frente da minha. Todo mundo, toda casa que se prezava tinha um pilha de toalhinha de rosto que distribuía pra visitas quando chegava que era pra bater o mosquito, que era pra fica batendo pra espantar os mosquitos. E ficava conversando da frente de uma casa as pessoas conversavam com aquelas que estavam na

⁸² Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁸³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁸⁴ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

frente da outra, e contavam histórias e falavam, enfim ficava, havia aquele bate papo gostoso que com a vinda do progresso não é, e da televisão e essas coisas, acabou, a gente sente saudade dessa época, (...) Aqueles costumes de o vizinho trocar pratos típicos. Fazia uma sopa paraguaia tinha que levar um pedaço pro outro, pro vizinho, isso existia aqui.⁸⁵

A energia que se tinha era oriunda do gerador da Segunda Companhia. Sua falta é descrita como falta de conforto para uma região com temperatura elevada. A energia era fornecida até às 22 horas e somente o quartel e algumas poucas casas tinham esse benefício. Pela falta de energia, geladeiras, ventiladores e demais eletrodomésticos faziam parte dos objetos de desejo de muitos moradores. No entanto, esse modo de vida, pautado na tranquilidade, vinha ao encontro das expectativas de muitos moradores.

Aqui em Murtinho, era um lugarzinho bem pequeno, mas ou menos 3 mil e poucos habitantes aqui na cidade. No interior todo, tinha uns 6 mil no total, onde todo mundo se conhecia (...) Era uma fábrica de tanino, muitos paraguaios aí, e as festas aqui eram muito futebol, baile, carnaval, a gente se criava com pesca, caça. Era uma cidade assim totalmente aberta, a gente vivia feliz tanto aqui quanto lá em Quebracho.⁸⁶

É preciso considerar, igualmente, em conformidade com Nora, que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos.” Sendo equiparada à vida, está em “permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”, mas susceptível aos usos e manipulações, as contínuas deformações e de “longas latências e de repentinas revitalizações.”⁸⁷

A história oral permite o contato com tais memórias e com os sujeitos agentes da história no tempo presente, onde os diferentes interesses entram em conflito para se impor como exclusivos. Onde a descrição do cotidiano da cidade, por seus moradores, por deveras se contradiz, passa por revitalizações, mas mantém seu cerne, primordial para a continuidade e visibilidade do grupo, enquanto agente histórico.

Considerando que possíveis alterações no ambiente repercutem na memória dos indivíduos, por dissociá-lo do contexto social em que está imbricado, as narrativas são ricas em detalhes que permitem a compreensão de como os moradores concebem as nuances do espaço do qual fazem parte.

Tem certas coisas, certos costumes que o próprio nome já está dizendo, é costume como é que eu vou chegar de fora e querer que aquele que estava ali se adapte a mim, eu não. Eu é que tenho que me adaptar ao que já existia. Porque a natureza, o Pantanal chama pra que a gente seja tranquilo, pra que a gente faça as coisas devagar, com calma.⁸⁸

⁸⁵ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

⁸⁶ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁸⁷ NORA, P., *Entre memória e História. A problemática dos lugares*, 1993, p. 9.

⁸⁸ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

Ao apresentar que, no “conjunto das características culturais pantaneiras”, a oralidade figura como especial, como um “traço cultural”, Leite analisa que ela, “quando tratada sob a ótica da pesquisa, revela a riqueza de seu conteúdo.” Ainda de acordo com o autor, esse traço, quando não aparece enquanto objeto de pesquisas, “pelo menos como componente articulador de representações e informações a respeito da relação homem e natureza no Pantanal.”⁸⁹

Para Antonio Carlos, popularmente conhecido pela alcunha de “seu Toninho”, o hábito de tomar tereré é muito criticado; no entanto, para ele, é um costume típico da região e está relacionado à sociabilidade do grupo e ao clima quente da planície pantaneira. A troca de informações que são deveras úteis para a sobrevivência de muitos, segundo ele, se dá na roda de tereré, muitos causos que fazem parte da vida dos pantaneiros, chalaneiros e pescadores são contados nessas rodas. Ele compara o hábito do tereré ao café que faz parte do dia-a-dia de muitos brasileiros, especialmente dos paulistanos. Para ele,

O tereré, é o costume da região, é o costume do povo daqui. Como você vai chegar e vai implicar com o povo. É comum a gente ouvir dizer por que ... que não toma água de uma vez, que é mais rápido, fica ai sentado nessa rodinha demorando toda a vida pra tomar um tereré.⁹⁰

Retomamos a análise de Pesavento, salientando que, se a cidade é materialidade, como descrito anteriormente, ela também é sociabilidade. Trata-se aqui de apresentar que “comporta atores sociais, relações sociais, personagens, grupos, classes, praticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.”⁹¹ A cidade é um constante pulsar de vidas, acontecimentos e transformações que atuam para o cumprimento pleno da noção do habitar.

Seguida da sociabilidade, vem a sensibilidade. Assim, a “cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano.”⁹² Atribuição de sentidos e significados que promove. Um processo de elaboração mental, significação de espaços que são materializados pelas memórias.

Ao apontar a necessidade de buscar e interrogar os “deuses da cidade”, Calvino sugere que devemos aguçar nosso olhar e buscar os elementos que distinguem as cidades entre si. Cabe ao viajante, a sensibilidade de decifrar seus códigos, seus símbolos, sua singularidade. Ao historiador cabe analisar que “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a

⁸⁹ LEITE, E. F., *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*, 2005, p. 179.

⁹⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹¹ PESAVENTO, S. J., *Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*, 2007, p. 14.

⁹² Idem, p.14.

cidade comece a existir.”⁹³ Toda cidade tem uma multiplicidade de histórias que contemplam os mais diversos cenários, abarcando os mais diversos símbolos.

O cinema que nos tínhamos aqui eu acho que era o único também no país, acho que era o único que você podia, tinha dois ambientes: o pumo que a gente chamava na época, as poltronas com almofadas, é você vê no frio eles te serviam chocolate quente, podia fumar, chá, serviam chá, podia fumar no cinema. No verão serviam sorvete, refrigerante, chá gelado, então era diferente também, eu não me lembro, eu não conheço nenhum outro lugar nos cinemas do Brasil onde era assim, então o nosso era. São coisas que era a particularidades daqui da região, só da nossa cidade.⁹⁴

Variáveis que se agregam, se completam no mosaico urbano, agregando um imaginário que delinea o visível, na sua representação. Fragmentos de memórias que são, cuidadosamente, lapidados pelo presente que permite um movimento dinâmico e de constantes transformações da imagem posta diante dos olhos dos passantes. A narrativa que segue é acompanhada de gestos e movimentos que rebuscam na memória o cheiro, os movimentos, as cores, o som. Tudo acompanhado de uma minuciosa descrição de detalhes que marcaram uma época áurea da cidade, mas ao mesmo tempo contempla aspectos pitorescos do cotidiano da população.

Cansamos de vir a baile aqui em Porto Murtinho com Cassino de Sevilha e orquestras famosas do Brasil que vinham tocar aqui. Bailes maravilhosos, bem elaborados, onde a gente tinha que usar vestido longo e os homens terno. A gente se vestia de gala mesmo. E era assim o povo era bem vestido, era bem arrumado e elegante e bem arrumado o povo daqui. Ah, detalhe: nos bailes que a gente vinha uma das coisas boas na época, todo mundo levava pra festa, pro baile, pro salão é farofa de frango essas coisas, então não tinha lanchonete, salgadinho essas coisas, ninguém comprava. E lá pelas tantas, lá pela madrugada, pela meia noite por ai, uma hora da manha, você começava a sentir aquele cheiro delicioso de farofa de frango, uma maravilha. E as famílias trocavam, cada um oferecia, eu adorava aquilo, coisa deliciosa, olha ninguém vai fazer nunca mais farofa tão gostosa quanto aquela que a gente comia nos bailes.⁹⁵

Se considerarmos, de acordo com Bosi, que a memória, quando coletiva, produz interferências mesmo nos sonhos que classificamos aqui como sendo individual, percebemos que, nesse caso, o “instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem.”⁹⁶ Na análise da autora tal afirmação está alicerçado no fato de que “ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.”⁹⁷

Nessa perspectiva, toda entrevista em si vem carregada de “códigos” que se apresentam de várias maneiras e cabe ao pesquisador,

⁹³ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p. 25.

⁹⁴ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ BOSI, E., *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, 1994, p. 56.

⁹⁷ Idem, p. 56.

reconhecer que a narrativa oral possui um conjunto paralelo de acessórios e complementos. Gestos, olhares, ambientes, expressões faciais fazem parte do que o entrevistado narra e, ao mesmo tempo, esses componentes trabalham para garantir o êxito da narrativa.⁹⁸

Em entrevista concedida para a Revista de História da Biblioteca Nacional, o autor de *Paisagem e Memória*, Simon Schama, ao ser indagado sobre o prazer pela narração que marca praticamente todos os seus trabalhos, dá a seguinte resposta:

É até mais do que isso. Acho que parte desse prazer vem da descoberta, encontrar e tornar visíveis pessoas menos conhecidas. É como se entrássemos numa festa e nos apaixonássemos pela pessoa mais tímida, pela mais calma, pela mais velha, ou pela mais oculta. Então, a narração se abre às histórias de outras pessoas, ao modo como elas mesmas se apresentam no tempo e no espaço e querem que outros as conheçam.⁹⁹

Aquele que está diante do pesquisador está ali se revelando, ou seja, está expondo a sua identidade, a sua história, que contém fragmentos ou o todo de suas experiências vividas, que, para ele, constituem-se na sua memória. O que ocorre é uma seleção de fatos, detalhes e acréscimos que contribuem para a continuidade dessa memória. Enquadramentos demarcados que transferem para o presente as imagens do passado, estabelecendo uma sincronia entre o tempo vivido e o presente, possibilitando a cidade viver seus mitos, ideais e práticas do fazer-se cidade, de trazer os sujeitos para esse enquadramento como partícipes a partir das experiências por ele vividas.

Relevante é considerar que não se trata de um centro urbano típico, em processo contínuo de desenvolvimento da década de 1970, trata-se de uma parcela da planície que abarca os pantanais matogrossenses. As mudanças e transformações ocorriam de forma lenta e gradual e, ainda hoje, se processam revelando facetas interessantes dessas práticas e representações que partilham movimentos de visualidades e subjetividades. Ao fazer a leitura da cidade, Seu Toninho questiona a inserção de elementos modificadores do espaço e das relações de sociabilidade que interferem e integram o seu cotidiano.

Cidade com asfalto, cidade com porto, cidade com indústria o Brasil tem os milhares, é cidade com progresso com televisão, com parabólica com tudo isso ai tem aos milhares, mas Porto Murtinho do jeito que era só tinha uma única no mundo e todo mundo gostava dela. Hoje já uma parte gosta, outra parte detesta, sabe, por que mudou.¹⁰⁰

Falar da cidade, ou do passado de uma cidade, na análise de Pesavento,

[...] implica lidar com vários tempos: o da cidade que se vê e a da que não se vê, oculta e esquecida; o tempo que passa e o que não passa, do qual é resultado o resto que fica para ser mostrado; o tempo da cidade que se

⁹⁸ LEITE, E F., *Narrativas e Imagens: A busca do passado nas palavras e nos gestos*, 2003, p.129.

⁹⁹ Entrevista concedida a Luciano Figueiredo e Lilia Schwarcz. Tradução Norma Medina. Pagando pra ver. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ed. setembro/2009.

¹⁰⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

quer, dos desejos, das utopias perdidas e projetos não realizados, e o da cidade que se tem, resultante de fracassos e vitórias.¹⁰¹

Para a autora, nessa temporalidade, o tempo mais difícil é o do esquecimento, que, soterrando as lembranças, finge não existir e é constantemente revisitado por historiadores que insistentemente indagam seus silêncios em busca de respostas que venham preencher as lacunas do passado, assim, redesenhando uma nova temporalidade.

Nesse redesenhar da cidade de Porto Murtinho, as práticas culturais estão associadas às constantes imigrações de paraguaios. Faz-se pertinente destacar que

O sul-mato-grossense assimilou a cultura paraguaia em vários aspectos: na culinária, a chipa e o tereré e, na música a polca paraguaia e o rasqueado, apesar da proliferação do sentimento anti-guarani, em decorrência da imposição da interpretação que a elite brasileira fizera da guerra contra o país vizinho.¹⁰²

Hábitos e costumes que se revelam no cotidiano, nos afazeres diários, os seus aspectos míticos, culminando com a ideia de um local singular, muito diferente daquele ao qual estamos habituados. Experiências vividas que se perdem no tempo, mas não deixam de existir para aqueles que apreendem o espaço geográfico enquanto um local de cultura, onde muitas tradições se perdem com o tempo. Outras, porém, reconfiguram-se e passam por releituras, por rupturas e se apresentam às novas gerações como continuidades.

A gente tinha tradicionalmente aqui na cidade, festa de São João, tínhamos Festa de São Sebastião, saía Toro Candil, Festa de Nossa Senhora de Imaculada Conceição, que a turma, maioria são paraguaia aqui, chama de Caacupê, né. Saía bonitos bailes, procissões, Toro Candil também, a versão do Bumba meu Boi a moda paraguaia né. Onde eles fazia a armação de bambu recoberto por saco de alinhazo e arrumava uma cabeça de boi assim seco, e cada lugar do chifre eles colocavam um chifre assim embebido em sacos e óleo diesel e acendia aquele chifre. Candil em guarani significa acesso, né, toro acesso seria. Então saía aqueles, aquelas pessoas é mascarada torear o Toro Candil e o público ali assistindo e, as vezes, aquele Toro se desequilibrava e ia no meio do povo, fazia aquele esparramo assim, e assim ia das 9 ate as 11 mais ou menos, depois vinha o baile.¹⁰³

Nas atividades culturais, identificamos os vários elementos que, incorporados, resultam nesse crescente e contínuo processo constitutivo e a capacidade de assimilação por parte da população. Quando nos referimos à população, estão incluídos os cidadãos, os habitantes da Ilha Margarida, Colônia Peralta, Aldeia Bodoquena, Campina, Tamazia e São João. Referenciamos, na arte, a cerâmica produzida pelos Kadiweu, na habilidade dos seus traçados e no conjunto de cores.

¹⁰¹PESAVENTO, S. J., *História, memória e centralidade urbana*, 2007, p. 3.

¹⁰² OLIVEIRA, V. W. N. de., *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)*, 2005, p. 87.

¹⁰³Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

O pantaneiro, junto à população urbana e ribeirinha, difunde as práticas e os costumes, como os “causos”, suas festas, os mitos, as superstições e as lendas que rondam seu universo mítico, como o enterro, o Mala Visión, o Pombero, o Carai Vosá e Lechuza. A história desse povo, constantemente, sofre modificações, mas a sua continuidade, no entanto, é assegurada pela prática da tradição oral que parte do passado pelas experiências vividas e se articula com o presente diante do ajuste com a nova realidade.

Nesse contexto, entendemos que “Porto Murtinho divide seu espaço entre dois povos nas rodas de amigos, paraguaios e brasileiros se confundem, pelas ruas os idiomas se misturam, mesmo assim todos se entendem [...]”¹⁰⁴ Peter Burke aponta para o fato de que “a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente.”¹⁰⁵

Se considerarmos, de acordo com Pollak, que a memória social não se configura apenas como um registro indelével de experiências passadas, percebemos que é uma construção sempre presente que os grupos sociais fazem. Isso significa que ela serve, entre outras coisas, para manter a coerência e a identidade do grupo. Fato evidente, na narrativa de Antonio Barreto.

Baile, música ao natural essa música regional, sanfona. Não tinha nada dessas caixa de som com esses aparatos. Não tinha nada disso, era gostoso, a gente vinha aqui e sentia num outro mundo aquela coisa gostosa, porque não tem outra música mais gostosa de dançar do que a polca, um chamamé. E o povo que vinha de fora também gostava muito.¹⁰⁶

É evidente, portanto, que as memórias partem de experiências comuns e compartilhadas e o fato de como interpretar tais experiências e definir o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado, estão, constantemente, redefinidos.¹⁰⁷

O ritmo de vida da população murtinhense segue como águas, que, delicada ou voluptuosamente, vão abrindo caminhos e deixando suas marcas, estabelecendo seus signos e perfazendo o imaginário local. Talvez o segredo esteja “no modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota.”¹⁰⁸ Quem sabe ainda pela natureza, permeada por imagens mentais que remetem à cultura dos viajantes e aventureiros que viam e descreviam a natureza através de suas metáforas.

Visão essa construída por um encantamento pelo desconhecido, quando a natureza despertava um sentimento de magnificação, como na designação “Mar de Xaraies”.

¹⁰⁴ LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*. Porto Murtinho/MS. 1994. p. 22

¹⁰⁵ BURKE, P., *Hibridismo Cultural*, 2006, p. 91.

¹⁰⁶ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁷ POLLAK, M., *Memória, Esquecimento, Silêncio*, 1989, p. 3-15

¹⁰⁸ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p. 21.

Encantos tais que permearam a construção de uma representação sobre os diversos pantanais, onde a água atua como elemento definidor na composição das imagens. Retornamos a Bachelard, que sugere que “as imagens da água, nós as vivemos ainda, vivemo-las sinteticamente em sua complexidade primordial. Dando-lhes muitas vezes a nossa adesão irracional.”¹⁰⁹

Nesse quebra-cabeças pantaneiro, onde as águas desempenham o papel do tabuleiro de apoio, era muito comum as pessoas chegarem as casas e às fazendas e serem recebidas com cordialidade e hospitalidade. É identificável, nas narrativas, elementos que compõem essa “humanidade”, como muitos falam. Segundo alguns moradores, consistia em receber as pessoas como se as conhecessem de longa data, oferecer o que se tinha de melhor para fazer as honras da casa, que, mesmo simples, separava o melhor para as visitas: “Ah! Isso é próprio do pantaneiro.”¹¹⁰

Esse homem que, por deveras, foi alijado nos textos que mostram os pantanais, tem por eles um amor indelével. Cultua-os em seu aspecto transcendental, sem deixar de lado o agir oportunista no que tange à sua sobrevivência. Nas palavras de Artêmio Sanchez, “então pantaneiro é isso, é audaz. Aparentemente ele é passivo, conformista; não é, ele é audaz. Quietinho, quietinho ele faz as dele, na boa, pra melhor, esse é o pantaneiro.”¹¹¹ E continua, “pantaneiro é isso, paixão, amor, tenência, sabe. Cuidado com as coisas. Ele é manso, mas se for preciso ele vira fera. E a sua relação com a natureza é isso.”¹¹²

Semelhança encontrada na resposta concedida por Valdomiro Lemos para o projeto História e Memória. Quando questionado sobre sua visão do homem pantaneiro, se é um homem valente, é um homem bravo ou ele é um homem calmo, sua resposta foi a seguinte:

Não, o pantanero tem pessoas que acham que o pessoal pantanero são pessoas assim muito bravo, pessoa servage, né? Mas num é. O pantanero são pessoas boa. O pessoar que sabe arrecebê tudo mundo, sabe conversá (...)¹¹³

E prossegue:

(...) que o pessoar são muito bravo que pantanero são muito bravo, ficam parada assim, numa sombra, cada um com um monte de revolve na cintura. Então tem pessoa que já olha pro camarada que tá parado, o camarada pergunta o que tá olhando, se a pessoa responde, ele já atira... Não é assim não (...) Acho que o pirigo é na cidade, né? A cidade é muito forte.¹¹⁴

No Jornal, *Folha da Tarde*, de Corumbá, deparamo-nos com a seguinte manchete “O dinamismo da pecuária é o marco atual do progresso corumbaense” apresenta um breve

¹⁰⁹ BACHELARD, G., *A água e os sonhos; ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 08.

¹¹⁰ Artêmio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹¹¹ Idem

¹¹² Idem.

¹¹³ Valdomiro Lemos. Entrevista em dezembro/1996. Projeto Historia Oral e Memória. Corumbá, MS

¹¹⁴ Idem.

histórico sobre o Pantanal, afastando a ideia de pântano e, o desenvolvimento da pecuária, dos investimentos de serranos e paulistas na pecuária. Mas o que chama a atenção são as consideráveis linhas para traçar o perfil do homem pantaneiro, elemento componente do dinamismo e progresso da região. A descrição está centrada em elementos que exaltam a bravura de uma “raça” moldada por bandeirantes e indígenas que percorriam os vastos campos alagadiços dos pantanais. Para o redator da referida manchete

O pantaneiro de hoje não brotou do húmus fértil das vazantes, nem frutificou do dia para a noite das floradas dos cambarás e piúvas que bordejam nossos corixos e baías. É uma raça moldada no vagar de muitos sois e muitas luas, com sangue de bandeirante a se misturar com Guatós canoieiros, Guaicurus cavaleiros, pacíficos Guanás e belicosos Paiaguás, fundida com sangue dividido com mil mosquitos de caçadores de capivaras e zagaieiros valentes; no cadinho dos entreveiros das emboscadas fluviais em que a zinga e a lança eram a mesma; nos combates de capturas e bandoleiros; ecos e presença de guerra e revoluções com o rebanho tresmalhados pelos cerrados.¹¹⁵

Quando explica que a relação com a natureza não está centrada apenas em interesses, mas também em valores, a ideia, apresentada por Martins, salienta que “em qualquer sociedade, a natureza é fonte de valores e representações intrincados, complexos, contraditórios, que nutrem as artes, as religiões, os mitos, os saberes.”¹¹⁶ O Autor acrescenta que “a natureza é uma construção cultural, concretizada nas concepções de mundo. É também marco da memória e indicador de pertença.”¹¹⁷ Na concepção de natureza pantaneira, muitos elementos são ressignificados e atribuídos como valores para o homem; como observamos acima, não há mera possibilidade do entendimento de elementos humanos e naturais isoladamente, o que denota um processo interativo. Na formação de uma identidade pantaneira, fatores, como a formação dos espaços, figuram entre os fatores decisivos visto que compõem um universo imaginário de grande influência na mobilidade e por conferirem um caráter encantado à natureza.

Nos relatos que obtivemos, através de entrevistas, entre palavras, surgem gestos e ações que nos surpreendem. O fato de chegar a uma fazenda, isso nas décadas de 1960, 1970, e meados dos anos 1980, e mesmo em períodos anteriores, das ditas pessoas antigas, no palavreado local, era impossível sair sem ter desfrutado de uma boa refeição e de uma noite de sono. A satisfação dos donos da casa ficava evidente com a aceitação do convite para o pernoite, caso ocorresse o contrário, seria uma ofensa. Servir o melhor e receber da melhor maneira possível, disponibilizando casa, cavalos, tudo que atendesse a suas necessidades. As camas “com o lençol de saco branco, mas era tão branquinho e

¹¹⁵ *Jornal Folha da Tarde*, 07/12/1973. Corumbá, MS.

¹¹⁶ MARTINS, M. L., *História e Meio Ambiente*, 2007, p. 30.

¹¹⁷ *Idem*, p. 30.

cheiroso”. Era prática comum perfumar os lençóis com talco. A falta de eletricidade era contornada com criatividade e “não tinha água gelada”, mas, em compensação, “tinha maracujá”, que deixava a água saborosa e “matava a sede.” Tinha a “banana madurinha”, que completava o cardápio.

Reminiscências acompanhadas de gestos, do choro, de aromas, de sabores e do olhar perdido, descortinando longínquos horizontes. A nostalgia traz também observações pertinentes à realidade dos pantaneiros. Como na narrativa de Braz Leon ao pontuar que “o pantaneiro não existe mais. O fazendeiro do Pantanal não conhece a cultura do Pantanal, veio de fora, não conhece o lugar.” Ele prossegue destacando aspectos inerentes à cultura pantaneira que se perdeu com o tempo.

Hoje não se come um carreteiro como há uns bons anos atrás. Hoje ninguém trança um laço, não sabe. Antigamente um menino de 7, 9 anos trançava um laço, laçava bem, conhecia o lugar como ninguém, hoje não. Quem faz uma guaiaca hoje? Ninguém. Isso não é ser pantaneiro. Isso é estar só de passagem pelo lugar.¹¹⁸

A lástima está centrada na questão de que muitas propriedades, no Pantanal, hoje, passaram por transformações e, em muitos casos, a população local, os ribeirinhos, os peões são esquecidos.

Costumes que, por vezes, garantiam a sobrevivência das famílias, como, por exemplo, o direito de peão de carrear um novilho para seu sustento e também repartir a carne entre os peões de fazendas vizinhas, o que garantia a carne fresca e evitava o abate desnecessário. É pertinente ressaltar que tal prática era muito comum e, por vezes, assegurava a alimentação da família dos peões que tangiam suas boiadas deixando mulher e filhos. Com um caráter essencialmente híbrido, oriundo da miscigenação, a cultura pantaneira, através de gerações, se esforça em manter vivas diversas características e aspectos singulares herdados das culturas indígena e paraguaia.

Destacamos, aqui, um caráter essencial e estruturante de relações sociais e da relação com a natureza que consiste na lida com o gado, na qual muitas das atividades desenvolvidas adquirem um caráter lúdico e de diferenciação, de identificação, bem como o desenvolvimento de laços de afetividade para com determinadas categorias de animais. Ao descrever essa convivência com animais, Banducci Júnior faz a seguinte observação:

O convívio entre o pantaneiro e os animais domésticos evidencia que, longe de expressar um interesse meramente pragmático, a relação que entre eles se estabelece, baseada no contato diário, na afetividade, no diálogo mútuo, possui uma infinidade de outros significados.¹¹⁹

¹¹⁸ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹¹⁹ BANDUCCI JUNIOR, A., *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representações de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na “Nhecolândia”*, 1995, p. 96.

Voltamos ao ponto da questão, salientando que essa proximidade, acima descrita, não anula, no entanto, a dicotomia entre o homem e o animal. Conforme exposto, anteriormente, o domínio humano sobre a natureza advém de uma necessidade consensual que, por sua vez, está legitimada pela sobrevivência, ou seja, para suprir a necessidade de subsistência. Portanto, mesmo que seja um domínio abrandado por determinados esquemas, como a proibição da morte e o maltrato de alguns animais, a caça, em dias ditos santos, o respeito pelo mundo natural e pelo sobrenatural, esse domínio se reflete na adaptação e constante ressignificação da cultura pantaneira.

Trata-se de uma forma de organização social que se perde com o tempo. Alguns valores de sociabilidade estão sendo suplantados pela comercialização das fazendas que resulta em uma questão relevante, a pertença. Para muitos “os peão que vive aqui, que muito patrão vive em outra cidade, os peão que passa o ano intero a vida inteira nessas fazenda.” Para Braz Leon, “o pantaneiro não existe mais, o fazendeiro do Pantanal não conhece a cultura do Pantanal, veio de fora e não conhece nada do lugar.”¹²⁰ A narrativa de Proença contempla os mesmos aspectos, quando diz que

O pantaneiro se adaptou a essa região. Hoje por exemplo, esse homem tá sumindo né, quase não existe mais, até porque antigamente era muito difícil você sair de uma fazenda pra ir à cidade, não tinha avião, tinha o “teco-teco” ainda, então era bastante, e as pessoas moravam na fazenda, as famílias moravam na fazenda, só saiam da fazenda pra vir comprar os é o que necessitavam aqui em Corumbá e trocar os artigos da fazenda por artigos que necessitavam como sal, açúcar né? E vendiam queijo curado, vendiam o couro de boi, então foi anos e anos de adaptação a essas, essas circunstâncias da natureza, quer dizer o homem pantaneiro foi moldado por essa natureza.¹²¹

Faz-se pertinente recorrer à análise de Leite que, nesse ponto, apresenta o pantaneiro como

um indivíduo que também recebe influencias externas, sendo levado a coexistir com hábitos estranhos ao local [...] Isso faz com que os hábitos simples e rústicos do homem local sejam confrontados com outros estágios culturais geralmente urbanos, momento em que traços como a espontaneidade e o saber empíricos perdem espaço para a tecnologia.¹²²

Encontra-se, na narrativa de Braz Leon, uma preocupação latente com a preservação da cultura local, para ele, “as histórias ficam só com os mais velhos.” A justificativa está pautada no fato de que os jovens têm internet e uma enxurrada de informação que, por vezes, é utilizada para “educar” os pais. No entanto, a preocupação de Proença centra-se na manutenção do tradicionalismo de famílias pioneiras da região. Mas em ambas as narrativas encontramos uma preocupação que se estende para a preservação

¹²⁰ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹²¹ Augusto Cesar Proença. Entrevista em julho/2008. Corumbá, MS.

¹²² LEITE, E. F., *Marchas na História. Comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*, 2003, p. 75.

da tradição oral e dos costumes que, aos poucos, estão se perdendo no tempo. Cuidar, para Braz Leon, está centrado no aspecto da conscientização porque, “se alguém destrói alguma coisa porque não sabe, nós somos culpados porque sabemos e não fazemos nada.”¹²³ A preocupação e a importância dispensada ao meio ambiente pantaneiro está intimamente associado aos ciclos relacionados às enchentes e às vazantes.

Tanto o universo rural ribeirinho, quanto o universo urbano de Porto Murtinho, articula-se de maneira a assegurar a continuidade das atividades locais. Muitos recursos e estratégias eram adotados para compensar as dificuldades que se apresentavam para esse pequeno centro urbano, na orla do Pantanal de Nabileque, banhado capciosamente pelo rio Paraguai. Doar vacas para um leilão, com o intuito de trazer a televisão para a cidade, mutirão para a melhoria habitacional, implantação do conselho tutelar, de escolas, criação de novas frentes de trabalho, quermesses, tudo envolvia as pessoas que se dizem “festeiros por demais”. Para esses, “piada é contada em guarani, é muito mais engraçado que falada em português, ”que dizem ter o dom de contar piadas e “pra falar essas coisas assim engraçadas.” Em conformidade com Dona Norma

É todo mundo. A maioria das pessoas gosta demais de festa. A nossa cultura aqui, nos somos movidos a festa, e gosta de festa, não sei porque, eu não posso ouvi musica e todo mundo é assim, as pessoas gostam de cantá, tocá, tem dom pra isso, tem talento pra canta, não sei se já vem no sangue aqui todo é levado assim pra questão festiva, tudo pra nós aqui se torna festa.¹²⁴

Alegria essa que acompanhava a realização e a concretização de mutirões de limpeza, em bairros, em escolas,

no final acaba com festa, é um bailinho ali a gente monta um palanque lá e vamo lá, na rua mesmo. E as festa religiosas então, levamo no pé da letra, Nossa Senhora de Cacupé aqui com a festa dela é assim, talvez seja a de Nossa Senhora de Nazaré lá de Belém.¹²⁵

A unidade do grupo é plausível, considerando que todos se conheciam. O grupo percebe e reconhece a cidade como uma grande família. Todos ajudavam a todos, todos se divertiam e mantinham a unidade balizada no cotidiano por aspectos convencionados pelo grupo. Vivendo uma temporalidade ímpar que incluía a seca que castigava o Pantanal por mais de uma década. Relatos de queimadas, de falta de água potável, de calor intenso, a penúria do gado atrás de água nas fazendas, é matéria da argamassa para a junção das peças do mosaico pantaneiro.

A estação das secas nos pantanais tem reflexos de maior intensidade na vida dos moradores dessa região. Consiste em fator agravante no que tange às queimadas que se

¹²³ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

¹²⁴ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁵ Idem.

sucedem em muitas fazendas e arredores. A descrição do período das secas é feita pelos moradores, pescadores, chalaneiros de forma mais lúgubre.

O Pantanal depois da enchente foi feio, por que morreu muito animal. Morreu muito capivara. Morreu muito jacaré, morreu vaca, gado. Fazenda passou mal, depois da enchente morreu muito animal. Seca, vem essa seca depois, seco. O Pantanal ficou vazio de água. Esse daí matou muito, muito peixe. Ficamos um tempão, um ano e seis meses sem peixe aqui. Você não conseguia pegar nem piranha depois da seca, né.¹²⁶

Associada a grandes perdas do rebanho bovino e de grandes extensões da vegetação que espalha o fogo como um rastilho de pólvora. As queimadas, por vezes, sacrificam homens e animais, alterando o mosaico imagético pantaneiro. A narrativa, a seguir, dimensiona o fato.

Tragédia triste que houve aqui foi na década de [19]60 mesmo, não de [19]70 (...) aí do lado direito da rodovia e plantaram aquele colônio aí veio uma época de seca, que aquilo tava seco e pegou fogo. Morreu vários empregados deles asfixiados e outros queimados por fogo, aí no campo. Mais ou menos no km 15 ao 19 por aí do lado direito. Um vento muito forte pegou fogo no colônio e os peões que moravam lá pro interior, morreram asfixiados, queimados.¹²⁷

As secas são um agravante no que tange ao turismo. O período é de grandes provações para os pescadores que são, também, condutores de turistas que buscam a pesca no Pantanal. A dificuldade de encontrar peixes, gerando atritos entre os chalaneiros e turistas. Vejamos a narrativa do pescador Antonio Soria, que está centrado na queixa de muitos pescadores da região pantaneira de Porto Murtinho e Corumbá. O período ao qual se refere é logo após a enchente de 1982.

Ichi Maria! Eu me lembro que naquela época, nois lutava por que vinha turista, vinha turista e não queria nem saber, queria levar peixe e pensava, e pensava. Com a cabeça assim, por que turista fica cobrando você: Ô piloto, me leva onde tem peixe! Me leva onde tem peixe! E você fica preocupado: Onde que vou conseguir esse peixe pra esse cara?¹²⁸

Na sequência da narrativa, é possível verificar a influência das imagens, na escolha do local, pelo turista. As imagens são construídas a partir de uma atividade econômica, no caso, o turismo, atuando como elemento decisivo nas relações entre o turista e a população local.

Ai o dono do barco cansou. Pra ele o turista fica reclamando, isso e isso. Menino! Por que tem esse, fala de Pantanal, fala que tem peixe! Nois viemos pra pega peixe e não pega nada. Reclamação daqui pra lá, até pra ele cansa. Por que eles solta a propaganda de peixe. Tá bom de peixe! Ai vem o turista e vê outra coisa.¹²⁹

¹²⁶ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁷ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁸ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹²⁹ Idem.

Em períodos de estiagem, poços artesianos são perfurados para suprir a necessidade de água para o rebanho bovino e também para a população. As chuvas de 1974 foram intensas em, praticamente, toda a planície pantaneira, afetando consideravelmente a economia pecuarista. O caminho das águas, na enchente de 1974, era acompanhado pelos jornais que sinalizavam a diferença no nível das águas da enchente de 1959 para 1974.¹³⁰ Com base nos índices registrados pelo 6º Distrito Naval, em Ladário, o índice de 1974 é inferior ao registrado em 1959. O alerta estava centrado no deslocamento de um considerável número do rebanho bovino para que não houvesse grandes perdas, em função da disponibilidade do transporte para a movimentação do rebanho para outras fazendas em terras mais altas.

Ao descrever os aspectos da enchente de 1959, o jornal *Folha da Tarde* lança um questionamento no que tange à periodicidade das cheias no Pantanal. Eis parte do teor da manchete que abrange especulações referentes à ação do homem no ecossistema pantaneiro;

Quando na grande cheia de [19]59 comentava-se que esses calamitosos extravasamentos do Paraguai só ocorriam de 50 em 50 anos. Agora estamos preocupados com a repetição do fato apenas 15 anos depois da última. Será isso possível? Não teriam concorrido as alterações provocadas pelo homem na natureza, na geografia para esse fenômeno?¹³¹

Esse foi um dos primeiros sinais de uma enchente que se repetiria uma, duas, três vezes, mudando para sempre um cenário de calmaria, alterando uma paisagem, e a vida dos moradores. Os jornais traziam longas reportagens falando a respeito das chuvas esperadas para o período e a preocupação com a remoção do rebanho bovino nos pantanais. Mas poucas eram as linhas que mostravam a preocupação com o elemento humano, componente do quadro que se delinearía a posteriori.

2.5 A cidade e as águas: o Paraguai espriado tracejando o “mar de xaraies”

No diálogo de Platão, Crítias define o Nilo como um rio “salvador”: suas águas sobem gradativamente, ao contrário das torrentes gregas que despencam das altas montanhas, ameaçando de destruição cidades como Atenas. Essa coerência de comportamento, prossegue Crítias, é a razão essencial pela qual, no Egito, os templos e monumentos se preservaram melhor que em outros lugares; o que faz do Nilo o rio da longevidade, da memória.¹³²

No ciclo das águas, quando o rio Paraguai se espriai, a dimensão pragmática é suplantada pela influência de tais ciclos, no imaginário pantaneiro, contribuindo para a

¹³⁰ *Jornal Folha da Tarde*. 25/04/1974; Corumbá, MS.

¹³¹ *Jornal Folha da Tarde*. 14/02/1974. Corumbá, MS

¹³² SCHAMA, S., *Paisagem e memória*, 1996, p.264.

moldagem de sua visão de mundo. Ao percorrer os espaços inundados, o habitante da planície pantaneira alimenta sensações como as de imersão e diluição do homem no meio em que se encontra, e o despertar de sentimentos de uma mútua integração, de liberdade, da inexistência de limites.

Os ciclos de águas moldam as atividades humanas de maneira que podem ser admiradas e marcadas pelo respeito, enquanto uma demonstração de supremacia da natureza perante o domínio do homem. Para os chalaneiros, as enchentes apresentam um Pantanal “que se perde e se confunde com o céu, não tem limites.”¹³³ São duas dimensões distintas, aqui equiparadas pela perspectiva da pertença nas duas esferas. Novamente, deparamo-nos com a água enquanto elemento que transita pela vida e pela morte, enquanto elemento de renovação e destruição.

Essa admiração está marcada pelo signo da impossibilidade do controle e, ao mesmo tempo, reafirmando a identidade do homem que resiste às condições de um ambiente hostil para muitos, que demonstra um conhecimento profundo dos ciclos das águas e da vastidão dos campos encharcados, que mantém sua mobilidade percorrendo o caminho das águas. Resistência, liberdade, força, beleza e encantamento norteiam as estratégias por ele adotadas para passar pelas enchentes nos Pantanaís nas quais nunca perde a direção. Elementos esses componentes da identidade pantaneira que não permitem a dissociação do conjunto de afinidades e valores, se não estiverem atrelados a referência territorial da região dos pantanaís. Caso isso ocorra, inviabiliza tal compreensão, tendo em vista a interação advinda do homem com o seu meio ambiente, supondo uma relação aparentemente harmônica e de supremacia.

As enchentes no Pantanal já constavam nos relatos dos viajantes desde o Século XVI e despertavam fascínio e repulsa. Mas os primeiros relatos das enchentes em Porto Murtinho datam de 1905 e foram registrados por Rondon, que ali esteve para instalação do posto telegráfico. O governo, na época, estava empenhado em expandir a rede telegráfica nacional.

Com a denominação oficial de “Comissão Rondon”, visava a instalação e expansão de uma rede telegráfica que se iniciava no sul do Estado de Mato Grosso atravessando a noroeste do Estado, atual Rondônia, percorrendo o extremo sudoeste do Amazonas, atual Acre, porém não chegou ao seu destino previsto, que seria Manaus. No entanto, o que se cogitava era a possibilidade do “avanço da República pelos sertões inóspitos, habitados por populações arredias.”¹³⁴ Havia, por parte do governo, urgência em ocupar e dilatar fronteiras

¹³³ Anotações no caderno de campo. Conversa com chalaneiros em Porto Murtinho.

¹³⁴ BANDUCCI JÚNIOR, A., *Turismo cultural e Patrimônio: A memória pantaneira no curso do rio Paraguai*, 2003, p.128.

defendendo a perspectiva positivista civilizatória de progresso que contribuiria para a manutenção da ordem pública. Na análise de Maciel,

A crença no papel transformador da ferrovia e do telégrafo, capazes por si mesmos de povoar e “civilizar” os locais mais ermos e distantes, não era nova e impregnou com frequência o ideário do poder local, ocupando durante longo tempo os estadistas brasileiros desde o império.¹³⁵

Na historiografia, no que concerne à região matogrossense, os termos vazio e sertão são associativos nesse período, denotando pejorativamente incivilização. Encontramos ideia similar em Corrêa, quando apresenta considerações ressaltando que “foi bastante comum o uso dos conceitos desbravamento e vazios territoriais e populacionais, com o intuito de justificar o processo efetivo de ocupação do sertão que ocorreu nesse período.”¹³⁶

A anotação da enchente, em Porto Murtinho, consta no diário de Rondon, dessa forma:

[...] no dia 13 partimos para Porto Murtinho, onde chegamos a 17, com um trajecto de 35 léguas. [...] Esta Villa, não obstante a grande inundação de 1905, que lhe causou aviltados prejuízos e estragos, vai se desenvolvendo regularmente.¹³⁷

As anotações em seu diário relatam a “terrível situação e o desespero” em que o povo se encontrava: “as pessoas se encontravam despreparadas e as ruas completamente inundadas, estando a população sujeita a todo tipo de perigo.”¹³⁸

Os registros das enchentes constam dos relatos dos moradores. Em entrevista com Seu Firmo, um dos nossos entrevistados, ele assinala que

Em 1905 isso aqui era um povoado somente, não era cidade, não era nem vila nada era um povoado, houve uma grande enchente aqui que não se tem noção da medida da altura dessa enchente (...) então se sabe dessa enchente porque o Marechal Rondon estava instalando linhas telegráficas (...) ele tinha um diário e nesse diário consta que ele esteve aqui, que o povoado estava inundado (...).¹³⁹

É possível verificar que, nessa enchente, em 1905, Porto Murtinho era um povoado, não figurava nos registros como vila ou cidade. Portanto, não seria possível ter a noção das proporções, mesmo que aproximadas, da altura das águas. Não se tinha como medir, não tinha aparelhos ou régua de cálculo para medir o nível das águas. Face a tal observação, a descrição a que nos referimos acima, pode conter dados imprecisos, mas perfeitamente aceitáveis e cabíveis, mediante as conjecturas do período.

Outra enchente, datada de 1959, consta nos relatos de alguns moradores mais antigos. É descrita por Firmo Fonseca da seguinte maneira:

¹³⁵ MACIEL, L. A., *A comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: Espaço, telégrafo e civilização*, 1999, p. 169.

¹³⁶ CORRÊA, L. S., *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870-1920*, 1999, p. 92

¹³⁷ ALBUM Graphico do Estado de Matto- Grosso, 1914, p. 400.

¹³⁸ LEON, B., *Porto Murtinho. Nossa Terra, nossa gente, nossa história*, 1999, p. 28.

¹³⁹ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

Em 1959 houve também uma enchente em Murtinho, só que foi meio termo (...) não chegou a 8 m de altura (...) quer dizer não chegou a entrar água na cidade (...) não houve males para a população, apenas receio, medo, mas não chegou de acontecer nada grave ([...]).¹⁴⁰

A enchente de 1959 inundou a cidade, em agosto, o nível das águas chegou a 7,75 m, no entanto, não registramos relatos de deslocamentos. Na cidade, os danos foram significativos, especialmente por ter atingido as fábricas de tanino da região. Outro aspecto gerador de perdas foi a pecuária e também na forma como eram construídas as casas, cujo reboco era argila e, em sua maioria, da madeira do carandá.

A descrição de Ninfa Avelar dessa enchente traz aspectos pitorescos. Aponta-nos para estratégias elaboradas pelo homem, para seu deslocamento em períodos de cheias. Assim, diz ela:

Agora eu me lembro da enchente de [19]59; me lembro muito que eu andava com meu pai de balsa: eles pegava uns pau e amarravam faziam aquela balsa. Sabe, aquela balsa? Juntava tudinho, aqueles pau amarrado e com um pau a gente vivia andando ai pelo mato. E tinha um jirau enorme, e se não me engano aquele jirau tinha mais de 10 metros, escada faziam tudo de pau, tudinho de coisa natural, nada de manda faze, vai comprá, isso não existia na época nada disso.¹⁴¹

A partir de então, em 1979, 1980 e 1982, as enchentes causaram um maior impacto, deixando marcas profundas na cidade e na lembrança da população. Em dezembro de 1978, as autoridades locais sabiam dessa enchente baseados na quantidade de chuva, em Mato Grosso. A defesa civil do Estado, que se encontrava em Porto Murtinho, convoca as autoridades locais e os militares, para uma Reunião no Clube Caiçara, na primeira quinzena de fevereiro de 1979. Assim, é o relato do Senhor Firmo que, na época, fez parte da comissão instalada pela Defesa Civil:

Foi criada a comissão de Defesa Civil do Estado e em fevereiro, na primeira quinzena de fevereiro de [19]79 esteve aqui a Comissão da Defesa Civil com representantes do corpo de bombeiros, com representante da policia militar, da policia civil e o prefeito (...). Esta reunião foi no clube dos caiçaras na primeira quinzena de fevereiro de [19]79 e ali então a Comissão de Defesa Civil do Estado, comunicou a todos nós que realmente a cidade seria tomada pelas águas e... previu mesmo até a altura que esta água chegaria (...) seria de no máximo 9.30m e no mínimo 8.30m então ficou assim o cálculo e realmente atingiu 9,12m foi a enchente.¹⁴²

Formada uma comissão, ela recebe o alerta da defesa civil de que a cidade poderia ser tomada pelas águas. Não localizamos registro público dessa reunião, apenas relatos. Na entrevista com Braz Leon, percebemos o quão significativas foram as perdas de documentos referentes ao período das enchentes, em Porto Murtinho. Ele pontua que

¹⁴⁰ Idem

¹⁴¹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

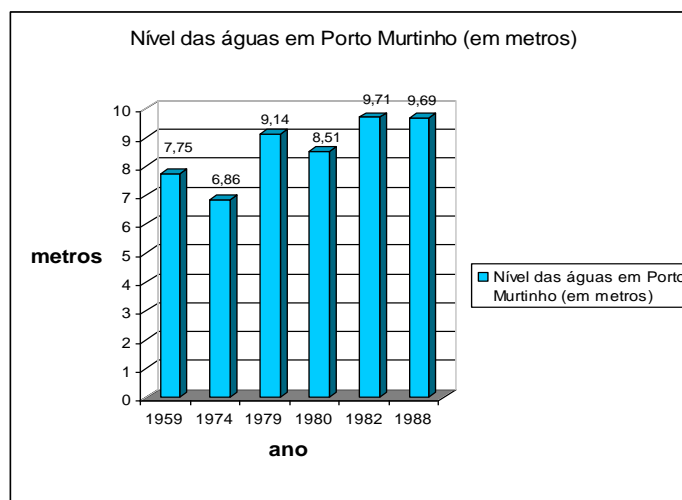
¹⁴² Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

Não se preservou documentos, tudo se perdeu com o tempo. É preciso recuperar isso pra levar para as escolas, até as crianças para que vejam que o povo resistiu as dificuldades. É um povo que merece ser conhecido e, muitos não sabem nada do que aconteceu aqui.¹⁴³

O nível das águas, em 1979, atingiu as populações ribeirinhas e urbana, as quais se utilizam dos jiraus como recurso para “passar” pela enchente. Os jiraus são elevações feitas sobre postes fincados no chão, sobre os quais se assenta um tablado que serve para o resguardo de objetos e pessoas. Esse recurso foi utilizado por muitas famílias por ocasião da ocorrência das enchentes de 1979, 1980 e 1982, e é um mecanismo comum na região pantaneira afetada por inundações.

Nos registros do nível diário das águas, pelo Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, no 6º Distrito Naval em Ladário, verificamos que, em 1959, o nível chega a 7,75 metros, no mês de agosto. A máxima mensal, para agosto, registrada em 1974, foi de 6,86 metros. Para as enchentes de 1979, a máxima mensal foi registrada em junho, atingindo 9,14 metros e, para 1980, o nível máximo registrado, em julho, foi de 8,51 metros. Para 1982, o índice máximo mensal foi em julho com nível de 9,71 metros e, 1988, com máxima mensal, em agosto, de 9,69 m, conforme se verifica no gráfico a seguir. O pico das elevações dos níveis diários das águas ocorre entre junho e agosto, período de frio intenso e muita umidade, o que dificulta ainda mais os deslocamentos.

Gráfico 3 - Nível das águas em Porto Murtinho (1959-1988)



Fonte: Serviço de Sinalização Náutica do Oeste em Ladário (MT/MS)

Muitos não acreditavam que, em 1979, seria uma grande enchente. Sabiam da quantidade de chuva, mas não acreditavam na possibilidade de ocorrer uma grande enchente. Diferentemente do que acontece em regiões que enfrentam inundações, no

¹⁴³ Antonio Braz Leon. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Pantanal, as águas avançam em ritmo lento. Sendo o Rio Paraguai um rio de planície, o volume das águas vai se espalhando pelos pantanais e avançando pelos centros urbanos ao seu entorno, lentamente. Na medida em que as águas avançam, a população se desloca.

Nas enchentes, o rio o Paraguai espalhado espalha suas águas e invade os espaços que o cercam, sem pedir licença, pois sabe que as pessoas que habitam em seu entorno conhecem o ritmo de suas águas. É pertinente destacarmos aqui as palavras do Professor Firmo, quando conta como é o ritmo de crescimento das águas que no

Rio Paraguai é bastante lento por ser um rio de planície a velocidade máxima da água aqui na enchente era em torno de 16 km por hora... de modo que não era uma enchente avassaladora como acontece em outras partes do Brasil e do mundo... aqui a água chegava... chegou lentamente... só no auge no pique da enchente mesmo é que ela subia 10 cm por dia 15... mas de principio subia 2...3 cm.¹⁴⁴

As transformações ambientais, mudanças e estratégias, operadas pelos homens que habitam a região dos pantanais, estão associadas à natureza e ao ritmo das águas. Para Conceição, a água avisa quando vai chegar.

As enchentes daqui não são como as outras que acontecem por ai, no sul, por exemplo, de um dia pro outro você dorme e no outro dia você acorda com tudo boiando, tudo dentro d'água. Aqui não, ela avisa quando vai chegar, e vai chegando de mansinho e sobe 3 cm e sobe mais 5 e sobe 10 e vai dizendo pra gente: olha eu tô chegando; você tá vendo que eu tô vindo! Então ela te dá tempo de se proteger. Ela te dá tempo de você tirar as suas coisas, de fazer e colocar cavalete, colocar madeira, tábua em cima, suspender as suas coisas. Então ninguém perde nada assim, não há perdas, não.¹⁴⁵

Obviamente, ocorrem perdas consideráveis, como, por exemplo, na enchente de 1979, muitos perderam tudo que possuíam. As casas, em sua grande maioria, continham reboco de argila, com o grande volume de água e, no período de 6 (seis) meses, essa argila se dissolveu, causando perda total. Mas, para os moradores, isso acontece e ponto. O importante, para eles, é que todos saiam bem, ilesos, são sobreviventes desse ciclo de águas. Os bens materiais são recuperáveis e refaz-se o ciclo cotidiano no entorno do rio, onde a água figura como elemento onírico e prioritário.

Analisa como uma experiência que é tida como um valor referencial para a sua vida, enquanto homens e mulheres nesse pedaço de chão, constantemente visitado pelas águas. Essa afirmação está contida na narrativa de Dona Norma e é partilhada pela maioria dos entrevistados. Ela nos diz: “é uma experiência única pra nós, acho que a gente tivemos uma aula de sobrevivência, hoje pra nos essas coisas quando a gente vê pela televisão, nos sobrevivemos a esta questão.”¹⁴⁶

¹⁴⁴ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho/MS.

¹⁴⁵ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹⁴⁶ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Foi a enchente de 1979 que levou as águas do Pantanal e Porto Murtinho a ocupar as páginas da Revista *Veja*, que trouxe uma reportagem com um título muito sugestivo referindo-se à enchente: “Dilúvio no Pantanal”, que, de acordo com a reportagem, as cheias acontecem todo ano, mas, no caso, a de 1979, “superou tudo em matéria de cheias no Pantanal nos últimos 59 anos.”¹⁴⁷ Em quatro páginas é descrito desde as dificuldades de vagões da Noroeste em transpor as águas, citando o ilhamento de Corumbá e o desalojamento de dez mil pessoas, em Porto Murtinho, o comparativo da enchente com a ocorrida em 1920, com “proporções diluvianas” onde o rio Paraguai adquire as características de mar. Descreve o deslocamento de homens e do rebanho bovino através dos “boieiros”.

Uma nova reportagem, na mesma edição, tem como título: “Um paraíso ecológico”, e acrescentando“, a maior reserva animal das Américas. Mas já com alguns sinais e devastação.”¹⁴⁸ A descrição parte do estrago deixado pelas águas de verão que contribuem para a reposição da vegetação, acrescentando que “sem as enchentes o Pantanal seria um deserto”. Segue fazendo uma descrição de hábitos e costumes que integram o universo das fazendas, no Pantanal, o contato com bichos e uma ação efetiva contra os coureiros, bem como a necessidade de preservação do bioma pantaneiro. Sinalizamos que é a partir das enchentes da década de 1970 que o Pantanal passa a integrar e ocupar lugar de destaque, na mídia. Constroem-se, a partir de então, representações a cerca do Pantanal. Representações que passam a figurar, na mídia, vendendo a imagem de paraíso ecológico, passível de preservação.

Nas duas reportagens, o Pantanal é apresentado por características edênicas de paraíso ecológico. O termo “dilúvio” remete biblicamente ao renascer depois das águas. Na possibilidade da continuidade, facilmente detectada na reportagem, que enaltece as características fecundas das águas e do mingau de detritos que remete a terra vegetal, no cuidado com a flora e fauna, bem como na necessidade da preservação.

Sobre as enchentes, em Porto Murtinho, a referida edição da revista traz uma reportagem com o título: “A vida provisória”¹⁴⁹, sugerindo a fuga dos moradores da enchente e a invenção de uma nova cidade. A contradição da reportagem está centrada no número de moradores, onde fala do desalojamento de dez mil moradores, porém apresenta o número de seis mil habitantes e, metade desses, ou seja, cerca de três mil habitantes, buscou abrigo nas fazendas e, a outra metade, no alojamento construído pela Defesa Civil.

¹⁴⁷ Arquivo Digital *Revista Veja*. Ed. 562 de 13 de junho de 1979. p. 54-67; 59-60

¹⁴⁸ Arquivo Digital *Revista Veja*. Ed. 562 de 13 de junho de 1979. p. 59-60

¹⁴⁹ *Idem*, p. 63-64.

Faz menção à denominação “cidade de lona”¹⁵⁰, e, também, “nova babilônia”, tendo em vista a presença de paraguaios no local. Descreve o local e o cotidiano das pessoas, a importância da construção do alojamento antes da chegada das águas, levando-se em conta as previsões, das dificuldades previstas no retorno à “semidestruída” Porto Murtinho.

Fato curioso, na reportagem, é que tendo em vista as dificuldades advindas, estava-se buscando um prefeito para a cidade, quando a substituição cabia ao Governador do Estado, considerando que o município integra a faixa de fronteira. Até àquela data, não se tinha encontrado um entusiasta para assumir tal cargo. Sabe-se que o cargo era ocupado por Ildefonso Soares.

O alerta para a cheia de grandes proporções constava no jornal *Diário de Corumbá*, na manchete sobre a ameaça que a cidade de Cáceres enfrentava mediante o elevado nível das águas do rio Paraguai. De acordo com o jornal, a cidade estava em vias de sofrer uma inundação. A elevação do nível das águas se dava pelo “recebimento de grandes massas d’água das bacias do norte e sudeste.”¹⁵¹ O alerta do DNOS era de uma enchente superior a do ano de 1959. Com a persistência das chuvas, sucederam-se as enchentes nos quatro anos seguintes. O *Diário de Corumbá*, de 25 de maio de 1978, trazia uma reportagem com o título “a enchente e suas ameaças” e descrevia a situação que enfrentavam comerciantes das margens do rio Paraguai que tiveram que cerrar as portas de seus estabelecimentos comerciais em virtude da “invasão clandestina das águas.” O Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, em Ladário, indicava 5,24 metros a altura das águas do rio Paraguai para a data do dia anterior. De acordo com a reportagem, o volume de águas era esperado, mas não com tal intensidade. Índícios de uma enchente com volume de águas superior a enchente ocorrida em 1959.

Na manchete de 25 de janeiro de 1979, no *Diário de Corumbá*, apresentava o seguinte título: “Região Pantaneira com muita chuva.” A reportagem aponta as dificuldades do acesso à região, caso se mantenham os níveis de chuvas, incluindo relato do prefeito de Corumbá que sinaliza para o aumento das áreas inundadas no Pantanal e do número de desabrigados. Novamente, encontramos a preocupação com o deslocamento do rebanho bovino como fator principal.

O *Jornal da Manhã* estampava em letras garrafais a manchete: “Pantanal deverá sofrer a maior enchente do século”¹⁵² No decorrer do texto do editor, percebe-se a inquietação no que tange às providências necessárias dos pecuaristas para salvar o rebanho bovino, considerando que vários pontos e acesso as fazendas já se encontravam interditados, a retirada urgente fazia-se necessária para evitar perdas, como as ocorridas na

¹⁵⁰ Como ficou conhecido o local onde foram construídos os alojamentos para os desabrigados das enchentes. Localizavam-se nos km 6,7, 8. Eram barracas de lona preta (1979) e verde (1982).

¹⁵¹ *Jornal Diário de Corumbá*. 01/05/1977, n. 2.274

¹⁵² *Jornal da Manhã*. 08/02/1979. n. 1451, Corumbá, MS

enchente de 1959. O questionamento eloquente no final é dirigido ao governo do Estado, no empenho de salvar o rebanho que constituía os pilares da sua economia. Pragmaticamente, questionamos: e os habitantes da região, por acaso, não se encontravam entre tais preocupações? A resposta, talvez, seja a afirmativa de que o habitante da planície pantaneira conhece os meandros das águas.

As águas da enchente de 1979 atingiram a marca de 9,14 metros, deixando a cidade inundada. As maiores dificuldades estavam centradas no deslocamento da população que não acreditava que seria uma grande enchente, e muitos se recusavam em deixar suas casas e seus pertences. Hipólito Soares, na época, secretário de Administração da Prefeitura, diz que houve, por parte das autoridades, uma preocupação latente, desde a reunião no Clube Caiçara, em fevereiro de 1979, onde a Defesa Civil e autoridades locais trabalham na busca de recursos para a construção do alojamento provisório e um atendimento eficiente no que tange a atendimento médico, vacinas, água potável, alimentação, para os moradores. No período das chuvas, é inverno e a temperatura, no decorrer da noite, cai muito, em função da umidade excessiva. Ele salienta:

Na primeira enchente de [19]79, meu irmão era o prefeito (...). Foi muito difícil por que a prefeitura não tinha quase nenhum recurso e a gente também não acreditava que a cidade fosse enche. Mas quando meu irmão através do Exército e da Marinha fez um vôo pela regiões e viu que a água vinha mesmo, ele saiu de casa em casa avisando pra se preparar que vinha enchente, e a gente lá na prefeitura procurava fazer o possível. Mas o pessoal não acreditaram, tanto é que a água foi entrando devagazinho, devagazinho até o momento que as pessoas assim se apavoravam e queriam sair todas ao mesmo tempo. Eu ficava lá na prefeitura coordenando assim a evacuação da população.¹⁵³

Acontecimentos inusitados marcam suas lembranças. Fatos que ocorreram quando fazia o trabalho de coordenação dos deslocamentos e que enuncia, calmamente. O que nos faz analisar o seu comportamento quando chamado para resolver uma situação como essa.

Tinha amigo meu, que foi lá na prefeitura me pedir pra intervir porque a mulher dele tava xingando muito ele e ela morava lá na entrada pro aeroporto, o lugar mais alto mas ela nunca saía e o pessoal já tinha ido quase tudo embora. Então fui lá no, na entrada da cidade, peguei o caminhão que chegou ali, e fui lá pra tirar ela. Ela tava brigando com o marido direto já queria deixar o marido (risos). A turma desesperava.¹⁵⁴

Por ocasião das enchentes, o então Ministro do Interior, Mário Andreazza, visita “em loco” as áreas atingidas pelas cheias.¹⁵⁵ Estão incluídos, no roteiro da visita, a participação em reunião com uma equipe do DNOS para a exposição dos trabalhos que estão sendo realizados nas regiões atingidas pela enchente. Em Porto Murtinho, que teve toda sua área inundada, a programação do ministro incluía um sobrevoo sobre a “cidade de lona” e uma

¹⁵³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Jornal *O Momento*. Corumbá, MS. 04/08/1979; 03/10/1979; 04/10/1979;

visita, de ônibus, ao local. Reunião com autoridades militares para exposição da situação do município para providências cabíveis por parte do governo. Quando ocorreu a visita do ministro, em 04 de outubro de 1979, as águas estavam baixando, as dificuldades maiores, no período que compreende abril e agosto, já haviam sido superadas e muitas famílias já haviam retornado para suas casas, procedendo um mutirão de limpeza auxiliados pela Defesa Civil. O pico das águas ocorreu em junho e julho, chegando a 9,14 metros. É notório o alarde feito pela imprensa ao tratar da vinda de Mário Andreazza que adiou por três vezes a visita nas regiões alagadas dos pantanais, especialmente, Porto Murtinho, Porto Esperança e Corumbá.

Após o impacto da enchente de 1979, os resíduos desse evento favoreceram uma nova enchente, em 1980, em menores proporções, com níveis registrados de 8,51 metros. É apenas citada pelos narradores como um “trampolim” para o que eles denominam a “maior enchente” que foi a que ocorreu em 1982. Nas suas observações, sobre as enchentes, o senhor Firmo nos diz que

Em 1980 devido ainda o resíduo da enchente de [19]79 no Pantanal com as chuvas do verão de [19]80 houve também uma certa elevação do rio, mas somente uma parte da cidade... a parte sul ... o pessoal foi deslocado na parte sul da cidade... foram... foram agasalhados na... no km 7... mas nem talvez 20% da cidade só que foi incomodada com essas águas de 1980 (...) aí transcorreu tranquilamente [19]80 e [19]81 (...) aí novamente em [19]82 aconteceu um fenômeno maior ainda do que a de 1979.¹⁵⁶

Em agosto de 1981, o então deputado Rubens Figueiró apresenta, na tribuna da Câmara, um pedido ao presidente da república para que retire Porto Murtinho da relação dos municípios declarados como área de interesse de segurança nacional. Um dos aspectos destacados pelo deputado é a resistência e persistência da população frente aos problemas enfrentados e manifesta o desejo dessa população para, através do voto, eleger seu prefeito.¹⁵⁷ Diante do fato apresentado, percebe-se que, mesmo enfrentando as dificuldades impostas pela enchente de 1979 e posterior de 1980, o município se mantém ativo nas mais diversas atividades políticas, econômicas e sociais, o que sugere que as enchentes não são vistas como dramas intermináveis e intransponíveis.

Retornamos ao nosso passeio pelos arquivos e jornais e, novamente, encontramos reportagens que sinalizam para a ocorrência de grandes enchentes nos pantanais, amparados pelas observações de Seu Firmo, que, ao falar da enchente de 1982, inicia frisando “pior do que a de 1979 houve ... foi 60 cm maior do que a enchente de [19]79 a régua foi para 9,72, aproximadamente.”¹⁵⁸ Na ocorrência das cheias de 1982, havia um

¹⁵⁶ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS.

¹⁵⁷ Jornal *O Momento*. Corumbá, MS 26/08/1981. n. 8.480

¹⁵⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

resíduo considerável das enchentes anteriores, ou seja, 1979, 1980 e, com isso, o volume de água atingiu a marca de 9,71 metros. (Gráfico 4)

A população se encontra frente à necessidade do deslocamento. A cidade de Porto Murtinho desaparece sob as águas, restando aos moradores a utilização de barcos para percorrer os espaços que bem conheciam, ainda que eles estivessem embaixo d'água.

A revista *Veja* estampa em suas páginas a reportagem: “Mato Grosso do Sul: uma crise fluvial” e, no sub-título: “Prefeito nomeado vai apoiar dissidente”. Sobre a enchente de Porto Murtinho, inicia classificando-a como “a enchente mais bem organizada já registrada no Brasil”. Na sequência, classifica como a maior enchente dos últimos 100 anos e salienta que, sabedores do volume de águas, as providências adotadas permitiram que tudo fosse devidamente preparado para a chegada das águas. Os números apresentados pela reportagem sugerem a construção de 600 barracas de lona que abrigaram toda a população e também na instalação de serviços essenciais e demais serviços prestados à população. Destaque para o tratamento de água, atendimento médico, aplicação de vacinas e uma quantidade considerável de dezesseis toneladas de alimentos para serem entregues aos desalojados.¹⁵⁹

O foco principal da reportagem, no entanto, foi a crise política entre o prefeito local e o então Governador do Estado, pela ameaça do rompimento de alianças políticas, frente ao fato de que ele não foi recebido pelo governador, por ocasião de sua ida a Campo Grande, em busca de recursos para o atendimento dos desalojados pelas enchentes. O Governador manifesta seu descontentamento e a ameaça de exoneração estava lançada, sendo prefeito nomeado, visto que Porto Murtinho se constituía área de Segurança Nacional. A foto estampada na reportagem traz a seguinte legenda: “Porto Murtinho: a enchente do século e uma crise política, sem vítimas.” Para finalizar a reportagem, retoma a questão do atendimento às vítimas da enchente, salientando situação precária do alojamento bem como o fato de não ter ocorrido nenhuma morte, o que ocasionaria um transtorno, visto que o cemitério estava coberto pelas águas.

Para alguns moradores, a experiência de deslocamento de 1979 possibilitou maior agilidade no atendimento, por parte das autoridades locais e da Defesa Civil, à população que, novamente, se vê abrigada na “Cidade de Lona”. Pela forma como são descritas as experiências vivenciadas por parte dos moradores, voltamos à questão do “alarde” feito pela imprensa ao colocar a população como faminta, desabrigada, mal assistida. Obviamente, os transtornos são grandes, mas, na narrativa de Conceição Montanheri, encontramos a similaridade com as demais narrativas. Ela diz:

Então olha a enchente muito se atribui, muito se, há muita lenda, muito folclore em cima das enchentes e que na verdade não era bem assim.

¹⁵⁹ Acervo Digital *Revista Veja*. Ed. 717 de 02/06/1982

Sabe, a gente, bem eu, posso de falar do que nos sentimos, do que nós vivenciamos mesmo, sabe, não era bem desse jeito. Tinha sim, quando chovia, você vê não era como quando você esta na sua casa.¹⁶⁰

Novamente, deparamo-nos com as particularidades do meio ambiente e das estratégias e recursos utilizados para passar pela enchente. O deslocamento é necessário, então se faz o deslocamento. Agora, segundo alguns moradores, “você também pode ficar e “lamentar, chorar, achar ruim, e fica brava e pragueá, como diz o povo aqui, ou eu posso falar bom, não tem nada que eu possa fazer aqui.”¹⁶¹

A análise da situação está centralizada no fato de que as alternativas dependem unicamente do sujeito que vivencia a experiência.

A enchente tava aí, o rio subiu, não fui eu que fiz, não contribui pra isso, não depende da pessoa humana, não dependeu do povo, isso é um fenômeno da natureza que tá aí. Então você tem duas opções, ou lamenta e chora de se descabelá ou fazer disso uma mudança de rotina, vamos dizer assim da sua vida. Você pode criar um jeito por um período, por um tempo e viver diferente e transformar isso numa maneira gostosa de viver, mais próxima.¹⁶²

A construção do alojamento provisório, os deslocamentos, o atendimento à população transcorrem dentro do planejado pela Defesa Civil. O trabalho de bombeiros, da Marinha, do Exército, é fundamental no acampamento para a distribuição de alimentos, aplicação de vacinas, tratamento de água e da manutenção da ordem no local. Havia um conjunto de fatores que, atrelados, propiciavam condições de permanência no local dentro de uma regularidade possível para a situação emergencial vivida. Muitas famílias se alojaram em barracos construídos em fazendas, bem como foram acolhidos por conhecidos e não ficaram na cidade de Iona, mas, mesmo assim, circulavam pelo espaço, considerando que todos se conheciam, por se tratar de um centro urbano de pequenas proporções.

Em 1988, uma nova enchente inunda a planície pantaneira com níveis de 9,70 metros. A imprensa mostra o Pantanal em toda sua grandeza e magnitude, e ocupa as páginas da *Revista Veja*, na reportagem, “A força das águas: a maior cheia da História prejudica a pecuária, mas beneficia a fauna no Pantanal.” Classifica o Pantanal como um “grande altar da ecologia brasileira”, dizendo que contrariamente ao que acontece em outras regiões que sofrem inundações, no Pantanal, elas são benignas, fertilizando o solo e purificando as águas, assegurando o ambiente para os animais que habitam a região. Faz uma densa e criteriosa descrição dos hábitos de algumas espécies e da dificuldade dessas no período das cheias.

Apresenta um quadro de acontecimentos que permeiam o período das chuvas e suas proporções em termos de volume de água que anda, cerca de 10 km por dia, e leva

¹⁶⁰ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

¹⁶¹ Notas de caderno de campo. Conversa com funcionários do hotel Pantanal em Porto Murtinho.

¹⁶² Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

cinco meses para atingir 1.280 km do pedaço brasileiro do rio Paraguai, atingindo 80 km de uma margem a outra. Quanto a Porto Murtinho, anuncia a chegada das águas em quarenta e cinco dias, salientando a construção do dique de contenção de águas que representa segurança para a cidade, com onze mil habitantes, aproximadamente. Ressalta trechos de entrevistas com moradores da planície pantaneira que retomam a afirmativa de que “a água avisa quando vai chegar” e que “para o pantaneiro o pantanal é viável.”¹⁶³

Assim como nas reportagens anteriores, observa-se o despontar midiático do Pantanal para o turismo. As imagens são de uma fauna exuberante habitando um paraíso de espécies. Pouco se tem dos hábitos e costumes do homem que, segundo a reportagem, são cerca de 250 mil habitantes na planície pantaneira. O esboço de uma representação é habilmente conduzido para atrair novos investimentos, como o turismo. As imagens suplantam as palavras e o homem remodelam o imaginário contemporâneo. Ao invés de uma planície inundável, aflora a imagem de um paraíso ecológico. Amparamos-nos em Bachelard e frisamos que “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade: é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.”¹⁶⁴

A enchente de 1988 veio com volúpia, mas encontrou a sua frente a muralha de proteção, erguida após a enchente de 1982. Essa enchente atingiu a marca de 9,88 metros, na narrativa dos moradores, e 9,69 m, índice registrado. E seria essa, a pior enchente no Pantanal, especialmente para a cidade de Porto Murtinho.

Depois de 1984 quando o dique estava funcionando (...) a cidade estava protegida então houve uma enchente em 1988 essa foi braba também foi pior que a de [19] 82 foi mais alta do que de [19]82 (...) mas a cidade já estava protegida somente as fazenda tiveram maior problema (...) as fazendas tiveram maior problema com deslocamento do gado (...) e segundo informações a enchente de [19]88 deve ter atingido 9,80m , 9,88m por aí ela foi mais alta que a de 1982 mas não (...) a cidade esteve tranquila só com a natural vigilância dos órgãos de segurança, o quartel, o corpo de bombeiros (...) o quartel vigiava dia e noite através de patrulhas vigiava em torno do dique pra que não houvesse qualquer tentativa de alguma coisa (..) seria fatal se houvesse um rombo no dique alguma coisa seria fatal porque realmente estava alto.¹⁶⁵

Após a enchente, assim que as águas começam a baixar, há todo um trabalho em conjunto para a limpeza e reconstrução da cidade. Muitos moradores retornam antes mesmo de a água baixar totalmente e iniciam o trabalho de recuperação de seus imóveis. Mesmo com a possibilidade de um surto de febre amarela, os moradores retomaram as suas moradias e nenhum caso da doença foi registrado. Assim, Dona Norma nos diz:

¹⁶³ Acervo Digital *Revista Veja*. Ed. 1025 de 27/04/1988. p. 62, 63,64

¹⁶⁴ BACHELARD, G., *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1997, p. 18.

¹⁶⁵ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho/MS.

Ninguém ficou doente assim não tivemos nenhuma epidemia, murtinhense nenhum ficou infectado por nada e não tivemos ninguém aqui que tivesse falado: Ah! O fulano morreu de tal coisa, não houve. Teve febre amarela na época todo mundo ficava com medo, e a gente tratava a água daqui mesmo também pra pode tá bebendo esta água daqui, cozinhando, lavando roupa, com essa água daqui mesmo.¹⁶⁶

Muitas casas ficam praticamente destruídas pelo contato prolongado com a água, preservando em seu interior as marcas da água. Linhas representam o signo de um ciclo repetitivo de águas. No entanto, houve a contrapartida de que muitas famílias receberam auxílio do poder público. As narrativas de Dona Norma trazem, no bojo do discurso, as impressões do cotidiano e nelas emergem questionamentos referentes às mais variadas situações. Nesse fragmento de discurso, é possível identificar elementos que valorizam aspectos culturais que, por deveras, são ignorados e/ou não reconhecidos no meio em que se inserem.

Muita gente ficou até, assim até se favoreceu um pouco, porque aquelas pessoas que moravam ribeirinha hoje tem casa aqui na cidade né. O município até apoiou muito, incentivou dando um terreninho, pra cada família, e daí eles tão ali né, construíram sua casinha e trabalham voltados a explorar o rio Paraguai muito na pescaria. Depois disso que começou esta pescaria de fato, as pessoas dos ribeirinhos o que sabia fazer, trouxe a cultura deles aqui dentro na cidade e até hoje a gente tem muito profissional sabe. E que profissional! Que não são assim muito valorizados também.¹⁶⁷

O fechamento das indústrias de tanino na cidade deixou um número elevado de desempregados e, com a chegada das águas, a situação de muitos moradores tendeu a agravar. Para os moradores ribeirinhos e paraguaios foi especialmente mais difícil em função da mão-de-obra oferecida.

Atrelada a esse fato temos também os militares que pediram suas transferências para outras regiões. E, como diz Seu Hipólito, “a cidade ficou assim, um bom tempo com pouca gente.”¹⁶⁸ Dona Norma é mais enfática e diz: “pensando bem Murtinho, já teve várias decadências, e uma das piores decadência que nós temos foi a época da enchente porque muita gente foi e foi pra valer não voltou mais e ficamos aqui só os teimoso”¹⁶⁹

Entre as décadas de 1970 e 1990 acontece um êxodo considerável em Porto Murtinho, especialmente nos períodos que antecedem e sucedem as inundações na cidade. Muitos moradores se ausentaram neste período e não mais retornaram. Fixaram moradia em municípios como Campo Grande, Bela Vista, Jardim, Aquidauna, Dourados, Corumbá. Para muitos este êxodo foi necessário por que as expectativas que a cidade oferecia seriam muito aquém das necessidades imediatas, principalmente na questão do trabalho. O

¹⁶⁶ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho/ MS

¹⁶⁷ Idem

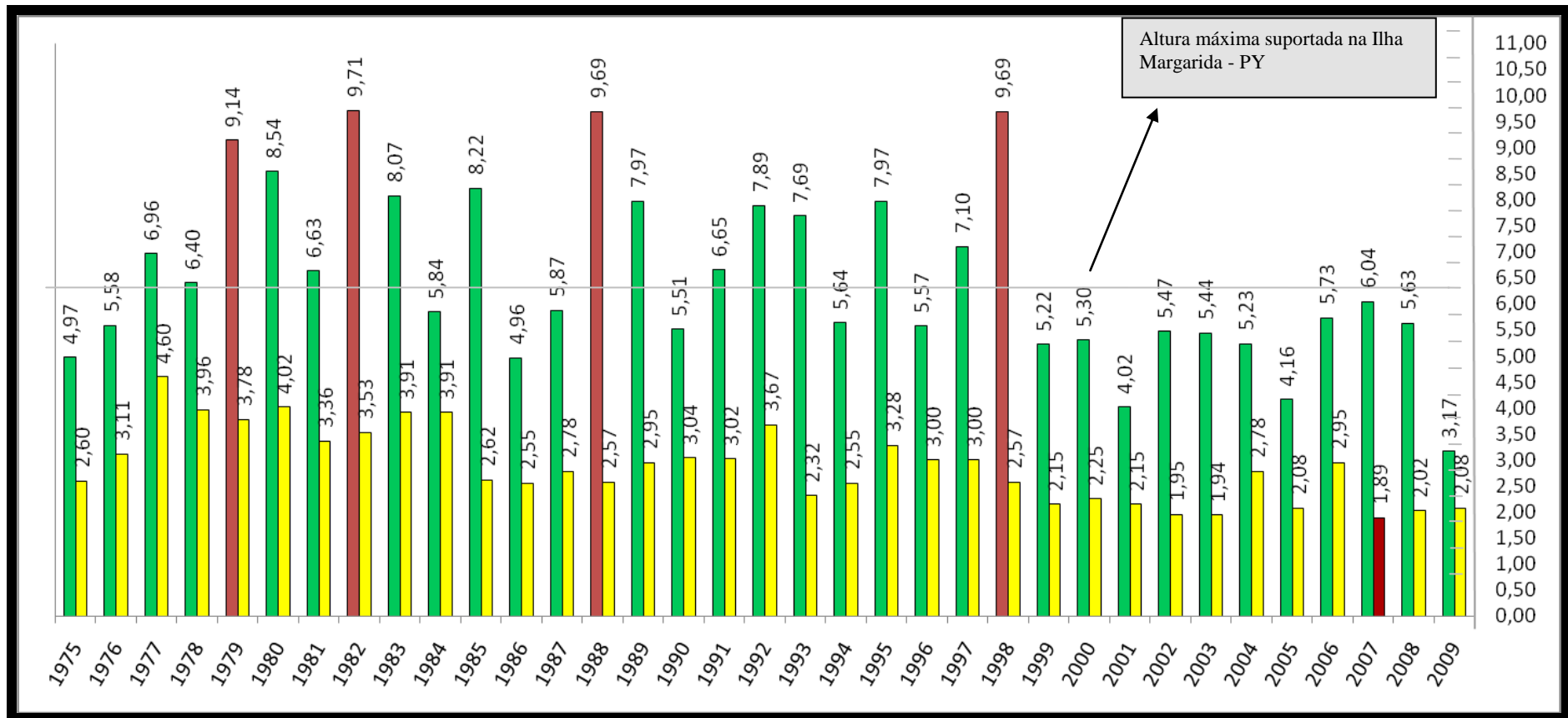
¹⁶⁸ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁶⁹ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

desabafo de Norma encontra ressonância no fato a ocorrência das enchentes e o fechamento das fabricas de tanino, que reduziram o pequeno numero de moradores na pequena cidade de Porto Murinho, que mantém uma oscilação populacional constante.

Gráfico 4 – Histórico do Nível do Rio Paraguai (1975-2009)

DIQUE DE CONTENÇÃO: Após grande enchente, alagando a cidade completamente o Governo Federal iniciou a Construção, entre MAI/82 a FEV/85, com as seguintes dimensões: 11 m de altura, 10,5 km de comprimento e largura: Base inferior: 20 m e Base superior: 16 m. No ano de 1998 foi iniciada a construção da mureta de argamassa, a fim de evitar a erosão provocada pelas águas das chuvas. Outras manutenções foram realizadas nos anos de 1989 e 1992, no entanto a ação da erosão é notória, inclusive noticiada em jornais locais. Atualmente o dique encontra-se em manutenção.



Fonte: Agencia Fluvial de Porto Murtinho, MS.

3 - AS ÁGUAS E A “CIDADE DE LONA”: EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO NA CADÊNCIA DAS ÁGUAS.

3.1 “nesta hora todo mundo é igual, é como no carnaval.”¹

As narrativas sobre a constituição do espaço urbano, e sobre as cheias no Pantanal, suscitaram questionamentos relacionados à forma de como são sentidas e vividas as experiências que vão além do espaço geográfico. Estão contidas na leitura cotidiana dos pormenores desse, espaço, adentrando no universo mítico pantaneiro. Não são apenas as imagens apreendidas pelo olhar que definem os espaços da cidade na tessitura de um diagrama móvel, que ousamos traçar em parte, neste capítulo.

Nos capítulos anteriores, apresentamos o Pantanal, não pela ótica midiática, ou com retoques de requinte por hábeis mãos em folders turísticos. Enquanto historiadores que somos, cautelosamente, acrescentamos algumas peças nesse mosaico de imagens, ou, quem sabe, até mesmo, seguros pela recondução do fio de Ariadne, moldamos novas peças que foram, tanto por nós, quanto pelos demais historiadores, encaixadas em seus devidos espaços historiográficos.

Em conformidade com Albuquerque Junior, somos historiadores, habitantes de uma terceira margem, sendo rio, numa composição de saberes, portanto, “também sorrio, pois a consciência irônica do meu tempo me faz praticar meu ofício como um lugar de desconstrução do rosto sério e sisudo das verdades definitivas e estabelecidas.”²

Retomamos o fio condutor, nos moldes de Kublai Khan, para decifrarmos a “cidade de lona.” Por suas histórias e seus encantos, seremos nós capazes de percorrer sem nos deixar conduzir por velas de enganos? Para Kublai Khan,

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.³

Percorremos as ruas da cidade e a deixamos para trás, à medida que as águas avançam. Chegam de mansinho, avisam que estão chegando. E foi, assim, que a enchente de 1979 encontrou a cidade. Apesar dos constantes alertas das autoridades locais e da Defesa Civil, a população resistiu em deixar suas casas. Deixar seus pertences, suas conquistas, sonhos e medos acreditando que as águas não teriam tamanha voluptuosidade. O encanto das águas vem mesclado pelo medo do desconhecido.

Embora alertados pela Defesa Civil, após a reunião realizada em fevereiro de 1979, no Clube dos Caiçaras, assim que foi detectado a possibilidade de uma enchente com

¹ Nífa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

² ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de., *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*, 2007, p. 35.

³ CALVINO, I., *As cidades Invisíveis*, 2003, p. 46.

índices superiores a das inundações de 1959, pelo Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, no 6º Distrito Naval, em Ladário, muitos se recusavam a deixar suas casas. A resistência a deixar seu lócus pode ser aferida na entrevista de Dona Norma:

murtinhense não sai de sua casa enquanto não pega água dentro de sua casa, não entra dentro do quarto dentro da casa. Ninguém sai! Não adianta falá: amanhã a vai entra água aqui, a senhora tem que sai hoje; só depois que ela vê a água dentro de casa que ela sai!⁴

A Enciclopédia Einaudi traz em sua descrição o conceito de habitação, permeado por questões que ampliam, vão além do aspecto do lugar em que se vive - a casa. Adentram o lugar em que se constroem as relações de sociabilidade que circunscrevem o grau de integração do indivíduo na sociedade, em dada localidade.⁵ No entanto, a casa configura-se no refúgio, onde o homem deposita e encontra parte de sua identidade, representa abrigo e proteção, a personificação de segurança. Estreitas relações unem a moradia, o lar – a casa, a uma organização social estruturada, estabelecida, exprimindo, assim, um tipo de ordem social.⁶ A intimidade estabelecida no interior da casa é intrínseca a seus moradores e, nesse caso, “as paredes, com portas e janelas, são para nós a garantia de autonomia familiar”⁷, constituindo-se em barreiras que, para serem transpostas, suscitam a necessidade do consentimento, ou seja, “constituem, pelo menos assim o cremos, as fronteiras de nossa liberdade absoluta.”⁸

Nesse contexto, o ato de sair de suas casas, implica no abandono dessa liberdade. Sugere a exposição da intimidade a olhares indiscretos, a desestrutura de uma ordem nuclear vigente que garante a convivência dos que a habitam. A exposição da intimidade amedronta e provoca determinadas reações que, na resultante, levam ao limiar do estranhamento entre os próprios elementos do grupo familiar. A resistência em deixar o lócus está intimamente ligada à pressuposição de demasiada exposição a qual não se está habituado.

Ao subir, o nível das águas atinge as populações ribeirinhas e urbanas, as quais se utilizam dos jiraus como recurso para “passar” pela enchente. Os jiraus são elevações feitas sobre postes fincados no chão, sobre os quais se assenta um tablado que servem para o resguardo de objetos e pessoas. Esse recurso foi utilizado por muitas famílias quando na ocorrência das enchentes de 1979, 1980 e 1982, e é um mecanismo comum na região pantaneira afetada por inundações.

Quando na ocorrência das inundações, em 1979, a assistência a Porto Murtinho atendeu à determinação do então governador Marcelo Miranda Soares, que nomeou o chefe

⁴ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵ RAISON, J. P., *Região*, 1985, p. 341.

⁶ Idem, p. 346.

⁷ Idem, p. 349.

⁸ Idem, p. 349.

de Gabinete Militar que iniciou o levantamento da situação do município. A partir desse levantamento, iniciado em abril de 1979, foram elaboradas estratégias para o pronto atendimento á população flagelada. Para a efetivação do levantamento da situação, funcionários do gabinete militar foram enviados á região para verificar *in loco* os problemas mais emergenciais nos locais inundados. A providência prioritária foi o deslocamento populacional e a distribuição de alimentos. A SUDECO destinou recursos no valor de 2,5 milhões de cruzeiros para que o governo do Estado aplicasse, nas localidades inundadas.

A liberação de uma primeira parcela, no valor de 1 milhão e 750 mil cruzeiros, que foram utilizados para a adoção de medidas preventivas e de apoio à população de Porto Murtinho. Estavam incluídos: a construção do acampamento com abrigos de lona a uma distância de 7 km do rio Paraguai, operados pelo exército, Polícia Militar e Secretaria Estadual de Defesa Civil – SEDEC; obras de infra-estrutura no local do acampamento; abastecimento de alimentos, combustível, medicamentos, água potável, instalação de equipamentos de rádio, geradores de energia, atendimento profilático, assistência hospitalar, ambulatorial e odontológica. (foto 3)

Foto 3 - Posto médico e odontológico improvisado pela 2ª Cia de Fronteira em 1979.



Fonte: Arquivo da 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS

À medida que as águas adentram a cidade, a Defesa Civil, através de órgãos e coordenadorias do Estado, do corpo de bombeiros, que se deslocaram de Campo Grande para Porto Murtinho, do exército, da marinha e da prefeitura, procederam à mudança de entidades, como, a exatoria, bancos, da sede da Prefeitura e Câmara municipal e da 2ª Cia de Fronteira. Os alojamentos foram construídos no km 6, 7 e 8, da rodovia, e parte na zona

rural, como as sedes de fazendas que disponibilizaram seus espaços para abrigar tanto as entidades quanto a população.

O quartel foi deslocado para a zona rural de Santa Cruz, local onde ficaram alojadas as famílias dos militares. Na unidade militar, na cidade, ficaram as patrulhas para vigiar o imóvel. Nenhuma entidade permaneceu e materiais perecíveis, como documentos, foram protegidos, no entanto, perderam-se com o tempo, conforme afirma o professor Firmo Luiz Fonseca.⁹

Não obstante, constatamos que muitos dos documentos foram reproduzidos e estão sob a sua guarda. O senhor Firmo Luiz Fonseca foi professor de geografia, é residente na cidade desde 1966. É relevante apontar que, quando, nos questionamentos nos vários locais pesquisados, muitos o classificam como autodidata e todos o indicaram como referência para as informações solicitadas. Para ele, tal condição incute responsabilidade, envaidece. Apresentando todo um cuidado para elencar os fatos sem muita ênfase. Procurando preservar certo distanciamento dos fatos, como forma de manter uma autoridade sobre sua memória, e quando a expõe, é cauteloso e sistemático. Aos 71 anos, após ter vivenciado momentos de angústia, diante das decisões a serem tomadas no tocante às enchentes, enquanto funcionário público, narra os fatos de forma a elencar os aspectos mais formais, como, datas, nome de entidades e autoridades. Não se prende a detalhes, é extremamente coerente no falar, pausado, sem repetição. A partir de sua entrevista, iniciamos a montagem de nossa teia de narradores.

A proximidade da água equivale à proximidade do medo, no entanto, a certeza de que havia um abrigo, possibilitava o retardamento da partida, do abandono necessário, provisório do seu lócus, como veremos adiante. Os moradores buscavam as mais diversas alternativas para o não abandono de seus pertences. Muitos não encontram explicação para tais atitudes, como é o caso de Lidia Fernandes, que nos diz: “Até que eu, eu não sei, eu achava que não ia pegar tudo. Ai até que colocava terra em volta da casa pra ver se não entra. Que nada! Ai não tive jeito, nós tinha que sair daqui.”¹⁰ Ela ri ao expor tal fato, por que hoje analisa, que a terra é facilmente removida pela água e como a correnteza era considerável, não havia explicação para tal atitude. O pico máximo da enchente em 1979, foi registrado em junho com índice de 9,14 metros, momento esse em que toda a população se encontrava no acampamento provisório.

Se, por um lado, as pessoas retardam ao máximo sua saída, consideramos que esse vive na cidade, mas o que ocorre, em essência, é a vivência do indivíduo nos vários espaços que compõem o cenário da cidade. Assim, não terá apenas que abandonar sua casa, seu espaço restrito e particular, e, sim, deixar para trás todo um universo urbano, do

⁹ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

¹⁰ Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

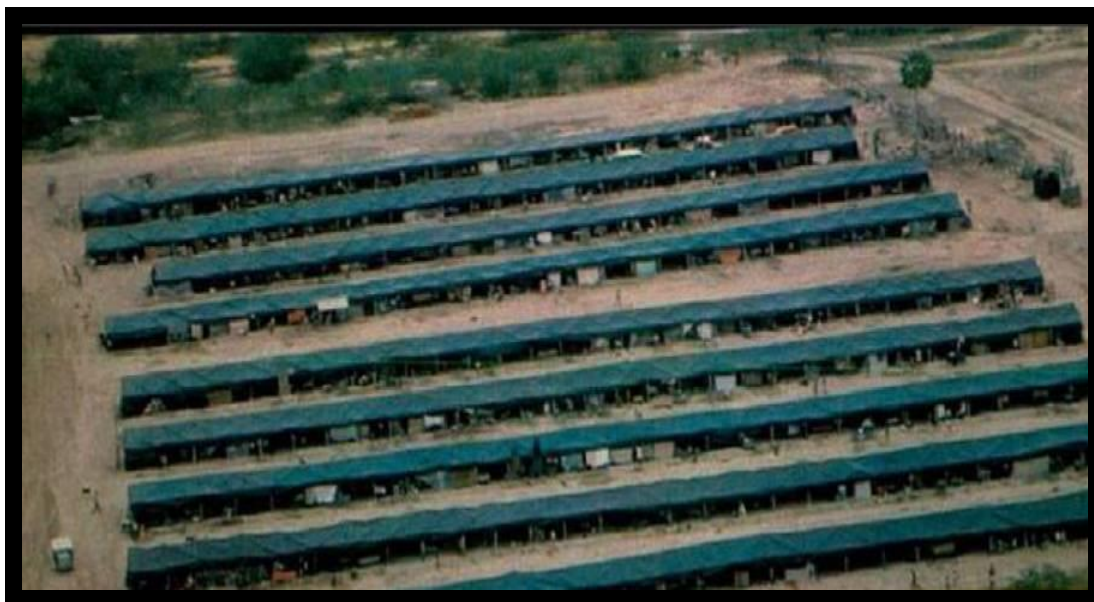
qual é peça integrante, cuja vivência favorece e oportuniza sua interação. O que sinaliza, segundo Carlos, que a “significância marcada pelo lugar onde se desenvolve uma parte significativa da vida, cria os símbolos do reconhecimento; a vida não se realiza suspensa no ar, mas enraizada em um lugar.”¹¹

Nesse contexto, o conjunto urbanístico, permeado por representações e pelo tempo presente da cidade, torna-se detentor tanto dos fatos de seu passado quanto de sua realidade, de sua pretensão de futuro. Como deixar a segurança de suas casas e seguir para um espaço provisório, para um local que não contempla, em seu interior, as lembranças, o cotidiano, o fazer-se cidade? Carlos faz uma análise desse aspecto:

Primeiramente o homem habita e se percebe no mundo a partir de sua casa. [...] a construção do lugar se revela, fundamentalmente, como construção de uma identidade. A memória liga-se, decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço-temporal e não apenas a uma incursão no tempo - lugar e memória são indissociáveis.¹²

Enquanto as águas subiam, eram montadas as barracas no acampamento provisório, que serviria de abrigo para a população por um período aproximado de seis meses. As famílias foram sendo deslocadas e, gradualmente, a cidade foi perdendo seu traçado surgindo, assim, um novo caminho, único, o caminho das águas.

Foto 4 - Cidade de Lona na enchente de 1979.



Fonte: Revista Veja. Ed. 13/junho/1979. Fotos de Pedro Martinelli

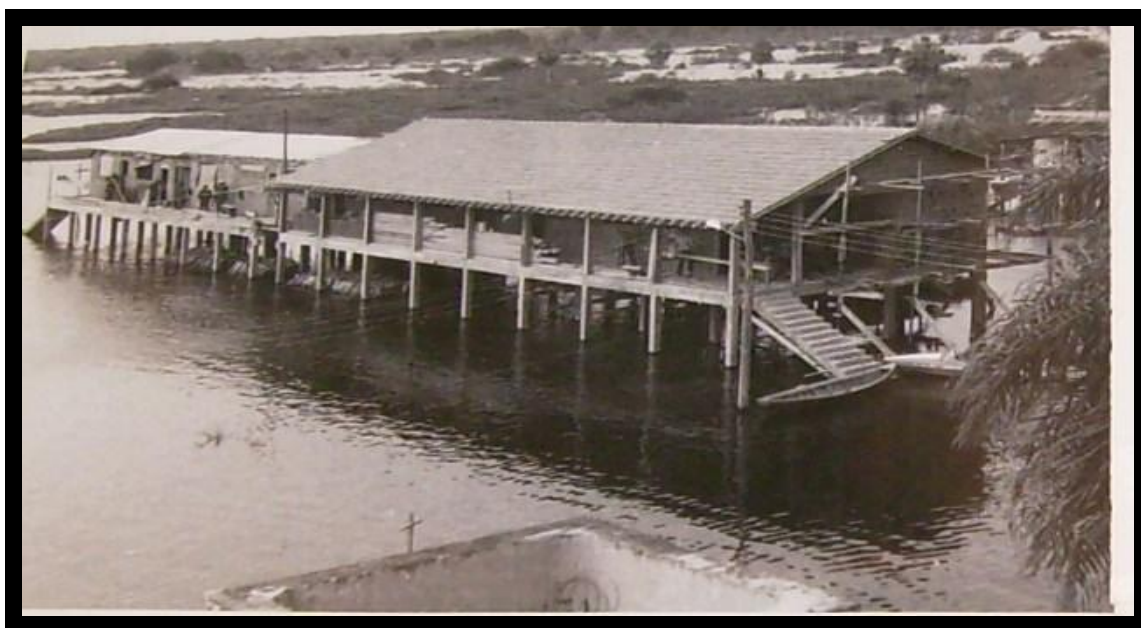
O espaço improvisado (foto 4) é nominado pelos moradores. O abrigo passa a chamar-se “cidade de lona”. As famílias dos militares ficaram abrigadas em local a parte.

¹¹ CARLOS, A. F., *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, 2001, p. 232.

¹² Idem, p. 217

Foram construídos os alojamentos na Fazenda Santa Cruz. A organização interna do alojamento não diferia muito dos alojamentos construídos para os demais moradores. Enquanto os familiares permaneciam abrigados, os militares prestavam serviço contínuo no atendimento aos flagelados. O trabalho dos militares, de acordo com depoimentos, era por deveras fustigante. O atendimento se fazia imediato e a correnteza das águas e o vento constante prejudicava nos deslocamentos.

Foto 5 - Destacamento Barranco Branco da 2ª Cia de Fronteira



Fonte: Arquivo 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS.

Na enchente de 1979, as instalações da 2ª Cia de Fronteira, no destacamento do Barranco Branco (foto 5), foram destruídas pela correnteza e pelo volume de água, toda a cota de armamento ficou debaixo d'água. Os soldados dividiam espaço com os jacarés para tentar recuperar o armamento e evitar maiores danos. Enquanto a água não atingia o nível máximo, muitos soldados moravam no interior dos forros dos pavilhões para tomar conta dos pertences do exército, como armamento e munições.

O caminho das águas vem pelo sul e segue lentamente por um período de três meses, invadindo os espaços e, posteriormente, leva mais três meses para que as águas retomem seus caminhos naturais, formando a vazante. Para os habitantes de Porto Murtinho, esse fato deixou, não apenas marcas nas paredes de suas casas, como, também, marcos de memória cuidadosamente preservados.

Luiz Augusto Codorniz nos diz que

Aqui a enchente vive pela topografia do terreno (...) as águas sobem lentamente e pra baixar também é lentamente. Assim pra tomar toda cidade leva mais ou menos uns três meses aí e pra escoar também uns três

meses. A gente ficou aqui praticamente uns seis, sete meses, com a umidade né e depois que baixou é aquela coisa de restaurar a casa, pintar, secar.¹³

Nesse período de enchente, vivencia-se uma temperatura muito baixa, de frio intenso nas madrugadas, por conta da umidade excessiva e, no decorrer do dia, é extremamente quente. As barracas que, à noite, são o melhor abrigo, tornam-se absurdamente quentes durante o dia.

Essa situação é descrita por Sonia Codorniz, quando retornou de Campo Grande, em julho de 1982, para rever seu pai e familiares que permaneceram na cidade. Ao contar sua experiência no período das enchentes, Sonia Codorniz faz o seguinte relato:

Quando cheguei para ver o meu pai e mãe, na madrugada, muito frio, muita água pra todo lado (...) minhas pernas estavam congeladas. Lembro que pedi informação para um militar, ele não conhecia meu pai, fui ficando apavorada [...] à medida que o dia clareava, aparecia àquelas sombras pretas que aos poucos ficaram uma fila imensa de barracas pretas. Era horrível! Vi meu pai ao lado da BR (...) não acreditei que era ele, sentia tanto medo!¹⁴

Enquanto falava, seu corpo parecia expressar a angústia experimentada naquele momento. O drama ali descrito era tão real, que foi possível, recriar aquela imagem com todos os detalhes e, ao mesmo tempo, perceber quão distante estava aquela situação ali exposta. A experiência, aquilo que foi vivenciado, sofria uma releitura por meio de um ato memorativo. No momento seguinte, quando relatou seus dias na “cidade de lona”, quando já está familiarizada com o ambiente, demonstrou segurança ao falar e, ao concluir, ela “deu de ombros”, como se repetisse um gesto há muito visto, e que agora invadia suas lembranças e fazia parte do vivido:

(...) ao visitar parentes e conhecidos naquelas barracas... as divisórias feitas com guarda-roupas e também com lona... era o que tinha, mas era muito triste... mas as pessoas estavam juntas, uns ajudavam os outros... é por isso que as lembranças não são tão ruins. Todos viviam como era possível, não tinha outro jeito (...)¹⁵

As barracas eram montadas em linhas, e as divisões feitas pelas famílias, seja com lona, seja com os móveis. Cada quarto abrigava uma família. O quadro, ora apresentado, sugere a funcionalidade do espaço. Cada elemento do quadro responde a uma necessidade básica do momento, ou seja, as barracas, a cozinha, a enfermaria, o tratamento de água, são componentes de uma estrutura pensada de forma a atender, se não satisfatoriamente, pelo menos, parcialmente, as necessidades advindas. Para Carlos:

Quanto mais o espaço é funcionalizado, mais é passível de manipulação, limitando-se às possibilidades da apropriação. Nesse processo, o cidadão

¹³ Luiz Augusto Miranda Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

¹⁴ Anotações do caderno de campo. Sonia Codorniz é filha Luiz Augusto Miranda Codorniz. No período das enchentes de 1982, foi mandada pelo pai para Campo Grande.

¹⁵ Idem.

se reduz a condição de usuário, como o ato de habitar se reduz ao de morar.¹⁶

A experiência do deslocamento ocasionou o desconforto. Suscitou a partilha e a solidariedade; para os flagelados, foi uma experiência única. Antonio Candido, quando nos estudos sobre o caipira paulista, em *Os Parceiros do Rio Bonito*, salienta que é preciso considerar que a existência de um grupo social centra-se no equilíbrio entre suas necessidades e os recursos obtidos em seu meio físico. Portanto, a satisfação de tais necessidades supõe soluções adequadas garantindo a eficácia do equilíbrio. Acrescenta, o autor, que “as soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem satisfeitas.”¹⁷

Diante dessa explanação, entendemos que a adequação e a funcionalidade do espaço, pelos flagelados das enchentes, em Porto Murtinho, foi de suma importância para a manutenção da ordem pré-estabelecida, seja de forma explícita ou não. Se considerarmos se as necessidade tem caráter natural e social, percebemos que “as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las.”¹⁸

As formas de solidariedade, quando mencionamos os mutirões realizados, em prol do bem-estar comum da população murtinhense, consistem no elemento central para a convivência na cidade de Iona. Como prática comum da região, manteve a unidade quando na realização das atividades, como: separação e distribuição de agasalhos, preparo de alimentos, no trato com as crianças, no plantio da horta coletiva, na montagem das barracas, na preparação das festas, na limpeza da cidade, após baixarem as águas, na reconstrução das casas, enfim, no atendimento de caráter emergencial requerido em cada caso. Muito embora, o mutirão, nesse caso específico, ganhe novas configurações. Segundo Ayrosa:

O *muchirão* não é propriamente um socorro, um ato de salvação ou um movimento piedoso; é antes um gesto de amizade, um motivo para folgança, uma forma sedutora de cooperação para executar rapidamente um trabalho agrícola.¹⁹

Destarte, a cooperação imediata como garantia de sobrevivência do grupo, pautada em suas necessidades imediatas. Mas não podemos desconsiderar que o convívio grupal não gera apenas a cooperação. Trata-se de dividir não somente os espaços, incluem-se, também, as experiências, os valores individuais, personalidades distintas que,

¹⁶ CARLOS, A. F. A., *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, 2001, p. 220.

¹⁷ CANDIDO, A., *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2001, p. 29.

¹⁸ Idem, p. 29.

¹⁹ AYROSA, P. apud CANDIDO, A., *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2001, p. 92,

consequentemente, são geradoras de conflitos. Percebemos que os conflitos, tanto internos quanto externos, emergiram quando não houve clareza frente à necessidade da convergência de esforços em prol de um resultado comum. A delimitação de um objetivo claro e consistente, permitindo um entendimento cuja soma de resultados convergiria para a unidade do grupo. Dessa forma, os conflitos foram meios dirimentes de divergências, de interesses antagônicos, de pontos de vista conflitantes, confluindo para uma coesão social.

Como uma divergência natural, os conflitos gerados decorreram do convívio, de interesses antagônicos, de atitudes e crenças individuais, das necessidades e valores peculiares ao grupo em que o indivíduo estava inserido.

Os conflitos internos eram comuns, mas a integração do grupo estava centrada em suas necessidades imediatas, pelo fato de estarem flagelados, desalojados de seus lócus.

Cada coisa você vê ali. Sábado e domingo que tem festa, assim briga, discussão. O pessoal joga baralho e daí que dá a briga. Joga baralho e toma e aí começa a briga. Ninguém assim lembra, nesse momento aí lembra da enchente, que tá embaixo da lona. Tudo tranqüilidade tá tocando. Ai um toma o terere dele, o outro toma um mate, e acostuma. Só que é bem diferente que a casa da gente né.²⁰

Exigiu um exercício de tolerância às diferenças, de aceitação, que, no convívio diário, foi estreitando muitos laços de amizade e companheirismo.

Era tudo misturado lá, por que a cidade era pequena mesmo, e todo mundo se conhece, todo mundo são daqui e aquela conversa diária na rodovia (risos). O pessoal se ajuntava e lembrava como é que era, quando foi, o que que aconteceu, e foi assim.²¹

É preciso considerar, em consonância com a análise de Carlos, que “o espaço vai ganhando a dimensão que a vida cotidiana lhe confere, construído pelas ações dos sujeitos.”²² Nas observações de Conceição Montanheri, foi um momento impar para todos. Segundo ela:

A amizade que nós fizemos lá foi fantástica, como tudo como, em outras situações já se pode perceber que é nestas adversidades quando, que a s pessoas mais se unem, sabe, é talvez isso tenha contribuído também pra essa, esse amor, esse calor que a gente tem por Porto Murtinho, pela nossa cidade.²³

Era comum, entre as famílias, o passeio de barco pela cidade, para visualizar a situação de suas casas e de seus pertences, mesmo sob a água. Nesses passeios, era muito comum a “brincadeira do eco”, porque, com a água, escuta-se alguém falar ao longe. E essa comunicação auxiliava na orientação e, por vezes, no resgate de famílias paraguaias que ficavam na Ilha Margarida.

²⁰ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

²¹ Inocêncio Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

²² CARLOS, A.F. A., *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, 2001, p. 235.

²³ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

A minha casa cobriu tudo, então quando a gente vinha. É por que a gente fica com saudade. Aí a gente fala, vamo na cidade vamo vê nossa casa. Aí já alugava uma lancha e nós tinha que vim de lancha ou de bote. E você tem que entrar na sua casa se você sabe nadá. Se você não sabe nadá você se afoga. Aí o que eu fiz. Vinha eu meus filho, meu marido, eu já me jogava la na frente já me jogava na água e vinha nadando. Mas o que eu fiquei com medo de cobra. E não dava pra ver nada que tava cheio de água.²⁴

O ato de deixar suas casas foi um exercício de desapego por deveras praticado. No entanto, um novo elemento adentra ao cotidiano das pessoas: o passeio de barco pela cidade. São muitos os relatos que apontam que esse se tornou um hábito muito comum, no período das enchentes. Mas é interessante observar aqui que, tanto na enchente de 1979 quanto na de 1982, a cidade estava sob a água, e, ainda assim, os moradores mantinham um contato diário com seu lócus, mesmo que submerso. Encontramos, nesse hábito, aspectos de solidariedade para com as pessoas, como vemos nesse fragmento de narrativa: “o que eu tenho guardado é o fato de todas as pessoas se ajudarem, mesmo não se conhecendo”.²⁵

Essa ajuda, por vezes, se configurava em dividir o barco. Tal solidariedade se estendia para com os animais. Muitos moradores, ao encontrarem os animais que se debatiam na correnteza das águas, os auxiliavam, recolhendo-os no barco e deixando-os, posteriormente, em lugares mais elevados, como monchões, nas partes altas que não estavam tomados pelas águas. Na lembrança dos moradores, “o bicho sente o perigo, é como a gente, fica junto, se guarda do perigo.”²⁶ Pela velocidade da correnteza da água e pelos níveis atingidos, a mortandade de animais foi significativa. Para os moradores, foi um momento de tristeza e, na tentativa de ajudar, por vezes, agravavam ainda mais a situação.

Mesmo sabendo que tudo se encontrava sob a água, os moradores vinham constantemente para cidade verificar como estava, se a água estava baixando, o que se perdeu e quando poderiam retornar. O retorno, consistia no fator principal das inquietações. A imensidão da enchente não permitia a exatidão de limites, apenas de referenciais. Seriam esses enquadramentos ora demarcados que transferiam para o presente as imagens do que foi o passado, estabelecendo, assim, uma sincronia entre o vivido e o tempo presente.

E quando tava lá no 6, na época da enchente eu falei assim, vamo lá dá uma olhada na cidade. Viemo de bote lá até aqui. Chegamo aqui, mas quando sai lá no leito do rio, assustei mesmo, fiquei assustado por que não ví a ilha, tava embaixo d'água, aqui virou um mar. E do outro lado na esquina do, da Colônia Peralta, sumiu tudo. Falei: Nossa! de onde veio tanta água assim? E aqui só se andava de chalana pra tudo quanto é lugar.²⁷

²⁴ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

²⁵ Idem.

²⁶ Nilton Abraão. Anotações caderno de campo em abril/2007.

²⁷ Inocência Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

A privação imposta pelas águas suscitou novas estratégias e atitudes que facilitaram na aceitação de determinadas situações que exigiam, por vezes, renúncias, questionamentos que sugeriam novas atitudes, revisão de valores pessoais, de conceitos, até, então, instituídos, estigmatizados socialmente. O ambiente ao qual se está habituado, literalmente desaparece debaixo das águas.

Tem a parte triste, num tinha o costume de morar mal e viver essa vida. Foi uma experiência diferente, e tem o seu lado bom também, uma vejo que não faltou a parte de saúde muito bem atendido, não faltou pra ninguém alimentação, pelo contrario, o Estado inteiro mandou mantimento pra cá, foram distribuído, nos tinha uma cozinha assim coletiva que todo mundo ia almoçar, comer se não quisesse fazer seu almoço. Não tinha condições mesmo de fazer na barraca. E ali iam as pessoas comer, eu não cheguei a fazer isso, mas eu vi muita gente se alimentando dessa forma que foi até sabe, muita gente, ficou bom pra todo mundo, não passa fome. Tivemos a enchentes tivemos que sair da nossa cidade da nossa casa, mas ao mesmo tempo lá ninguém sofreu essa situação. Pelo contrario nos tivemos muita gente ajudando.²⁸

Na ocorrência da enchente de 1979 e 1982, quando houve o deslocamento, além das barracas de lonas construídas pelo Exército e Defesa Civil, havia também casinhas ou barracos improvisados. Carreta de trator, ônibus velho, tudo era utilizado e se transformavam em casas. (foto 6, 7 e 8)

Morei na cidade de lona junto com toda a população, em [19]82. Tínhamos uma, construímos uma casinha de madeira, o Toninho construiu pra nós em cima de, em cima de, como e que a gente chama, de chassis de trator e então fizemos duas casinhas e no meio um assoalho e morávamos numa das casinhas do, da carreta de trator, como essas que o DNER tem, tinha antigamente.²⁹

As pessoas se utilizaram dos recursos que dispunham para construir seu abrigo, seja no acampamento, no km 07 e 08, como nos arredores e interior de algumas fazendas.

Parcos recursos aplicados visavam a melhoria das acomodações diante de uma situação que exigia decisões imediatas, porém, possíveis.

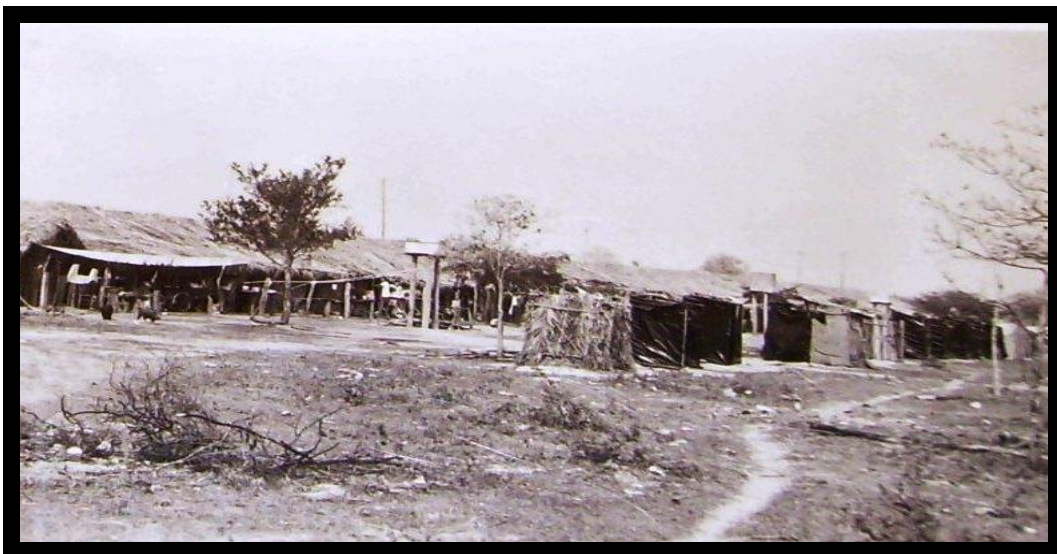
Éramos todos iguais. Não tinha, apesar da minha casa ser, eu dizer que minha casinha era melhor, vamos dizer assim a gente fez junto com o gerente do banco e junto o que tinha de madeira e fez. Mais eu, a gente procurou colocar um vaso de samambaia, uma florzinha, uma coisa assim pra tentar melhorar um pouquinho o ambiente onde a gente vivia. Mas quem vivia na cidade de lona, vivia igual. Nós nos considerávamos iguais, porque não tinha muita diferença, apesar da minha casinha ser de madeira não. Era muito pouca diferença, não tinha muita coisa não, éramos todos iguais.³⁰

²⁸ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

²⁹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁰ Idem.

Foto 6 - Barracos improvisados no km 07 na enchente de 1979



Fonte: Arquivo da 2º Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS

Foto 7 - Barracos improvisados no km 08 na enchente de 1982.



Fonte: Arquivo da 2º Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS

Na tentativa de minimizar a situação a que estava exposta em virtude da enchente, ocorre um fato bastante curioso que envolve a distinção entre o público³¹ e o privado³². Fica latente no fato narrado pela senhora Conceição que, ao deixar sua casa, segundo ela, não quis deixar pra trás seus vasos de samambaia. Ela levou para o acampamento e decorou o que ela chama de “varanda” da casa improvisada em cima da carreta de trator. Segundo

³¹ Que pertence a todos, comum. Sem caráter secreto, manifesto, transparente

³² De caráter pessoal e não expresso em público. Restrito, reservado a quem de direito.

ela, tal fato virou manchete dos jornais, onde se lia que a mulher do secretário de obras da prefeitura enchia de samambaias a casa, enquanto as pessoas padeciam flageladas pela enchente. Fato esse que trouxe constrangimentos e implicações, exigindo muitas explicações. O público e o privado não encontravam a devida distinção no espaço improvisado, em função das enchentes. Não há uma delimitação no que tange à privacidade costumeira de suas casas e o convívio no alojamento, expondo as mazelas e as fragilidades de cada um, de cada família.

Não faltavam reclamações, críticas ao trabalho que estava sendo feito pelas autoridades locais, exército, bombeiros, marinha e outras entidades envolvidas no processo de amenizar e buscar soluções para os problemas que afloravam em demasia, mas que, ainda assim, não exigiam atitudes mais drásticas por parte das autoridades policiais. Mas uma coisa, no entanto, é ressaltada pelos entrevistados, naquele momento, segundo Hipólito Soares, baseado na conversa que teve com uma moradora. Ela aponta que alguns choravam, outros desesperavam chegando a mesma conclusão:

As enchentes serviu para mostrar que não existiam ricos ou pobres, todos eram iguais. Assim me falou uma senhora lá que me reclamou que quebrou a maquina dela. Oh! seu Hipólito, minha máquina quebrou. Baixaram de qualquer jeito, essa gente. Agora uma coisa eu sei, essa enchente igualou tudo nós, não tem rico nem pobre, estamos todos iguais. Nós saímos, eles também tem que sair.³³

Para a família de Simeona Gonzáles Cafure, que atuava como mascate, ou seja, vendia tecidos, confecções e calçados pelas fazendas e áreas ribeirinhas, a casa improviso foi montada em um ônibus velho que abrigava as poucas posses da família.

Foto 8- Moradia improvisada em ônibus - 1982



Fonte: Arquivo pessoal de Simeona Gonzáles

³³ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

No seu relato, verificamos que, para muitas pessoas, assim como para ela, o fato de ter origem em uma família humilde e sendo paraguaios, as dificuldades impostas não diferenciavam em muito das anteriormente vividas. Nesse local improvisado, ela teve um filho. Esse momento faz parte do que ela chama de boas lembranças. Ela salienta que “o povo se ajudou com o pouco que tinha.”³⁴ Comerciante, que era, parava pouco no acampamento, saía para as fazendas e continuava suas vendas, “normalmente”. Levava os filhos, deixava sua “casinha”, e, segundo ela, “ninguém mexia em nada, os vizinhos olhavam.” Quando retornava das fazendas, vendia roupas e calçados na varanda, vendia para receber depois. “Cada um tinha seu dinheirinho”, ela nos diz, porque cada um procurava nas fazendas alguma coisa pra fazer.

E, muitos, buscavam alternativas para se manter sem muita dependência das doações, por que, segundo Simeona, “um pensava no outro, era muitas famílias e muitas crianças.” Essa preocupação também foi apresentada por Lidia Fernandes que, no decorrer do tempo que ficou no alojamento, buscou minimizar sua dependência.

Meu marido ele trabalhava já num posto e montaram lá o posto e ele continua trabalhando. Eu lá em casa fazendo comida pras gente que chega de fora né, Eles pedem comida caseira e eu faço. Aí um pede galinha caipira, ai eu compro e faço, e me pagam e assim a gente vai levando até terminar a enchente.³⁵

Aspecto ressaltado pela maioria dos entrevistados foi na questão da busca por uma alimentação, digamos alternativa. A busca por frutas silvestres, como o coquinho, muito comum na região. A pesca do pacu de outros peixes incrementava o prato diário das famílias. Havia organização na distribuição de alimentos que favorecia a todos. A cozinha coletiva era de responsabilidade de uma equipe que preparava o alimento que era distribuído para todos no alojamento. Essa iniciativa inibia incidentes posto que, nas barracas de lona plástica e agregadas, formando imensas fileiras, qualquer incidente com fogo seria crucial para a segurança do acampamento. Na narrativa de Magna Sanches, ela enfatiza tal fato.

No começo, a primeira enchente, tinha logo como, uma cozinha grande que tinha a cozinheira que cozinhava e nois pegava a comida na vianda né, assim no prato, ai depois na outra enchente dava, mantimento assim pra gente cozinhar na casa. Eles não queria que a gente cozinhasse por que tudo era dessa carpa preta, como a gente fala, lona. Não é lona, é essa lona preta que é perigoso de pegar fogo assim né. Eles não queria que a gente cozinhasse lá.³⁶

Paralelo à alimentação, eram distribuídos agasalhos e medicamentos. Em 1979, a alimentação era preparada e o alimento, *in natura*, era entregue para as famílias que

³⁴ Simeona Gonzáles Cafure. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁵ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁶ Magna Sanches Correia. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

estavam alojadas nas áreas próximas, como fazendas, ou que construíram suas casas improvisadas nos arredores do acampamento. Em 1982, aproximadamente 80% da alimentação eram entregues *in natura*. A experiência do alojamento, em 1979, permitiu que muitas pessoas, e mesmo as autoridades locais, tivessem melhores condições de atender às necessidades da população murtinhense e paraguaios flagelados da ilha Margarida.

Ninfa Ayub salienta

Mas agora eu acho que na época não faltou comida, que a gente recebia tanta coisa, vinha de não sei onde, de Ponta Porã, de Campo Grande, de Dourados, caminhões e caminhões de mantimento, chegava cobertores, remédios né, nós fomos muito bem assistidos, assim o povo foi bem assistido.³⁷

Apenas uma narrativa destoante, das demais, no quesito alimentação. Na entrevista com Conceição Montanheri, peço que relate um fato ocorrido no alojamento que marcou sua experiência na cidade de Iona, ela cita uma cena presenciada que contradiz com as narrativas acima expostas. Ela fecha os olhos como se conseguisse visualizar a imagem que descrevia:

quando você me perguntou a primeira coisa que veio a mente foi uma família pobre que tinha, bem pobrezinha e, pegando água da enxurrada pra cozinhar, e eu fiquei vendo aquilo e eu fui lá olha, o que eles tinham pra comer, o que eles tinham pra cozinhar já que tavam pegando água dali, né, então eram dois ossos que eles pusseram pra ferver ali e uma criança miudinha que era uma coisa, nunca me saiu da cabeça aquilo, sabe, ficou marcado. Eu lembro da mulher direitinho a fisionomia dela, uma criança no colo mais uma porção delas pequenas.³⁸

Em seguida, ela relata uma missa que foi realizada no alojamento em que, no sermão, o padre falou da condição de flagelo na Etiópia, onde as pessoas sequer tinham uma lona que as abrigasse nas intempéries. Segundo ela, isso mexeu muito com o povo porque os fez pensar que, por mais anormal que a situação se apresentasse, eles podiam contar com a solidariedade de muitos. Fala da situação do acampamento e da solidariedade do povo brasileiro que, prontamente, atendeu à solicitação de enviar agasalhos, alimentos e medicamentos para os desalojados.

Lembro da quantidade de caminhões que o país inteiro mandou pra cá, mandava pra cá de roupas, solidariedade né, solidariedade do povo brasileiro, veio caminhões de alimentos, roupas, calçados, agasalhos porque e justamente acontece as cheias na época do frio né, o pico das águas nosso aqui é julho, então é justamente na época do frio. Essas coisas eu me lembro bem. Eu lembro da pipoca, do gosto da pipoca que a gente comia de tarde lá na enchente.³⁹

Lembra que a enchente ocorre no período do inverno, o frio castiga. Questionada, em função da cena por ela descrita, no que se refere à família acima mencionada, visto que havia distribuição de alimentos. Ela, assim, responde:

³⁷ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁸ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁹ Idem

É que não sei se não sabiam utilizar direito. Era uma questão acho mais de cultura do que de falta de alimento. É pessoa menos caprichosa talvez, ou culturalmente falando, talvez menos vamos dizer favorecida né. Talvez não tivesse muita né, eu prefiro crer que era isso, sabe. Porque todo mundo tinha comida, não faltava não. O Brasil inteiro mandou comida pra cá e não faltava o que comer, todo mundo tinha sim.⁴⁰

Para a distribuição de alimentos, agasalhos e medicamentos, inicialmente, é montada uma equipe que compõe a assistência social e que tem a finalidade de fazer um levantamento. O primeiro passo consiste em identificar o número de desabrigados, quantas famílias. Paralelo a isso, é montado um depósito para o qual são encaminhadas as doações recebidas e feita a triagem. O segundo passo é a distribuição de alimentos e agasalhos e, posteriormente, o encaminhamento médico e a distribuição de medicamentos, aplicação de vacinas e implantação de profilaxias preventivas.

O encaminhamento e a organização do alojamento ficavam sob a responsabilidade das autoridades locais, como, por exemplo, a prefeitura, que tinha toda uma estrutura montada de improviso, dessa Equipe de Assistência Social, da Defesa Civil, do exército, marinha, bombeiros.

O trabalho exigia a cooperação e muitos moradores eram requisitados para auxiliar, no entanto, havia a recusa, como na necessidade de se cortar o carandá para construir e reforçar as barracas. Observação, essa, feita por Magna Sanches, quando diz: “nos tinha que, mandava nosso filho pra traze carandá pra apertar a carpa, essa preta, e enche de terra por que quando ventava ele avoava, assobiava assim tirava tudo né.”⁴¹ O vento castigava, à noite, e uma tempestade chegou e mobilizou todo o acampamento, as lonas eram sacudidas pelo vento e se soltavam. Houve a preocupação imediata em atender as crianças e todas foram colocadas em um ônibus e transferidas para a sede de uma fazenda. Muitas mães acompanharam seus filhos e também auxiliavam no trato para com as outras crianças. A velocidade do vento assustou a todos. Em seguida ao vendaval, muita chuva e frio. Os estragos foram grandes e, no dia seguinte, um novo recomeço da cidade improvisada.

Teve um temporal que veio com a enchente (...). As pessoas que moravam passaram muito mal, pegaram as crianças colocaram num ônibus levaram tudo pra uma fazenda ai perto pra poder tirar as crianças dessas situação que tava. E os pais sofreram muito com isso, porque imagina tivessem largado o filho, não sabe aonde que tão levando essas crianças. Sei que é idéia que tiveram os comandantes que tavam ali pra dar apoio e que fizeram isso, mas muita gente ajudou também. A mulherada foram tudo pra lá pra cozinhar e atender essas crianças. Os professores, inclusive os donos de hotéis, todos diz que ajudaram lá pra não deixar as crianças sofrer. Teve assim alguma coisa, as crianças se assustaram um pouco choraram sem os pais, mas ao mesmo tempo, levaram num abrigo mais apropriado pra uma criança. A casa de lona foi tudo pro ar e ate faze tudo de novo e no dia

⁴⁰ Idem

⁴¹ Magna Sanches Correia. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murinho, MS

seguinte depois foram buscar as crianças e não aconteceu nada e ninguém se feriu.⁴²

Nas entrevistas realizadas, percebemos uma participação considerável, significativa da mulher em momentos decisivos no que se refere à família e uma diferenciação no que tange à sua relação com a natureza. São observações minuciosas dos fatos e apontam para resistências em abandonar suas casas, no período das cheias, para instalar a família no acampamento provisório. Essas mulheres têm em suas mãos a vida privada da família e cabe a elas tal decisão. Muitas, no entanto, chegam ao seu limite de resistência. A simples ideia de expor sua privacidade é sinônimo de resistências.

Em se tratando da associação da mulher a elementos da natureza, seu papel é sempre o oposto da força, caracteriza-se como frágil e estática, figurando como o lado negativo. A figura feminina é associada à água estagnada e submissa, passiva.

Muitas das associações são históricas e deterministas. São detentoras de valores estereotipados, construídos histórica e socialmente. Questão essa que, segundo Montysuma,

Tanto as mulheres quanto os homens são verdadeiramente pressionados a suportar a imposição de determinados códigos sociais, como algo que pode até advir de componentes da diferenciação sexual, situados na instância biológica, que como tal é tomada como referência justificadora, mas na verdade são construídos e incorporados pelos sujeitos.⁴³

Em conformidade com o autor, essas concepções são construídas a partir da sexualidade, ao longo de um processo, onde elas se alteram e se modificam. A compreensão e a necessidade de desconstruir tais concepções permitem uma maior interação cultural e de valores. As representações e as práticas cotidianas, tanto podem ser positivas quanto negativas, em se tratando de gênero, que surge como uma construção a partir dessas representações. Portanto, a mulher não poderá apenas ter uma associatividade com a natureza ante o fato de que, “tendo consciência, ela pensa e fala: ela gera, comunica e manipula símbolos, categorias e valores.”⁴⁴

Voltemos, aqui, para a associação da mulher às águas. A passividade contida nessa associatividade não é condizente, frente às narrativas das mulheres e suas experiências no período das águas, em Porto Murtinho. Essas mulheres quebram certas construções estabelecidas historicamente. São portadoras de força diante de uma situação problema e atuam, enquanto elemento modificador, que em nada aponta para a passividade. Ao entrelaçar memórias e intimidades, dão a elas, significados e permitem mediar sua relação com a natureza, mas no sentido de renascimento. No Pantanal, o ciclo das águas é sinal de

⁴² Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁴³ MONTYSUMA, M.F. F., *Gênero e meio ambiente: uma invisibilidade das mulheres na construção da floresta na Amazônia*, 2008, p. 2.

⁴⁴ Idem, p. 2

renovação, reaviva os ecossistemas. A água dá vida, traz a certeza de um período de fartura para a região. O nascimento de um filho, para essas mulheres é, de certa forma, o renascer para a vida, diante de uma situação que exige força e dinamismo.

A presença das mulheres, no período das enchentes, em Porto Murtinho, demonstra a real capacidade que elas têm enquanto partícipes de um espaço complexo e singular de relações que englobam diversos fatores, é o romper dos elos de uma cadeia socialmente articulada. Muitas das mulheres entrevistadas demonstram que as características associadas ao feminino têm a preocupação relevante de manter tais “estereótipos” socialmente construídos. No entanto, muitas dessas mulheres “teimam em andar na contramão”, cientes de suas possibilidades e da capacidade de promover mudanças.

O contato com as mulheres possibilitou uma análise quanto à presença marcante delas no período de 1970-1990, quando ocorreram as enchentes. O momento é de mobilidade e, as mulheres atuaram em várias frentes, mesmo desabrigadas, elas se mantinham atuantes na distribuição e nos preparativos dos alimentos na cozinha coletiva; no cadastramento e seleção das famílias para receberem roupas, calçados e cobertores; no trato com as crianças e na organização das festas que não deixaram de acontecer, mesmo no alojamento. Elas atuam e organizam os espaços, são alvos de querelas e atritos familiares. Essas mulheres têm sua privacidade exposta. Os banhos são coletivos e muitas não estão habituadas a expor o corpo, o que causou inúmeros constrangimentos.

Conhecedoras da natureza, elas eram as responsáveis pelo preparo dos incontáveis chazinhos que ajudaram muita gente a enfrentar as noites frias e úmidas do alojamento. Ficavam sozinhas no alojamento, enquanto os homens saíam em busca de trabalho nas fazendas. Buscavam amparo uma nas outras. Braz Leon faz a seguinte observação, quando fala sobre esse fato: “muitas mulheres começaram a se chamar de comadres, ficavam muito tempo sozinhas.”⁴⁵ Ao estabelecer tais laços de proximidade, procuravam um alento momentâneo para amenizar os desafios aos quais eram expostas cotidianamente.

Norma Meza Pereira narra os fatos que nortearam seu cotidiano no período em que sucedem as enchentes e as dificuldades por ela enfrentadas, por ocasião do nascimento de sua filha.

Esta de [19]82 a gente, é foi muito ruim pra nós. Justamente no dia que entrou água na minha casa que eu tive a Renata, e já o hospital dentro d'água e eu fui fazer uma cirurgia, eu fiz cesárea e ai tive que fazer a laqueadura também e foi muito ruim pra mim, por que imagina você naquela situação você ta dentro d'água os médico de bota fazendo cirurgia em você, dentro d'água, eu descii naquela água pra sair (...) e eu fui morar num barraco, fizeram pra mim um barraquinho lá do lado da casa do meu sogro (...)é difícil, muito difícil, pra gente que não ta acostumada e eu fiquei assim

⁴⁵ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

muito assim, com a situação(...) eu to operada com um bebê ali e você não ter, não tem um, a água você tinha que pegar de balde.⁴⁶

Sua narrativa é entrecortada de silêncios, de olhares que buscam um ponto de apoio para essas reminiscências que povoam o presente momento. Essa mulher que, tão avidamente, defende a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico da cidade, que reclama pelo respeito à diversidade étnica e sócio-cultural, aparece diante de um emaranhado de emoções tão singulares e tão angustiantes ao mesmo tempo. Refugia-se na paisagem que contempla através da janela, mas suas mãos estão agitadas e seu corpo experimenta as mesmas sensações quando no parto da filha.

Em contato com Ninfa Avelar, ela recorda do parto da filha e se pergunta: “Como foi que passei por tudo isso?” No dia anterior, quando fui a casa dela para conhecê-la e marcar um horário para a entrevista, ela contou do nascimento da filha Aline. Um parto difícil e das dificuldades pelas quais passou. Ela se recusava a abandonar a casa pela sua condição de gestante. Temia que o bebê não sobreviveria mediante a precariedade de tal situação. Quando na entrevista, ela narra:

Ah! Esse parto foi demais. O quartel inteiro veio aqui vê se me convencia a me tirar daqui, pelo menos me leva pelo menos até a cidade de Iona que tinha um posto de saúde lá e tinha um médico atendendo lá. Mas saí da minha casa pra ir lá ter um, aí eu pensei na época, e falei bom se eu for morrer, vou morrer aqui ou lá onde for (...)⁴⁷

Quando ela fala que o parto foi demais, não é no sentido de exuberância, mas da epopeia. Ela estava sentindo muitas dores e não queria sair da casa onde morava, mesmo com a água subindo e sabendo do perigo que isso significava tanto para ela quanto para a criança. Ainda, assim, decidiu ficar e recebeu apoio da equipe médica do exército. Ela, assim, prossegue quando descreve as condições em que o parto foi realizado, “Nada, a luz de vela” e nos conta como foi improvisada a incubadora para o bebê que nasceu prematuramente. Segundo ela, estava muito frio e úmido e a preocupação era aquecer o bebê, mas, para isso, era necessário um carrinho para que a incubadora fosse improvisada. Carrinho esse que o marido conseguiu com os desabrigados da cidade de Iona. Ela baixa os olhos e fala: “a gente não tinha. Ai ele foi e arrumo o carrinho, trouxe, ai pediu dois butijão de gás com aquela lamparina de gás por que não tinha energia, tinha que ligá alguma coisa e aquece”⁴⁸, e continua “Ai ele botou aquela lamparina dos dois lado aqui em cima da criança, no carrinho, sem pode tira de lá, só tirava rapidinho pra trocá, pra e alimentá. O que que era o alimento? Uma gotinha de suco de cenoura.”⁴⁹

⁴⁶ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁷ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

Nesse contexto, as narrativas das mulheres e o relato das experiências, por elas vividas, podemos dizer que é continuamente construída através do processo de rememoração. A cada momento, reformulamos as lembranças de acordo com o impulso recebido, ou seja, de acordo com a experiência do momento presente. Em conformidade com Samuel⁵⁰, “a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento.” E, prosseguindo, acrescenta que a memória “porta a marca da experiência, por maiores mediações que ela tenha sofrido.” Para o autor, bem como a história, “a memória é inerente e revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual”.⁵¹

Nessas situações de improviso, a participação dos moradores é latente. Há mobilidade e solidariedade. As diferenças são esquecidas, mesmo que momentaneamente. Ninguém fica sem ajuda e todos buscam soluções em prol do bem comum. As desavenças, quando excedem, são solucionadas com o auxílio de autoridades policiais e militares, de acordo com muitos entrevistados, sem violência.

Acontecimentos pitorescos margeiam o cotidiano, na cidade de Iona. A colaboração de todos se faz necessária, no entanto, para muitos, era mais um exercício de autoritarismo e vinham os questionamentos que, por vezes, acabam em acaloradas discussões que exigiam providências mais enérgicas e disciplinares. O fato narrado por Antonio Barreto foi um desses casos em que se fez necessária a interferência de autoridades para o estabelecimento de regras que visavam à manutenção da ordem no alojamento.

De acordo com ele, em 1982, os alimentos eram distribuídos em cestas básicas e mesmo os chamados vale-alimentação, para a retirada dos alimentos nos locais indicados. Acontecia, no entanto, que “o pessoal não tava colaborando com a montagem das barracas”, assim, sobrecarregava os funcionários da prefeitura, quartel e bombeiros. Muitos não queriam ajudar mesmo, e após uma reunião da coordenadoria, foi proposto que o vale-alimentação fosse entregue no final da tarde, primeiramente para aqueles que tivessem colaborado no desenvolvimento dos trabalhos do alojamento, que incluía o corte de carandá, para sustentação das barracas, a limpeza do local, a construção de fossas sépticas, tratamento de água, entre outras.

O que aconteceu depois foi o ponto chave das discussões, o padre, que atuava na época na paróquia de Porto Murtinho, segundo Antonio Barreto, “virou num bicho”, dizendo que não estava certo, que “quem ia trabalhar o dia inteiro pra ganhar comida, que quem trabalhava a troco de comida era escravo”. Para a coordenadoria, o trabalho era em benefício próprio e não para outrem, era em regime de mutirão, visto que todos se

⁵⁰ SAMUEL, R., *Teatros de Memória*, 1997, p. 44.

⁵¹ Idem, p. 44.

encontravam na mesma situação. Mesmo depois de muita argumentação, o trabalho ficou para os bombeiros, quartel e funcionários da prefeitura. Ainda, de acordo com ele,

Fizeram tudo porque o povo, o padre não deixou pegar no pesado, um ou outro ia ajudar era mais compreensivo, mas a totalidade, não ajudou. Achava que era obrigação. Cada um pensa de um jeito as coisas né.⁵²

Esse cotidiano na cidade de Iona preserva aspectos pitorescos e apresentou uma face da fragilidade humana. Para os adultos, foi um instrumento que levou a reflexão sobre si e sobre o outro, sobre suas reais necessidades, como muitos falam. As pessoas promovem o exercício do ato de respeitar, não encontravam diferenças, ninguém estava em melhor condição que evidenciasse a diferenciação. Todos eram iguais, todos estavam na mesma situação, independente de suas vontades e necessidades imediatas.

Para as crianças, tudo era diferente. Mesmo cumprindo suas obrigações diárias da entrega do leite, que, nesse período, era feita na cidade de Iona e, montado num jumento, o menino Braz Leon reservava um tempo para brincar com os moleques no acampamento.

Na água estava a melhor das aventuras infantis, muitas crianças aprenderam a nadar nesse período. Na narrativa de Elizabeth Ayub, que tinha 10 anos, é possível identificar tal aspecto. Ela conta:

Ah... foi uma época maravilhosa eu brincava muito, nadávamos, passeávamos de barco e os barcos eram enormes, não é barquinho não (...). Pra nós crianças na época foi maravilhoso, nadava na praia, todos os dias era jogá bola na praia no km 5 que era nossa praia. Todos os dia, era jogá bola, nadá, brincá e na cidade de Iona tinha muita festa(...) todo santo dia tinha festa. E eu aprendi a nada na enchente foi lá na avenida, naquela outra avenida que eu aprendi a nada. Que antes a gente chamava de valeta, os valetões que não tinha asfalto, e fica aquela valetão e na enchente ali ficava fundo ... então eu aprendi na marra, a criançada me jogava ali, lá em frente, ai eu tinha que nadá.⁵³

Na visão infantil, tudo adquiria uma dimensão grandiosa.

O exército eu lembro muito também do trabalho do exército com a negócio da água (...) era uns tanque gigantes e ninguém poderia se aproximá e nós sempre queríamos burlar as leis e chegar até lá (...) ai tinha aquele monte de soldados proibindo a entrada de crianças a gente queria subir naquele tanque gigante que era o tratamento da água.⁵⁴

O dia-a-dia na “cidade de Iona” transcorria sem muitos sobressaltos. Para a manutenção de uma ordem estrutural possível, no local, regras básicas nortearam o cotidiano dos flagelados. Mesmo nos assuntos polêmicos, como a distribuição de trabalho, a limpeza do ambiente e o corte de madeira para as barracas, que ficavam muito vulneráveis aos ventos e ao frio noturno, buscava-se amenizar os atritos, ou seja, se fazia necessária a colaboração para tornar a situação vigente menos árdua.

⁵² Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵³ Elizabeth Ovelar Ayub Nantes. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁴ Idem.

Um dos fatores que exigia certa disciplina e rigor eram os horários de banho. A construção de latrinas era feita pelos moradores, que optavam pelo uso individual, por família, ou coletivo. Para as latrinas, “faziam um buraco né, botavam umas tábuas e faziam o negócio de cimento, de tijolos, erguia mais um pouquinho aí e sentava ali, era um buraco só.”⁵⁵ Os chuveiros eram construídos em fileiras (foto 9 e 10) e o banho, invariavelmente, era coletivo.

Tinha que fazer fila. Tinha que fazer uma fila. O exército montou tipo, banheiro de campanha que chama. E cada vez, não é só uma, era 10, 20 banheiro, pro pessoal e não é só uma parte, é vários lugares, tudo dividido.⁵⁶

Há uma divergência entre os entrevistados quanto à questão de horários diferenciados entre os homens e mulheres.

Tinha horário diferente, mulher separado e homem separado (...) era muito recatado, todo mundo.

Era diferente, e ali tinha guarda, não era assim que entra a hora que quer. Tem guarda ali que orienta. Tem mulher, que acompanha, quando tem o banheiro das mulheres. Tem gente que acompanha, tem tudo, tinha tudo.⁵⁷

Na fala de Antonio Sória, percebe-se uma preocupação quanto ao fato da separação de horários, ressaltando o cuidado dispensado quando no uso dos banheiros.

Era tudo separado. De homem tudo separado e de mulheres separado. Bem dividido isso daí, uma lona e tem corpo de bombeiro que cuida a entrada do banheiro. Pra não fazer porcaria ali, né. E de homem, só homem. Até aí, bem trabalhado lá. Bem cuidado. Muita coisa hoje já esqueci de lá. Passamo uma lida lá.⁵⁸

Muitos, no entanto, não estavam preparados para tal eventualidade, e preferiam o banho no interior das barracas. Esse fato se dava mais entre as mulheres, muitas mesmo pela imposição dos maridos. A narrativa a seguir nos dá a ideia de como eram os banhos.

Tinha os chuveiros coletivos onde as mulheres iam tomar banho e os homens, tudo junto. Então se tornou comum isso daí. Tem umas que traziam seu baldinho de água e fazia sua higiene dentro de casa mesmo, porque não tem o costume de sair no meio dos outros. Então foi normal, normal porque o banho era coletivo, mais ou menos umas 40 pessoas entravam tudo junto e era aquela fileira de gente pra tomar banho, por que todo mundo quer tomar banho e não faltou também o banho pra ninguém.⁵⁹

Quando indagados sobre o constrangimento da exposição, a resposta foi o respeito. A explicação se baseia no fato de que todos se respeitavam, incluindo os homens, “aqueles mais abusados”. Os incidentes foram resolvidos entre eles e pelos responsáveis, sem maiores problemas ou constrangimentos para as famílias. De acordo com as narrativas, isso

⁵⁵ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁶ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

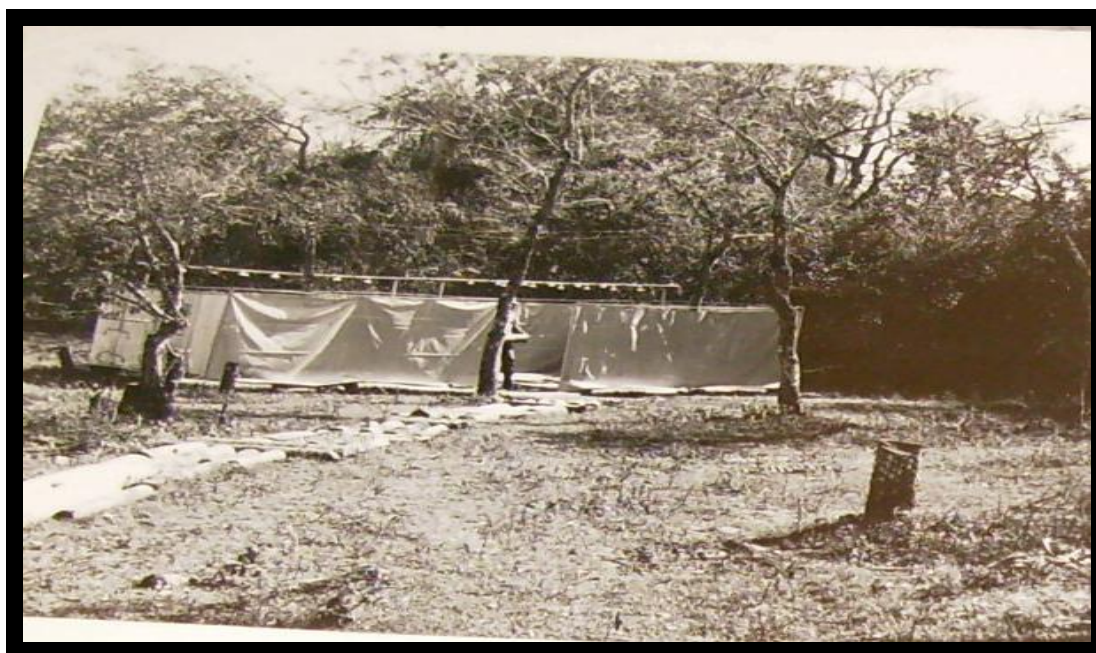
⁵⁹ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

está atrelado ao fato de que o murtinhense é respeitador porque a cidade é pequena e todos se conhecem, “como uma família”, e também por se tratar de uma área que dizem de Segurança Nacional.

Para Norma Pereira, “é área de Segurança Nacional porque é fronteira e onde tem fronteira tem quartel, então será sempre uma área de segurança e diante de qualquer situação ele [os militares] estão aí pra defende, a gente tem consciência.”⁶⁰

O período de seis meses de alojamento provisório, que compreende os meses de abril a setembro de 1979, e, posteriormente, o mesmo período, em 1982, apresenta características de unidade, baseadas em laços de solidariedade e consciência dos moradores diante da situação a qual estavam expostos. Obviamente, existem as exceções e, como observamos, elas recaem sobre a participação masculina nas atividades do alojamento. Ainda, assim, havia a preocupação de manter uma normalidade, mesmo que na singularidade do momento.

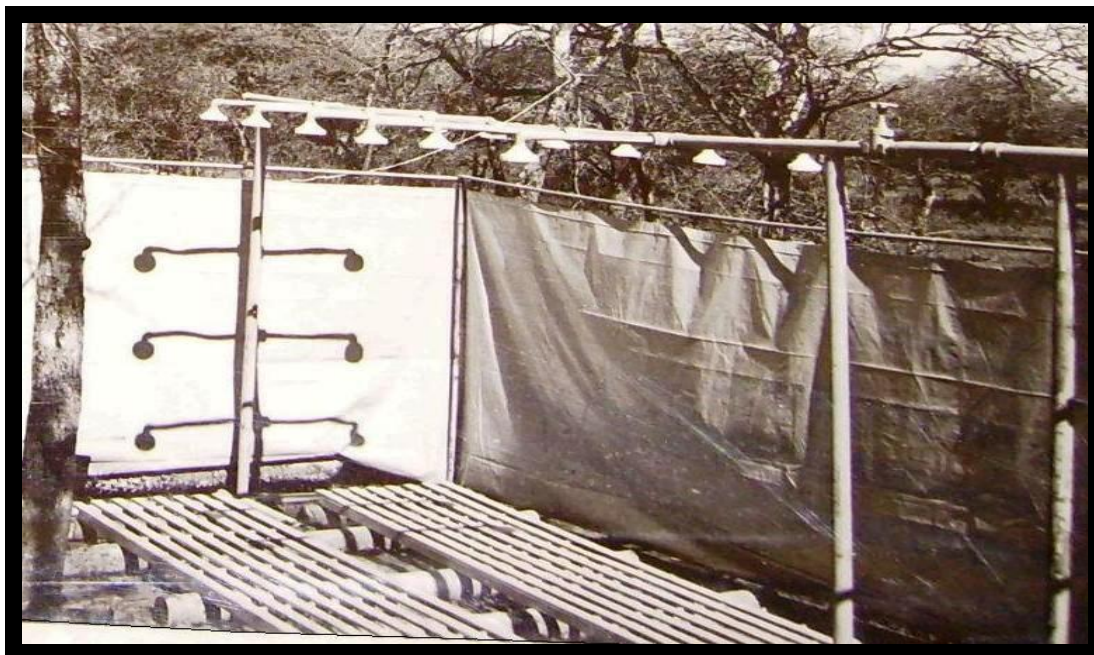
Foto 09 - Chuveiros improvisados na cidade de Iona



Fonte: Arquivo da 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS.

⁶⁰ Idem.

Foto 10 – Disposição interior dos chuveiros improvisados na cidade de Iona



Fonte: Arquivo da 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho, MS.

Havia a preocupação com a busca de alternativas alimentares que facilitassem a vida das famílias, independente da distribuição de alimentos, pela Defesa Civil. Uma preocupação latente com a manutenção do bem-estar das crianças que ali se encontravam e sua proteção mediante as intempéries. A busca de trabalho, nas fazendas, a construção das barracas, o cuidado com os animais, que se debatiam na correnteza das águas, com as casas que estavam submersas.

O deslocamento de 1979 foi mais difícil. A resistência da população em deixar a cidade e se abrigar no alojamento provisório dificultou nos deslocamentos e, conseqüentemente, houve atropelos. Em entrevista com o então governador do Estado, no período, ele pontua que “não havia muitos recursos para atender a população. O acesso era difícil. No período das enchentes, não havia estradas, havia caminhos.”⁶¹ Coube ao Estado através da Defesa Civil mobilizar a população e pedir a ajuda dos sul-matogrossenses para auxiliar no atendimento aos flagelados. Tudo que foi possível foi feito pelo recém-criado Estado de Mato Grosso do Sul.⁶²

Como a cidade estava tomada pelas águas, os deslocamentos eram feitos por pequenos barcos e cada família levava apenas o essencial. Muitos insistiam em construir jiraus e erguer seus pertences. Na medida em que a água subia, esses cediam.

⁶¹ Marcelo Miranda Soares. Entrevista em setembro/2009. Campo Grande, MS

⁶² Idem.

Existiu um jiral aqui dentro. Tinha um bauzão grande, tenho até agora. Nesse eu enchi de papelada, ropa que eu não ia ocupá e como que eu ia levá tudo. Ai meu filho fez um jiral pra mim ai dentro do quarto, a água subiu, subiu, subiu que não agüentou. Despenco o baú grande e eu perdi tudo ai dentro do quarto. A água subiu, subiu, subiu e não agüento despenco o baú e perdi tudo meu papel, até o papel da casa que eu não levei por que falei: Adonde que vai alcançar aqui em cima? E caiu a vara que tava enfiada assim e caiu. Caiu o báu dentro da água também. Quando meus filho vieram levá alguma coisa, falei vai vê um pouco o que que tem lá no, vieram vê e tava o baú despencado dentro d'agua, tampou essa água. Lá na outra casa já tava assim né, já não dava mas pra subi, pra entrar nem de chalana. Perdi tudo meus papel. Tudo os documento que tinha no baú. Por que eu não queria leva né. Porque falei: O que que vo fazes com esse lá? Não sei como vou andar por lá? Não levei.⁶³

A organização do alojamento, de 1979, havia sido pré-definida na reunião realizada em meados de fevereiro, com a participação de autoridades locais e da Defesa Civil, conforme mencionado em capítulo anterior. Para Lidia Fernandes,

O exército e a defesa civil tinha que organizar por que era muita gente. E a senhora sabe que quando é assim o pessoal não obedece. Então tinha que ser o exercito e a defesa civil. E tudo foi na maior tranqüilidade. Não teve empurra , empurra, nada.⁶⁴

O deslocamento populacional de 1982, baseado nas estratégias de 1979, foi mais rápido, sem maiores agravantes. Contou com a mobilização dos moradores na prestação de serviços na Defesa Civil.

Dessa enchente já foi não é como a primeiro né, já foi menos sacrificado. Já teve um atendimento mais melhor já né. A prefeitura ajudá a população antes de pega bem mesmo a água aqui, já carregava lá, antes de pega bem, por que o pessoal já ficou com medo. Não é como a primeiro, o primeiro pegou de surpresa a segunda vez o pessoal já sabe que vem perigo.⁶⁵

Nessa enchente, a então cidade de Iona ganha outro aspecto. Comerciantes instalam mercadinhos, açougues, leiteria, bares para os encontros de final da tarde, para a cerveja e o jogo de cartas. Foi improvisado um campo de futebol que, nas tardes de domingo, era ponto de encontro dos moradores. De acordo com Simeona Gonzalez, “virava tumulto por que era muita gente junto, não tinha nada mais pra fazer.”⁶⁶ Para o funcionamento das mercearias, as mercadorias eram trazidas das cidades vizinhas, como Dourados e, especialmente, de Campo Grande. Os pedidos e as entregas eram feitos semanalmente. A escola funcionava em um galpão e as aulas não foram interrompidas. O cultivo de hortas foi incentivado pelas religiosas do Sagrado Coração. Nos sítios vizinhos ao acampamento, fazia-se o cultivo de frutas e verduras, para doação entre os flagelados. As festas e os “bailes de carapã” são notas no compasso no cotidiano.

⁶³ Magna Sanches. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁴ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁵ Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁶ Simeona Gonzalez Cafure. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Na cidade de Iona que nós sempre íamos lá, tinha mercado tinha essas coisa. Tinha o galpão que era o clube. Vamos supor na época onde tinha as festas, era tudo no coletivo, a televisão era pra todo mundo, o clube era pra todo mundo, a comida era pra todo mundo. Então todo mundo tinha que sabe dividi (...) mas todo mundo com sua família, com seus pais, é isso que eu me lembro.⁶⁷

Muitas histórias pontearam o universo juvenil, nesse período. Muitos “causos” da enchente circulam pelas narrativas dos nossos entrevistados. Um deles, contado por Artêmio Sanches, diz assim:

Tinha uma dona que quando viu meu pai e outros saírem de bote, pediu pra eles que se por acaso encontrassem uma porca, que era de estimação, que levassem pra ela. Logo que saíram, encontraram a porca. Mas como era grande, não tinham como levar. Mataram a bichinha, cortaram em partes e acomodaram no fundo do bote. Na volta, a dona pergunta sobre a porca e eles respondem que nem sinal da bichinha. Naquela noite, no acampamento, teve festa e porco assado, cerveja comprada no bar do dono do bichinho e se não bastasse levaram um pedaço do assado pra dona. Só mais tarde ela foi saber o que tinha acontecido com a porquinha.⁶⁸

Outro “causo” foi narrado e demonstra o rigor das famílias no cuidado com as jovens. Em virtude do alojamento, essa vigilância fica mais acirrada. Ainda, assim, as mocinhas encontravam subterfúgios para os encontros furtivos.

Tinha um casal de namorados na época e que era proibido o namoro né. Então os pais proibiam o namoro. O que que eles faziam? Assim: Ah! Nós vamos leva as crianças pra tomá banho no rio. E ai o pai dela permitia porque ela era maior e nos levava pra tomá banho no rio. Lá o rapaz já estava esperando nós, estávamos lá, ele já tava esperando sentado em cima que era a cerca, só que era um rio. Então a cerca que hoje é essa cerca aí de beira de estrada era o toco. E o rio a água bem funda, então ele tava ali, em pé ali acenando. Então nos chegamos lá e o pai certamente tava desconfiado chegou. O que que aconteceu? O que nós fizemos? Nós colocamos, nós afogamos ele, ali naquele toco, até o pai (...) ir embora (...) E ele quase afogou mesmo. E o pai nunca que ia embora e ele lá, e todo mundo apertando ele pra não saí pro pai não vê. O pai ficou, procuco, olhou e nada né. O pai foi embora e ele quase, quase que afogou de verdade.⁶⁹

As dificuldades foram inúmeras e o sofrimento com a enchente não foi dos menores. Mas a população consegue fazer uma leitura positiva de tal situação; para eles, compreender que a enchente é um fenômeno recorrente e de grande relevância para o Pantanal, e que Porto Murtinho é um centro urbano no Pantanal, possibilita aprender a conviver com essa realidade e, dessa forma, buscar adaptações ao meio de maneira que os prejuízos aos quais estão sujeitos sejam minimizados dentro de uma esfera de cooperação. Para muitos entrevistados, as pessoas aprenderam a lidar com isso.

A enchente do Pantanal, pra nós que moramo aqui é tudo normal. Isso é normal, mudança de animal, de gado, de um lugar pra outro sempre foi.

⁶⁷ Elizabeht Ovelar Ayub Nantes. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁸ Artemio Sanches. Anotações no caderno de campo. Abril/2007

⁶⁹ Elizabeth Ovelar Ayub Nantes. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Tudo é normal. Termina a enchente volta tudo de novo e até é melhor porque tem pasto aí.⁷⁰

Face ao fato, as alterações provocadas pela enchente, no decorrer do tempo, fazem com que a história local seja marcada significativamente, tendo em vista que a enchente é fator contributivo e essencial para a continuidade dos ecossistemas pantaneiros e dos próprios moradores dos pantanais.

Assim, ao falar sobre a relação com a natureza, deparamo-nos com relatos como este:

A gente aprende ainda mais uma coisa, que na beira do rio todo mundo é igual e todo mundo precisa de todo mundo. Em toda cidade pequena é assim, tem que ser um ombro encostado no outro pra pode continua a caminhada, não pode ser ou haver individualismo. Você não pode dizer nunca numa cidade, num lugar como este que eu vivo aqui, você é independente e não precisa de ninguém, todo mundo precisa de todo mundo, ou mais hoje ou mais amanhã, ou todos os dias ou em determinadas circunstancias mais ou menos, mas você nunca pode dizer eu não preciso de você, aqui não há essa possibilidade.⁷¹

Os moradores da região, em decorrência das enchentes, criaram uma relação com a natureza em que as medidas de enfrentamento dos prejuízos estão caracterizadas por um modelo onde o homem busca estratégias para conviver com as enchentes. Há uma consciência de que a intervenção humana, no fenômeno, implicaria no desequilíbrio de todo o ecossistema da região, comprometendo o bioma pantaneiro e, conseqüentemente, a sua sobrevivência nos pantanais.

Cabe, nesse ponto, ressaltar que a ideia de uma convivência harmoniosa entre o homem e o meio ambiente afasta a possibilidade de uma análise em que as “relações sofridas entre homens e natureza, projetando-se, necessariamente, nas relações entre sociedade e comunidades residentes nas cidades instaladas nas bordas do Pantanal”⁷², ou seja, os seus centros urbanos, seria desnecessária ou mesmo passível de negligência. Antonio Dias questiona o fato de o Pantanal ser apresentado idilicamente.

A gente vê assim, que a televisão mostra o Pantanal como um paraíso perfeito, mas não mostra também o que é o Pantanal nessa labuta diária, do dia a dia das pessoas que sofrem infelizmente com a enchente ou que tem que trabalhar, né, nas fazendas enfim. Isso a gente não vê. Então isso aí eu não vi ainda em revista, jornal nenhuma vez alguém falando sobre isso. O valor do pantaneiro no serviço dele de mexer na planta de mexe com o gado, essas coisas. É fora de sério.⁷³

⁷⁰ Lídia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁷¹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁷² A'B SÁBER, A. N., *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*, 2006, p. 13.

⁷³ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Entendemos que uma possível compreensão da relação entre o homem e a natureza, na planície pantaneira, somente é plausível mediante o conhecimento das estratégias humanas construídas historicamente, para sua sobrevivência em áreas que, tradicionalmente, enfrentam as consequências das enchentes no Pantanal, como é o caso de Porto Murtinho. No âmbito da História Cultural, as estratégias de vida, ao longo do tempo, são consideradas na medida em que se avalie como o homem e a sociedade elaboram e reelaboram formas de se relacionar com o mundo natural.

A população que habita a região pantaneira sabe que é afetada pelas enchentes, convive com elas, é como se fizesse parte do “espírito pantaneiro”, como ouvimos de muitos chalaneiros da região de Corumbá e Porto Murtinho. Porque, de acordo com eles, quando você pensa, lembra do Pantanal, automaticamente, lembra-se das cheias. Então, o povo, por natureza, pensa na enchente, isso não é novidade, não é sinônimo de coisa ruim para quem vive mesmo no Pantanal, para quem se diz pantaneiro.

Com base nesse conhecimento do ambiente, o homem elabora estratégias que lhe garantam a permanência nesse ambiente. Albana Xavier ao escrever sobre a interação do homem com a natureza analisa que, se por um lado, o pantaneiro, “ao colocar em prática suas experiências testadas secularmente pela relativa margem de acertos, em situações similares,”⁷⁴ por outro lado, acaba por estabelecer “algumas leis empíricas que são arroladas por eles mesmos como experiência de vida.”⁷⁵ Lições que levam a práticas sociais oriundas de uma visão de mundo, no seu universo cultural. Na explicação de Conceição Montanheri.

É aquilo que nós falamos no começo. Um ombro a ombro que deve existir no mundo e, que se houvesse não haveria guerra. Não haveria divergência. Assim vamos dizer, divergências sim. Tem que haver, mas não um matando o outro, pisando na cabeça do outro pra subir, eu acho que tem que haver é colaboração, apoio mútuo entre as pessoas. E você vivencia isso aqui e se você quiser fazer diferente aqui você não vive, vai ser infeliz e vai dar um jeito de sair, você se expulsa automaticamente. Não é ninguém que te expulsa não. Você se sente fora do ambiente e você sai.⁷⁶

Com a cidade de Iona, ocorre a constituição de um novo grupo social que partilha a provisoriedade dos espaços e a reelaboração de valores. O espaço ocupado pelo homem, nessa cidade improvisada, não é o mesmo espaço urbano instituído, tradicionalmente. Alguns valores são mantidos, outros se modificam, a paisagem é modificada pela ação do homem, conquanto a cidade é modificada pela ação das águas. A existência de uma rede de relações, num espaço determinado, numa “paisagem”, engloba relações entre passado e presente e não se explica apenas e tão somente pelo aspecto político, mas também no aspecto social, cultural, econômico e religioso. Aliado aos aspectos de deslumbre que

⁷⁴ NOGUEIRA, A. X., *Pantanal: homem e cultura*, 2002, p. 31

⁷⁵ Idem, p. 31

⁷⁶ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

estigmatizam o Pantanal está à observância das necessidades locais que estão atrelados ao modo de vida da população.

3.2 “tudo pra nós aqui se torna festa”

Muitas são as festas que reúnem os diversos grupos locais, como, a Festa de São João, “Pantajuna”, Festa de Nossa Senhora de Caacupê com a dança da galopeira e dança do Toro Candil, Festa do Peixe, Festa da Cultura Popular, Festa do Folclore e o Carnaval. Na dança, temos a galopeira, dança do Pericón, a Cachaka e a Polca, todas de origem paraguaia. As festas integram o cotidiano do murtinhense. Seja para concluir um mutirão de limpeza de bairros, seja religiosa, seja para passar o tempo. E não poderia ser diferente na “cidade de lona”.

Olha tem, tinha essa, nós tentávamos fazer da, que a vida fosse o mais normal possível se é que era possível ser normal. Mas nós tentávamos. Tivemos lá um aniversário da cidade em 13 de junho e com festa com baile com tudo.⁷⁷

Narrativa semelhante é de Ninfa Avelar. Ela faz tais colocações, quando indagada sobre como era morar na cidade de lona. Como era o cotidiano das pessoas naquele local e as atividades ali desenvolvidas.

A gente não já falava que não era cidade de lona, era cidade feliz, no final já. Que a gente fazia muita atividade sabe, fazia as festas como falei pra senhora de São João. Fizemo a festa do dia das mães, não acabou. Nós tentamos como diz fazer aquela atividade normal, né.⁷⁸

Esse caráter festivo está associado à colonização da região que recebeu a influencia de imigrantes portugueses e alemães e mais predominantemente paraguaios. O dicionário Houais⁷⁹ apresenta a definição da palavra festa, como sendo: reunião de pessoas com fins recreativos, geralmente, acompanhada de música, dança bebidas e comidas; regozijo, alegria; celebração religiosa.

Em conformidade com Guarinello, não existe uma definição precisa do que seja uma festa. Para o autor, festa é ainda um termo impreciso, podendo “ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas.”⁸⁰ Mesmo na utilização do termo no dia-a-dia, ela adquire significações que, atendam a circunstancia momentânea, ou seja, mesmo utilizando-se a expressão cotidianamente, ela poderá adquirir uma interpretação diversa de uns para outros. Segundo o autor, “os sentidos que o próprio senso comum atribui a festas são de certa forma, bastante fluídos, negociáveis, contestáveis.”⁸¹ Para o autor,

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em 21/08/2008

⁷⁹ HOUAIS S, A. (1915-1999) e VILLAR M.de S. (1939-), 2009.

⁸⁰ GUARINELLO, N. L. *Festa, trabalho e cotidiano*, 2001, p. 969.

⁸¹ Idem, p. 969.

Uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva com um afeto coletivo.⁸²

As festas estão presentes no histórico dos moradores murtinhenses. A narrativa a seguir apresenta esse caráter ambíguo da definição de festa que, de certa forma, abarca a definição do dicionário acima mencionado. Vejamos:

A questão do mutirão de limpeza, no bairro tal, lá no bairro da Cacupé. Vamo faze ai no final acaba com festa. É um bailinho ali, a gente monta um palanque lá, e vamo lá, na rua mesmo. E as festa religiosas então, levamo no pé da letra, Nossa Senhora de Cacupé aqui com a festa dela é assim, talvez seja a de Nossa Senhora de Nazaré lá de Belém, pra nós aqui.⁸³

A Festa da Virgem de Caacupe e a Festa de São João são duas festas religiosas levadas ao pé da letra, na linguagem dos entrevistados. Nada impede a sua realização. A festa de São João, de acordo com Souza, “era uma tradição nas aldeias de Portugal, e foram, portanto, os portugueses que a trouxeram para o Brasil.”⁸⁴ Em Porto Murtinho, essas festas são precedidas por preparativos que adentram por semanas. São feitas as novenas, a preparação dos alimentos, dos andores para o santo, no caso de São João e dos preparativos para a apresentação do Toro Candil, no caso da Festa de Cacupe. A transcrição a seguir apresenta aspectos das credices que cercam as festividades.

Muito bom, a gente até acha falta quando não vai ter. Vai chegar dia 8 de dezembro aquela coisa toda. Vamo dançar a galopeira, você vai na casa não sei de quem pede comida. Eu sempre dei, colaboro, a turma vem pede colaboração. Fazê comida pra crianças, distribui, essas coisa, tem muita atividade. Tem Santo Antonio casamenteiro, eu sei por que a gente quando era jovem já dizia que tem que pedi casamento. Tem que rezá pra São João. São João tá um espetáculo de festa. Dá banho no santo, passa por baixo do andor por que aquele ano você vai casá. São muitas histórias.⁸⁵

A participação de toda comunidade é imprescindível para a realização das festas. Por ocasião das enchentes, a Festa de São João, em 24 de junho de 1982, foi realizada na cidade de Iona e contou com a participação de todo o efetivo de apoio que se encontrava no local. Foi uma festa que “mexeu com os moradores”, isso porque a situação em que foi realizada não era nada habitual. A calamidade, instalada pelas águas, margeou toda a preparação da festa, que, mesmo assim, não perdeu seu caráter religioso e mítico intimamente ligado à dinâmica da região pantaneira e que traz em si a possibilidade da renovação.

⁸² Idem, p. 972.

⁸³ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁸⁴ SOUZA, J. C., *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX*, 2004, p. 334.

⁸⁵ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Souza salienta que os aspectos que margeiam essa festa possuem “a riqueza de várias tradições incorporadas.” Bem como, “significados que se entrecruzam, crenças que unem o sagrado e o profano.”⁸⁶ O autor, faz uma análise da realização dessa festa em Corumbá:

Um dos temas dessa festa, portanto, é a renovação. O fogo e a água associam-se à esperança de renascimento e dias melhores. No contexto da região, o rio tinha uma importância vital para toda aquela população, que vivia e dependia do fluxo das cheias e vazantes dos rios do pantanal. Daí, a crença de que na noite de São João, após o banho do santo, as águas do Rio Paraguai começavam a baixar. O ciclo das águas na região, de modo geral, compreende a cheia de dezembro a junho e a vazante de junho a dezembro.⁸⁷

Prosseguindo, faz uma análise contundente no que tange à agregação de aspectos típicos da região pantaneira que permanecem incólumes.

Apesar de "cristianizada", a festa de São João manteve uma série de simbolismos universais, que, no contexto da região pantaneira, ganharam força, adquirindo elementos autônomos em relação às festas institucionalizadas pela Igreja Católica. Os ritos do fogo, da água e da refeição, conforme já comentado, guardam uma associação com o renascer, a renovação e a fertilidade. É possível interpretar que em função de todos esses simbolismos, gerando grande sociabilidade, a festa tornou-se também momento propício para arrumar um(a) parceiro(a), uma vez que era a grande oportunidade de encontro.⁸⁸

A festa, em conformidade com Guarinello, “mexe conosco, com nossos valores, com nossa visão de mundo.”⁸⁹ Considerando a singularidade do momento e as particularidades da região, as festas têm um papel socializador, onde se “defrontam diferentes interpretações do viver em sociedade.”⁹⁰ Têm, também, um caráter inclusivo e mantenedor dos fios tênues que interligam a cultura pantaneira, que traz em seu bojo particularidades culturais de uma região fronteiriça, como é o caso de Porto Murtinho.

A proposta de Guarinello, para pensarmos a definição de festa, seria a abstração das particularidades históricas e culturais do termo. Poderíamos, então, pensar a festa como parte integrante do cotidiano, no contexto de “realização das relações sociais.”⁹¹ Isso posto, ainda em conformidade com o autor, porque o termo implica em ação coletiva que envolve, primeiramente, uma dada “estrutura social de produção”⁹², seguida pela “participação concreta de determinado coletivo”⁹³ com lugares e funções específicas. A interrupção das

⁸⁶ SOUZA, J. C., *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX*, 2004, p. 335

⁸⁷ Idem, p. 335.

⁸⁸ Idem, p. 338- 339.

⁸⁹ GUARINELLO, N. L., *Festa, trabalho e cotidiano*, 2001, p. 970.

⁹⁰ Idem, p. 970.

⁹¹ Idem, p. 971.

⁹² Idem, p. 971.

⁹³ Idem, p. 971.

atividades diárias está explícita “na interrupção de um tempo social”⁹⁴, articulado, por sua vez, “em torno de um objeto focal”⁹⁵ que, sagrado ou profano, real ou imaginário, tem a função de estimular sensações que, na resultante, desembocam em um polo agregador das mais variadas identidades sociais, sejam elas permanentes ou circunstanciais.

Se considerarmos que uma atividade festiva tem caráter agregador e socializante, mediante tal explanação, perceberemos que a população encontrava, nas festas, um elemento de fundamental importância para a manutenção da unidade do grupo - no caso, dos flagelados pelas enchentes. Os laços de afinidade se estendiam para depois das festividades e propiciavam uma base para o respeito às diferenças tanto sociais quanto culturais. A disponibilidade de tempo articula-se com a necessidade da busca de atividades que venham preencher essa lacuna, evitando os constrangimentos e margeando os limites do indivíduo, enquanto morador de um espaço coletivo.

3.3 Recomeçar com a cidade, refazer os caminhos

O hábito de passear de barco pela cidade inundada, nas enchentes de 1979 e 1982, permitia que os moradores acompanhassem o nível das águas. E, muitas famílias, aos primeiros sinais da baixa no nível da inundação, iniciam os preparativos para a volta para casa. Todos tinham consciência do trabalho duro de reconstru o ao qual deviam se submeter; no entanto, a ansiedade fustigava. O retorno, após a enchente de 1979, deu-se em meados do mês de setembro, sem maiores transtornos.

O jornal *O Momento*, de 16 de agosto de 1979, traz uma reportagem com o seguinte título: “Moradores voltam a Murtinho sob controle.” Salienta que muitos moradores estão voltando para suas casas, “mas não de forma desordenada ou irregular ou com risco para a saúde pública.” Na reportagem,   possível observar que há referências da possibilidade de invasões, que são rebatidas. As informa es, prestadas pelo coordenador da Defesa Civil, confirmam que os moradores voltaram de maneira controlada e com assistência dos responsáveis pela sua segurança.

A permissão para o retorno as casas era concedido pela Defesa Civil em conjunto com a SUCAM e Polícia Militar. Havia todo um trabalho de desentupimento de fossas e desinfec o necessárias. As imagens que se descortinavam diante da popula o, após a enchente de 1979, revelavam uma cidade fétida, desconhecida.

Nossa! A cidade... A cidade era triste quando começou a baixar a  gua. Era cobra, cobra morto. Era bicho de tudo espalhado por aqui. Assim, nessa rua que você andava era só barrera. Barrera tem que limpar. O fedor que tinha que você não sabe. Não dava pra você assim. Dentro de casa então nem se

⁹⁴ Idem, p. 971.

⁹⁵ Idem, p. 971.

fala. A turma tinha que deixar assim tudo aberto era um fedor que não podia, não dava pra entrar, então deu muito trabalho pra gente né.⁹⁶

Imagem perturbadora que faz com que aflorem indagações quanto à existência de uma cidade que se apresentava dentro de uma ordem urbana abrangente e estruturada mesmo com suas limitações. Aquela cidade, velha conhecida da população, que foi concebida a partir de uma necessidade básica de escoamento da erva-mate, apresenta uma imagem paradoxal. As águas empreenderam modificações extremadas da organização espacial ora conhecida. Mais do que um projeto, um roteiro de reconstrução, havia a urgência na concretização do espaço tão familiar.

Como nos indica Pesavento:

Poder-se-ia dizer que se tem uma cidade quando ela é pensada e formulada no imaginário. Mais do que isto: a cidade, tal como as instituições, não se reduzem ao simbólico, mas não podem existir sem a constituição de uma ordem simbólica imaginada, que articula uma rede de significações dotadas de uma relativa coerência e cujo acesso é codificado e sancionado socialmente.⁹⁷

O conjunto de imagens de uma cidade modificada pelas águas adquiriu múltiplos significados. Para muitos moradores, foi o sinal de que era hora de partir, buscar uma nova cidade e recomeçar. Para outros, era hora do recomeço também, mas sem sair da cidade. Recomeçar junto com a cidade, refazer os caminhos e acrescentar alguns sonhos na reconstrução da tão castigada cidade.

Logo em agosto a cidade já estava seca né. A água já tinha tomado o leito do rio. Então o corpo de bombeiros e outros órgãos do Estado se encarregaram de fazer a detetização das casas. Se encarregaram de fazer a limpeza das ruas. Tirar o aguapé que tinha ficado nas vias públicas, nas residências. Tinha até aguapé dentro de residência, e então eles detetizaram todas as casas. Fizeram uma limpeza global depois vieram máquinas para aplainar a cidade porque houve ruas que foram e ficaram desgastadas. Ficaram esburacadas devido a torrente de água que passava por elas, etc. Então em setembro de [19] 79 a cidade já estava novamente habitável e a vida continua normal.⁹⁸

Desse modo, propomos pensar, primeiramente, que o espaço físico tão somente não configura o lugar e, poderíamos, igualmente, admitir que o lugar, por sua vez, está na dependência não somente do espaço material e concreto. Está, principalmente, nos significados e na teia de relações sociais estabelecidas sobre esse espaço físico. Assim, a organização do espaço está diretamente ligada à instauração da vida urbana.

Indagados sobre a situação em que ficou a cidade, os nossos entrevistados, com gestos quase inconscientes, davam sinais de desolação total. No entanto, as palavras

⁹⁶ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁹⁷ PESAVENTO, S. J., *Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo*, 1996, p. 378.

⁹⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

vinham reforçadas pela certeza das dificuldades vencidas uma a uma com muita perseverança.

Baixando a água, as primeiras casas que saíram da água também foi a minha. Eu mandei arrumá tudo limpá e voltei. Ainda tinha água na cidade, mas eu morava assim, sem luz, sem água. A gente trazia água lá do 6 do 5, água potável, que lá a casa civil que trabalhava com isso lá. Abastecia a cidade de lona e de lá, a gente trazia água. A gente tinha lampião a gás essas coisas que a gente utilizava e, mas logo em seguida voltou tudo ao normal.⁹⁹

Para algumas famílias, o retorno não foi possível. O pouco que se tinha havia sido levado pelas águas e, nesse caso, permanecer nos locais dos acampamentos era a solução mais viável. Melhoram a estruturas de suas barracas e, com o decorrer do tempo, constroem uma moradia, dentro de suas possibilidades, o que lhes permite a permanência no local. Outras, no entanto, encontraram alternativas que atendiam às suas necessidades básicas, até que uma solução definitiva fosse apresentada pelo poder público. Algumas famílias residiram em locais improvisados e coletivos.

Aqui era uma padaria, funcionou muito tempo padaria, quando a gente fez. Viemos pra cá, uma seis ou oito famílias ficaram assim sem casa. Ficaram assim, as pessoas que moravam nas periferias. Ficaram sem casa e vieram morar aqui, neste prédio, na padaria velha. E eles ficaram por muitos anos morando aqui. Nasceram muitas crianças aqui, cresceram. Inclusive eu tinha duas comadres que vieram pra cá, só depois que o governo fez o Cherogami que tiraram estas famílias daqui para formar este espaço que hoje é o museu. E a gente fica muito feliz e orgulhosa quando pensa nessa situação. Porque praticamente este prédio estava uma ruína. Estava prestes a cair em cima dessas pessoas.¹⁰⁰

Em setembro de 1982, quando na volta para a cidade, tem alguns relatos de que houve grande agitação em deixar o acampamento e voltar para suas antigas casas. O retorno, após a enchente de 1982, foi tumultuado em função do receio de “mudar a cidade”. As indagações, quanto ao futuro da cidade, não permitiram a espera no presente. Com a visita do Ministro do Interior, Mario Andreazza, veio a possibilidade de mudar a cidade definitivamente para o km 6 e 7, afastando o perigo de novas inundações.

Na época, do, em 1982 (...) houve muita contrariedade por que já tava todo seco a cidade. E a defesa civil não, a estrada se rompeu. A defesa civil não arrumava a estrada. O prefeito também não se mexia, por que achou que era dever da defesa civil. E a gente ficava lá, sem poder vir. Porque não tinha caminhão pra passar ali. Então nessa época, houve muito protesto, mas em [19]79 não, assim que deu pra vir, a gente veio tudo embora.¹⁰¹

O retorno da população era acompanhado pela Defesa Civil. Muitas famílias se adiantavam e voltavam, antes mesmo que a Defesa Civil colocasse em prática medidas, tais como, a retirada de entulhos, de animais mortos e de proceder à dedetização. Juntamente

⁹⁹ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

com o exército, bombeiros, a população, em mutirão, auxilia na recuperação de pontos estratégicos e essenciais, como, hospital, escolas, prefeitura, bancos, sem descuidar da reestruturação de seu espaço particular, suas casas. O empenho foi geral e a resultante foi que, aos poucos, toda a população voltou à sua “velha e conhecida rotina”, sem perder o fascínio e o encantamento pelas águas.

As enchentes, bem como a “cidade de lona”, constituíram um transtorno na vida dos moradores. Uma ruptura na rotina cotidiana. Em conversas com moradores, muitos classificam a enchente como não prejudicial porque, quem mora na beira do rio, quem mora no Pantanal sabe que tem enchente e, assim, para muitos, ao se falar em Pantanal não se pode esquecer da enchente e da seca; assim, “a enchente não prejudicava ninguém.” E morar na cidade de lona, passado o impacto inicial e a fase do estranhamento, “era uma festa aquilo lá para a maioria.”¹⁰² Era uma beleza. “Era festa todo dia.” O amparo recebido das entidades envolvidas no atendimento aos flagelados foi classificada como muito boa. “Tinha assistência, tinha tudo. Sem fazer nada, tinha tudo.” O detalhe lembrado por todos era, que durante o dia, “o ruim era no sol quente, aquela lona esquentava pra daná, viu.”¹⁰³ Muitos são moradores da região desde a implantação das fábricas de tanino, cresceram nas vilas operárias e, juntamente com a família, aprendem que, se morar na beira do rio, pode vir água a qualquer momento; no entanto, o rio Paraguai avisa que a água vai subir. Teve um comentário, feito por Conceição Montanheri, que vale registrar. Assim, ela diz:

Um dia eu andando na rua, escutei uma senhora falando assim: Oh! Fulana. Não lembro nem o nome da mulher. Você já flagelo? E a outra falou: Não, flagelei ainda, mas eu vou flagela já. Semana que vem eu vo tá flagelada sim. Era cada uma. Então o povo já se chamava de flagelado. Você já flagelou. Não, não flagelei ainda.¹⁰⁴

A explicação que ela dá ao fato era de que o assunto era tratado com naturalidade. Não era uma tragédia anunciada. Nada tinha a dimensão trágica que a imprensa apresentava ao Brasil. Para ela, “tragédia era a imprensa que fazia.” Mesmo vivenciando uma situação problema, como o fato de sair de suas casas. As pessoas tinham medo de terem suas coisas roubadas, que a enchente derrubasse a casa essa era a preocupação maior. Mas porque foi pra cidade de lona ou era uma tragédia, não, “é mais a imprensa que exagerou um pouquinho.” Ela classifica o povo murtinhense como um povo alegre e, de acordo com ela, o fundamento está na índole do povo, “de ser alegre, de ser pacífico, de ser de conformar com as coisas, e aceitar essas coisas, um povo de natureza pacífica.” E

¹⁰² Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰³ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁴ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

completa, “um espírito pantaneiro porque no pantanal tem enchente, então se convive com a enchente.”¹⁰⁵

3.4 muitos deixaram a cidade

As ruas percorridas diariamente pelos moradores são as mesmas que levam muitas famílias em busca de novas alternativas. Deixar para trás a cidade consistia no exercício de pensar em todas as possibilidades possíveis para sua permanência no local. Com o fechamento das fábricas de tanino, a cidade tem um contingente considerável de desempregados, de famílias que moram de aluguel ou mesmo permaneceram nas vilas das fábricas. Estima-se que, até 1982, cerca de 2 mil pessoas deixaram a cidade.

Aquele que saíram vou pra Campo Grande. Algum voltou. algum não. Alguns tão voltando que a cidade melhorou muito. Hoje a cidade nossa é outra. Que na época 1977 terminou essa industria que tava aqui de tanino e ai acho que a autoridade daqui não preparou o povo pra enfrentar isso daí. Por que quando terminou essa industria ai do tanino muita gente desempregado, mandou embora tudo e hoje ta voltando.¹⁰⁶

O ponto ressaltado por Lidia Estefânia é convergente com a narrativa de Antonio Barreto. O fechamento das fábricas e a falta de postos de trabalho é fator preponderante para a saída de muitos. A enchente, de acordo com ele, só fez dar uma acelerada na decisão de sair em busca de novas frentes de trabalho.

Não. Não. As enchentes, que saíram por comodidade. Por que não tinha o que fazer no que trabalhar não tinha nada. O pessoal foi procurar serviço. Quem se acomodou e arrumou um bom serviço num bom lugar, ficaram. Quem não se arrumou ou a saudades, não agüentou a saudades voltaram pra cá. Mas não é por causa da enchente que foram embora. Eles viviam normalmente. Pessoal da Quebracho, da Florestal, aqui do Saladeiro foi todo mundo embora. Não tinha serviço pra eles. Acabou o tanino, quem trabalhava com tanino foi embora. Trabalhava aqui no saladeiro, nas charqueadas, acabou as charqueadas. Foram procurar em outro lugar e assim por diante. Então não é a enchente que pos eles embora. A enchente faz sair, e volta.¹⁰⁷

Entre as narrativas, muitos atribuem o êxodo ao fechamento das fábricas e ao grande número de desempregados, mas, também, a questão das enchentes gerou medo em muitas famílias. A possibilidade de acontecerem cheias anuais não foi descartada por muitos que optaram por deixar a cidade. Para, o então governador, Marcelo Miranda Soares¹⁰⁸, muitas dessas famílias, ao buscarem abrigo em casas de parentes e conhecidos fora da cidade, encontraram um ambiente diferente daquele ao que estavam habituados e,

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Lidia Estefana Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁷ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁰⁸ Marcelo Miranda Soares. Entrevista em setembro/2009. Campo Grande, MS

com isso, a possibilidade de recomeçar numa cidade bem estruturada, com rede de água, de energia elétrica, escola para os filhos, melhores salários. Muitos militares, tanto da ativa como reformados, foram para Jardim, Campo Grande, Aquidauana, Dourados, Corumbá. Isso contribuiu consideravelmente para a baixa populacional.

Foi muita gente embora. Então, a cidade passou tempo assim, com pouca gente. Houve tentativa de mudar a cidade e na época o Mario Andreazza que era Ministro do Interior vieram consultar o povo, mas nenhum de nós queria sair daqui. Preferíamos enfrentar novas enchentes do que ir morar longe daqui, longe da água né.¹⁰⁹

O aspecto da baixa populacional, mencionada por Hipólito Soares, está concatenado com a fala de Luiz Augusto Codorniz.

Muitos saíram daqui por causa das águas na cidade. Ali ficaram e resolveram se estabelecer nas cidades que eles procuraram porque preferiram. Lá era melhor mais seguro pra ficar e, foram exclusivamente às famílias com mais recursos, funcionário público, federal, militares, reformados, aposentados esses que foram mais embora. A cidade diminui, hoje, por exemplo, tem pouca gente.¹¹⁰

Outro fator relevante foi a questão da moradia. Aquelas famílias que moravam de aluguel, que dividiam espaço residencial com outra família, moravam em hotéis, aproveitaram a oportunidade e a disponibilidade da coordenadoria da Defesa Civil que, durante os meses de abril a setembro de 1979, colocou à disposição da população um caminhão para fazer a mudança de quem quisesse sair da cidade. O relatório apresentado pela CONSPLAN para o Ministério do Interior, ao descrever Habitação e Construção, na cidade de Porto Murtinho, apresenta a seguinte análise:

A zona urbana foi preparada para abrigar uma quantidade relativamente grande de funcionários categorizados da indústria de tanino, funcionários públicos e pequenos comerciantes, encontrando-se inúmeras habitações de padrão médio e popular. O padrão alto não existe e na periferia uma parte de imigrantes da zona rural se estabeleceu em casebres edificadas dentro do mesmo padrão utilizado na área de origem dos moradores.¹¹¹

A classificação dos padrões habitacionais, na década de 1970, seguia, de acordo com o relatório, três categorias. Sendo essas: padrão alto - inexistente no município para o período; padrão médio, que se caracterizava por construções com estruturas de concreto, alvenaria ou tijolo, com acabamento de cerâmica, massa comum, ou mesmo reboco, cobertas com telhas de cerâmica; padrão popular, com estrutura de alvenaria, de tijolo, com acabamento externo de massa comum ou reboco; padrão baixo, onde a estrutura era adobe¹¹², tijolos ou madeiras sem tratamento com acabamento externo de massa comum ou

¹⁰⁹ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹¹⁰ Luiz Augusto Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

¹¹¹ Relatório Preliminar de Desenvolvimento Local Integrado. CONSPLAN, 1970, p. 12.

¹¹² Tipo de tijolo artesanal cru, seco ao sol.

mesmo sem nenhum acabamento, cuja cobertura era de palha de sapé, folha de palmeira, madeira, telha, cerâmica ou zinco.

A costaneira de carandá era muito utilizada nas construções e para o feitiço das cercas. Medidas paliativas de saneamento eram aplicadas pelo quartel, em virtude de que esse tipo de construção contribuía, em muito, para a proliferação do barbeiro, baratas e ratos, aumentando os riscos de se contrair doença de chagas. O número de construções, na área urbana, totalizava 710 habitações, onde apenas 71 delas era do padrão médio.

O referido relatório, ao descrever a evolução do licenciamento de construções, sinaliza que

O ritmo de construções na cidade tem sido lento, malgrado o incremento demográfico que ocorre desde a década de [19]50. Verifica-se em significativa incidência a ocupação de hotéis, vagas (casas que se sobre alugam) ou pequenas construções localizadas nos lotes das residências atuais, provocando um aumento contínuo na densidade demográfica de uma área que não se tem expandido territorialmente.¹¹³

Na análise de um desenvolvimento planejado e também espontâneo, fatores prioritários, como uma integração entre os setores urbano e rural, torna-se imprescindível. A economia urbana está entrando em declínio frente à decadência das fábricas extrativistas que se utilizam de equipamentos obsoletos e mão-de-obra sem qualificação e, no setor rural, o despontar de forma espontânea e não planejada de uma economia com base na pecuária, que continua a absorver parte dessa mão-de-obra. A ampliação das áreas de criação bovina, mas com tendências à expansão para os municípios vizinhos, permanecendo, dessa forma, a evasão da renda local e a estagnação econômica do município. Assim,

Em consequência da falta de integração do sistema poderá ocorrer o êxodo da população urbana para outros municípios em busca de oportunidades de emprego e a receita municipal tenderá a decrescer ou se estagnar, tirando da administração os meios necessários para ampliar a infra estrutura do município.¹¹⁴

Muitas famílias, que saíram da cidade no período, retornaram. O vínculo de parentesco favorece esse retorno. Quando falamos em êxodo para o período das enchentes, deparamo-nos com interpretações diferentes do mesmo fato. Antonio Barreto questiona que, em “toda cidade do mundo, em todo país do mundo não tem como a maioria, não tem como segurar o povo.” Diante dessa colocação, para ele, a saída do povo é uma necessidade como em qualquer lugar, em qualquer país. Pontua que “Murtinho mesma coisa, a gente vai pra qualquer canto do Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro, Nordeste, Brasília, qualquer lugar do país tem murtinhense.”¹¹⁵ Famílias com melhor poder aquisitivo

¹¹³ Relatório Preliminar de Desenvolvimento Local Integrado. CONSPLAN, 1970, p. 13

¹¹⁴ Idem, p. 67,

¹¹⁵ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em 21/08/2008.

mandavam seus filhos para estudar fora e eles formaram novas famílias mantendo os vínculos com a cidade.

Em agosto de 1980, o jornal *O Momento* apresenta a manchete “Governo tem plano para recuperar Porto Murtinho”, relatando que o coordenador da Defesa Civil do Estado – SEDEC - o coronel Joacir Sebastião da Silva apresentou, ao governador Marcelo Miranda, sugestões de medidas para serem aplicadas em Porto Murtinho logo que baixassem totalmente as águas, com uma previsão de 40 dias. Sugestões, como a implantação de um programa intensivo para preparação de mão-de-obra e de cursos profissionalizantes, mobilizando conjuntamente a população, melhorando a qualificação profissional do município. Para o governador, tais medidas são emergenciais, visto que o município apresenta um quadro difícil.

Segue pontuando que por dois anos seguidos, eventos calamitosos assolaram a cidade e a desativação das fábricas levou um contingente de mais de 30% da população a deixar o local em busca de trabalho e segurança. Para o coordenador da Defesa Civil, o que restou, salvo algumas exceções, foi uma população carente, um grande número de pessoas idosas, um expressivo número de desempregados e um acentuado número de gestantes, muitas delas, menores de idade, famílias com numerosos filhos.

A reportagem salienta que o problema social é um dos mais graves, segundo informações do coronel Joacir Sebastião da Silva, e que exige atenção urgente das autoridades estaduais e federais. São as seguintes medidas apresentadas, como prioritárias: reativação do entreposto de pesca local; criação de um posto de fiscalização para evitar a concorrência desleal e os excessos. Para o Estado, de acordo com o governador, nos últimos dois anos, Porto Murtinho atingiu importância, um custo superior a 10 milhões de cruzeiros para a Defesa Civil. É preciso conscientizar a população da necessidade de se transferir para a nova Porto Murtinho, a ser construída em local que as cheias do Paraguai não avançam. Antes, porém, para o coordenador da Defesa Civil, é preciso criar e oferecer condições de trabalho aos murtinhenses, através da qualificação da mão-de-obra e do incremento na pesca, que propicia condições para as pessoas enfrentarem as dificuldades e se dispor a transferir-se para outro local, como indicam os estudos desenvolvidos pelos técnicos federais.

A questão estava residindo no impasse, não apenas entre os moradores, como, também, entre as autoridades envolvidas no processo de recuperação da cidade e uma posterior transferência, como indica a reportagem.

Para Norma Meza, muitos foram embora com medo de novas enchentes, outros, no entanto, não encontraram tanta facilidade na adaptação e retornaram para a cidade logo após a construção do dique. E, para ela, tem a questão da região ser área de Segurança; assim, há um contingente militar considerável que está em constante trânsito na região.

Para Inocêncio Fernandes, o índice populacional é constante, pode até ocorrer pequenos êxodos, mas o número de imigrantes paraguaios, que a cidade recebe constantemente, contribui para o crescimento tanto demográfico quanto populacional. O êxodo, nessa análise, não está diretamente associado à questão das enchentes e, sim, às condições econômicas e sociais em que se encontrava a cidade, na década de 1970, até meados de 1980.

3.5 O murtinhense não vive sem o rio

O rio nos adotou. Isso aqui é muito mais do que está na televisão, mas temos que cuidar porque um dia pode acabar. A natureza não é eterna, assim como o homem não é. Isso é a vida, o que mais eu posso querer? Só quem está aqui sabe o que é isso aqui.¹¹⁶

Após a visita do Ministro do Interior Mário Andreazza, a população murtinhense recebe a notícia de que havia um projeto para que a cidade fosse transferida para o km 7 e 8, local dos acampamentos provisórios. Essa proposta vinha atrelada a um segundo projeto para a construção de um dique de contenção de águas. A mudança da cidade, em termos de custos, era a alternativa mais viável. Seriam construídas casinhas nos moldes de conjunto populacional e empreendimentos como a instalação de rede elétrica e água potável. Enfim, uma nova cidade era oferecida à população murtinhense. Muitos afirmam que houve um “plebiscito de boca”, ocasião em que a população disse não à mudança da cidade. Para Artemio Sanchez, isso ocorreu em função de que “murtinhense como tem um amor inabalável por essa terra, ele disse não, e tem que ter outro jeito. Não, não e não, e bateu o pé e não. Arrumou-se outro jeito.”¹¹⁷

A pressa em voltar para casa, mesmo com a água, aumentou. O medo de perder o pouco que restou e, principalmente, de “deixar Murtinho para trás” tomou conta da população.

Houve essa possibilidade, ou foi inventada essa possibilidade. Só que a população não aceitou. Não quis de jeito nenhum. Pensou-se em construir uma nova cidade a, aos moldes de nova Porto XV lá né, Mas não foi aceito pela população de Murtinho de jeito nenhum. O povo mal a água dava na canela já voltava pra cá, e não tinha quem fizesse, não houve aceitação por parte da população.¹¹⁸

Reportagem do jornal *O Momento* estampava a notícia: “Governo pode mudar a cidade de Porto Murtinho.”¹¹⁹, informando que a proposta do DNOS era a construção de diques de contenção de água e a proposta do Governador do Estado Marcelo Miranda

¹¹⁶ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹¹⁷ Artemio Sanches. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹¹⁸ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹¹⁹ Jornal *O Momento*. 31/07/1982. nr. 8182. Corumbá, MS

Soares era transferir a cidade, que seria uma alternativa mais prática e rápida. As informações foram prestadas pelo Assessor da Defesa Civil da Superintendência para o desenvolvimento do Centro Oeste, Coronel Pablo Maranhão Ayres, que seguiu para Porto Murtinho, juntamente com o coordenador da Defesa Civil de Mato Grosso do Sul, Joacir Sebastião Silva. As propostas foram submetidas a estudos técnicos e com uma decisão a ser anunciada com a brevidade que demanda a urgência da situação.

Persistem as controvérsias e os desentendimentos entre as autoridades e a população que não aceita a mudança da cidade. Muitas propostas foram apresentadas aos moradores.

Veio a proposta, por que achava que sempre ia ter essa enchente. E veio a proposta que pra sair a cidade lá, daqui a 7 km, num lugar bem altura, bem alto. E daqueles pessoal que vieram falar pra mim até falaram o seguinte: o dinheiro que ta aí dá pra fazer 10 Murtinho, melhor do que o que ta lá. E muito dinheiro, e vocês não vão aceitar (...) mas tem que fazer uma pergunta pro povão pra ver se vão querer. O pessoal não aceitaram.¹²⁰

A justificativa da população está contida no fato de que é “muito gostoso morar na beira do rio”, pescar no cair da tarde, ver os meninos jogarem bola no campinho e depois tomarem banho no rio. Olhar ao longe no rio e ver os navios e barcos passando. A lembrança da infância está condicionada ao rio.

eu quando garoto jogava bola na barranca do rio na frente do hospital velho. O primeiro Hospital de Porto Murtinho. É um descampado, a gente jogava bola, suave, coisa e tal. A bola caía na água, a gente mergulhava no rio nadava atrás da bola, tacava um no outro. E aquilo foi nos fortalecendo como nadadores e fortalecendo fisicamente (...) Até boxe a gente treinava na beira do rio, naquele descampado ali. A gente cruzava o rio, todo dia, eu pelo menos cruzava duas, três vez por dia a nado quando não a nado de chalana, remando.¹²¹

O rio Paraguai integra o imaginário pantaneiro. As cidades pantaneiras, que foram erigidas em seu entorno, têm, no rio, sua identidade. É nas águas do rio que a população contempla o pôr-do-sol, no Pantanal. O rio constitui-se no elemento importante ao longo da História no que tange às fixações populacionais no entorno de suas margens. Ao relatar esses fatos, verificamos que eles estão como que intimamente ligados à água, ao rio que se espalha pelos Pantanaís. A água, por sua vez, exerce um fascínio que ultrapassa a ideia do apenas morar próximo às margens do rio Paraguai. Para muitos desses moradores, o rio é a sua identidade, a sua referência enquanto um morador urbano no Pantanal.

Na análise de Silva, “o conjunto de expressões peculiares da paisagem do rio estimula impressões sensoriais e emotivas indefinidas, irradiando uma enxurrada de

¹²⁰ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹²¹ Artêmio Sanchez. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

imagens subjetivas.”¹²² O rio Paraguai contribui, nesse aspecto, para a construção de imagens paradisíacas. Completa a autora, “mas, em maior intensidade, emergem do Paraguai transbordante as visões exuberantes da paisagem.”¹²³

Quando o volume de águas extravasa de suas margens, o Paraguai, aos poucos, tem sua sinuosidade diluída, dando lugar a um extenso alagado. Ao alcance dos olhos, não se tem mais um rio, porque:

No lugar onde dominava um sistema fluvial regular, inicia-se a mutação do mundo aquático, sem harmonia, quase sem escoamento, entregue as ações da natureza para distribuir-se em milhares de sangradouros, boqueirões entre serras, que se alagam durante as enchentes.¹²⁴

O rio Paraguai, ao mesmo tempo em que é um rio brasileiro, é também um rio de águas internacionais. Na análise de Ney lared Reynaldo, “é um dos mais importantes da planície, corre dois terços de sua extensão em terras brasileiras – 1.693 quilômetros.”¹²⁵ Ainda de acordo com o autor, “é o rio mais volumoso em águas da Bacia do Alto Paraguai.”¹²⁶ Atuando como um canal de comunicação, sendo navegável em, aproximadamente, 90% do seu curso, com isso “permitiu que entre os anos de 1870 e 1940, nesse trecho, o tráfego de embarcações.”¹²⁷ Fator esse que contribuiu para o desenvolvimento econômico da região, colocando Mato Grosso “no contexto do capitalismo internacional, assim como, também, um ensaio de participação direta de capitais estrangeiros na sua economia.”¹²⁸

Em Porto Murtinho, permitiu que o município, criado em função de atividades portuárias vinculadas à exportação da erva-mate, recebesse, em suas águas, navios que transportavam manganês de Corumbá e trigo em grãos. Seria pertinente dizer, então, que o rio Paraguai é um divisor natural de fronteiras entre o Brasil e o Paraguai e banha o município de Porto Murtinho em uma extensão de, aproximadamente, 200 km.

A descrição do rio Paraguai, feita por Proença, em sua obra “Pantanal: gente, tradição e História”, contém elementos utilizados pelos murtinhenses para falar do rio. Assim descreve o autor:

Rio caudaloso, o Paraguai vem fazendo muitas voltas, adivinhando declives na planície pantaneira, ramificando-se em linhas alargando-se em baías, escorrendo de manso por entre margens às vezes pouco elevadas, recebendo cada vez mais os tributos dos afluentes: uma imensa massa

¹²² SILVA, M^a do C. G., *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*, 1999, p. 283.

¹²³ Idem, p. 2831

¹²⁴ Idem, p. 287.

¹²⁵ REYNALDO, N. I., *Comercio e Navegação no rio Paraguai (1870-1940)*, 2004, p. 59.

¹²⁶ Idem, p. 59.

¹²⁷ Idem, p. 64.

¹²⁸ Idem, p. 84.

líquida a despejar-lhe uma variedade enorme de entulhos, dando-lhe aparência do rio precocemente envelhecido.¹²⁹

Objeto de vários estudos na historiografia sul-matogrossense, o rio Paraguai foi o caminho para guerra e para a interação entre duas nações distintas. Ao mesmo tempo em que atua como limite, torna-se a possibilidade de acesso a outra margem. São variantes de uma mesma análise em que o limite não é apenas fronteiro, está diretamente relacionado com as questões de fronteiras e identidades. É uma porta de comunicação que possibilita intercâmbios consideráveis em todos os aspectos, sejam eles culturais, econômicos, sociais, políticos.

O historiador Lucien Febvre, em sua obra, *O Reno: história mitos e realidades*, apresenta uma análise, no que tange à questão do Reno, enquanto fronteira entre França e Alemanha. Fronteira, conforme descreve o autor, é uma “palavra de exércitos em movimento, palavra relativamente nova que se opõe a limite, essa velha palavra indulgente de medidores de terra.”¹³⁰ A fronteira vista enquanto algo dinâmico, em contrapartida ao limite, que é estanque. Para Febvre, é necessário atentar para um princípio mestre que se estende além da fixação de limites geográficos preestabelecidos cartograficamente. Febvre analisa que

Não há fronteira quando dois dinastas, estabelecidos em terrenos que exploram, levantam, dividindo as despesas, algumas cercas pintadas com suas armas ao longo de um campo ou traçam uma linha ideal de separação no meio de um rio.¹³¹

Segue a análise apresentando a concepção de fronteira, enquanto um traço de união.

Há fronteira quando, ultrapassada essa linha, encontramos-nos diante de um mundo diferente, de um complexo de idéias, sentimentos, entusiasmos que surpreendem e desconcertam o estrangeiro. Uma fronteira em outros termos, o que a finca profundamente na terra não são as forças policiais, nem as alfândegas, nem os canhões por trás de muralhas. Sentimentos, isto sim; paixões exaltadas – e ódios.¹³²

Os rios, desde os primórdios de uma economia, primeiramente, de coleta e, posteriormente, agrária da humanidade, referem-se ao desenvolvimento social da humanidade; temos, então, que os rios se constituíam em lugares privilegiados, visto sua contribuição para a cultura e do imaginário. Povoados de mitos a água, foi o elemento primordial para o desenvolvimento de grandes civilizações que, historicamente, foram se formando às margens de grandes rios. A água, com sua cosmologia formatando o universo místico da humanidade.

¹²⁹ PROENÇA, A. C., *Pantanal: gente, tradição e história*, 1977, p. 19.

¹³⁰ FEBVRE, L., *O Reno: história, mitos e realidades*, 2000, p. 209.

¹³¹ Idem, p. 212.

¹³² Idem, p. 212.

Teme as grandes cheias e as secas, a magia que envolvia monstros imaginários que habitavam a profundezas das águas. Como uma divindade, figura a força seminal da água nesse conjunto de cosmogonias mágicas. A ideia do éden, do paraíso ligado à água como fonte de vida. A medida que o homem vai desenvolvendo processos tecnológicos, esses lhe permitem certo domínio sobre a água, que ganha novas configurações, como, por exemplo, um recurso geopolítico, delimitador de fronteiras entre os povos e as nações. A natureza, nesse sentido, passa a ter característica passiva ao olhar humano e muitos dos mitos de outrora são reconfigurados e o universo de transcendentalidade se ressignifica.

Aqui no rio eles fala que existe o minhocão. Esse minhocão eu nunca vi. Mas tem pessoa que fala: eu vi. Tem, e pra eles tá acabando com os pé de eucalipto ali na frente, onde era a Florestal, hoje é o Porto, diz que é o minhocão que comeu toda a raiz (...) ¹³³

O homem civiliza seus medos e os monstros que habitavam as profundezas das águas ganham aparência menos maléfica, em seu imaginário mítico. A informação abaixo nos permite fazer uma análise da pseudo descrença de muitos sobre esse universo mítico que ganha a roupagem da realidade exposta cotidianamente.

Aqui tinha muito, muito já aqui na frente da cidade. E as vezes saia um jau assim aqueles pretão grandão. As vezes na beira das chalanas, e assustava os pescadores. Tanto é que uma vez caiu uma enorme extensão da barranca, fez um barulhão, e a turma falaram que era minhocão ¹³⁴. Que a água vai solapando a barranca, vai solapando de repente ela cai, falaram que era minhocão. ¹³⁵

A abrangência simbólica da água é dúbia, de significados múltiplos, mesmo adversos e inconstantes. Está associada às possibilidades de vida e sua transitoriedade. Encontramos ideia similar em Silva, quando pontua que

Assim como os grandes rios, que parecem destinados a revestirem-se de mistérios, o Paraguai, ao ser nutrido pelo sentido poético, gerou uma infinidade de lendas e de fantasias capaz de anular as experiências negativas e de manter o caráter maravilhoso de suas águas. ¹³⁶

Faz-se relevante, nesse ponto, as observações de Cunha, ao nos lembrar que, “na psicanálise a água é também espelho, envolve o complexo narcisístico.” ¹³⁷ A autora busca amparo para tal colocação em Bachelard, quando esse descreve a utilidade psicológica da água em sua obra, *A água e os sonhos*. A água, associada ao feminino, é fertilidade, docilidade, é também fragilidade. Sua associação com o masculino é fecundidade, virilidade,

¹³³ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹³⁴ Consultar: FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.; SILVA LEITE, M. C. *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. 1ª edição. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156p (Coleção Tibaré de estudos mato-grossenses: v.4)

¹³⁵ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹³⁶ SILVA, Mª do C. G., *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*, 1999, p. 299.

¹³⁷ CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 17.

força. Encanto e fúria que se entrecruzam e fazem a mediação entre o limite do céu e da terra, o sagrado e o profano. Para os murtinhenses, deixar Porto Murtinho e construir uma nova cidade significava deixar para trás sua identidade.

O rio é a identidade o murtinhense. Longe do rio não tinha razão de ficar. Muitos foram embora daqui por que passaram por uma crise de identidade. Se não for pra ficar na beira do rio, mudar de cidade, então melhor procurar outra cidade. Por que mudar a cidade era construir uma nova cidade que não era mais Porto Murtinho.¹³⁸

O impacto causado pela possibilidade de mudança afetou a identidade dos moradores. O medo do desconhecido, retoma ao seu ponto de partida.

Ah, todo mundo tinha, alguma, uma boa parte das pessoas tinha medo e voltava com água pela canela pra tomá conta da casa, antes que construísse lá a cidade e tirasse o povo daqui, era receio mesmo. Todo mundo morria de medo de sair daqui. Ninguém aceitava, ninguém concordava com isso, de jeito nenhum. E tinha razão, no meu entendimento, tinha razão. Por que a vida era aqui. Não teria razão de morar em Porto Murtinho se não fosse por causa do rio. Porque cidade como Porto Murtinho, e cidade por cidade esta cheio, o Brasil ta cheio delas ai, ta cheio delas. Agora igual Porto Murtinho com esse rio que tem aqui, não tem muitas por ai não.¹³⁹

Uma ruptura marcante que afetaria, de algum modo, a sua adaptação e implicaria na construção de uma nova identidade local.

Quando saiu a idéia, o murtinhense resistiu. Foi valente e viu que tinha que defender sua identidade. O rio que representava essa sua identidade. Foi ai que o povo viu que podia reconstruir mais uma vez a cidade.¹⁴⁰

Ideia semelhante encontramos na narrativa do professor Firmo, que avalia a mudança, pelo seguinte prisma:

A mudança estava vinculada a tradição. A população está ligada ao rio. Seria difícil mudar também pela falta de água. Dificuldade de conseguir água. Teria que levar do rio Paraguai para lá, uma região árida, apenas campo, sem lagos, teria que ser a direita da rodovia.¹⁴¹

O rio, enquanto possibilidade de acesso estabelece vínculos culturais que identificam os moradores, demarcando sua identidade, enquanto habitantes, tanto brasileiros quanto paraguaios, da região pantaneira. Aqui a fronteira não se reduz casualmente a fronteiras geográficas, mas construções humanas que delineiam todo um universo cultural que abrange visões de mundo e da historicidade do homem, enquanto elemento constituinte do espaço geográfico.

Pra mim, talvez seja Nova York, Porto Murtinho (...). Eu tenho meu sobrinho que mora em Toronto ele sempre me manda as imagens do local. Ai eu falo

¹³⁸ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹³⁹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁴⁰ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁴¹ Firmo Luiz Fonseca. Anotações caderno de campo. Dezembro/2008.

assim: Porto Murtinho também tem! Temos a natureza que vocês não tem aí, eu falo pra ele. Sabe, aí é muito gelo. Aqui é muita água boa que nos temos essa água de Porto Murtinho. Do rio Paraguai é a água mais bonita (...), tudo a gente encontra aqui e a gente tem como explorar isso, no rio Paraguai.¹⁴²

As relações que se desenvolvem ou desaparecem entre os moradores da região pantaneira, não se limitam, ou são influenciadas, tão somente, por limitações geográficas e políticas. Encontramos ideia similar em Pesavento, por ocasião da análise de região e nação. De acordo com a autora:

[...] este mesmo planeta globalizado que dilui fronteiras [...] as comunidades simbólicas de sentido reatualizam-se, pois, a demonstrar que as elaborações identitárias estão mais vivas do que nunca.¹⁴³

Estruturas sociais são tecidas e os espaços limítrofes se configuram enquanto acessibilidade que permite um encontro com um conjunto de ideias e valores culturais distintos, constantemente revisitados e ressignificados. Na análise da historiadora, a construção da identidade, nesse local, de modo menos dogmático, está atrelada à constituição do espaço. A justificativa de amparo consiste em analisar que “a referencia identitária cria a paisagem, organizando e qualificando a natureza segundo este olhar que preside a rede de significados de reconhecimento.”¹⁴⁴

A identidade se torna visível no estreitamento das teias de relações entre os moradores e em suas práticas cotidianas.

Entre o dique e a mudança de cidade, a população preferiu o dique. Porque, porque lá não tem rio, lá na serra onde eles iam fazer a cidade não tem rio Paraguai. E a vida da cidade gira em torno do rio e não tinha muita razão de ser, viu. Acho que não tinha mesmo.¹⁴⁵

Porto Murtinho é uma cidade que surge a partir do porto de escoamento da erva-mate e encontra no rio Paraguai, entranhado nos Pantanais, sua identidade. Ela insiste em fixar suas bases nas margens frágeis lapidadas pelas águas que sustentam as chalanas que levam e trazem, não apenas pessoas, mas sentimentos e emoções que norteiam o cotidiano. (foto 11)

Como o Reno de Febvre, teria o Paraguai um caráter único, singular, um estranho e “poderoso prestígio.”¹⁴⁶ Para o autor, destarte

Desse caráter sagrado que todos os primitivos concordavam em conferir às águas correntes? Sem dúvida. E sabemos que, por suas águas, ao mergulhar nelas, rasgando com o próprio corpo o seu seio pleno de germes, cheio de todas as formas e todas as criações, o homem de todos os

¹⁴² Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁴³ PESAVENTO, S. J., *Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX)*, 2003, p. 210.

¹⁴⁴ Idem, p. 211

¹⁴⁵ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹⁴⁶ FEBVRE, L., *O Reno: história, mitos e realidades*, 2000, p. 255.

tempos, sob todas as latitudes, sempre teve a sensação de regenerar-se, de retomar o contato com a substância primordial, de despir velhas aparências; em uma palavra, de conhecer um novo nascimento que o resgataria em sua força, sua potência, sua fecundidade originais. Simbolismo do batismo, caro a todos os povos.¹⁴⁷

A água, em conformidade com Cunha, “além de objeto de contemplação” é também “lugar de passagem ou travessia, é ponto de navegação, de deslocamento”. Na análise da autora, o contato do corpo com a água, no ato de banhar-se, adquire conotações com “significação sagrada ou profana” oferece a possibilidade de “ultrapassagem da emoção do olhar – da melancolia ou da alegria dos olhos.” Assim, quando em contato com a água “mergulha-se em sonhos, purifica-se o corpo e a alma, ou quando simplesmente a estes fornece-se o gozo em ato lúdico.”¹⁴⁸

Portanto, as palavras do Seu Hipólito são quase um eco daqueles que têm a cidade como única, em todas as suas características. Quando questionado sobre o porquê de não ter vingado a ideia da mudança da cidade, ele acrescenta

Por causa da dificuldade de cada um teria né; e por causa também do amor à barranca do rio. Que antes de ter esse dique ai, qualquer hora do dia a gente descia ai pescar, pegava peixe [...] A noite, as vezes, você não tinha o que fazer, você fazia as massinha e ia na barranca, até as onze hora pescava. Muitas vez você pegava peixe, as vez não pegava, mas passava a noite, né. A gente ia tomá banho, nos fins de semana nesse rio.¹⁴⁹

Seria pertinente o questionamento de que a recusa da mudança está atrelada a uma teia de sentimentos que anula a ideia do rio enquanto limite entre dois povos, originando a ideia de interação constante do homem com o meio ambiente em foco? Do reconhecimento de que o rio Paraguai, enquanto possibilidade de recomeço, é porto de acesso de uma economia que despontou por entre os ervais nativos, pelos quebrachais e nos vastos campos dos pantanais, que exigiu um considerável contingente de homens que ousavam ultrapassar os limites geográficos. O rio como argamassa para uma miscelânea cultural criando bases para uma cultura dinâmica. Como possibilidade de se desfrutar da liberdade longe da opressão política de ditaduras instituídas tanto no Brasil (1964) quanto no Paraguai (1954).

O rio que, quando espreado, banha concomitantemente, com suas águas, terras brasileiras e paraguaias apagando limites geográficos e estabelecendo assim um único limite: o do olhar. Olhar de homens que tem nessas águas a possibilidade de unir o céu e a terra no longínquo horizonte. Extinguindo, mesmo que momentaneamente, as rugas do passado.

¹⁴⁷ Idem, p. 255.

¹⁴⁸ CUNHA, L. de O., *Significados múltiplos das águas*, 2000, p. 18.

¹⁴⁹ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

Profícuos e acalorados debates no cair da tarde, entre os moradores, quando nas rodas de tereré; o assunto em questão é o dique de contenção das águas. Elemento modificador da paisagem urbana traz as marcas das águas do rio Paraguai que, lentamente vai lapidando a terra que está assentada nas suas margens e com isso motiva muitas elucubrações que, por vezes, refletem o temor dos moradores no caso da ocorrência de uma nova enchente.

A construção de um espaço está associada a momentos históricos e as transformações decorrem das práticas e ações de toda uma sociedade e atende aos seus interesses políticos, sociais, econômicos e culturais. Para Durval Albuquerque:

Não há evento que não seja produto de dadas relações sociais, de tensões, conflitos e alianças em torno do exercício do poder, de dada forma de organização da sociedade, produto de praticas e atitudes humanas, individuais e coletivas.¹⁵⁰

Tais práticas não devem ser condicionadas por apenas um dado aspecto da realidade. Portanto, o indivíduo, enquanto morador urbano, vivencia os espaços da cidade afastando a possibilidade, nesse caso, de apenas viver na cidade, sem adentrar e corroborar sua participação na organização de uma dada estrutura social. A cidade, nesse caso, passa a ser sinônimo de sociabilidade. A cidade real e a cidade imaginada estão imbricadas, tornando possível as continuidades e rupturas do viver urbano. Na análise de Pesavento, “sendo um universo paralelo de sinais, o imaginário como uma constelação de representações, tem a propriedade também de substituir ao mundo real, pois as pessoas fazem dele e nele a sua realidade.”¹⁵¹

Segundo Chartier¹⁵², as representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais. Isso posto, entender as representações é entender as relações, o que faz sentido, a construção de significados e o entendimento sobre eles, sendo a representação um sistema de significação. Se a representação está envolvida por uma relação entre o significado - entenda-se o conceito, a ideia - e pelo significante, o vínculo entre ambos consegue dar sentido às coisas, é o resultado de uma construção social. Mecanismos de poder levam a construção ou não de representações que vem carregadas de um poder simbólico que lhe conferem força como representações do mundo, de tal modo que parecem normais. Nesse contexto, a representação pode estar no olhar e constrói tanto a alteridade quanto a identidade.

Em seus estudos sobre o Reno, Febvre pontua que a história desse rio não evidencia nada, bem como não precisa de nada. Excetuando “a potência criadora da

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de., *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*, 2007, p. 27.

¹⁵¹ PESAVENTO, S. J., *Nação e região; diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX)*, 2003, p. 209.

¹⁵² CHARTIER, R. *A história cultural. Entre práticas e representações*, 1990, p. 18.

imaginação.”¹⁵³ Enquanto historiadores, tentamos tecer astuciosamente, essa teia de relações, com palavras que sintetizem tais representações.

De fato, não há curva única, regular, contínua do passado que possamos, através do pensamento, sem excessiva temeridade, prolongar pelos espaços ainda vazios do porvir. A cada instante, a curva se divide e se rompe, bifurca, entorta, se volta para o sentido contrário.¹⁵⁴

Antes da construção do dique, as margens do rio eram amplamente utilizadas pelos moradores para pescaria, banho, lazer para as crianças. Até a construção do dique, muitos eventos cívicos e públicos da cidade eram realizados na Avenida da Beira do rio, como muitos dizem. Concluída a construção, tudo mudou e o espaço foi lentamente invadido pelas águas.

No contato com alguns moradores foi possível observar que a construção do dique trouxe mudanças significativas na paisagem local e uma nova preocupação para os moradores da região. Segundo eles, agora para você ver a água subir precisa ir até a barranca do rio, em cima do dique. Mesmo sabendo que o dique traz a segurança, existe uma desconfiança muito grande quando se trata de uma nova enchente, comparável a de 1982.

A enchente, sendo um fenômeno recorrente nos pantanais, traz em seu bojo a certeza de um recomeço, especialmente após um longo período de estiagem. Traz os deslocamentos e uma nova reorganização social que estreita os laços dos moradores que têm seu cotidiano vinculado ao vai e vem das águas do rio Paraguai que, sorrateiramente, vai invadindo os espaços, integrando e modificando a paisagem local.

Foto 11- Margens do Rio Paraguai em Porto Murtinho, MS



Fonte: Arquivo Museu Jaime Aníbal Barrera

¹⁵³ FEBVRE, L., *O Reno: história, mitos e realidades*, 2000, p.251.

¹⁵⁴ Idem, p.251

4 - O DIQUE COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO E MODIFICADOR DO ESPAÇO URBANO

4.1 “ela se esconde por trás de uma muralha, é uma cidade corajosa e cheia de esperança.”¹

As enchentes que assolaram a cidade nas décadas de 1970 – 1990 suscitaram estratégias para enfrentamento por parte dos moradores e uma providência definitiva por parte das autoridades. A resistência dos moradores frente ao fato da mudança da cidade culminou com a construção de uma barreira para a contenção das águas do rio Paraguai. Houve, por parte das autoridades Estaduais e Federais, a tentativa da realocação do centro urbano. Uma tentativa de mudar a orientação inicial no sentido de não construir a barreira de proteção e, sim, efetuar a transferência definitiva da cidade para um local mais elevado. O que ocorreu, no entanto, é que nas imediações não existia uma área adequada pra realocação com acesso direto ao rio. A opção era uma área distante 7 km do centro, das margens do rio.

Nessas condições, a realocação da cidade não seria aceita pela população que sempre viveu em função do rio, onde a grande maioria dos moradores possui embarcações destinadas à pesca, ao transporte para as fazendas e intercâmbio comercial com a vizinha cidade paraguaia, na margem oposta do rio. Se tal mudança fosse efetuada, mesmo a contragosto da população, essa ligação com o rio teria que ser feita através do ônibus. Para evitar o custo com o transporte, muitos moradores optariam por permanecer no local, às margens do rio, na aérea de inundação.

Após a visita do Ministro do Interior Mário Andreazza, em outubro de 1979, quando na ocorrência do primeiro deslocamento populacional, estudos efetuados por técnicos buscavam encontrar uma alternativa, ou seja, uma solução para o problema das inundações na cidade.

Ah! Então com a segunda enchente o Ministério do Interior do Governo Federal que estava sobre a direção (...) sobre a responsabilidade do Ministro Mario Davi Andreazza. O Ministério do Interior houve por bem fazer um estudo e proteger a cidade de futuras enchentes construindo um dique de proteção. Esse dique de contenção, diferente de muitas outras cidades brasileiras, ele circundou a cidade. Por que não havia outra forma de proteger a cidade se não houvesse uma circundação. Por quê? Porque a água do rio entra na parte continental pela parte sul da cidade então não tem, não tinha outra forma a não ser fazer uma muralha em volta da cidade. Essa muralha de terra prensada, terra em forma de pirâmide cortada. Uma pirâmide, toda muralha em volta da cidade tem o formato de uma pirâmide cortada no cume.²

¹ LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*, 1994, p. 21.

² Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

A proposta inicial seria o deslocamento do centro urbano para uma área mais elevada, contudo, como já citado, a resistência da mudança pelos moradores estava centrada em deixar as margens do rio e, também, nas dificuldades no abastecimento de água com a captação do rio Paraguai.

Aspecto de fundamental importância na tomada de decisão foi a questão econômica. Para os governos Estadual e Federal, os custos de uma transferência, da realocação de uma cidade, com a reimplantação de toda sua infraestrutura, são mais elevados que os correspondentes as obras de construção de uma barreira de proteção contra inundações. O custo, para a realocação da cidade, girava em torno de 990 milhões de cruzeiros, contra 450 milhões de cruzeiros referentes às obras contra as inundações. Tais estimativas foram efetuadas durante estudos pelo Ministério do Interior em novembro de 1980 e corrigidas, posteriormente, na execução da obra.³

No período que compreende 1970-1980, a cidade tinha uma rede de distribuição de água que correspondia a apenas 30% da extensão total das ruas do perímetro urbano.⁴ Não existia uma rede de esgoto sanitário, nem de águas pluviais. Adotava-se a fossa séptica ou ligações simples dos sanitários para os fundos de terrenos. Com as chuvas, os dejetos eram levados para as ruas, formando poças e uma proliferação de insetos constituintes de focos endêmicos.

A falta de recursos da prefeitura, a isenção de impostos aliada à baixa renda familiar da população, impossibilitava a resolução dos problemas de saneamento. Considerando que a indústria de tanino não recolhia tributos, gozando de um protecionismo que não era pertinente com suas possibilidades e com a precariedade dos recursos públicos locais.⁵

Como mencionado em capítulo anterior, o desenvolvimento da cidade foi possível face às circunstâncias oriundas de interesses econômicos, por volta de 1892, com a criação de um porto para o embarque da erva-mate, instalado por iniciativa do Dr. Antonio Correia da Costa, na Fazenda Três Barras, de propriedade do Major Boaventura da Mota. Sua implantação, desde o início, foi precária. Em meados da década de 1970 e início de 1980, devido à grande dimensão dos terrenos disponíveis e o alto custo das terras, as subdivisões, para construção de moradias, constituíam de lotes cercados por precárias cercas de carandá, sem conservação, acumulando detritos levados pelas águas. A aglomeração populacional se dava em 60% da área urbana e pequenas construções em áreas dispersas. A possibilidade de mudança deixa os moradores apreensivos e reticentes. Nesse período, a cidade enfrenta um alto índice de desemprego e uma estagnação

³ MINTER/DNOS. Relatório do projeto. Vol. I.

⁴ Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado - CONSPLAN. 1970. p 22

⁵ Idem, p. 23

econômica ocasionada pela crise na extração do tanino e a possibilidade do fechamento definitivo da Florestal Brasileira S.A.

A pequena cidade contava com uma atividade comercial restrita ao município. O quadro econômico era composto por 39 estabelecimentos varejistas e 10 prestadores de serviços diversos. Atendendo apenas à população urbana, visto que a massa de trabalhadores rurais não dispunha de renda suficiente para a aquisição de determinados bens e serviços, além do necessário para a subsistência. A unidade do exército ali estabelecida e constituía-se no fator dinâmico e contributivo, na medida em que patrocina promoções sociais e contribui mensalmente com uma parcela considerável da renda, através dos soldos pagos aos militares. (foto 12)

Conhecedores das suas dificuldades e dos limites de investimentos, os moradores hesitaram em deixar a cidade com suas ruas largas, mesmo sem calçamento, sem meio fio ou qualquer pavimentação. Onde as chuvas provocavam acúmulo de resíduos, e com uma limpeza pública realizada uma vez por semana, por tração animal. Quando nos dias quentes as ruas eram molhadas com carro pipa. A coleta de lixo e demais resíduos eram depositados em partes próximas as margens do rio Paraguai e mesmo no seu curso, a jusante.

A vida comunitária da cidade girava em torno de dois eixos específicos: a vida religiosa e esporte e a recreação. As atividades desenvolvidas pelas igrejas, uma católica, Evangélica e Assembleia de Deus abrangiam cerimônias religiosas e outras atividades de caráter social e recreativo. Malgrados os poucos recursos, vem realizando, gradativamente, no local, pequenas obras sociais, como um pomar, aquisição de brinquedos e melhoria no campo de futebol. Os dois clubes existentes na cidade realizam bailes com conjuntos musicais variados. O futebol e o cinema, com suas sessões semanais, servem de encontro para a população. O sistema de comunicação é precário e funciona por alto-falantes. Em meados de 1970, uma pequena livraria recebia o jornal *Diário da Serra* vindos da capital Campo Grande e revistas, como, *Cruzeiro* e *Manchete*, que, de acordo com alguns moradores, chegavam sempre atrasados pelas dificuldades de acesso à região.

O cotidiano desse pequeno centro urbano, na orla do Pantanal, seguia um ritmo gradual, sem maiores sobressaltos e estava estreitamente ligado ao meio ambiente. As ações cotidianas giravam em torno do banho de rio, da pesca, dos mutirões, dos encontros na frente das casas, que era mesmo uma extensão do interior das moradias porque todos se conheciam e a quietude do local e as imagens idílicas que se repetiam, afastavam, dos moradores, os “ruídos” comuns de centros urbanísticos mais estruturados.

O difícil acesso ao município, vinculado às condições do tráfego que fazia a ligação da sede do município a Jardim, MS, quando se formam os entroncamentos rodoviários de acesso às diversas localidades pela BR 267 e, para Campo Grande, não foi citado pelos

moradores como empecilho e, sim, como um mecanismo de manutenção da pequena cidade que dispunha de poucos recursos para investimento na sua infra-estrutura.

Foto 12 - Vista parcial da cidade na década de 1980



Fonte: Arquivo AGESUL

Como as enchentes, o dique construído para a contenção das águas do rio Paraguai, cuja obra se iniciou em 1982, com término em dezembro de 1984, veio para acrescentar às pessoas um fragmento a mais em suas memórias. A transformação do local alterou alguns costumes, que muito agradavam às pessoas e que, hoje, os levam para a praça do tereré, para rememorar esses momentos. A complexidade da mudança do ambiente coloca o entrevistado frente a uma significativa necessidade de compartilhar experiências e momentos vivenciados com outros indivíduos que, a partir deles, edificam e ressignificam suas memórias.

Nesse contexto, como historiadores, entendemos que quem guarda para si suas memórias, impede que ela se torne objeto da história, que, por sua vez, permite uma nova tessitura e análise das minudências dos fatos. Segregar memórias é segregar homens. E não basta apenas enumerar memórias, fatos ou acontecimentos, faz-se necessário entender que escrever sobre eles, em seu aspecto particular e peculiar, exige o comprometimento ético do historiador.

É pertinente ressaltar que, na condição de historiadores, escolhemos nossos objetos e neles adentramos a partir de uma consciência mais ou menos clara da posição histórica em que nos situamos. E, inversamente, assumimos posições específicas do nosso presente

à medida que, gradualmente, adquirimos uma determinada compreensão do nosso objeto, o que culmina na produção de um novo conhecimento histórico. A teoria é a bagagem que permite o entendimento e proporciona a explicação para a escritura do fato, para a construção da história pelo viés científico. Nesse processo de produção do conhecimento histórico, de acordo com Chaloub, não deve ser esquecido a dinâmica, o “movimento da história⁶.”

Gaddis, em *Paisagens da História*, escreve que o presente tem a característica de acontecer, e que o passado é algo que não “poderemos possuir”, isso posto, nós não podemos reviver o passado ou recuperá-lo, o que nos resta é a possibilidade de analisar esses fenômenos e suas fontes e “*reapresentá-los* [...] como uma paisagem próxima ou distante [...]” Isso também significa afirmar que, mesmo reapresentando, não teremos realmente toda a imagem dos fatos tal qual aconteceram, pois somos limitados por nossa concentração e sentidos.⁷ Nesse caso, o que pode fazer o historiador é “descobrir um equilíbrio⁸” que permita uma análise coerente dos fatos, apoiado por uma base teórica plausível. Fazemos esse exercício de busca de equilíbrio, ao escrever. Conhecedores das nossas limitações e não despidos de nossas subjetividades, adentramos nas vielas do tempo e das memórias dos nossos colaboradores.

Antes da construção do dique, as margens do rio eram, costumeiramente, utilizadas pelos moradores para pescaria, banho, lazer para as crianças. As margens do rio eram, amplamente, empregadas como atracadouro de embarcações.

Até a construção do dique, muitos eventos cívicos e públicos da cidade eram realizados na Avenida da Beira do rio, como muitos dizem. Concluída a construção, tudo mudou e o espaço foi lentamente invadido pelas águas. Em contato com alguns moradores, foi possível observar que a construção do dique trouxe mudanças significativas à paisagem local e uma nova preocupação para os moradores da região. Segundo eles, agora, para ver a água subir, precisa ir até à barranca do rio, em cima do dique. Mesmo sabendo que o dique traz segurança, existe uma desconfiança muito grande quando se trata de uma nova enchente, comparável a de 1982, ou como foi em 1988, quando o nível das águas superou a marca de 9,80 metros.

Na enchente de 1988, o dique de contenção de águas ocupa um lugar de destaque. Esse fato é assim relatado por Luiz Augusto Codorniz;

O dique é de total segurança, porque a enchente grande que fez surgir o dique foi a de [19]82. Em 1988 houve outra enchente, aí o dique já tava construído. Mas a cidade não foi evacuada não. A população ficou dentro

⁶ CHALOUB, S., *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, 1990, p.18.

⁷ GADDIS, J. L., *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*, 2003, p.17.

⁸ Idem p. 26.

do dique (...) é uma espécie de uma bacia rodeada de água, Não. É um ponto seco né. Eu mesmo fiquei aqui. Fiquei com a família.⁹

O senhor Firmo Luiz Fonseca, ao falar sobre o fato, destaca que:

A cidade estava protegida. Então houve uma enchente em 1988 essa foi braba. Também foi pior que a de [19]82 foi mais alta do que de [19]82, mas a cidade já estava protegida. Somente as fazendas tiveram maior problema. As fazendas tiveram maior problema com deslocamento do gado, etc e, segundo informações a enchente de [19]88 deve ter atingido 9,80m, 9,88m por aí. Ela foi mais alta que a de 1982, mas não, a cidade esteve tranqüila. Só com a natural vigilância dos órgãos de segurança, o quartel, o corpo de bombeiros. O quartel vigiava dia e noite através de patrulhas. Vigiava em torno do dique pra que não houvesse qualquer tentativa de alguma coisa (...) seria fatal se houvesse um rombo no dique alguma coisa. Seria fatal porque realmente estava alto.¹⁰

Proteção e tranquilidade são os adjetivos usados por Conceição Montanheri para classificar o dique. Acrescenta que é uma obra fantástica para a cidade, considerando as condições do município para a época e o alto custo da obra.

Não tivemos tantas enchentes assim, mas a de [19]88, por exemplo, o dique já protegeu. E se não fosse... Nossa! Teria sido uma catástrofe mesmo! Porque foi a maior enchente que nós tivemos. É próximo dos 10 metros e alguma coisa, próximo dos 10 metros, com 11 o dique ta, com 11 metros a água chegou a 9 metros a quase 10 metros, 9 metros e meio por ai quase 10 metros. Então significa sossego, tranqüilidade pro povo né, poder construir melhorar suas casas. O comércio acreditar e melhorar também. Acho que foi uma bênção. Acho que foi uma maravilha.¹¹

Nos relatos a seguir, percebemos que, mesmo acreditando na segurança oferecida pela barreira de proteção, os moradores vão até a beira do rio para olhar o avanço das águas. Do mesmo modo, buscam forças na fé para desviar a possibilidade de uma nova enchente invadindo a cidade. Não obstante, o que mais incomoda, é a remota possibilidade de deixar o local definitivamente. Essa necessidade de afirmação da segurança da barreira está como que concatenada ao desejo de permanência no local. O vínculo estabelecido pelo homem com o ambiente em cena, há muito é fortalecido cotidianamente pela ação de ir até o rio, observar o movimento das águas e fazer a leitura da natureza, em prol da permanência do grupo. Aguça-se o sentimento de pertença, reforçando os laços identitários com o rio.

Segurança. Muita segurança. Eu acho por que desde aquela vez, graças a Deus que não, já teve. Já encheu o rio, ele ficou beirando o dique assim, vem a onda até que subia no dique. A gente ia olhar, mas sempre tinha fé e nós falava que não vai invadir nossa cidade. Graças a Deus que não deu. Ali foi mais uma enchente que deu.¹²

⁹ Luiz Augusto Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

¹⁰ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

¹¹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

¹² Lídia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Quando questionada sobre a possibilidade de outra enchente e a ocorrência de novas inundações, responde que, “com certeza! Isso vem da natureza. Isso você não pode segurar porque vem de Deus né. É isso, e vai vir. Só que nós temos que ter consciência que o dique não vai deixar nós sair daqui.”¹³ Finalizando, recorre à necessidade de uma manutenção constante do dique. Em toda sua entrevista, ela defende a preservação do ambiente, da não poluição do rio e a necessidade da permanência na cidade como uma forma de proximidade do Pantanal. Para que ele não seja prejudicado pelo turismo mal planejado, que inclui a pescaria no período da reprodução dos peixes, pelo lixo, como o plástico e garrafas pet, que pode ser encontrado no Pantanal.

No decorrer da execução das obras, a mudança da paisagem foi objeto de estudo por parte dos engenheiros, que cogitaram o recuo do dique escalonadamente em diversos locais, de maneira a criar espaços para a formação de pequenos jardins, objetivando compensar a eliminação do rio da paisagem local. Para que não ocorresse a eliminação total do contato visual com o rio, foi prevista a criação de áreas de lazer, localizadas na zona mais nobre da cidade, em que se procurou dissimular totalmente o dique na composição do ajardinamento de forma a criar uma praça escalonada, de onde seria possível se apreciar a paisagem do rio. (figura 1)

Todos esses cuidados tinham o intuito de evitar que a população encarasse a obra como um simples aterro, constituindo um obstáculo ao acesso ao rio, sem nenhum atrativo. Escadas deveriam ser construídas em frente a todos os passeios das ruas perpendiculares ao dique, como forma de facilitar o acesso para a transposição do dique. Tal escalonamento permitiria reduzir as desapropriações.¹⁴ No entanto, observou-se que, muito do planejado, não foi executado. A quebra do impacto visual do aterro de 2 metros de altura que se estendia linearmente ao longo de toda margem do rio ficou no papel e na lembrança dos moradores.

Observamos, na narrativa de Dona Norma, quando pergunto a ela o que mudou na cidade com a construção do dique:

Mudou sabe o que? A paisagem! Porque antes eu sentava na calçada da minha casa eu via os navios, ali de lá de casa eu via os navios, via o rio, hoje não dá pra você ver. Porque fica abaixo do dique, não dá pra você ver contemplar a natureza no rio, mas a gente agradece, porque tivemos esta oportunidade de ter o dique aqui imagina que muita gente foi embora [...].¹⁵

Continua sua narrativa, destacando os aspectos negativos advindos com a construção do dique. Que ele não trouxe apenas a transformação da paisagem, mas dos hábitos e dos costumes. Para ela, o fato de “fechar” pontos de acesso do dique restringe a liberdade de ir e vir da população. Isso ocorre porque ele corta a propriedade dos hotéis que

¹³ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho.,MS

¹⁴ MINTER/DNOS. Relatório do projeto. Vol. I

¹⁵ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

ali se encontram. Salaria que “muitos reclamam” porque “os hotéis acha que ele é dono desse dique e fecha de nós. Nós não temos passagem pra andar porque poderia deixar tudo aberto livre pra gente andar. Porque não é deles, o dique é da união.”¹⁶ Pontua que é uma propriedade pública e não propriedade particular, que a população é impedida de passar por esses pontos, em frente a esses locais. Acrescenta que “não quer que passe na frente, em cima do dique. É tão bom pra fazer a caminhada, que é um dos lazeres que nos achava que era uma boa pra nos”¹⁷ Ela complementa:

É muito bonito, não existe outro lugar no mundo que nem Porto Murtinho. Você subi em cima do dique no por do sol e você bate uma foto. Hoje é uma imagem e amanhã é outra. Nunca se repete a mesma. É a coisa mais linda! Se existe alguma coisa de bonito que nós temos é o por do sol em Murtinho, e a própria população, a família é muito legal. Não tem assim sabe, a gente tem que se orgulhar de ser murtinhense.¹⁸

Enfatiza que muita coisa de valor histórico da cidade, “as pessoas se adonam”.¹⁹ Estão em poder de um determinado grupo de pessoas, e que isso incomoda muitos murtinhenses. Como é funcionária pública, lotada no Museu Municipal, cita, como exemplo, o acervo, para que fique exposto, aos olhos do povo. Seus questionamentos persistem; para ela, a história da cidade deve ser contada pelo povo, pelos objetos e máquinas que ali estão.

Questiona sobre a localização da planta original do dique, que considera um documento importante que ninguém sabe onde está e que difere em muito da obra construída.

Porque pela planta do dique era uma coisa de louco. Uma coisa mais linda. Não precisava estar dessa forma. Um lugar tinha que ser tudo. A paisagem, por exemplo, é completamente diferente. Não é essa que você vê ai que a gente via na planta, inclusive até sumiram com essa planta. Porque poderiam deixar até aqui no museu hoje ninguém sabe onde que foi parar.²⁰

As alterações, citadas por ela, na planta inicial do dique estavam atreladas a fatores econômicos e geográficos, como podemos observar a especificação no relatório ao tratar dos aspectos paisagísticos do projeto.

Inicialmente pensou-se em valorizar a área fronteira ao rio em toda a extensão da cidade dando um tratamento urbanístico e paisagístico mais profundo, inclusive reorientando a estrutura viária, porém chegou-se a condições orçamentárias e de infra-estrutura proibitivas com relação ao atual estágio de desenvolvimento da cidade, o que fez com que reestudássemos uma outra alternativa.²¹

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ MINTER/DNOS. Sistema de Proteção contra as inundações na cidade de Porto Murtinho. Vol. II. p. 148

A solução encontrada pelos engenheiros foi a implantação de uma paisagística, atendendo as restrições orçamentárias do projeto, de acordo com as necessidades locais.

Considerando-se os fatores econômicos, sociais, históricos e geográficos da região, achamos oportuna a criação de uma área verde junto ao dique, em local favorável e potencializá-la com elementos funcionais de tal modo que justificassem o empreendimento à nível local. Partiu-se então para criar um ambiente comum para ponto de encontro da população onde pudesse motivar a cultura e o lazer;²²

Além da criação de um ponto de cultura e lazer, outro ponto em destaque era “incentivar a economia da cidade, através da exploração do turismo e da pesca.”²³

Adotou-se um plano paisagístico que integrasse a área verde ao dique, de modo que propiciasse um conjunto harmônico mantendo sua unidade. O escalonamento tinha a finalidade precípua de criar um jogo de platôs contrastantes entre si e com os taludes mais próximos como forma de buscar um movimento contínuo, diminuindo o volume do aterro. A ideia da criação da área verde e de um parque era a aproximação do homem com a natureza e vinha atender a “uma moderna filosofia de implantação de parques e áreas de lazer.”²⁴ A distribuição da área verde seria condicionada, principalmente, pelo aspecto contemplativo, onde cor, volume, textura, solo e outros elementos como a água criariam um cenário de contrastes visuais, um jogo lúdico, valorizando toda a parte estética da obra. Como não destacarmos, nesse ponto, que toda essa “paisagem artificial” tinha como pano de fundo nada menos que o rio Paraguai e o Pantanal de Nabileque. Que cenário realmente se faria necessário produzir? Desnaturar é a palavra-chave.

Em resumo, diante de tal fato, é possível afirmar que “o natural e o artificial se confundem, e a cópia passa a ser mais valorizada do que o original.”²⁵ A tentativa de amenizar as modificações pelas quais passou as margens do rio, que funciona como uma porta de entrada para os pantanais, esteve presente no decorrer da obra e questionadas não apenas pelos moradores que acompanhavam os trabalhos de construção da barreira de contenção das águas. Muitas vezes, o descontentamento e os questionamentos partiam dos profissionais que ora autorizaram tais modificações. Afinal, o que ocorria era um redesenhar das imagens, e a remodelação de peças do mosaico pantaneiro. Verificamos que esse cuidado estava explícito no cuidado com que foram desenhadas as plantas, quando se tratava da vista parcial e da paisagem a ser ali implantada.

Coincidentemente, foi a partir da década de 1970 e início de 1980, que se elabora toda uma representação edênica e idílica sobre o Pantanal, favorecendo o desenvolvimento de uma nova atividade econômica na região, o turismo. As perdas consideráveis na

²² Idem. p. 148.

²³ Idem, p. 149.

²⁴ Idem, p. 149.

²⁵ MEYER. M. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*, 2008, p. 97.

pecuária, com as enchentes de 1974, e, posteriormente, em 1979, foram cruciais para tal fato. Avaliar as relações do homem com a natureza, com o ambiente em que se insere, é de fundamental importância, quando na implantação de qualquer elemento modificador. Não se pode isolar o homem de tal ambiente. A teia de relações ecológicas e culturais estabelecidas deve ser conservada em detrimento às práticas econômicas ali desenvolvidas.

Analisando o paisagismo no ramo da construção civil, Meyer menciona que uma das primeiras preocupações é “tirar o mato” e, posteriormente, inserir elementos exóticos alheios ao ambiente “reproduzidas em folhinhas e cartões postais”.²⁶ O propósito é “organizar a natureza de acordo com o modelo cultural importado”²⁷, dentro de uma significância pessoal e econômica, atendendo às políticas de mercado, onde a “sucessão ecológica dê contorno ao ambiente”. Seria pertinente, mais uma vez, a análise de Meyer, quando acrescenta que, “dessa forma, a natureza vai sendo construída dialeticamente: o natural e o artificial coexistem.”²⁸ E acrescentamos, o delinear de representações e imagens idílicas, no caso em tela, o Pantanal.

Como verificamos, a planta inicial, elaborada logo após a enchente de 1979, em meados de 1980, passou por modificações em virtude da necessidade de novos estudos dos níveis alcançados pelo rio Paraguai, após a enchente de 1982, e também por razões orçamentárias. Porém, é motivo de descontentamento por parte dos moradores. O senhor Hipólito comenta sobre a rampa de acesso que está bem diferente e, de acordo com ele, não deveria ter sido alterada.

Eu sei que lá no Porto tem uma rampa que desce assim ó, (faz um gesto com braço que fica em declive) ali teria que ter outra rampa em sentido que subisse lá pra aquele lugar ali e não foi feito, seria uma rampa em forma de V assim, não foi feito.²⁹

A inviabilidade na construção das rampas está associada à geografia da cidade, como observado em relatório, pelos engenheiros responsáveis pela obra. (figura 2)

Essas rampas [...] criariam uma complicação muito grande para a circulação dos veículos, exigindo entre outras, a criação de ruas com apenas um sentido de tráfego, o que não é compatível com o tamanho da cidade. Outra desvantagem seria a construção dos muros de arrimo que seriam necessários para contenção do aterro das rampas.³⁰

É preciso considerar igualmente, que além da questão visual e estética da obra, houve as alterações do clima com a elevação da temperatura, como salientam moradores. Como o dique forma uma barreira em redor da cidade, observamos que, para muitos

²⁶ Idem, p.99.

²⁷ Idem, p.99

²⁸ Idem, p.99

²⁹ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁰ MINTER/DNOS. Relatório do projeto vol I. p. 111

moradores, a sensação de estar “preso” incomoda. Para a professora Elizabeth Ayub, o dique

salvou a cidade da enchente mas também atrasou muito e atrasa até hoje porque além do clima, o clima ficou muito pior, esquentou muito mais por causa do dique, cortou muitas casas, muitas coisas que tinham aí tiveram que cortar no meio por causa do dique e ... e fechou a cidade e você vê parece é difícil até pra crescer do outro lado, mas e por outro lado salvou a enchente... salvou a cidade da enchente.³¹

Essa questão está presente em várias narrativas. O pescador Antonio Soria, ao ser questionado sobre as mudanças ocorridas no ambiente, após a construção do dique, se apressa em responder:

Primeiramente, ante de começá esse dique, o pessoal achava ruim esse dique. Não acostumava com o dique por que começou a sentir mais calor, né. O vento você não pega mais como antes, antes do dique. E não enxergava o que ta passando lá na beira do rio. Antigamente era um vista diferente. Tudo que passava lá daqui mesmo você vê navio, de todo tipo de navio. E agora acabou isso ai. E o vento, como temporal mesmo que pega o vento e esse daí segura muito o ar. O ar quente vem por meio desse ai que vem mais a doença né. Muito quente, muito quando é na época de calor, pessoal reclama demais. Calor, calor e você não agüenta. E o tempo de frio também. Virou tempo de frio você não agüenta o frio.³²

Apontar esses contrastes é de grande relevância para entendermos a aceitação da obra por parte da população. O retorno ao ambiente acolhedor e familiar de uma pequena cidade é rebuscado constantemente pelos nossos entrevistados. Inocêncio Fernandes diz: “eu nunca achei diferente o dique. Eu não acho diferença.”³³ Reclama, no entanto, que, com a construção, esquentou mais e muitos hábitos da população tiveram que ser repensados. Pontua que: “em frente em minha casa a gente sentava bem ai em frente, tem arvore a gente sentava. Hoje você não aguenta, fica abafado, bate ali o sol e tem que ficar mais lá no fundo do quintal.”³⁴ Foi comum nos depararmos com questionamentos dos entrevistados para com eles. É como se fosse a busca de uma resposta para algo que já está definido, mas, onde não houve a participação para tal definição.

Destacamos, aqui, o questionamento de Dona Magna. Perguntamos sobre o dique, das mudanças, ela fica pensativa, começa a rir e responde: “Não sei. Não sei. Por que queria mudar se baixava a água e ficava bem, só vendo. Depois que inventaram esse dique né.”³⁵ Fala da importância da manutenção da obra, “eu penso agora que tem que arruma por que é, como que a gente fala, por que tem algum lugar que já ficando feio.”³⁶ Mesmo sem perceber, manifesta seu desejo do retorno à cidade nos seus moldes primeiros, sem a obra

³¹ Elizabeth Avelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

³² Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³³ Inocêncio Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁴ Idem.

³⁵ Magna Sanches. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁶ Idem.

do dique e, ao se referir às cheias, fala de modo a entender que estava habituada com o subir e baixar das águas.

Além da visão religiosa do fenômeno, as transformações ocorridas ao longo da segunda metade do século XX, no Pantanal, mostram como as percepções dos pantaneiros em relação à enchente obedecem, também, uma noção prática de como lidar com essa realidade. As enchentes são vistas como um fenômeno no qual precisam aprender a conviver com essa realidade, a fim de adaptarem-se ao meio e fazer com que prejuízos, tanto materiais, como até mesmo o risco a vida, sejam minimizados ao máximo, sem, no entanto, o risco de abandonar, de sair definitivamente do seu lócus.

Conhecedores das dificuldades enfrentadas com a chegada das águas que invadem a cidade, suas casas, modificam sua rotina, seu cotidiano, observamos, nas narrativas de nossos colaboradores, que o dique tem uma posição dualista. Se considerarmos por um lado, é visto como proteção, e, por outro, percebemos que foi uma ruptura na relação do homem com seu ambiente primeiro, ou seja, com a paisagem natural sem a intervenção humana na construção de uma paisagem com elementos artificiais.

E o dique trouxe a segurança. Por outro lado ele tirou aquele romantismo da gente, a gente vinha lá no meio da cidade a gente via aqueles navios passando, não é. Tirou a visão do rio. Aquele movimento do rio, tirou. Pra gente ver tem que ir lá no dique. Mas trouxe segurança sem duvida.³⁷

Artêmio Sanchez é enfático ao expressar sua opinião em relação à construção do dique. Ressalta que, mesmo sendo uma mudança necessária, não é obrigado a aceitar. Nas várias visitas à cidade, o contato com alguns moradores se fez de maneira menos informal. Seja na pequena rodoviária, na portaria do hotel, no restaurante, no museu, na escolinha do Caacupé, na praça do tereré, no passeio de chalana, no trailer do lanche, a opinião de muitos é coincidente com o depoimento dado por Artêmio, quando diz:

O dique foi uma mudança necessária. É não vou dizer pra você que sou obrigado a aceitar. Eu aceito, até de bom grado. Foi uma mudança que eu não gostaria que tivesse acontecido. Mas foi necessária que acontecesse. Por que senão as enchentes iam se suceder, como se sucederam e se sucedem até hoje, Porto Murtinho, a sede original do município, seria apenas um alagado. Então se preservou a cidade e se convive muito bem com isso hoje. Foi uma mudança importante que eu não gostaria que tivesse acontecido, mas foi necessário que acontecesse.³⁸

As preocupações mais acentuadas tinham, como foco, a mudança da cidade. A ideia foi refutada e causou muitas discussões e mal entendidos que giravam em torno do fato de ter sido ou não uma decisão em conjunto com os moradores ou mais uma decisão de

³⁷ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁸ Artemio Snachez. Entrevista em agosto//2008. Porto Murtinho, MS

gabinete. O relato de Ninfa Avelar contraria as demais narrativas e revela sua inquietude e indignação frente às decisões tomadas no período.

Por que isso foi uma coisa resolvida entre minoria. No caso seria, meu marido falou na época, que foram só três pessoas, que decidiram não mudar a cidade. Por que, acho que o povo fosse consultado talvez pediria pra mudar. Não sobrou mais nada. Todo mundo com casa pela metade, não tinha telhado, não tinha. Perderam tudo, a cidade foi reconstruída 90% por que a água penetrou em tudo, tudo, tudo. A escola aqui quase caiu depois que construíram de novo reformaram de novo, tudo.³⁹

Trata-se de uma indecisão ou meras especulações? Assim como tantas outras perguntas, essa foi lançada para Antonio Barreto, que nos diz:

O povo não queria mudar. Foi proposto mudar a cidade, não quiseram. Quando foi proposto fazer o dique também eles não foram a favor do dique em si. Eles acharam que o dique ia prejudicar aqui, de ficar sem vista pro rio, que ia ficar abafado que não ia ... Todo mundo estava achando que ia ter esses problemas. Uns por conveniência, outros por que havia conversa de outras pessoas e ficavam sem saber, então optava por uma opinião, né. Mas, o pessoal por si queria que ficasse daquele jeito mesmo. Deu a enchente sai, acabou a enchente volta e acabou. Esse era o melhor pro povo.⁴⁰

A narrativa dos acontecimentos, por nossos entrevistados, é, em suma, um relato organizado de tais acontecimentos. Sejam eles reais ou fictícios, no interior dos quais se desenvolve um enredo concatenado com o presente, onde o entrevistado, por vezes, atua na forma de observador ou partícipe do fato. Percebe-se um tom ironia, de humor no relato acima descrito, quando trata da relação das enchentes. A relação homem e natureza, homem e cidade, provoca mudanças no seu comportamento. Esse homem vê sua vivência pautada de acordo com os fenômenos da natureza e sua história contada em função da sua relação direta com o meio em que está inserido.

A ocorrência de cheias no Pantanal, durante o século XX, foram acompanhadas mais de perto pelo homem, sobretudo, daquele que tem sua vida ligada diretamente ao meio na qual vive e dele garante sua sobrevivência. No Pantanal, por sua vez, são peões, fazendeiros, pescadores e, em geral, todos aqueles que possuem uma relação mais estreita com o meio pantaneiro, incluindo nesse grupo os moradores das cidades da orla Pantaneira, como é o caso de Porto Murtinho, Corumbá, Aquidauana, Coxim, Cáceres, dentre outras.

As consequências das enchentes, em todo o Pantanal, sejam elas na cidade ou no campo, produzem significados que marcam a vida desses homens, de formas variadas, as representações, que cada um absorve, possui traços incomuns. A maneira com que o ciclo das águas no Pantanal afeta a cada um são bem diferenciadas, ou seja, existe uma similitude entre a concretude do real e as representações criadas no que tange o ambiente e de si mesmos.

³⁹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

O relatório elaborado Pelo Ministério do Desenvolvimento, através da CONSPLAN, aponta que, na década de 1970, Porto Murtinho era um pequeno centro urbano com uma economia em duas frentes: a indústria extrativa e a pecuária.⁴¹ Na zona urbana, a indústria extrativista voltada para um mercado exportador. Estrutura de produção capitalista mantendo características colonialistas, com o aproveitamento da mão-de-obra indígena e a paraguaia na extração do tanino, baixa produtividade, operando em função das variações climáticas da região e uma degradação ambiental progressiva. Sendo uma economia de caráter extrativista, a decadência está vinculada à utilização de matéria-prima similar em outras áreas, como Argentina e Paraguai, que atuam no mesmo setor extrativista do tanino.

A pecuária, organizada nos moldes tradicionais e extensivos, se utiliza de grandes áreas. Baixo emprego de capital, utilização da mão-de-obra indígena e paraguaia com uma remuneração ínfima e nenhuma qualificação, disseminando um processo rotineiro e espoliativo, traços de uma economia colonial. A pecuária estava voltada para o mercado externo e circulação da produção fora das vias do município.

Ressaltar esses aspectos se faz pertinente porque evidenciam a desintegração dos setores ditos urbanos e rurais, no município, voltados para mercados diferenciados, utilizando-se de extensas áreas e mão-de-obra local, sem, contudo, propiciar investimentos e melhorias locais. O urbano está em decadência frente à escassez da matéria-prima que move a indústria do tanino e o rural dá sinais de expansão para outras regiões, onde a incorporação de terras permite um aumento da produção, reforçando a circulação do capital nos locais de residência dos latifundiários, como era, no caso, Campo Grande.

Historicamente, temporalmente, a década de 1960 apresenta a degradação ambiental como um sério problema, seja em âmbito social, político, ecológico econômico. Despontam debates no cenário internacional, enfatizando a necessidade de políticas preservacionistas. A Conferência das Nações Unidas da Biosfera, em 1968, reuniu especialistas discutindo os problemas ambientais de forma global, resultando na percepção dos efeitos negativos oriundos de um processo exploratório da natureza. A constatação dos crescentes efeitos da degradação ambiental foi foco de debates nas décadas de 1960-1970. O aumento demográfico, a industrialização, a inserção de novas tecnologias na agricultura contribuíram para a degradação dos sistemas naturais, gerando uma crise ambiental em âmbito global. Chernobyl foi a triste marca da década de 1980. Mudanças climáticas, as consequências do aquecimento e impactos ambientais. A ECO - 1992 lança um novo desafio: o desenvolvimento sustentável, como forma de conciliar de reverter a incompatibilidade da expansão com a conservação do meio ambiente, dos ecossistemas

⁴¹ SUDECO/CONSPLAN, 1970, p. 70

constituintes de uma base natural. A ênfase estava na necessidade de um alinhamento ético. Diferenças deveriam envolver três setores, pautando-os como objetivos centrais: econômico, ambiental e social.

Nessa perspectiva, a exploração extrativista do tanino e o gradativo desenvolvimento da pecuária estão atrelados a um desenvolvimento em âmbito não apenas local, mas inserido no contexto político e econômico global. A necessidade do domínio dos recursos naturais pelo homem está correlacionada ao desenvolvimento econômico e na busca de melhores condições e qualidade de vida. Necessidades e interesses que geraram modificações naturais advindos no decorrer do processo evolutivo da humanidade.

4.2 – “a muralha que a cerca é a sua proteção, sua segurança contra as águas que constantemente avançam em sua direção”⁴²

Estudos preliminares sobre a necessidade da implantação de uma barreira para a contenção das águas nas enchentes, na região de fronteira de Porto Murtinho, foram realizados a partir da década de 1970; posteriormente, a grande cheia do Pantanal de 1959, como citado anteriormente.

O relatório preliminar de Desenvolvimento integrado do Município de Porto Murtinho, elaborado pela CONSPLAN, na década de 1970, ao retratar a situação com recursos financeiros da SUDECO, dentre as principais medidas de aplicação imediata na região, cita, além da melhoria das estradas, de medidas de saneamento, da dinamização de um serviço portuário, a necessidade da construção de um muro de arrimo ao longo do rio Paraguai. As causas apontadas justificam a construção para “evitar o prolongamento da erosão que se verifica anualmente em suas margens e que está ameaçando de ruir edifícios.”⁴³ Com uma extensão de 3 km de comprimento, com um custo aproximado de CR\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinqüenta mil cruzeiros). Parte dos recursos seria subsidiado pela SUDECO (70%) e o restante (30%) pela prefeitura local. Apontado como prioridade de ordem primeira, o objetivo era conter as águas do rio Paraguai que, “no período das enchentes avançam para a cidade”, evitando o processo erosivo “ que encontra-se em estado avançado”.⁴⁴

O jornal *O Momento*⁴⁵, em 16 de julho de 1982, estampa, em manchete de primeira página: Andrezza “Anuncia a construção do dique para Murtinho”. O início das obras estaria marcado para 60 dias e a construção do dique deixaria Porto Murtinho definitivamente livre das inundações. De acordo com a reportagem, o anúncio foi feito na

⁴² LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*, 1994, p. 21.

⁴³ SUDECO/CONSPLAN. 1970, p. 72.

⁴⁴ Idem, p. 115.

⁴⁵ Jornal *O Momento*, 16/07/1982, nº 8.697. Corumbá, MS.

cidade de Iona, onde estariam abrigadas aproximadamente, seis mil pessoas. Estavam presentes o, então, governador do Estado, Pedro Pedrossian, autoridades municipais, o Diretor Geral do DNOS, José Tavares, que explicou detalhadamente como seria essa proteção definitiva para a cidade e que ela seria as bases para a implantação de um anel rodoviário, interligando Porto Murtinho aos demais centros urbanos. O cais de 200 metros de comprimento, galerias de concreto para escoamento de águas pluviais e lagoas de acumulação. Informa que a prevenção é necessária para a expansão da cidade com capacidade para abrigar 35 mil habitantes. A narrativa de Lidia Fernandes contém informações relevantes sobre o uma questão polêmica entre os moradores: houve ou não um plebiscito?

Depois dessa enchente, da primeira enchente, [1979] o Mário Andrezza e, não sei se era deputado, o Levi Dias, acompanhou ele, sobrevoou a cidade, e eles viram. Veio, um repórter e fez assim um levantamento, uma pergunta pra nós. Falou assim, pra gente assim: o que a gente achava de mudar a cidade, ou que a gente queria o dique. E todo mundo queria o dique, e foi que o Mario Andrezza que fez.⁴⁶

O dique envolveria toda a cidade com uma cota de 11,20 metros. Entre as características principais da obra de defesa, constam os dados do coroamento na cota de 11 metros, altura de 3 metros com largura no topo que varia de 4 a 8 metros, e a largura da base de 16 a 20m. A altura máxima atingida pelo dique em trechos localizados é de 4 metros e ocorre exatamente onde tem 8 metros de largura no coroamento, resultando uma largura na base de 24 metros. O dique possui um comprimento total de 11 km. (figura 3)

O período de execução das obras foi acompanhado com curiosidade pelos moradores que guardam detalhes de como foram feitas as escavações. Quando questionado sobre o assunto, Inocêncio Ferreira, com ênfase, relata:

Lembro, eu acompanhei tudo. Acompanhei tudo. Esse dique ai não é um aterro qualquer. Esse dique aí é um dique bem preparado. Porque foi cavucado dois metros e meio abaixo, e aquela terra preta, aquela terra de lodo, que tinha aqui tiraram dois metro profundidade por três metros de largura. Entrava ate maquina lá embaixo pra trabalhá, pra socá. E vinha de outro lugar vinha a terra pra enche de novo já com ela socando. Eu acompanhei tudo e não é um aterro qualquer. Esse aí é um aterro bem preparado.⁴⁷

A parte da fundação da obra é descrita Pelo professor Firmo, que se utiliza de um exemplo, uma pirâmide, para explicar que

Sobre esse corte da pirâmide há uma estrada uma via né. Uma via para inclusive fiscalização de que tá tudo correndo bem em volta da muralha se não tem algum furo, se não tem alguma (...) algum cachimbo penetrando água na estrutura e assim por diante (...) essa muralha não tem nem pedra, nem cimento, nem ferro, nada ela é exclusivamente de terra prensada, é vibrada. Então não há uma alma de ferro, nem de cimento, nem de pedra.

⁴⁶ Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em 10/12/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁷ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Mas ela parte do interior da superfície. Ela não é simplesmente assentada na superfície. Foi escavada a superfície e dali começou a construção. Eu não posso lhe precisar a profundidade da escavação da superfície, mas eu sei que deve ter por baixo, mais de metros, por que dali partiu.⁴⁸

A finalidade primordial do dique é evitar as inundações da área urbana, provocadas pelas elevações extraordinária dos níveis de águas do rio Paraguai, similares as de 1979 e 1982 e dotar a área protegida de um sistema de macrodrenagem pluvial. Faz-se incluso a viabilidade do desenvolvimento portuário da região.

O objetivo das obras é evitar a inundação da área urbana atual e da área de expansão futura da cidade, provocada pela eleva o extraordinária do nível d'água do rio Paraguai, similar a ocorrida em 1982, e dotar a área protegida de um sistema adequado de macro-drenagem pluvial. Afora o sistema de prote o da cidade contra as inunda es, pretende-se incentivar o desenvolvimento das atividades portuárias da cidade através da constru o de um atracadouro para embarca es.⁴⁹

O sistema de macrodrenagem foi disposto de maneira a permitir o fluxo de drenagem sem que ocorresse o aprofundamento da rede, visto que a cidade  , topograficamente, pouco acidentada, constituindo-se praticamente num tabuleiro de xadrez.

A obra concebida basicamente por um dique de terra envolvendo a totalidade da zona urbana possui um sistema de macrodragagem interligado a uma casa de bombas, onde foram instaladas duas comportas que deveriam permanecer abertas no período de níveis baixos do rio Paraguai, permitindo a drenagem natural das águas internas; e um atracadouro para embarca es, constituído por um cais com rampa para facilitar as opera es de carga e descarga. (figura 4)

A proje o de um atracadouro visava   continuidade das atividades portuárias, de embarque e desembarque de mercadorias, na década de 1980, em Porto Murinho. Essas atividades eram feitas ao longo da margem do rio, nas proximidades da Secretaria da Receita Federal, onde toda embarca o que trafega pelo rio Paraguai tinha a obrigatoriedade de chegar para receber o visto de passagem. A barranca do rio, atingindo o leito da rua, no trecho entre a Prefeitura Municipal e a Secretaria da Receita Federal, inviabilizou a instala o do atracadouro nesse trecho, devida   falta de espaço para o funcionamento. A  rea escolhida recaiu no trecho que compreende a Prefeitura Municipal e a Avenida Laranjeiras, onde há espaço suficiente para o funcionamento do porto e, futuramente, a constru o de galpões para o armazenamento de mercadorias. Alternativa viável seria a constru o nas proximidades da Florestal Brasileira e após a rua XV de Novembro onde há grandes áreas desocupadas, sem habita es. Em curto prazo, não

⁴⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murinho, MS

⁴⁹ MINTER/ DNOS. Relatório do projeto vol I. p. 04

existe a previsão de atividades portuárias que, economicamente, exija uma área maior que a disponibilizada.

No contrato assinado pelo DNOS e a Construtora Beter S.A., datado de 04 de maio de 1982, o início das obras foi adiado e a previsão de início foi para final de setembro de 1982, devido às enchentes. A previsão de baixa total das águas na área inundada seria meados de setembro. O relatório apresentado pelo DNOS salientava que “neste mês de julho o rio Paraguai atingiu a cota de 8,47 metros causando a inundação de cerca de 60% da área urbana. No dia 16/jul/80 o nível registrado foi de 8,39 metros.”⁵⁰

Antes do início das obras do dique, fez-se necessária a recuperação de trechos da BR 267. Essa observação consta na narrativa de Luiz Augusto Codorniz

Aqui na saída da cidade, eles fizeram um aterro que a gente chama de vertedouro. A estrada foi cortada pelas águas, com a força da correnteza, foi cortada. Levantaram mais, então a cidade não ficou é submissa, submersa. Mas daqui até o km 5 que é mais alto, daqui pra lá, de lá pra cá, era só água.⁵¹

As erosões (foto13) ocasionadas pelas águas deveriam ser imediatamente recuperadas com cascalho, permitindo o acesso e tráfego das máquinas. Com a recuperação da BR, em agosto de 1982, permitindo o acesso provisório à cidade, possível somente em 11 de setembro de 1982. A conclusão das obras de recuperação se deu em 09 de outubro de 1982, quando acontece a execução da limpeza da vegetação, permitindo o acesso das máquinas no local das obras do dique.

Foto 13 - Erosões causadas na BR 267 devido à enchente de 1982.



Fonte: Arquivo AGESUL.

⁵⁰ MINTER/DNOS. Relatório do programa de serviços. Vol. I

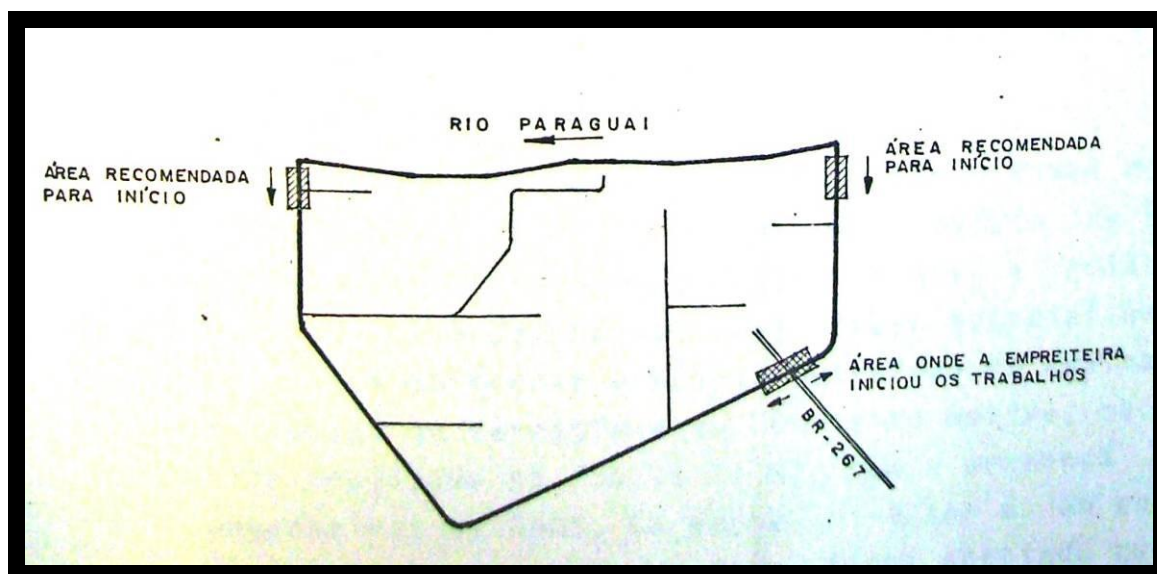
⁵¹ Luiz Augusto Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

A limpeza da vegetação inicia-se no local destinado a casa de bombas em direção ao rio e, posteriormente, em direção às lagoas, iniciadas em final de setembro de 1982, e, em outubro, inicia-se a retirada da vegetação na área de construção do dique.

Com a necessidade da inclusão na área protegida da pista do aeroporto e do Hotel dos Camalotes, a localização do dique ficou praticamente definida e, por consequência, as áreas de expansão futura da cidade, haja vista que essa área resultante permitiria um aumento populacional na ordem de 6,5 vezes da atual, ou seja, aproximadamente, 35 mil habitantes.

Concomitante com a remoção da vegetação em área do dique, as obras são iniciadas pela empreiteira a partir da BR 267 para ambos os lados, mas havia uma enorme dificuldade de drenagem, em função da topografia local extremamente plana, o que permitia o escoamento das águas. As obras foram interrompidas e iniciaram-se duas novas frentes de trabalho, começando pelas margens do rio, uma nas proximidades do Hotel Camalotes e outra nas imediações da Florestal Brasileira. Como mostra a figura a seguir.⁵²

Gráfico 5 – Croqui dos contornos da barreira de proteção contra as enchentes



Fonte: Arquivo AGESUL

Na região de Porto Murtinho, o final do período das enchentes coincidiu com o início da época de chuvas no Pantanal, dificultando, dessa maneira, a colocação do material escavado das valas sobre material encharcado, além de tornar precário o tráfego de equipamentos pesados de terraplanagem. O período das chuvas intensas no Pantanal vai de outubro a março, com uma precipitação anual que varia entre 1.300 a 1.800 mm.

⁵² MINTER/DNOS, Relatório do projeto, nº 235-C. p. 9

Diferentemente de outras regiões da planície pantaneira, em Porto Murtinho, o rio Paraguai alcança cotas mínimas no período das chuvas e máxima na estiagem, fato esse decorrente da baixa declividade do rio que drena as águas das chuvas acumuladas no Pantanal, com vários meses de atraso. Por esse motivo, a confecção de uma primeira camada do dique ficou prejudicada. Camada essa do aterro com uma espessura de 0,50 metros. A compactação ficou para posteriori. Houve alerta da supervisão de obras – Magna Engenharia Ltda, para um processamento imediato de compactação do material.

Em relatório datado de 15 de novembro de 1982 e encaminhado à Magna Engenharia, por Paulo Teixeira da Cruz, referente a visita à obra, nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 1982, pelos responsáveis e engenheiros do DNOS, da Construtora Beter S.A e Magna Engenharia Ltda, chama a atenção a observação no que tange à importância do dique. Vejamos:

O detalhe de maior importância do dique é o contato dique-fundação, porque é nessa interface que poderia se iniciar um processo de percolação preferencial, seja por uma compactação deficiente, seja por uma ligação solo compactado-solo de fundação deficiente em qualquer ponto. Desnecessário é salientar que as conseqüências de uma ruptura do dique serão muitas vezes mais catastróficas que qualquer enchente até então ocorrida.⁵³

Acompanhar a construção do dique foi o ponto chave para a população, após a enchente de 1982. Em setembro, quando iniciaram as obras, os moradores procuraram uma forma de ajudar na construção da barreira e na reconstrução da cidade. A situação econômica de todos estava fragilizada. As alternativas que restavam era trabalhar como ajudante na obra, vender chipa, fazer comida para os trabalhadores e empreiteiros, lavar roupas. Alternativas foram surgindo com a continuidade da obra e das necessidades dela advindas.

Começaram a fazer o dique, eu, por exemplo, meu marido trabalhou na borracharia lá no [km]5 e os pessoal, o caminhoneiro tinha que pega o cascalho de longe. Então meu marido ficou com a borracharia pra atender os caminhoneiro e a gente ficou muito tempo lá depois da enchente, enquanto tava fazendo o dique eu fazia comida pra os caminhoneiro.⁵⁴

O pouco que ganhavam era utilizado para arrumar suas coisas, ajeitar as casas destruídas pela enchente. Muitos trabalharam na obra, e nas palavras de Braz Leon, “o povo foi trabalhador, gente humilde que defendiam seu pedacinho de chão.”⁵⁵ Passo a passo, os moradores conhecem a obra que foi se edificando e que constitui o elemento essencial na cidade. Segurança, estabilidade, possibilidade de novos investimentos, da expansão, e um possível crescimento demográfico estavam ali contidos.

⁵³ MINTER/ DNOS. Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982, nº 235-C p. 72

⁵⁴ Lídia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁵ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

À medida que o tempo passou, a falta de manutenção e uma ameaça constante de rompimento da barreira começa a povoar o cotidiano da cidade, problemas de manutenção são verificados a partir de década de 1990, quando começam a surgir pequenas fissuras no dique, solapamento das margens do rio pelas águas e acúmulo de vegetação nos canais de macro-dragagem e a falta de manutenção das bombas de sucção da água, garantindo a drenagem interna para níveis acima de 6,50 metros, com capacidade nominal para 0,90m³/s.

As preocupações aumentaram com a notícia do rompimento do dique que barrava as águas das enchentes do rio Mississippi perto de Winfield, no Estado norte-americano do Missouri⁵⁶, ruptura de uma represa perto de Jacarta, na Indonésia, por falta de manutenção,⁵⁷ e Nova Orleans, quando o rompimento de um dique deixa 80% da cidade submersa.⁵⁸

A confirmação de que o dique oferece segurança vem acompanhada de ressalvas para muitos dos entrevistados. Hipólito Soares cita o rompimento das barreiras acima descritas:

Nós temos visto, lá nos países baixos, por exemplo, é cheio de dique, vários países da Europa, Ásia. Quando o dique, nos Estados Unidos, aquela grande enchente, lá no Texas, se não me engano, aquele furacão rompeu o dique, é houve um desastre lá. Quer dizer por mais é, bem que o dique seja feito, por mais segurança, a gente não tá livre de acontecimentos assim naturais.⁵⁹

Retorna a enchente de 1979 para fazer um parâmetro com a de 1959, lembra que estava no exército, que houve um furacão, que destelhou a maioria das casas. Chuva de granizo, vento forte que passava destelhando as casas, acrescenta que, “até bem pouco tempo, tinha casa aí, naquele tempo o reboque das casas era com cal e areia, né, tava tudo furadinho assim de granizo. Foi terrível.”⁶⁰ Este fato nos foi relatado por Edilda Coronel⁶¹. Ela lembra que foi um vendaval que arrasou a cidade, lembra do fato porque, na época, morava na vila da Florestal e foi ver a fábrica destruída pelo vendaval. Fato ocorrido em 09 de outubro de 1959, quando, por volta das 16 horas passou por Porto Murtinho um tornado violento que, praticamente, destruiu a fábrica da Florestal Brasileira e a cidade, arrancando telhados e tombando paredes, causando graves danos a todos.

As mesmas inquietações do Senhor Hipólito são as descritas por Firmo Luiz Fonseca, Ninfa Avelar e outros entrevistados. Ela lembra que, quando a população estava

⁵⁶ <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=780993>

⁵⁷ <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/03/27/rompimento-de-dique-deixa-mais-de-50-mortos-em-jacarta-755028092.asp>

⁵⁸ <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,OI648413-EI314,00.html>

⁵⁹ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁰ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶¹ Anotações caderno de Campo em abril de 2007. Porto Murtinho, MS

acompanhando a construção do dique, o que mais se ouvia era falar sobre a necessidade de manutenção.

O dique? Ele eu acho que já salvou nós pra falar a verdade e, ao mesmo tempo acho que é um perigo. Um perigo, por que assisti, é assisti, eu assisti já em filme, notícias que foi feito dique igual a essa no Canadá e já não deu certo, já arrebentou, e em outro lugar também. A gente fica com essa expectativa. Só que a gente não vai querer amedrontar ninguém. Eu acho muito perigoso esse dique. Deus me livre e guarde! Isso aqui, ainda mais aqui, não dão sustentação. Tem que sempre estar, dando é como diz, tem que dar assistência, cuidar os buracos que tá havendo sempre, pesquisar como é que ta. Aqui não tem isso.⁶²

A necessidade de manutenção do dique é ponto de destaque, especialmente depois da enchente de 1988, quando o nível das águas atingiu a cota de 9,80. O dique foi projetado para 11 metros e, para Hipólito Soares, a possibilidade de novas enchentes não pode ser descartada, especialmente porque, segundo ele, “se chover muito, tanto na cabeceira como aqui, mas chove como antigamente, 120, 140 milímetros assim, e essa chuva não pará, aquelas águas lá da cabeceira se encontrar com esta, pode acontecer uma enchente”.⁶³ Pondera que os órgãos públicos devem estar atentos, fazendo a manutenção do dique, refazendo o aterramento nos pontos críticos, porque enquanto estiver compactado, enquanto a água não passar por cima, o dique não arrebenta, mas, no caso de passar água por cima da estrada, ou do dique, em poucas horas, abre-se uma brecha. Fala do seu período de ginásio, quando estudou geografia e aprendeu que o rio Paraguai é um rio de planície, que tem uma declividade de 5 cm por km, uma declividade baixa, que a água não vem com ímpeto, vem de mansinho e, sendo assim, “dá tempo pra pessoa ir se preparando, providenciando as coisas.”⁶⁴ Lamenta o estado de conservação do dique e lamenta que existam muitos interesses políticos em jogo, que quando disponibilizados os recursos para melhorar as condições do dique, fazer a manutenção da casa de bombas, não é bem empregado. Lembra das muitas tentativas de calçar a barranca do rio:

Eles calçaram, colocaram pedra, fizeram muro, mas não colocaram colunas que chegassem até lá em baixo no rochedo, foi caindo tudo, é dinheiro jogado fora. Engenheiro sabe que pra segurar um concreto, assim uma barreira, ele tem que encontrar base sólida.⁶⁵

Pensativo, responde que, no caso de uma enchente grande, “Aconteceria muitas perdas materiais, depende do modo como for tomada a cidade né. Se de repente não tomarem providencia e abrir uma brecha assim a água entrar, vai haver muita morte.”⁶⁶ A entrada da água pegaria muita gente desprevenida. Ele faz uma colocação que consta no

⁶² Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶³ Idem.

⁶⁴ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

relatório de supervisão de obras da Magna Engenharia, que é a necessidade de se ouvir sempre as pessoas mais antigas da cidade, pessoas que viveram essas enchentes e dar crédito aos seus relatos. Tomadas as devidas providências baseadas nas informações obtidas, dará tempo para se precaver.

Para o senhor Firmo, uma manutenção regular ajuda na prevenção da erosão, salienta que não é preciso esperar acontecer para depois fazer os procedimentos necessários, é preciso estar atento, prevenir, porque, de acordo com ele:

O limite máximo que ela suporta seria de 11 metros (...) perto de 11 metros (...) então se o rio subir mais que 11 metros passa por cima dessa muralha. Graças a Deus nunca chegou a isso porque ai seria fatal (...) teria que desmanchar o dique na parte sul para que a água escoasse tudo (...) senão ficava uma banheira cheia d'água (...) a cidade ficaria uma banheira cheia d'água (...) mas nunca aconteceu isso não atingiu ainda... não atingiu 10 metros, foi feita pra 11 não atingiu 10 metros até hoje graças a Deus (...)⁶⁷

Quando na entrevista com a professora Elizabeth Ayub, perguntei da possibilidade de uma inundação na cidade, ela observa o filho brincando, fica em silêncio por alguns instantes, e responde:

Acredito sim. Ah! Por conta da destruição do meio ambiente (...) veja o clima mudou muito aqui, (...) pode não ser agora. Pode não ser ano que vem, pode ser daqui a cinco anos, enfim, mas é por conta disso, dessa mudança climática, da destruição do meio ambiente, ta acontecendo isso (...). O dique ele ta ... tem muito peso em cima dele (...) que na época que foi construído esse dique ficou bem claro que não poderia haver nada em cima e nem dos lados, teria que ter um espaço e olha como é a beira do rio com o dique, caminhões passando em cima do dique, caminhão do porto passando em cima do dique, então esse dique todo ano ele abaixa vários centímetros, todo ano tem que repor e não é feita a reposição sabe então a situação é complicada, a vista assim não aparece nada, mas o que acontece é lá na base, lá dentro é que começa a acontece as coisas (...) é perigoso, mas eu acredito sim numa nova enchente.⁶⁸

As observações de Elizabeth, em relação aos cuidados com o dique, são semelhantes às de Edson, que trabalhou na obra do dique. Ele relata que, logo após o término da construção, foi feita uma reunião com a população, onde foram colocados os cuidados que se deveria ter com o dique. Para ele, todos estão conscientes, mas muitos não respeitam e nada está sendo feito. Questiona se já foi até o dique. Diz: “Vamos até lá! Você vai ver que não deveria ter arvores plantadas onde estão. A distância deveria ser de mais de 10 metros.”⁶⁹ Acrescenta que é preciso fazer a manutenção da cama verde para evitar a erosão, e não plantar árvores, cujas raízes vão abrindo os sulcos na terra, porque, da mesma forma que cresce a copa, cresce a raiz. Há infiltração. A ruptura, talvez, leve anos, talvez, seja na próxima enchente, mas o dano está lá e reforça: “ninguém vai ver, mas está lá.”

⁶⁷ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murтинho, MS

⁶⁸ Elizabeth Avelar Ayub Nantes. Entrevista em agosto/2008. Porto Murтинho, MS

⁶⁹ Anotações no caderno de campo. Abril de 2007. Porto Murтинho MS

Há discordância por parte de Inocêncio Ferreira, quando fala na questão de um possível rompimento do dique. Para ele:

Segurança. É muito seguro, se confia muito. Pelo menos a gente dorme tranqüilo. Por que olhe de enchente que acontece em outro lugar aí, eu calculo que esses dique que feito por ai não é igual o nosso. E depois esse nosso rio ai não é rio de pressão, que dá muita pressão, é um rio manso, vem subindo devagarzinho e vai acompanhando o leito né, vai embora.⁷⁰

As bombas para o escoamento das águas, de acordo com os moradores, “ela tem vez que funciona tem vez que não funciona, esses dias tava tudo quebrado, e a falha foi feia”⁷¹. A função primordial de tais bombas é a retirada da água do interior da cidade, que, com a construção do dique, “ela é uma bacia, é uma bacia se não tirar essa água ela vai ó...”.⁷² O gesto que se segue tenta expressar o que as palavras calam. A ferrugem e o comodismo das autoridades são inimigos dos moradores, quando se fala em casa das bombas. Para muitos, bombas novas deveriam ser compradas, trocar tudo, “modernizar” os equipamentos. Questionamentos lançados tanto no que se refere ao período de instalação das bombas quanto na crítica sofrida pelos moradores, ao cobrar providências mais efetivas. Antonio Sória relata que, desde a construção do dique e a implantação das bombas, foram feitas manutenções, mas muito precárias e a ferrugem toma conta de suas engrenagens.

Manutenção geral. Agora outro que preocupa a população é a bomba que não está funcionando. Quando chega de entrar água aqui pra dentro, não tem condição de como tira a água. Por que tem que ter pelo menos três bomba preparada pra esse dique. Pra pode fazer pelo menos saí água, né. Não tem como segurar, depois que entra a água tem que correr. A bomba não tá boa.⁷³

Tal como as águas, o dique mantém um dualismo que está presente na fala dos nossos entrevistados. Ele é segurança, enquanto as águas não sobem, mas também é sinal de perigo, caso elas cheguem novamente transpassando a barreira e percorrendo o traçado da cidade.

“Hoje é difícil ver a garça subir”, com essa frase, Lidia Fernandes expressa sua angústia diante da possibilidade de nova enchente. Como citado anteriormente, o fato de a garça subir o rio, em busca de um lugar mais alto, é sinal de enchente da grande para os moradores do Pantanal. Para ela, esse fato é preocupante e sempre pensa no rompimento do dique, especialmente depois da enchente de 1988. Tem medo que não tenha tempo suficiente para sair da cidade, de todos entrarem em pânico e a água vir com muita força e o que poderá ser feito, a tempo, para ajudar a população. Ela acrescenta: “Tenho medo.

⁷⁰ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁷¹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁷² Idem

⁷³ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Porque a água ela é muito forte, ela vem com força e você não tem como se defender da água.”⁷⁴

Cada um dos entrevistados, ao seu modo, expressa tamanha angústia. Esse é um assunto presente nas muitas conversas dos moradores, dos chalaneiros e pescadores que percorrem as margens do rio cotidianamente. Questionam a todos, como se fosse possível obter uma resposta tranquilizadora, que amenizasse seus medos. Foram-nos lançados os seguintes questionamentos, por dona Lidia Fernandes e por outros entrevistados: “Já pensou se o dique estourar? Nem fale que a gente morre tudo junto. Porque não tem como você sai. Se de repente estourar e vem àquela água com força, quem que vai te acudir? Quem que vai te socorre? Ninguém. O nosso medo é isso aí.”⁷⁵ Ela conclui: “Ah! Isso aí é. Por que a gente tá num poço por causa do dique. É muito quente, isso aí é verdade. Mas pelo menos a gente tá seguro da enchente que não vem mais. E agora acho que não sei se eles vão mexer, por que tem que mexer novamente. Por que tem lugares que tem erosão, e isso aí é um perigo.”⁷⁶ Novamente, o dique assume um papel dualista.

Como deixar de mencionar aspectos tão peculiares das narrativas que nos permitem entender, pelo menos em parte, as inquietações que permeiam o dia-a-dia dessas pessoas e, conseqüentemente, torna isso tão rico em detalhes, para nós pesquisadores? Como não buscar mais e mais informações que contemplem, em seu aspecto teórico metodológico, elementos capazes de criar respostas, ao menos em parte, para tais questionamentos?

Encontrar pessoas que, na singularidade de sua labuta diária, entendem que a enchente é um fenômeno da natureza, e também uma variação cíclica do Pantanal, assim como sua antítese as secas, onde suas conseqüências são trágicas, em função da ação do homem no ambiente, é gratificante para o pesquisador. Ouvir um pescador, que busca elementos da natureza para expressar seus temores, que atribui a esses elementos características humanas, ajuda-nos a mantermos a tessitura desse fragmento de história em processo de construção, desse mosaico de imagens que povoam folders e revistas. Imagens idílicas delineando o desejo de muitos em conhecer o paraíso das águas nominado de Pantanal. Ele sabe que a enchente é um fenômeno da natureza, mas ressalta que:

Até agora não tá passando mais, graças a Deus. Porque se vier de novo enchente vai ficar mal pra nois. Que de repente passa água pra cá, vem que matá todo mundo aí. Porque de repente passa o dique, a água vem com força, derruba o que acha na frente, mesma coisa que um choro de cachoeira né. Tem força, derruba até casa de material. Então desse daí que temo medo porque a gente perde o que tem por onde vamos fugir?

O temor para ele, tanto quanto para a maioria dos moradores, não está na força das águas em si, mas na ruptura do dique. Um rompimento seria fatal. A pressão das águas, a

⁷⁴ Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁷⁵ Idem

⁷⁶ Idem

correnteza levaria tudo que encontrasse pelo caminho e, nesse caso, não seria apenas o caminho das águas. As marcas deixadas seriam da desolação total.

Em anexo ao relatório de supervisão, segue a ata de reunião realizada em 05 de novembro de 1982, onde constam observações e orientações referentes às análises das condições do solo e as dificuldades inerentes às condições climáticas da região e as dificuldades na execução da obra. Uma preocupação latente com relação às perfurações, alertando para o caso de encontrarem-se trufas (espécie de fungos, cogumelo de germinação subterrânea) ou raízes e areia fofa, as escavações deveriam ser suspensas e feitas às devidas reavaliações do projeto e revisão do traçado do dique. Um cuidado especial deveria ser destinado à parte do dique, próxima ao rio.

A posição mais crítica do dique é a paralela ao rio, seja pela menor largura da crista e da base, seja pela proximidade da barranca do rio, seja pela maior erosão que possa ocorrer. Por essa razão nesse trecho o dique deve ser construído com argila das escavações das valas.⁷⁷

A proteção proposta para o dique era uma cobertura de grama ou gramínea da região. Na análise dos engenheiros da obra, não havia estudos no que se refere à sobrevivência da grama quando submersa e, portanto, pesquisas deveriam ser feitas no próprio local, bem como estudos para verificação da ação das ondas sobre o talude. A ausência de alternativas de projeto evidencia a urgência de obter maiores informações e conhecer a resistência às águas pluviais. A implantação do dique vinha atrelada à necessidade de pesquisas e estudos, evitando possíveis complicações na obra, com o decorrer do tempo.

É quase certo que a argila compactada irá retrair e que fendas de tração por ressecamento vão ocorrer. É necessário, portanto proteger a camada de topo com material granular, ou pelo menos material solto. Estes materiais devem ser pesquisados pela fiscalização.⁷⁸

De acordo com o referido relatório, havia indicações de que, na margem esquerda do rio, em especial no trecho frontal à curva do rio, que é uma região de constantes erosões, já na margem direita fronteira é uma soma de deposição. Para tanto, faz-se fundamental ouvir os testemunhos dos habitantes da região, verificar os marcos históricos e pesquisar em antigas escrituras de terras para se ter uma ideia, pelo menos parcial, da velocidade do avanço do rio em relação às margens.⁷⁹

O dique deveria ser deslocado o máximo possível, dentro de limites para dentro e feita uma revisão imediata do seu eixo no trecho paralelo ao rio, nas áreas onde o

⁷⁷ MINTER/DNOS. Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982, nº 235-C. p 83.

⁷⁸ Idem, p. 84.

⁷⁹ Idem, p. 85.

deslocamento é possível. Desse modo proteger-se-ia a margem em trechos mais críticos, ou seja, paralelo ao rio, em face da menor largura da crista e da base.

Os estudos para a implantação do *Projeto do Sistema de Proteção contra Inundações na cidade de Porto Murtinho*⁸⁰, elaborado em 1981, passa por uma modificação devido às enchentes de 1982. Havia a necessidade de um reestudo estatístico das ocorrências de níveis máximos no rio Paraguai. Somente após esse estudo é que se poderia definir a cota de coroamento do dique. Um estudo dirigido dos canais de macro drenagem, alteração dos quantitativos, devido á mudança do dique e dos canais e correções nos desenhos considerando essas mudanças eram necessários para evitarem-se possíveis falhas no sistema de proteção, posteriormente.

As margens do rio Paraguai são uma preocupação constante das autoridades municipais. Apesar de ser um rio de planície e da pequena velocidade das águas, a ação do rio sobre as margens tem causado um contínuo processo de erosão. Há o assoreamento do rio em determinados locais. No relato dos moradores, é possível perceber a dimensão do problema, agravado pelo tráfego constante de pequenas embarcações e barcos hotéis, muito comuns no turismo. Alguns moradores lembram que, entre o Hotel dos Camalotes e o rio, existia um campo de futebol com dimensão padrão, que, lentamente, foi desaparecendo, engolido pela erosão. Nas proximidades da prefeitura, antes da construção do dique, a barranca do rio chega ao leito da rua. De acordo com os moradores, tudo contribuiu para o aceleração do processo erosivo, tanto o descaso das autoridades quanto dos moradores. E a partir da década de 1980, a situação se agravou, quando o Pantanal entrou nas rotas do turismo.

Para Conceição Montanheri, no entanto, a população local está mais atenta para as mudanças e o ônus que isso acarreta para o município.

O ruim que eu digo é que mesmo procurando preservar, mesmo procurando não destruir o rio e tudo que nele existe, acaba se, acaba havendo mudanças. E isso não da parte do povo daqui, dos que vem de fora. Por mais que você procure preservar, por mais que você procure não depredá, a pessoa é, querem tirar mais do que deixar.⁸¹

As alterações ambientais são acompanhadas pelos moradores com pesar. Nos relatos, é comum a preocupação com o lixo que vai, aos poucos, fazendo parte do cenário pantaneiro. O lixo abandonado pelos barcos de turistas que circulam pelas águas do rio Paraguai. Nesse leque de preocupações está a prostituição, que, em períodos de alta temporada do turismo, causa constrangimento para muitas famílias.

⁸⁰ MINTER/DNOS. Relatório de supervisão de obras, nº 191

⁸¹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

A opção por permanecer na cidade após as enchentes e não aceitar sua realocação em um local afastado do rio, não causa arrependimento. O recomeçar seria mais penoso, na avaliação de muitos.

Mas logo após a enchente de 1982 e a construção do dique, cuja conclusão se deu em dezembro de 1984, a cidade foi sendo gradativamente incluída nos pacotes turísticos e as mudanças se sucederam independente da vontade de muitos. Fica demasiado quente, aumenta a circulação de barcos no rio Paraguai com o incentivo ao turismo. A melancolia povoa essas lembranças no rememorar de um tempo ido, de uma pequena cidade onde todos se conheciam, formavam uma família, se ajudavam em mutirões e se divertiam nas festas e quermesses. Constatamos que muitas casas da cidade se encontram desocupadas. Servem como abrigo para barcos de turistas. Moradores cuidam dessas casas e recebem um salário pelo serviço prestado. Muitos moradores que vieram de outras cidades e fixaram residência em função de trabalhos desenvolvidos na sociedade, na administração local. As festas receberam outras roupagens e fez-se a releitura de eventos culturais, como o toro candil. Uma bricolagem reestruturando a cultura local.

O estranhamento e as modificações que não passam despercebidas. Na casa de Hipólito Soares, percebemos que estávamos diante de uma figura singular. Antes mesmo de iniciar a entrevista, descuidada, pisei no rabo do cachorro de estimação que estava deitado perto do sofá, em que estava seu dono meio que deitado, meio que sentado. Assim que o cachorro reclamou da pisada, ele ri faceiro e me diz: “Ih! Não vai mais casá, vai ficá solteira!”⁸² A entrevista não poderia ter começado de outra maneira. Foram muito importantes as informações nela contidas. Ao término de sua entrevista, quando me conduz ao portão de sua residência, sorridente e brincalhão do mesmo modo que nos recebeu. Surpreendeu-nos com colocações que soam mais como um desabafo. Apresenta-nos à cidade, vista de seu portão. Pergunta se a conhecemos bem e quando respondemos que estamos aprendendo a conhecer à medida que a pesquisa avança, ele nos interrompe e completa: “eu também estou reaprendendo a conhecer a minha cidade.”⁸³

Percebemos em sua entrevista que sempre foi uma pessoa que esteve envolvida em atividades comunitárias enquanto funcionário da prefeitura, professor e também nas atividades paroquiais como catequese e cursos de formação. Frente às modificações às quais está submetido cotidianamente, sente-se um estranho na sua cidade, “aqui na cidade todos se conheciam, hoje com o turismo se conhece pouca gente aqui.”⁸⁴ Atribui parte de suas angústias à velhice que, aos poucos, vai chegando, quando nos diz que “parece que

⁸² Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

quando a gente vai ficando velho, começa a achar tudo diferente. Parece que não conhece mais as pessoas, as coisas. Vai ficando sozinho e nem de casa quer sair mais.”⁸⁵

Na obra, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, a autora, ao analisar a memória como função social, salienta a medida em que adentramos num universo de informações cada vez mais crescente e imediata uma diversidade considerável do mundo social, regado por uma experiência e vivência profunda, pode chegar ao nosso conhecimento através da memória dos velhos. O que ocorre é um retraimento de tais narrativas, posto que são vistas como aborrecimento. Cercado de nostalgia, “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo.”⁸⁶ Seu retraimento é justificado pelo não reconhecimento da cidade de outrora, aquela cujas imagens são cuidadosamente preservadas.

Nesse contexto, voltamos à leitura de Halbwachs, quando nos apresenta que a seletividade da memória está diretamente ligada às lembranças selecionadas. Não é apenas uma lembrança esparsa, e sim aquelas que estão intimamente ligadas a acontecimentos importantes para o indivíduo. Para o autor, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”⁸⁷

A seguinte concepção de memória nos é apresentada por Le Goff, ajustando-se perfeitamente ao que mencionamos sobre o rememorar melancólico do senhor Hipólito. Diz o autor: “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual revocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”.⁸⁸

A questão da realocação da cidade, da possibilidade de uma nova enchente, da constante manutenção do dique, do avanço desenfreado do turismo e da pesca predatória, é uma constante nas discussões dos moradores. É possível perceber que, assim como querem e desejam melhorias para a cidade, como, por exemplo, a geração de novos postos de trabalho, recusam as modificações que são impostas sem o seu conhecimento. Lutam pela manutenção das tradições locais como o toro candil, dos hábitos e costumes que se moldaram paulatinamente com elementos híbridos: indígenas e paraguaios compondo o *modus vivendi* do homem que reside nas bordas dos pantanais.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ BOSI, E., *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, 1994, p. 83.

⁸⁷ HALBWACHS, M., *A Memória Coletiva*, 1990, p.71.

⁸⁸ LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 453.

A vida cotidiana ligada à natureza, ao uso de plantas em receitas medicinais caseiras, ao hábito de olhar o movimento das águas às margens do rio Paraguai, são elementos que não podem ser desconsiderados na análise da questão acima descrita. Nogueira apresenta um aspecto importante dessa relação no que tange à utilização das plantas.

A natureza, como dizem os peões, é uma clínica. Onde todas as ervas e plantas, tanto as caseiras, quanto as nativas, são um “santo remédio” e, às vezes transformam-se em coisas sagradas, tal é a crença no poder de cura, através de remédios extraídos não só delas, como também da graxa de bichos como peixes, sucuri, capivara e jacaré.⁸⁹

O universo místico pantaneiro abarca em seu interior o uso de plantas, como, arruda, guiné e espada de são Jorge, que costumam ser plantadas junto ao portão de entrada de suas casas para afastar o mau olhado, a inveja. Plantas são utilizadas como pontos referenciais de orientação na locomoção e no desenvolvimento das atividades, como a pesca, a lida com o gado e na condução das chalanas. Além da superstição com as plantas, as aves e animais guardam aspectos de presságios e sinais. Como observador do comportamento de animais e plantas, avalia se as condições são propícias para períodos de secas ou a possibilidade de cheias nos pantanais.

Elementos que garantem a continuidade e a especificidade do ambiente, margeando com novos elementos. Certas expressões da língua, elementos do vestuário, da culinária, da música, das festividades, são incorporadas pela população. Elementos que funcionam como importantes articuladores da interação do grupo. Portanto,

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma a sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta as coisas materiais que a ele resistem. [...] Não é o individuo isolado, é o individuo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido a influencia da natureza material e participa de seu equilíbrio.⁹⁰

Se, para o pantaneiro, o rio Paraguai é o Nilo brasileiro, nada mais normal que agigantá-lo, mantendo seu dinamismo. A troca de informações, os devaneios, ao reavivarem os mitos, permitia uma convivência com o outro e com o ambiente no qual estavam inseridos. A necessidade de permanecer na beira do rio como uma forma de manter o costume de tomar banho de rio nos fins de semana e pescar à noite. Envolveria todo um ritual de preparação que vai desde a escolha do anzol ao preparo da isca de massinha de trigo. Pescar, ou não, era irrelevante, o convívio, o contato, o encontro com o vizinho ou conhecido consistia em fator relevante. Uma paisagem encantada, que não cabe na descrição em palavras, essa é a imagem do Pantanal para os murtinhenses.

⁸⁹ NOGUEIRA, A.X. *A linguagem do homem Pantaneiro*, 1989, p. 31.

⁹⁰ HALBWACHS, M., *A Memória Coletiva*, 1990, p. 133.

Segundo Halbwachs, o lugar que um indivíduo ou grupo ocupa não tem a mesma função de uma lousa, onde são escritas e apagadas as experiências do vivido. O lugar contém as marcas deixadas pelos indivíduos e vice-versa. Aspectos, detalhes que são inteligíveis para o grupo, posto que correspondam a outros aspectos diferenciados da vida em sociedade dos indivíduos e da estrutura social em que se inserem.⁹¹

É notório que, mesmo na labuta cotidiana, nas distâncias e nos períodos de enchentes e estiagem prolongadas, ainda, assim, a predominância da ideia de paraíso, sorrateiramente se faz presente nos discursos dos nossos interlocutores. Um torvelinho de continuidades e rupturas na relação do homem com a natureza, do homem com a cultura. Através das narrativas, somos convidados a percorrer caminhos que sequer ousamos contestar, ao contrário, nos lançamos sobranceiros⁹².

Não podemos, aqui, deixar de recorrer a Silva Leite, quando extrai passagens de obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para tentar explicar o que seria esse imenso mar de águas.

Cerrados, florestas, alagados, num tempo tudo seco, noutro, tudo água. O que era terra se faz água, o que era água se faz terra, às vezes fogo. Mas é a água que regula, movimenta, organiza. Barco, batelão, lanchas passam barulhentas ou silenciosas entre máquinas fotográficas, filmadoras e olhares curiosos e atentos. Pescadores de vida, pescadores de fim de semana, mulheres cor da terra, agachadas limpando peixe, lavando roupa, mulheres loiras, estrangeiras, todos se acenam timidamente no trajeto. Um olá de muitas línguas, Babel de águas. No reflexo das águas há sempre um outro céu. Céu às avessas. O céu, talvez, de um outro mundo.⁹³

Se, por um lado, na enchente de 1979, quando os moradores são avisados sobre a possibilidade de uma grande enchente superior à de 1959, se recusam a deixar suas casas, abandonar, em partes, seus pertences, por outro lado, acreditam que, por mais uma vez, vão superar os limites impostos pelas águas e, com isso, somente saem quando a água já está dentro de suas casas. Muitos saem sem acreditar que isso era realmente necessário. A água chega de mansinho, entra pelos fundos, sorrateiramente, como um intruso, enganando os olhares que se encontravam fixos no limite do rio Paraguai, que, silenciosamente, escondeu, nos níveis de suas margens, suas pegadas. Conviver com o risco das enchentes, essa é a realidade de Porto Murtinho.

O hábito de ir à barranca do rio observar o movimento das águas que, com seu bailado frequente, lapida a terra e a carrega para as entranhas do rio. Ver se o rio está subindo, é como dotá-lo de pés, atribuir-lhe características especificamente humanas, trazendo-o para o seu universo cotidiano, não se permitindo o distanciamento. O movimento

⁹¹ Idem. p. 133.

⁹² Dicionário Houaiss: que tem animo forte para resistir aos reveses da vida.

⁹³ SILVA LEITE, M.C., *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p.35.

da vegetação com o vento, dos animais, são elementos compositores de uma peça reprisada cotidianamente, cujos encadeamentos dos atos são rebuscados nas memórias de um passado compartilhado coletivamente.

Era assim que meu pai falava pra mim. Depois que crescemo, crescemo, crescemo, vivendo que é verdade, né. Acreditei que foi verdade que quando o biguá vai descendo o rio, ta procurando a crescente do rio, e quando ta subindo ele vem trazendo a seca, assim ele falava. E quando o camalote ta muito descendo é por que vem água, e assim meu pai antigamente diz. E quando vai chove, quando vai chove tem um grito de siriema. Quando canta muito siriema é por que ta perto o temporal. Meu pai falava.⁹⁴

Observamos que a leitura do ambiente através de sinais indiciários, nessa região, está articulada com uma preocupação em preservar elementos que aproximam o homem da natureza como uma maneira de continuidade, integrando a dinâmica do ambiente.

A garça é engraçado, por que quando a garça vai subindo pra cima a gente já falava que vai ter enchente. Eles tão procurando um lugar alto. E nós ficava olhando também a garça. Era muito bonito por que por aqui era muito difícil de aparecer. Agora garça sim, era toda tarde, vinha e muito, e nos já falava se prepara que vem enchente que a garça ta procurando lugar mais alto.⁹⁵

Modificou-se o ambiente, modificaram-se as relações, embora, sejam perceptíveis para quem chega. Passar por tais experiências, para muitos moradores, significa fazer parte da história da cidade. Passar para as novas gerações um conhecimento único que, se não for preservado, se perderá com o tempo. A lástima do senhor Hipólito, que citamos anteriormente, pode estar centrada nesse aspecto.

Se, de acordo com Pollak, a memória é seletiva, nem tudo fica registrado, a seleção do que convém ser mantido reside no que é de interesse e importância recordar posteriormente, ou seja, a seleção de fatos está diretamente relacionada com a perpetuação de fatos significativos para o agente da memória, das minudências, dos fragmentos de lembrança. Embora, “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”⁹⁶ A necessidade individual, a vivência una é que delinea a memória, significando-a, portanto essa não é generalizada e, sim, multifacetada.

O dique é um elemento presente nas muitas narrativas que, no decorrer deste estudo, coletamos, no entanto, cada um atribui e lhe confere o status que lhe é conveniente para aquele momento. Segurança, incerteza, elemento divisor, símbolo do descaso do poder público, enfim, atribuições que sugerem sua presença, enquanto elemento

⁹⁴ Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹⁵ Lídia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁹⁶ POLLAK, M., *Memória e identidade social*. 1992, p. 203.

modificador, seria o intruso no paraíso, assim como tantos outros elementos alheios ao ambiente, à paisagem local. Argumentos nos quais é possível verificar a existência de confrontações.

Evidenciando ou não contradições entre o que se sabe e o que se diz. Demonstrando que o que se diz opõe-se à imagem que se faz, evidenciando as confrontações entre atos, afirmações e a imagem posta à vista. Faz-se pertinente salientar, segundo Ferreira, que “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.”⁹⁷

A inauguração do dique é ponto de destaque, é pertinente destacar. Na fala de muitos moradores, “a placa ta lá”, mas não foi inaugurado. Atribuem a isso o descaso na manutenção. O professor Firmo, referência de informação sobre a cidade, indicado pela Secretaria de Turismo como a pessoa que mais conhece sobre a cidade, faz a seguinte colocação:

Houve uma enchente já depois do dique pronto. O dique ficou pronto em [19]84, começou logo depois da enchente de [19]82 e ficou pronto em [19]84. Dezembro de [19]84 deveria ser inaugurado, mais por fatores, por fatores governamentais e de mau tempo, que não permitiu a equipe do governo federal vir aqui, então nunca foi inaugurada essa muralha aí. Não houve uma inauguração, embora tenha placa ali, na Praça Laranjeira, tenha placa, mas na verdade nunca foi inaugurada.⁹⁸

Convém salientar que o impasse na inauguração do dique, esteve atrelado a fatores políticos em âmbito Federal. O término da obra se dá em dezembro de 1984 e, como é sabido, em 1985, é desencadeado o movimento pela redemocratização política, no Brasil, que ficou conhecido como “diretas já”. Houve a mobilização e a participação popular nas diversas cidades brasileiras, culminando com a realização de um ato público, em Goiânia. Em abril de 1984 aconteceu a votação da emenda apresentada pelo deputado Dante de Oliveira, que foi rejeitada pelo Congresso. Com um alto índice inflacionário e períodos de recessão, o governo militar apresentava sérios problemas e, em janeiro 15 de 1985, Tancredo Neves foi escolhido pelo Colégio Eleitoral, pelo voto indireto, à presidência da República, sinalizando o fim do regime militar. O primeiro semestre de 1985 é marcado pela morte do então presidente eleito e a vacância do cargo é preenchida, em 15 de março de 1985, pelo vice-presidente José Sarney. Em setembro desse mesmo, ano inicia-se a elaboração de um anteprojeto de Constituição.

Havia um clima de instabilidade partidária, e sérias discordâncias entre partidos e seus membros, isso em âmbito nacional, o que não excluía o Estado de Mato Grosso do Sul. Esses fatos podem estar diretamente relacionados com a não inauguração do dique.

⁹⁷ FERREIRA, M. M., *História oral: um inventário das diferenças*, 1994, p. 8.

⁹⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

Observável no relato do professor Firmo, quando ele diz: “por fatores governamentais”, referindo-se a questão política do momento.

Observar a instabilidade presente no cotidiano da cidade e entender que nos meandros da cidade, a confluência das opiniões é fato. Mudanças, apropriações e desapropriações na composição da história de cada um dos moradores. Minudências guardadas, de tal modo que, agora, quando suscitadas, vêm à tona carregadas de melancolia, porém reorganizadas de maneira que permitam a leitura dos fatos de acordo com o presente vivido. Citamos, como exemplo, a dúvida de Ninfa Avelar, ao nos apresentar sua casa, seu quintal - o seu cantinho, como ela chama carinhosamente, onde encontramos uma variedade considerável de ervas medicinais por ela cultivadas.

Ela nos diz:

Como disse, que a gente, como vou te explicar isso aí... a gente gosta daqui, não é por que a gente quer mudar por causa justamente dessas ameaças que acontece. A gente quer mais uma segurança melhor. A gente fica assim: Ah! Vou fazer a minha casa! Ah! Não sei. O que é muito difícil. Vem ai, eu vou, aí vem esse troço. Ah! Vem enchente. Ai totalmente você já muda, não quer investir, entendeu. É isso que eu penso (...) é a natureza, como você sabe. Como fala aquele negócio tanto bate até que fura. Um dia volta, é como eu te falei.⁹⁹

Relata que, na enchente de 1988, quando foi até o dique para ver como estava a situação do rio, encontrou um tenente do Exército que comandava o pessoal que fazia a ronda para verificar possíveis problemas na obra recém construída. Já havia a necessidade de manutenção da bomba e sinais de uma erosão crescente nas margens do rio Paraguai, próxima à rampa de acesso. De acordo com ela, conversaram longamente sobre o perigo de uma nova enchente, que ultrapasse o nível da barreira. O ponto da conversa que, para ela, merecia destaque, era que o tenente deixou muito claro que era uma obra de risco, que, em caso de rompimento, não haveria possibilidade de socorrer as pessoas. O tempo seria mínimo para a remoção da população, o que resultaria em muitas mortes. Frente ao volume e a força da água, todas as tentativas seriam vãs.

Verificamos que ao falar, não apenas ela, mas praticamente todas as pessoas que entrevistamos, ao cogitarem a possibilidade de uma enchente em grandes proporções que rompesse o dique, havia uma inquietação, uma angústia, um comportamento agressivo, elevando o tom de voz, gesticulando muito, buscando com os olhos a identificação do espaço onde se encontravam. Sinais que o corpo emitia em resposta ao turbilhão de pensamentos que, por vezes, as palavras se recusavam a expressar, restando apenas gestos e mais gestos perfilando o vazio.

Para alguns dos nossos colaboradores, rebuscar nas memórias os momentos áureos da cidade, o descortinar de um cotidiano singular e hospitaleiro, das experiências vividas

⁹⁹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

com o deslocamento nas cheias para a cidade de Iona, mencionar o dique como elemento constitutivo das memórias, trouxe o desconforto. A possibilidade de mudar a cidade, a indefinição quanto à tomada de decisão sobre a construção do dique, a mudança na planta inicial, todos esses fatores vêm à tona e transformam não apenas as memórias, mas as palavras, os gestos. Características marcantes de um imaginário habitado por seres surreais afloram e margeiam as narrativas que procuram reproduzir, reconstituir os fatos, as experiências vividas.

Narrar os fatos é adentrar num labirinto de minudências, sem racionalizar as emoções, no entanto, sem desconsiderar interesses intrínsecos. As memórias não são iguais, tal qual impressões digitais. Encontramos-nos aqui diante de uma questão expressa por Portelli quando no uso da metodologia da História Oral onde essa

[...] tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.¹⁰⁰

Considerando que a memória é historicamente condicionada, sendo progressivamente reelaborada, as narrativas permitem uma reflexão acerca dos papéis desempenhados pelos indivíduos na construção da história da cidade, especialmente no que se refere às enchentes e à barreira de contenção. A seletividade na narrativa das memórias, especificamente quando falamos da construção do dique de contenção das águas, é significativa, adentrando a questões políticas e econômicas, quando do ponto de vista de muitos moradores, suas opiniões foram relegadas a um segundo plano, sendo eximidos das discussões. Faz-se pertinente recorrer a Pollak, ao apresentar a seguinte análise, escrevendo sobre a organização da memória.

[...] a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a *memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.¹⁰¹

Auxiliar na construção do alojamento provisório, no deslocamento da população, na manutenção da ordem e limpeza do local, no trato com as crianças, no plantio de horta comunitária, salvar os animais da correnteza, foram atividades desenvolvidas mediante a necessidade imediata do indivíduo. A enchente assusta, provoca deslocamentos, prejuízos materiais, no entanto, sua ocorrência leva à unidade do grupo diretamente associado a sua permanência e identidade com o rio e planície pantaneira. A perspectiva de retorno está

¹⁰⁰ PORTELLI, A., *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, 1997, p. 16.

¹⁰¹ POLLAK, M., *Memória e identidade social*, 1992, p. 203-204.

ligada à renovação do meio ambiente no seu recomeço enquanto morador urbano no Pantanal. Seus valores são postos á prova e suas resistências testadas paulatinamente.

A vivência diária por um período de seis meses nos alojamentos e adjacências reconfigura as imagens que esse homem tem do Pantanal. O limite não vai além de um mar de águas, cuja linha divisória no horizonte é tênue, extrapolando os seus limites. As imagens da planície pantaneira são encobertas pela neblina e pela chuva fina e constante, fazendo com que esse homem habituado com tais imagens, rebusque-as em sua mente e, a partir daí, reconstrua novas imagens e ressignifique seus valores, desenvolvendo estratégias que permitam sua permanência e continuidade nos pantanais.

Contexto esse que nos leva ao entendimento de que a ligação entre memória e identidade é estreita e permite uma articulação entre ambas. Conseqüentemente, possibilita entender que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹⁰²

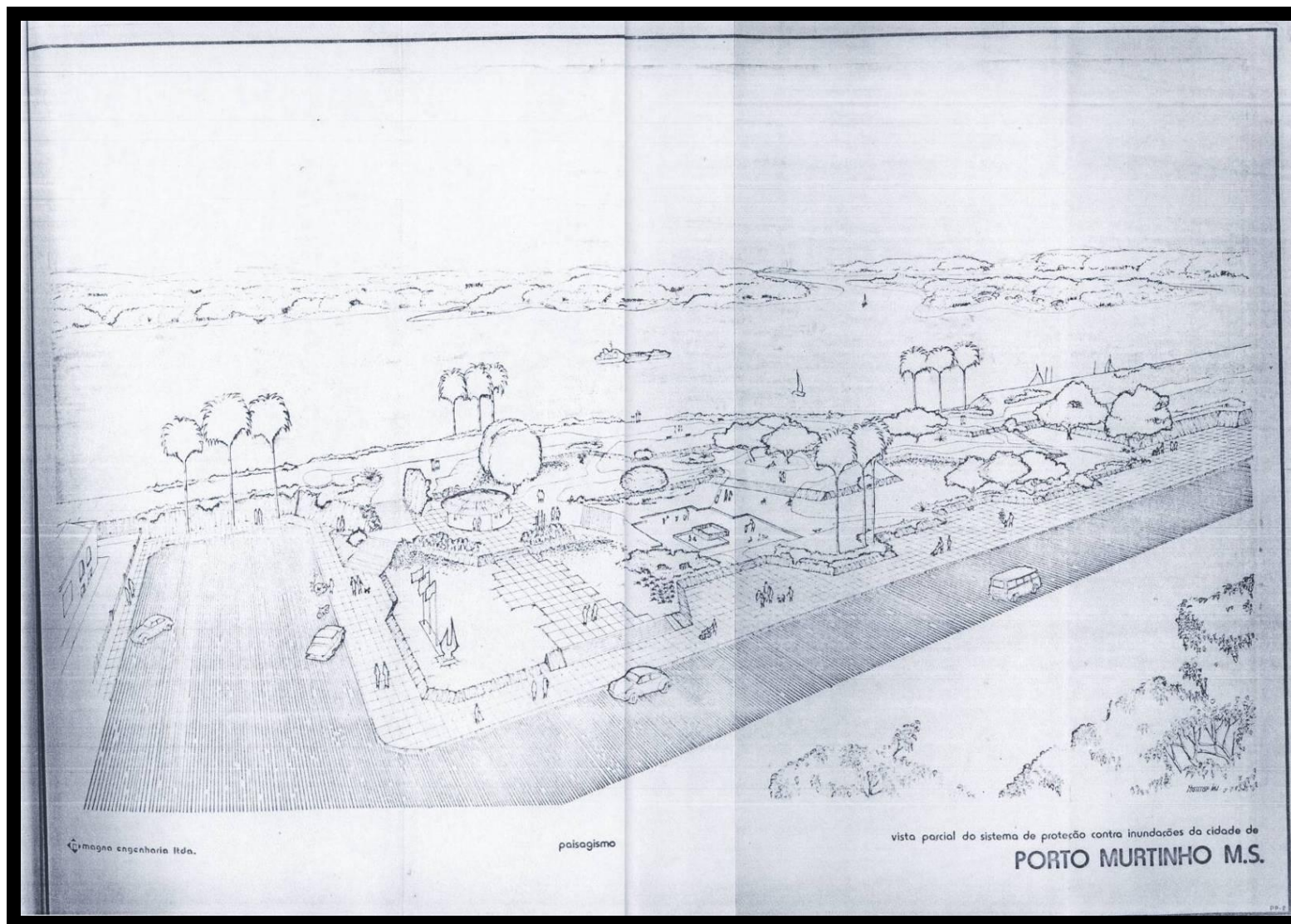
A construção de uma barreira de contenção de águas surge como um novo elemento na constituição das imagens. Tem sua aceitação e rejeição vinculadas aos interesses vigentes, para o momento, gerando ambigüidade. A imagem da cidade mutilada pelas águas é refeita à medida que a possibilidade de rompimento da barreira assusta ante a manutenção desejável para ela. A desolação causada, em momentos anteriores, quando nas grandes enchentes, não suplanta o medo do rompimento e o desejo de permanência às margens do rio Paraguai.

As narrativas das experiências vividas pelos sujeitos, levam-nos a recriar mentalmente as imagens, a rememorar os acontecimentos tangenciados pelo presente. Não há artifícios que suplantem a modelagem das narrativas, e amparados nas palavras de Bosi, entendemos que “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa o transmitir ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma.”¹⁰³ Voltar o olhar para o passado, para suas memórias tendo como cenário um mosaico de imagens que ora se interpõem para, em seguida, justapor-se na construção de suas narrativas, é um fenômeno de grandeza sem igual, cujas particularidades são os fios tênues que articulam a tessitura desse fragmento de história que iniciamos, mas está em permanente construção.

¹⁰² Idem, p. 204.

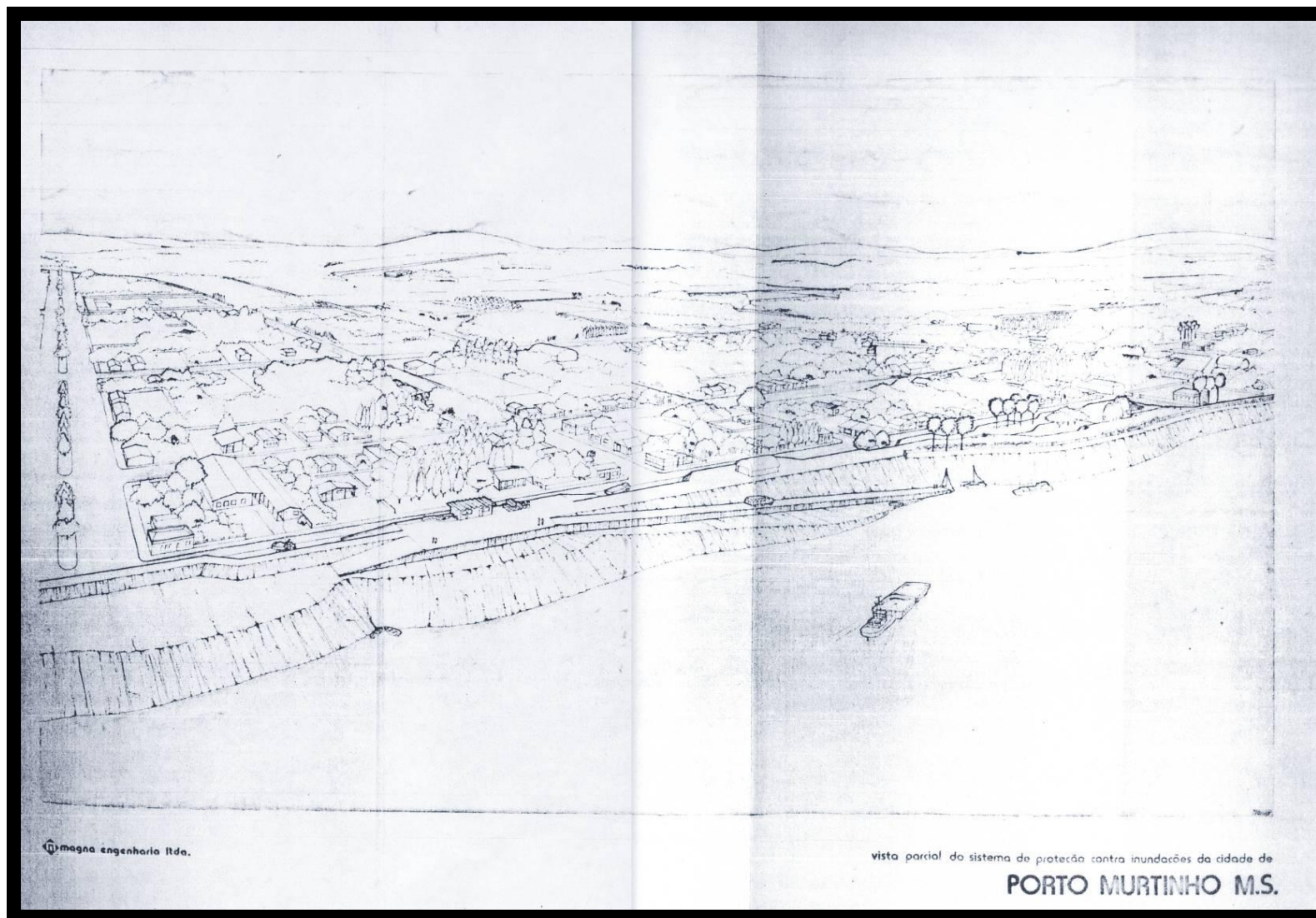
¹⁰³ BOSI, E., *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, 1994, p. 88.

Figura 02 – Projeto inicial do paisagismo - 1981



Fonte: Arquivo AGESUL

Figura 03 – Projeto inicial das rampas de acesso - 1981



Fonte: Arquivo AGESUL

Contornos da barreira contra inundações na cidade de Porto Murtinho

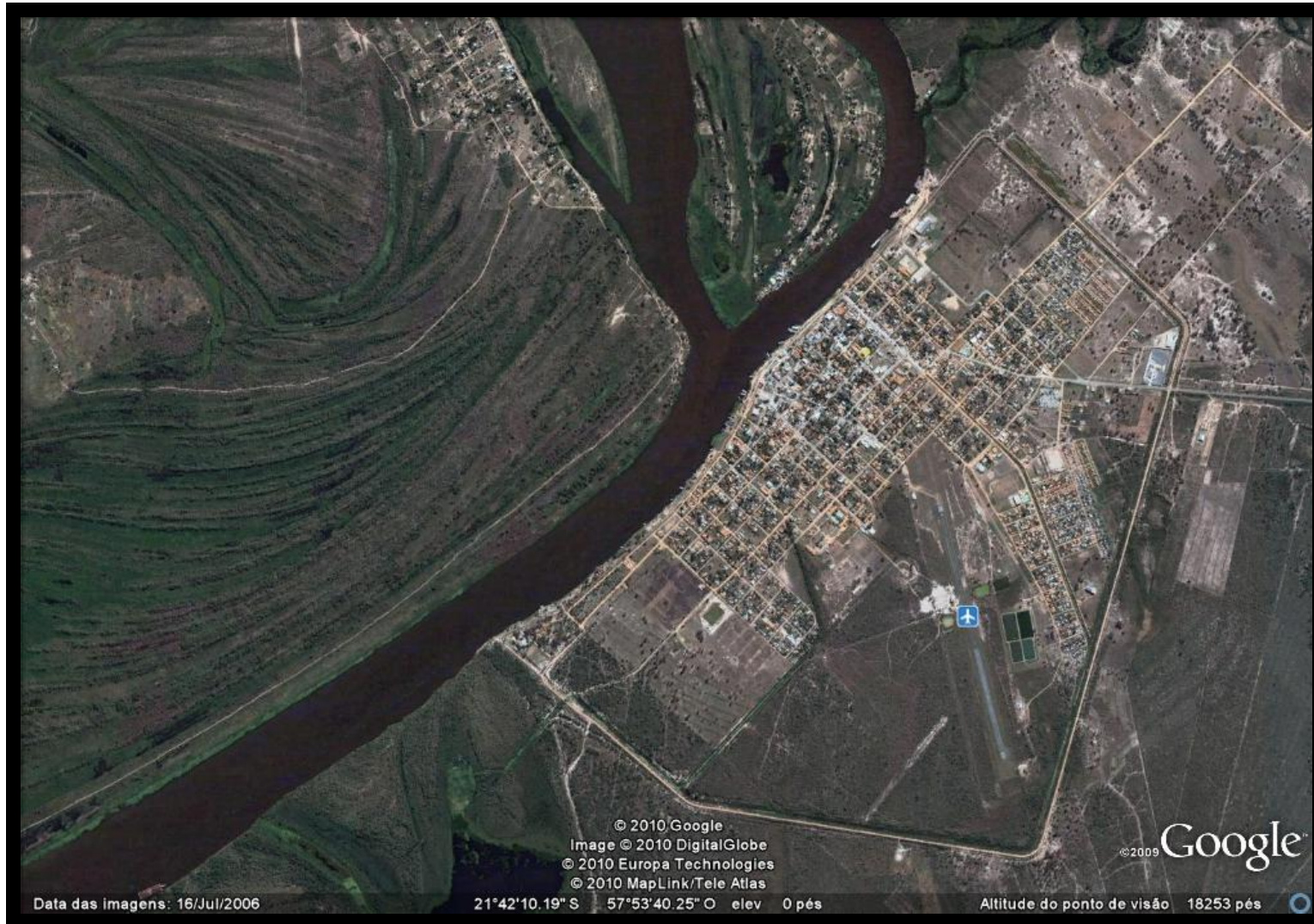
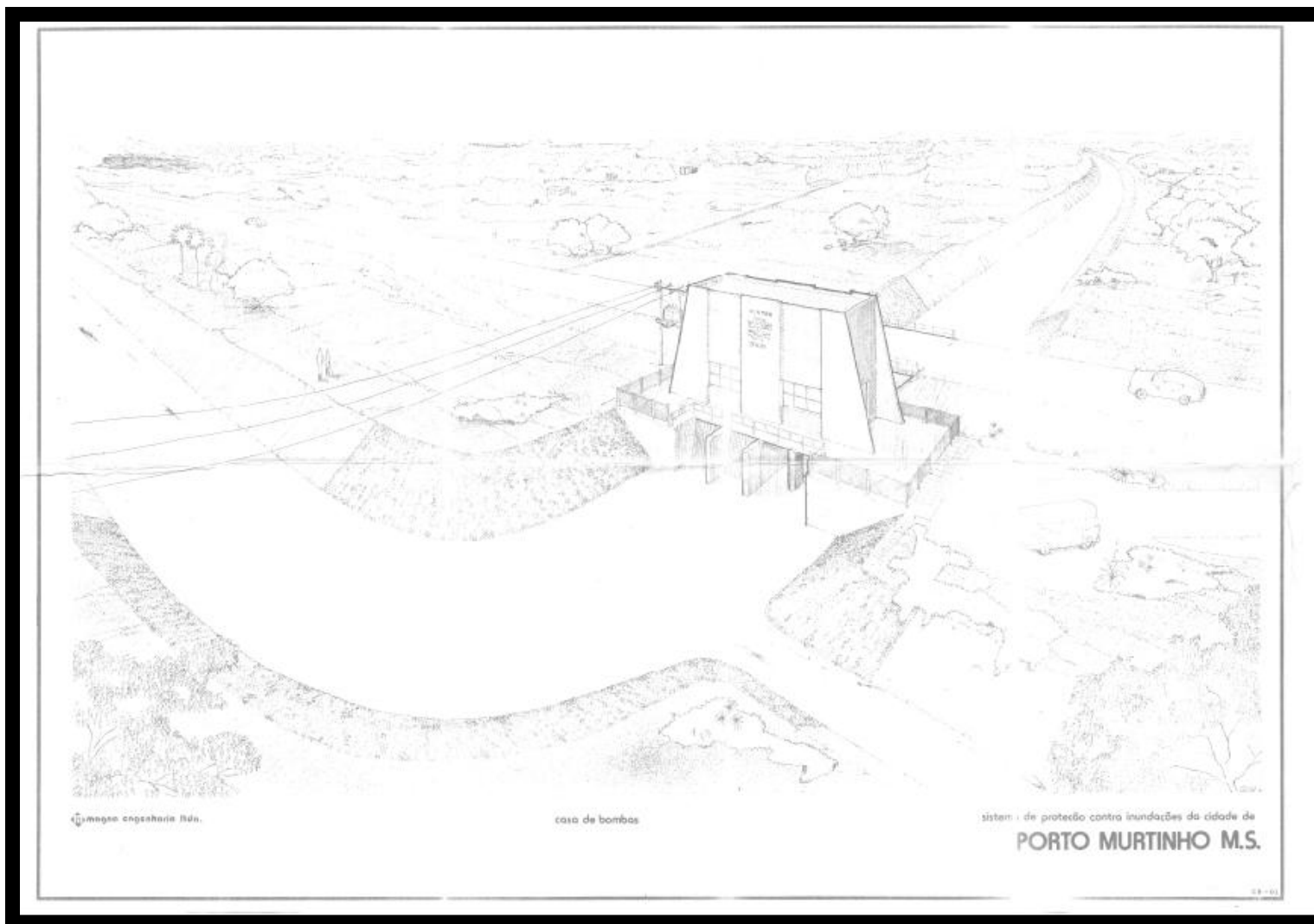


Figura 05 – Projeto inicial da casa das bombas - 1981



Fonte: Arquivo AGESUL

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Várias vezes, no decorrer da elaboração do texto, perguntamo-nos: Como construir a história de Porto Murtinho e das enchentes, por meio da voz de seus moradores? Como é possível traduzir em palavras, as imagens mentais que se formam no lembrar e escorrem através das narrativas? Como conhecer as construções mentais que permeiam um imaginário que esconde em seu interior seres transcendentais e, o receio de uma grande enchente? Sabedores de que na narração da experiência vivida, quem conduz o discurso é o narrador e, enquanto pesquisadores, apenas oferecemos o encaminhamento da narração, sem interferências. Apresentamos a temática, mas cabe ao interlocutor manter ou não o fio condutor do diálogo contemplando aspectos que nos são caros no desencadear da pesquisa.

A presença humana na planície pantaneira, nessa teia de relações que envolvem homem, sociedade e natureza, provoca inúmeras mudanças. O espaço foi, paulatinamente, modificado, a paisagem é constantemente alterada. Nesse contexto, percebemos que a paisagem física e a paisagem humana possuem história que se mantém preservada e inscrita na memória daqueles que tecem essa rede de relações. Homem e natureza fazem parte de um sistema que se enreda e se recompõe, confluindo numa unidade que podemos, aqui, denominar de original.

Elementos distintos, próprios da região, como o universo místico que permeia toda a planície pantaneira, permitem o entendimento e a leitura da natureza que contribuem para que o homem inserido nesse espaço opere um conhecimento empírico que o “educa” para as surpresas da natureza. Seu desejo de conhecimento está atrelado ao desejo de dominar sem, contudo agredir. É contemplativo e observador, mas, também, ágil e oportunista e preciso em suas decisões. Faz escolhas, é consciente das suas necessidades. Respeito e prudência são seus aliados na labuta cotidiana nos diversos pantanais.

Determinadas informações e versões sobre as enchentes, sabíamos de antemão, mas é a oralidade que permite uma análise das narrativas, bem como uma pretensa compreensão de como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes nos pantanais, mais especificamente na região de Porto Murtinho.

As enchentes que flagelaram a cidade, para nossa surpresa, não foram descritas como catástrofes. Houve prejuízos, desgastes físicos, mas houve também superações. Todas as narrativas levam à mobilidade, à busca de soluções, estratégias encontradas, como a construção de casas improvisadas, valorizando sua origem, a pertença do homem na planície inundável. Pessoas que conhecem e vivem na região e aprenderam a identificar-

se com ela. Suas práticas cotidianas, suas experiências de vida contemplam ensinamentos e perspectivas de continuidade.

Analisar, em suas particularidades, as características históricas em que o homem é integrante da natureza e do ambiente e, portanto, está em constante interação com o meio em que se insere, conduz a uma postura que auxilia na percepção de fenômenos inerentes à sua convivência no local. É importante entender que tais locais precisam ser compreendidos no contexto da história e da cultura que os caracteriza. Reflexões sobre as representações criadas para a planície pantaneira são necessárias. Enquanto uma herança da natureza, que envolve processos geomorfológicos, bióticos interligados com a história da humanidade e, não está imune às transformações, sendo um patrimônio coletivo. As afirmações de Ab' Saber, citadas no primeiro capítulo, apresentam o Pantanal como uma área de grande fragilidade, contemplando vários ecossistemas. Acrescentamos, nesse contexto, a fragilidade a que estão expostos os moradores da planície pantaneira.

Elementos da paisagem natural, cenas do cotidiano das pessoas que ali residem, da cultura estão reunidos em imagens que circulam no imaginário, cercados por vestígios de um passado que impressiona. Antigas propriedades, ruínas que dividem espaço com o cerrado, com o rebanho bovino, baias e corixos. As instalações de antigos saladeiros, cujas transformações permitem o deleite do turista. Respeitar o conjunto que mescla ingredientes culturais e espirituais, associados à paisagem natural auxilia no entendimento das características diferenciadas das costumeiramente conhecidas nos meios urbanos.

Porto Murtinho constitui-se um centro urbano, mas conserva traços inerentes da cultura pantaneira em seus hábitos e costumes. Suas lidas diárias e crenças privilegiam o contato com a natureza e participa das transformações socioambientais, seja na resignificação de um passado cultural, seja enquanto agente de inserção de novos elementos que propiciem a permanência na região. As intempéries da natureza como as enchentes exigem estratégias, criam-se alternativas, soluções paliativas como os jiraus, os alojamentos provisórios e/ou concretas como a construção da barreira para contenção das inundações. A leitura semiótica da natureza permite que mantenha um fio condutor das suas experiências cotidianas enquanto um morador urbano no Pantanal.

Priorizar a ocupação e o desenvolvimento de uma determinada região, não levando em conta a presença humana e a manutenção e a preservação do meio ambiente, considerando apenas suas potencialidades econômicas para a implantação de projetos desenvolvimentistas de sustentabilidade, que desconsideram ou desconhecem os processos de causa e efeito relacionados com as áreas impactadas, resultam em meras medidas atenuantes que em nada correspondem para a minimização de tais impactos.

Importante ressaltar que medidas avaliativas ou que venham para remediar os impactos ambientais sucessivos ao longo dos últimos 30-40 anos, nas áreas úmidas e

inundáveis do Pantanal, devem ser analisados de maneira isolada. A análise do impacto ambiental na região pode ser definida como processo de reconhecimento das causas e efeitos, considerando-se o fato de que o Pantanal é um ambiente de equilíbrio delicado e dinâmico de elevada produtividade biológica, cujo limite de aproveitamento deve ser estabelecido pelo homem em função de suas atividades produtivas e exploratórias pelo múltiplo uso dos recursos naturais, seja na agropecuária, na pesca, no turismo e demais atividades desenvolvidas.

A investigação de metodologias apropriadas para os estudos da avaliação desses impactos ambientais diretos, indiretos e cumulativos, no meio ambiente pantaneiro, carecem de uma associação de políticas e programas implantados, tornando possível o estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento sustentável. A implantação de elementos alheios ao ambiente, de elementos modificadores da paisagem natural necessitam do amparo de estudos específicos e concernentes a cada uma das sub-regiões do Pantanal.

As discussões suscitadas pela inserção da História Ambiental constituem-se em indicativo de resposta da sociedade quanto às questões ambientais postuladas nesta pesquisa. Ações individuais e/ou coletivas que procuram entender as transformações impostas ao meio ambiente, no decorrer do tempo, podem significar a prevenção dos impactos negativos produzidos pelo homem nos pantanais, possibilitando a reversão de alguns desses danos operados, contribuindo, assim, para uma consciência de preservação e conservação dos recursos naturais em áreas com características singulares, como o Bioma Pantanal, bem como auxiliar na compreensão dos resultados desse processo de trocas e interações em constante construção.

Críticas, quanto ao risco do reducionismo na realização de pesquisa, que envolvem a relação homem, sociedade e natureza, estão relacionadas ao fato de que o pesquisador que adentrar ao campo da História Ambiental pode incorrer no reducionismo ambientalista, utilizando o fator ambiental como determinante, sobrepondo-se aos demais fatores que estão implícitos ao tema pesquisado¹. Como exemplo, citamos a estrutura organizacional das comunidades, hábitos e costumes que, inseridos no universo mítico, propiciam saberes indiciários, norteadores do cotidiano de tais grupos. A solução, guardando ressalvas, na realização da pesquisa aqui apresentada, foi buscar a interdisciplinaridade, mantendo um diálogo com outras disciplinas, criando um campo comum de reflexão diminuindo o risco reducionista.

¹ LEONARDI apud MARTINS. M.L., *História e meio ambiente*, 2007, p.10.

Aspecto relevante para os estudos ambientais é uma redefinição de pressupostos espaciais explícitos e implícitos de uma história policêntrica e não apenas eurocentrista². Norteando essa redefinição conceitual, primeiramente fazendo conexões entre passado e futuro, incumbindo, nesse caso, o historiador ambiental a fazer um exercício político, substituindo a visão eurocêntrica, focalizando aspectos das regiões tropicais, entenda-se, da América Latina, e, posteriormente, contribuindo para um diálogo permanente entre as ciências naturais e sociais, reduzindo as fronteiras disciplinares delas. Admitindo uma mútua permeabilidade³.

Percebemos que, se houver um comprometimento dos historiadores e um diálogo entre as ciências naturais e sociais, será possível o desenvolvimento de novas pesquisas que podem “lançar luz” sobre aspectos como a racionalização das desigualdades sociais contida na mistificação do “progresso” no uso de tecnologias e outros mitos criados cotidianamente pela mídia, governos, empresas, ambientalistas, enfim, que envolvem os pantanais, ou seja, de todas as racionalizações produzidas como legitimadoras, de rejeição e/ou aceitação no presente.

O câmbio, entre homem e natureza, provoca a compreensão e estabelece uma relação mística pela natureza no Pantanal. Nesse sentido, esse homem desenvolve habilidades que permitam sua sobrevivência na região, onde as enchentes têm uma função vital de renovação. Processo, esse, que engloba o clima, a geologia, a hidrografia e que, juntos, atuam nos ecossistemas e nas suas modificações. Portanto, homem e sociedade elaboram e reelaboram formas de se relacionar com o mundo natural, de maneira que sua sobrevivência esteja assegurada.

As concepções contemporâneas a respeito do meio ambiente dão conta do surgimento de uma mentalidade, em que o homem moderno carrega consigo a culpa pelos males causados ao meio ambiente e, dessa forma, a questão da preservação ambiental ganhou cada vez mais espaço nas discussões entre as nações e organizações não governamentais e os mais diversos segmentos da sociedade civil. No entanto, o chamado ecologismo difundido não tem como base o surgimento de pura e simples conscientização ambiental mais profunda. O fato mais incômodo para o homem contemporâneo - a degradação ambiental – apresenta-se em elevada escala, sobretudo, quando analisamos a relação do homem com a natureza no decorrer do tempo, aliado ao avanço tecnológico da humanidade durante o século XX. Acrescente-se, ainda, a necessidade da exploração e produção contínua de alimentos e matérias-primas que permitam que essa tecnologia se mantenha em constante processo de descobertas.

² PALÁCIO, G., *História tropical: a reconsiderar lãs nociones de espacio, tiempo y ciência*, 2005, p. 2.

³ Idem, p. 2.

Diferentes concepções surgem com o objetivo de guiar, ou até mesmo minimizar a ação nociva do homem em relação ao meio ambiente. Nessas diferentes concepções, sobretudo aquelas que defendem que essa relação deve ser guiada pela ética. Cabe ao homem respeitar as demais formas de vida, sendo favorecida a coexistência entre homens e animais, e a natureza, como um todo.

Não perdendo de vista que essas concepções deram origem aos ideais de desenvolvimento sustentável, e encontram, na história da humanidade, o seu respaldo. Durante séculos o homem sempre percebeu a natureza como algo que esteve ao seu dispor, cabendo a essa, servi-lo. Além disso, quando pensada a natureza do ponto de vista do capitalismo, está sujeita à ação predatória do homem. Esse raciocínio torna-se mais relevante, quando os impactos ambientais estão diretamente ligados ao uso indiscriminado dos recursos naturais e na implantação de obras, como as barragens e, no Pantanal, especificamente, a Transpantaneira.

A complexa relação homem e natureza, consumismo e consciência ambiental, é uma problemática recente. Debates e discussões realizados não resultam em benevolência com o meio ambiente, prevalecendo sempre mais a questão econômica, em detrimento à conscientização. A relação do homem e natureza pede mudanças no comportamento do homem, que vê a sua vida pautada de acordo com os fenômenos da natureza, e, por vezes, sua história sendo contada em função da sua relação direta com o meio ambiente no qual vive, como no caso em tela – Porto Murtinho.

A ocorrência de cheias no Pantanal durante o século XX foi acompanhada mais de perto pelo homem, sobretudo daquele que tem sua vida ligada diretamente ao meio no qual vive e dele garante sua sobrevivência. No Pantanal, são peões, fazendeiros, pescadores e, em geral, todos aqueles que possuem uma relação mais direta com o Bioma Pantanal. As enchentes, em todos os pantanais, produzem significados marcantes na vida de seus habitantes. Das mais variadas formas, as representações, que cada um absorve, possuem traços incomuns e a maneira com que os ciclos das águas afetam a cada um, pode ser bastante diferenciadas. Através de suas narrativas, com suas experiências de vidas, foi possível entender como as enchentes se apresentaram nos últimos cinquenta anos, do século XX, no Pantanal.

As estratégias de sobrevivência fazem com que essa relação do homem pantaneiro com o meio ambiente, crie uma relação de respeito e de leitura das mudanças que vão sendo percebidas cotidianamente. Mudanças essas expressas através das alterações climáticas, dos desequilíbrios ambientais, da erosão e assoreamento dos rios, do atraso do período das cheias, bem como nos períodos de secas prolongadas.

A Lei 6.938/81 estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente, tem por objetivo a preservação, a melhoria e a recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando

assegurar, no país, condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana. Sua aplicabilidade, em cursos emergenciais, vem deixando muito a desejar, quando se trata de ambientes específicos e singulares e no não alijamento do homem em regiões com especificidades distintas, como os pantanais. As bases para um possível entendimento dos impactos ambientais, provocados nesse bioma, envolvem, necessariamente, as condições climáticas, de relevo, do solo, do conjunto dos ecossistemas e, em maior grau, as ações antrópicas.

A construção de uma representação sobre o Pantanal, como paraíso ecológico, prejudica em muito a conscientização de sua preservação enquanto um conjunto de ecossistemas com características peculiares em cada uma das sub-regiões. A necessidade de uma nova atividade econômica trouxe, para os pantanais, o turismo. No entanto, as imagens construídas não condizem com a realidade das comunidades ali inseridas e com as atividades desenvolvidas.

Na década de 1970, os Pantanais tornam-se refúgios naturais, que preservam uma espécie de pureza e originalidade, sendo esse o paradoxo em relação às conturbadas sociedades urbanas. Noções de paraísos ecológicos surgem como mitos modernos e, nesse contexto, o Pantanal surge nesse cenário, como uma região na qual a sociedade, principalmente dos grandes centros urbanos, o identifica como refúgio, numa tentativa de fazer um contraponto com o modelo de vidas das grandes cidades.

O modelo de vida moderno e a invenção de um cotidiano exaustivo, nos grandes centros urbanos, cunharam, na sociedade, um modelo de vida artificial, seres cada vez mais distantes da natureza que fazem um caminho inverso, idealizando um modo de vida junto à natureza que se contrapõe ao ritmo das grandes cidades. A busca de paraísos ecológicos como forma de amenizar um cotidiano fatigante, no qual estão sujeitos à violência, poluição, miséria, entre outros males do mundo moderno. Em meio a tudo isso, novas concepções vão sendo elaboradas, entre elas a cidade começa a ser definida como algo ligado ao cansaço e à banalização, e, em resposta a isso, surge o debate cidade e campo, sendo, o segundo, recriado e pensado a partir da ótica de paraíso, representações de um santuário ecológico. Diariamente, surgem novas noções de paraíso, surge, a todo o momento, a redescoberta de novos paraísos.

No caso específico de Porto Murtinho, sub-região do Pantanal de Porto Murtinho e do Pantanal de Nabileque, o rio Paraguai nas grandes enchentes vai espreado e inundando a planície pantaneira que, por conseguinte, abarca os perímetros dos centros urbanos que se desenvolveram ao longo dos anos na orla da planície. O rio Paraguai coloca o homem frente à sua limitação. Conhecer o meio em que se vive, garante sua permanência e mobilidade no local. Exige a busca de estratégias, de paliativos, no período das cheias, bem como de sua antítese, nos períodos de prolongadas estiagens.

As grandes enchentes na região representam uma soma de fatores. O rio Paraguai, e também seus principais afluentes, escoam do planalto para a região plana, cuja declividade é baixa e com uma capacidade reduzida de escoamento, provocando o estrangulamento na sua vazão. Quando se dá o encontro desses rios, no Pantanal, eles passam por uma redução de velocidade no curso das águas em função da declividade da planície e, associado a esse fator, a deposição de sedimentos, o assoreamento no leito, durante as enchentes, tem menor capacidade de escoamento a jusante que a montante, ocorrendo o extravasamento do volume de água para o leito maior, atingindo maiores ou menores extensões.

A construção de uma barreira de contenção de águas para impedir a inundação do centro urbano, estava calcada em estudos geológicos e hidrológicos, no entanto, à medida que as águas do rio Paraguai, agitadas pelo fluxo constante de embarcações, solapam suas margens, o risco de rompimento fica evidente. A construção do dique afasta a possibilidade das águas invadirem a cidade, mas associado a isso está o fator das mudanças climáticas que levam à fé de que enchentes, como as enfrentadas em 1979 e 1982, são muito remotas. Apesar dessa constatação, muitos ainda mantêm o hábito de olhar às águas, os pássaros e outros sinais indiciários que precedem as enchentes. A fragilidade da barreira de contenção está intrinsecamente ligada a uma falsa segurança que povoa o cotidiano do murtinhense.

A Agência Nacional de Águas, como entidade Federal responsável pela execução da Política Nacional de Recursos Hídricos, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, tem por objetivos planejar e promover ações destinadas a prevenir ou minimizar os efeitos de secas e inundações no âmbito nacional em articulação com o Sistema Nacional de Defesa Civil, lança mão de uma publicação onde constam as barreiras sujeitas a possíveis rompimentos, e como não poderia deixar de ser, consta em sua relação a barreira de contenção em Porto Murtinho. Fato incômodo para os moradores.

As narrativas viabilizaram o esclarecimento de trajetórias individuais e por dar atenção à história do cotidiano e da vida privada, por visar à história local, possibilitou-nos empreender uma análise das memórias de nossos colaboradores, tendo que enfrentar, necessariamente, a questão da subjetividade. A incorporação das experiências dos sujeitos a partir de suas narrativas fundamentou-se pela vontade de uma história crítica, consciente e democrática.

Estudos existentes sobre o cotidiano e o intento desta pesquisa demonstraram uma ligação íntima e uma inegável cumplicidade entre o objeto de pesquisa e os debates contemporâneos sobre a relação homem e natureza. As suas práticas cotidianas, na organização e reorganização desse espaço e valores a ele agregados, possibilitando uma perspectiva de inserção num campo de discussão historiográfica, onde os sujeitos vivendo

em temporalidades diversas, moldando novas relações, experimentam novas práticas de convívio que os constroem como sujeitos cuja “identidade” está no rio, nos pantanais.

Como elemento constitutivo a “cidade de lona”, a população inserida em um novo modelo de sociedade, manteve os laços de sociabilidade organizando-se de forma que propiciou o provimento de sua subsistência e constituiu novas relações com a cidade tomada pelas águas. Deu-se uma nova reelaboração de valores e a constituição de um novo grupo social, em uma “nova cidade”. O espaço ocupado pelos sujeitos na “cidade de lona” já foi o mesmo espaço ocupado no meio urbano tradicional. Relações e práticas culturais foram revistas, houve a necessidade da elaboração de novos valores e o estabelecimento de diferentes laços de sociabilidade, suplantando as diferenças.

Alguns valores foram mantidos, enquanto outros se modificaram, ao passo que a própria cidade foi modificada pela ação das águas. A cidade sendo um espaço complexo de relações onde “a descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os micro estímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.”⁴

A reconstituição das trajetórias de vida desses sujeitos contribui para a elaboração da história de um pequeno centro urbano, demonstrando o fazer-se urbano, é uma constante de elaboração de valores pelos moradores que integram a pequena cidade, paraguaios, indígenas, murtinhenses, enfim, como eles se definem, pantaneiros. Independente da designação adotada, todos estão inseridos, compartilhando e questionando um cotidiano pautado, no processo de modernidade pensado para o Pantanal.

Percorremos, através das palavras, trajetórias que compreendem os valores elaborados, as experiências vividas em espaços paralelos. A importância da construção do dique de contenção formulando uma nova visão da cidade e dos múltiplos agentes de mudanças que ela constitui. A revisão bibliográfica assinalou que nada consta na historiografia que esteja relacionada especificamente a esse tema, tratando-se, portanto, de um objeto que, no campo da pesquisa, fomentou a abertura para novas pesquisas envolvendo a região da qual tratamos, cuja proposta esteve diretamente ligada à historiografia sul-matogrossense.

Conclui-se, parcialmente, que o entendimento das enchentes, como um fenômeno natural do pantanal, exige que estratégias sejam desenvolvidas e executadas pela população que ali vive. No caso específico de Porto Murtinho, tais estratégias suscitaram a construção de um espaço urbano provisório – cidade de lona - e uma ação por parte do

⁴ MOLES apud PESSAVENTO, S. J., *Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano*, 1995, p. 279-290.

poder público com a construção do dique de contenção das águas. A relação do homem com a natureza perfez caminhos diferentes em dois momentos distintos. A necessidade do deslocamento e a construção do dique de contenção que atuam como elementos modificadores do cotidiano nessa relação. Analisar e buscar o entendimento nesse processo de interação e movimento, tanto do homem quanto das águas, foi como juntar vários elementos distintos em campos também distintos e construir uma parte da história dessa população em sua heterogeneidade.

Enquanto sub-região do Pantanal, limítrofe com o Paraguai, ocorre uma convergência não apenas dos sujeitos, mas, também, de valores, crenças e práticas para a permanência dos sujeitos nesse espaço, cujo rio atua como ligação e/ou separação entre dois povos. Noção fundamental foi entender a cidade como um espaço heterogêneo construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que, através de suas lutas cotidianas, impõem à cidade um movimento de constante transformação.

A princípio, entende-se que a cidade é um lugar de prática dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria repleta de valores e práticas pelas quais reivindicam o espaço urbano, o que nos permite dizer que a cidade vai além de um espaço meramente geográfico. A cidade é constituída de fronteiras simbólicas que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas relações. Afirmativa essa calcada nas narrativas que nos propiciaram entender os deslocamentos e a vida nos alojamentos, na cidade provisória, em uma cidade com tempo marcado para existir.

Dessa forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo, onde os diversos lugares que constituem a cidade são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria definida pela reelaboração de sua funcionalidade e dos diversos valores sociais constituídos.

As representações, as imagens idílicas, o paraíso pensado no Pantanal, é reencontrado diariamente pelos moradores da planície pantaneira que questionam a invasão do seu “paraíso” por aqueles que nele adentram sem respeito a diversidade, ao hibridismo, a miscelânea cultural ali existente. Representações que alijam o homem dos folders ou mostram apenas sua silhueta, como adorno de um crepúsculo indelével.

Trabalhar com a história das enchentes em Porto Murtinho aborda - lá em sua heterogeneidade na participação de grupos e sujeitos até então esquecidos pela história tradicional, foi um desafio que trouxe como resultado, o texto aqui apresentado.

6 – FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivos visitados para pesquisa

Arquivo da Câmara Municipal de Porto Murtinho,
Arquivo da 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho
Arquivo da Marinha do Brasil de Ladário, MS
Arquivo da Secretaria de Obras de Campo Grande- AGESUL
Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Arquivo do Centro de Documentação Regional – UFGD
Arquivo do Museu Dom Aníbal Barrera – Porto Murtinho, MS.
Arquivo Público Municipal de Cáceres, MT
Arquivo Público do Estado de Mato Grosso- Cuiabá
Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul
Núcleo de Documentação – NUDHEO – UNEMAT

Relatórios

- EDIBAP. Relatório da 1ª fase - TOMO I. Resumo do Diagnóstico e Estratégias e Desenvolvimento. Ministério do Interior. Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste - SUDECO. Convenio: Governo Brasileiro - UNDP-OEA. Brasília: novembro/1979
- EDIBAP. Relatório da 1ª fase Ministério do Interior. Brasília: novembro/1979. Relatório Interno RADAMBRASIL, 36-V. Goiânia, 1983. 33p
- EMBRAPA PANTANAL. Impactos ambientais e sócio-econômicos no Pantanal. Corumbá, 1997a
- EMBRAPA PANTANAL. Impactos Ambientais e sócio-economicos no Pantanal. Corumbá, 2002.
- Ministério do Interior. Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª DR. Campo Grande, MS. Sistema de Proteção Contra inundações da cidade de Porto Murtinho, MS. Relatório do projeto. Vol. I.
- Ministério do Interior. Departamento de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª D.R. Campo Grande, MS. Sistema de Proteção contra Inundações da cidade de Porto Murtinho, MS. Vol II e Anexos.
- PCBAP. Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai, Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Brasília: PNMA, 1997. v.3.
- PRODEPAN – Pantanal, nova fronteira econômica - I Encontro do Programa de Desenvolvimento do Pantanal. Conferências, Proposições e Subsídios. Governo do Estado de Mato Grosso. Secretaria da Agricultura. Corumbá, 1974.
- Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982. Ministério do Interior. Departamento de Obras e Saneamento – DNOS 11ª Diretoria Regional. Biblioteca 11ª D.R nº 235-C.
- Relatório Ministério do Interior. Departamento de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª Diretoria Regional. Biblioteca 11ª D.R nº 191.
- Relatório Preliminar de Desenvolvimento Local Integrado. Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERPHAU. Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste – SUDECO. Consultoria em Planejamento Ltda. CONSPLAN, Campinas, SP. 1970.

Imprensa - Jornais e periódicos

Arquivo Digital Veja. Ed. 562 de 13/06/1979. p. 59-60
Arquivo Digital Veja. Ed. 562 de 13/06/1979. p. 54-67; 59-60
Arquivo Digital Veja. Ed. 717 de 02/06/1982 p. 23
Arquivo Digital Veja. Ed. 1025 de 27/04/1988. p. 62,63,64

Gazeta Oficial de 04/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Jornal da Manhã . 08/02/1979. n. 1451 Corumbá ,MS

Jornal Diário de Corumbá. 01/05/1977 n. 2.274; 30/12/1977 n. 2404; 25/01/1979 n. 2639 Corumbá, MS

Jornal Folha da Tarde. 07/12/1973. n. 4.342; Corumbá, MS
Jornal Folha da Tarde. 14/02/1974 n. 4389; 25/04/1974 n. 4485 Corumbá, MS

Jornal *O Momento*. 04/08/1979 n. 7895; 16/08/1979. n. 7905; 03/10/1979 n. 7943; 04/10/1979 n. 7945. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 31/07/1980 n. 2639. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 26/08/1981. n. 8480. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 16/07/1982. n 8697; 31/07/1982. n. 8182 Corumbá, MS

Fontes orais (entrevistas)

- Antonio Carlos Dias Barreto. 21/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Antonio Soria. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Artemio Sanches. 20/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Augusto Cesar Proença. 16/ Jul/08. Produção: Ilsyane R. Kmitta e Ana Julia Segatel. Corumbá, MS
- Braz Antonio Leon. 11/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Conceição Aparecida Montanheri. 21/Ago/2008. Produção de Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.
- Elizabeth Ovelar Ayub Nantes. 21/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Firmo Luiz Fonseca. 03/Abr/2007. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Hipólito Soares de Lima. 21/Ago/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Inocêncio Ferreira. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Luiz Augusto Miranda Codorniz. 04/Abr/2007. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Magna Sanches Correia. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Marcelo Miranda Soares. 30/Set/2009. Produção Ilsyane R. Kmitta. Campo Grande, MS
- Ninfa Amada Ovelar Ayub. 21/Ago/08. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Norma Meza Pereira. 20/ Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

Bibliografia

- A'B SÁBER, A. N. *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*. Cotia, SP. Ateliê Editorial, 2006
- ADAMOLI, J.A. A Dinâmica das inundações no Pantanal. In: I Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio econômicos do Pantanal (EMBRAPA. CPAP. Documentos 5) Corumbá, 1984. p. 51-61
- _____. *Fitogeografia do Pantanal*. In: I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal (EMBRAPA. CPAP. Documentos 5) Corumbá MS, 1984. p. 105-106
- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 196p
- _____. *Fontes Orais. Histórias dentro da História*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinski (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBUM Graphico do Estado de Matto- Grosso. Org. S.C. Ayala e F. Simon. Corumbá, Hamburgo, 1914.
- ALBUQUERQUE JR. D.M. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste. In: *Rev. Bras. História*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero vol.14 n.28, 1984. p.111-121
- _____. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p.
- AMADO, J. e FERREIRA, M.M. *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AMARAL FILHO, Z. P. do. Ecologia da Savana nas regiões Amazônica e centro-oeste do Brasil. In: *Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Relatório Interno RADAMBRASIL, 36-V*. Goiânia, 1983.
- AMORIM, A. *Viagem pelo Brasil; do Rio ao Acre. Aspectos da Amazônia, do Rio a Mato Grosso*. Rio de Janeiro. 1913.
- Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n.3, 1943)
- ARRUDA, G. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSP, 2000.
- _____. *Frutos da Terra: os trabalhadores da matte Laranjeira*. Ed. UEL. Londrina: 1997
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 202p (coleção tópicos)
- BANDUCCI Jr. A. *O significado simbólico da relação homem e natureza entre vaqueiros no Pantanal da Nhecolândia*. In: II Simpósio EMBRAPA Pantanal. Corumbá, 1984. p. 423-429
- _____. *Dando Nome aos bois. A representação simbólica do gado no Pantanal*. Texto apresentado pelo autor na disciplina Campesinatos Comparados. FFLCH/USP. s/d, 30p.
- _____. *Sociedade e Natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na "Nhecolândia"*. (Corumbá, MS). São Paulo, 1995. 200p. [Dissertação de mestrado em Antropologia Social] FFCH/USP.
- _____. *Turismo cultural e Patrimônio: A memória pantaneira no curso do rio Paraguai*. Horizontes Antropológicos, ano 9, n.20. Porto Alegre, 2003
- BARROS NETTO, J. de. *A criação empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. São Paulo: Resenha Tributária, 1979. 158p

- BERGIER I. et al. Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas. EMBRAPA. Corumbá, 2008.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- _____. Variedades de História Cultural. Trad. Alda Porto, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Hibridismo Cultural. Coleção Aldus 18. São Leopoldo/RS. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2006
- CALHEIROS. D. F. et al. *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortandade de peixes no Pantanal*. In: Anais do II Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio-econômicos do Pantanal – Manejo e conservação. EMBRAPA/CPAP. Corumbá, 1996. P. 457-466
- CALVINO. I. As cidades Invisíveis. . Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2003
- CANDIDO. A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001. p. 58
- CARLOS. A.F.A. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, N de O. *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*. In: Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – EMBRAPA. Corumbá MS, 1984. p. 43-49
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano; Artes de Fazer*. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. RJ. Forense, 1982.
- CHALOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *A beira da Falésia; a história entre certeza e inquietude*. Porto Alegre: EUFRGS. 2002.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COMMERCIAL ALMANACH “Mato-Grossense”. São Paulo: Albino Gonçalves & Cia, 1916. 298p
- CORRÊA FILHO, V. *Pantanais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)*. IBGE. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: 1946. 170p
- CORREIA, L. S. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH-USP. 1980.
- _____. História e fronteira; o Sul de Mato Grosso (1870-1920). Campo Grande: UCDB, 243p
- COSTA. Mª de F. *História de um país inexistente; o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999. 277p.
- CUNHA, L. de O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, A.C. (org.) *A Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000. 207p
- D'ALINCOURT, L. Memória a cerca da Fronteira da Província de Mato Grosso. Org. Cuiabá, 1826. In: *Memória sobre a viagem de Porto de Santos a cidade de Cuiabá*. São Paulo: Martins, 1953

- DIEGUES, A.C. Os ex-votos marítimos da sala de milagres da Basílica do Senhor Bom Jesus de Iguape. São Paulo. In: DIEGUES, A.C. (org.) *A Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000. 207p
- DOMINGOS, G. L. *Pantanal da Nhecolândia: História, memória e a construção da identidade*. Dissertação de Mestrado/UFMS. Dourados, MS. 2005. p. 62-65
- DOUROJEANI, M. *Construindo o futuro do Pantanal*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2006
- DUARTE, R.H. Pássaros e cientistas no Brasil; Em busca de proteção, 1894-1938. *Latin American Research Review*, vol.41. n. 1 February 2006: 3-26
- FALCON, F. J. C. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FEBVRE, L. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad. De Eliana Aguiar. Apresentação de Peter Schottler – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 375p
- _____. Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões. In: *A voz e o sentido: Poesia oral em sincronia*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 147-175
- _____. História oral: um inventário das diferenças. In: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994
- FIGUEIREDO, A. A propósito do Boi. Cuiabá: Ed. UFMT, 1994. p. 105.,
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3ª Ed. Trad. Laura F. A. Sampaio. Ed. Loyola. São Paulo: 1996
- FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: *Questões para a história do presente: CHAUVEAU, A. e TETART, P Trad. Ilka Stern Gohen*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GALDINO, S. et al. (2002). *Mudanças do regime hidrológico da bacia do Rio Taquari - Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 24p. (Boletim de Pesquisa, 26).
- GARMS, A. Pantanal: o mito e a realidade. IV Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio-econômicos do Pantanal. SIMPAN. Corumbá, Nov/2004.
- GARRIDO, J de A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Rev. Bras. de História*. São Paulo: v.13 n. 25/26 set.92/ago/93.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 1989. 324p.
- GODOI FILHO J.D.de. Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-grossense e de sua área de Influência. In: *Anais do 1º Simpósio sobre recursos natural e sócio econômicos do Pantanal*. Corumbá, 1984 (EMBRAPA, CPAP. Documentos 5) p.63-76
- GUARINELLO, N. L. Festa , trabalho e cotidiano. In: *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, vol. II. Istvan Jancsó, Iris Kantor (orgs.) São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001 (Coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v. 3)
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 189p

- HOUAIS S. A. (1915-1999) e VILLAR M.de S. (1939-) Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009
- HUNT, Lynn. A nova História Cultural. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1995. 317p.
- JANOTTI, M. de L. O livro fontes históricas como fonte. In: PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KUHLMANN, E. A vegetação de Mato Grosso.Seus reflexos na economia do Estado. In: *Rev. Bras. de Geografia*. n.1 janeiro-março, 1954
- LE GOFF, J. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In *Questões para a história do presente*: CHAUVEAU, A. e TETART, P Trad. Ilka Stern Gohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- _____. História e Memória. 4ª ed. Campinas: Edunicamp, 1996.
- LEITE, E.F. Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís. *Revista Diálogos DHI/PPH/UEM*, v. 9, n. 1, p. 167-188, 2005.
- _____. *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*. Brasília; Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. 223p (Coleção Centro-oeste de estudos e pesquisas; 6)
- _____. Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação. *Espaço Plural*. Ano IX. n. 18. 1º sem. 2008. p. 145- 151
- _____. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009. 105
- _____. Narrativas e Imagens: A busca do passado nas palavras e nos gestos. In: *Fronteiras. Revista de História/ UFMS*. v.7 n.13 -2003 Ed.UFMS
- LEONARDI, V. P. de B. Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, Ed. UNB, 1999. 270p
- LEON, Braz. Porto Murtinho. Nossa Terra, nossa gente, nossa história. Porto Murtinho, MS, 1999.
- _____. Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense. Porto Murtinho/MS. 1994
- MACIEL. L. A. A comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: Espaço, telégrafo e civilização. *Rev. Proj. Historia*. São Paulo, (18) maio 1999
- MAGALHAES, N.W de. Conheça o Pantanal. São Paulo: Terragraph, 1992
- MARTINEZ. P.H . Brasil:Desafios para uma História Ambiental. *Nômadias (Bogotá,Colômbia)*, 22 (abril 2005); 26-35.
<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/21-25/22.htm>
- MARTINS, M.L. *História e meio ambiente*. São Paulo: Annablume. Fac. São Leopoldo, 2007.
- MATTOSO, José. *A escrita da história: teorias e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa 1998- Mc
- NEILL, J. R. Naturaleza y cultura de la História Ambiental. *Revista Nômadias* 22 (2005):12-22
<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/21-25/22.htm>
- MEYER. M. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2008
- MICHELI , G. Natureza. In: *Enciclopédia Enauldi*. Vol. 18, 1997.

- MOLES. Apud PESSAVENTO, S. J. Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290*
- MONTENEGRO, A. C. T. História Oral, caminhos e descaminhos. In: *Rev. Bras. de História: Memória, História, Historiografia.* (São Paulo), v.13 n.25/26, set/1992 ago/1993
- MONTYSUMA, M.F.F. Gênero e meio ambiente: uma invisibilidade das mulheres na construção da floresta na Amazônia. In: *História, Natureza e Território.* Ed. UNIVALE, 2008.
- MORETTI. E. C. Paraíso Visível e Real Oculto. A atividade turística no Pantanal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006. 176p
- NOGUEIRA, Albana Xavier. *A linguagem do homem Pantaneiro.* São Paulo, 1989. 385p. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Mackenzie
- _____. *O que é Pantanal.* São Paulo: Brasiliense, 1990. 77p
- _____. *Pantanal: Homem e cultura.* Campo Grande: Ed. UFMS, 2002. 156p
- NORA, P. *Entre memória e História: a problemática dos lugares.* Tradução de Yara Aun Khoury. *Rev. Projeto História.* São Paulo. v.10, dez/1993
- OLIVEIRA. V. W. N de. *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005
- PALÁCIO. G. História tropical: a reconsiderar las nociones de espacio, tiempo y ciência. *Revista Tareas 120: Historia Ambiental Latinoamericana. Mayo-Agost 2005: 29-66. 2005.* ([http:// bibliotecavirtual.clacso.or.ar/ar/libros/panamá/cela/tareas/tar120/palácio.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.or.ar/ar/libros/panamá/cela/tareas/tar120/palácio.rtf))
- PESSAVENTO, S.J. Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano. In: *Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.*
- _____. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, L. C. de Queiroz; PECHMAN, R. (Org.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 378 (p.377-396)
- _____. *Escritas, Linguagem, objetos: leituras da História Cultural.* Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- _____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. *Rev. Bras. História,* vol. 27 n.53 p. 11-23
- _____. Indagações sobre a História Cultural. *Rev. ArtCultura.* Vol. 3, n.3. Dez/2001
- _____. *História e História Cultural.* Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2004. p. 39
- _____. História, memória e centralidade urbana. *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos* [Em línea], Debates, 2007
- _____. Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço. *Rev. ArtCultura.* Uberlândia, MG. v.4, n.4, junho/2002
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos.* (Rio de Janeiro), v.5, n. 10, 1992. p. 200-215.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos.* (Rio de Janeiro), vol.2, n.3, 1989.
- PONCE, V. Impacto hidrológico e ambiental da Hidrovia Paraguai-Paraná no Pantanal Matogrossense. Um estudo de referência, 1995. http://www.ponce.sdu.edu/hidrovia_report.html.

- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. São Paulo. (15) abril/1997. p. 13-49
- POTT, A. *Pastagens no Pantanal*. Corumbá-MS, EMBRAPA-CPAP, 1988
- PROENÇA, A. C. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 1977
- PROENÇA, M. C. *No termo de Cuiabá*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1958. 126p
- QUEIROZ, P. R. C. *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*. UFGD, 2006.
- _____. *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo Sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)* Notas para discussão. UFMS/CEUD.
- RAISON. J.P. Região. In: *Enciclopédia Enaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- REYNALDO. N. I. *Comercio e Navegação no rio Paraguai (1870-1940)*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2004
- RESENDE, E. K. *Pulso de inundação: processo ecológico essencial à vida no Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.
- ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? In: *Cidade & Cidades: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes (org.) UFBA/FAC. Salvador, Anpur, 1992. p. 27-29.
- ROSSETTO, O.C. “Vivendo e mudando junto com o Pantanal”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras. *IV Simpósio sobre Recursos naturais e sócio- econômicos do Pantanal*. Corumbá. Nov/2004.
- SAMUEL, R. Teatros de Memória. *Projeto História*, São Paulo (14), fev. 1997
- SCHAMA S. *Paisagem e memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 643p
- SILVA, C J da. E J. A. F. Silva. *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB/USP. São Paulo: USP, 1995. 210p
- SILVA. J. de M. *Fronteiras Guaranis*. 2ª Ed. Atualização de notas de Hildebrando Campestrini. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: 2003.
- SILVA J. dos S. V. da & ABDON, M. de M. Delimitação do Pantanal e suas sub regiões. In: *Pesquisa Agropec. Brasileira*. Brasília: s.n, v.33 nr. Especial. Out/1998. p. 1703-1711
- _____. Impacto da inundação na sócio-economia da planície do baixo rio Taquari, período de 1970 a 1996. In: *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – EMBRAPA*. Corumbá MS, 1984. p. 303-319
- _____. et al. *Levantamento do Desmatamento no Pantanal Brasileiro até 1990/91*. Pesquisa Agropec. Brasileira. Brasília, v.33, Nr. Especial, p.1739-1745, out. 1998b
- SILVA LEITE, M. C. *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. 1ª edição. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156p (Coleção Tibaré de estudos mato-grossenses: v.4)
- SILVA, Mª do C. G. *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*. São Paulo. 1999. 321p. Tese (Doutorado em História) – USP.

- SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. *Rev. Bras. História*, 2004, vol. 24 n.48, p. 331-351.
- SOUZA, L.G. de. *Retrospectiva Histórica do Pantanal*. EMBRAPA Pantanal. Corumbá, 1984. p. 199-204
- THOMAS, K. O homem e o mundo natural; mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. 3ª reimp. São Paulo; Cia das Letras, 1988. p. 454p
- TUCCI, C.E.M. Documento de apoio as ações de planejamento da ANA. In: Agência Nacional de Águas. Abril/2001.
- VALVERDE. O. Fundamentos Geográficos do Planejamento rural do município de Corumbá. *Rev. Bras. de Geografia*. (Rio de Janeiro), vol.1 n.34 p. 49-144 (jan-março 1972)
- VELOSO, M. P. Triunfo às ondas do mar: Linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro. In: PESAVENTO. S. J. (org.). *Escritas, Linguagem, objetos: leituras da História Cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ZARRILII, A. Transformacion ecológica y precariedad econômica em uma economia marginal. El Grann Chaco Argentino, 1980-1950. *Revista THEOMAI*, n.1 (primer semestre 2000) <http://theomai.unq.edu.ar/>
- WILCOX, R.W. La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980, In: ARRUDA, Gilmar, et.al,eds. (*Natureza: Apropriações e Representações na América (Londrina- Brasil: Universidade Estadual de Londrina, 2001)*). 2001
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. Trad. José Augusto Drummond do original "Doing environmental history", extraído de Donald Woster, ed., *The ends of the Earth – perspectives on modern environmental history* (Cambridge, Cambridge University Press, 1988) p. 289-307. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4 n. 8, 1991 p. 198-215

Obras Consultadas

- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992
- _____. *Cultura popular na Idade Moderna; Europa, 1500-1800*. Trad. Denise Bottmann. 2ª ed., São Paulo: Cia das Letras, 1998. 385p.
- CAMPESTRINI. H. *História de Mato Grosso do Sul*. 6ª ed. revista e ampliada. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2009. 367p.
- CAMPOS FILHO, L. V. *Tradição e ruptura; cultura e ambiente pantaneiros*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002. 184p
- CHAUVEAU, A. e TETART, P. *Questões para a História do presente*. In *Questões para a história do presente*: Trad. Ilka Stern Gohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CORREA FILHO, V. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, (Col. Memórias Históricas, vol. 4) .741p.
- _____. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Brasílica, 1939, 268p.
- CROSBY, A. W. *Imperialismo Ecológico*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

- DEAN, W. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. Trad. Cid Knipel Moreira. Revisão técnica José Augusto Dumond. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FERNANDES, F. A. G. *Oralidade e literatura; manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003. 228p.
- FERREIRA, M. de M. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Osvaldo Cruz/CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da História Oral. In: *Uso e Abusos da História Oral*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, Organizadoras, 5ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- GINZBURG, C. Sinais; raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989. 281p.
- GRUZINSKI, S. Local, global e colonial nos mundos da Monarquia católica. Aportes sobre o caso amazônico. In: *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. II, nº 1, julho/dezembro 2007. p. 11-27
- HOLANDA, S. B. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª. Ed., São Paulo: Cia. Das Letras, 1994. 301 p.
- _____. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994. 365p.
- _____. *Raízes do Brasil*. 26ª ed, 3ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 220p.
- _____. *Monções*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LADURIE, E.L. *Montailou, povoado occitânico, 1294-1324*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LATOUR, B. *A ecologia política sem a natureza*. Trad. Maria Thereza Sampaio. *Projeto História*, São Paulo. n.23. Nov/2001. p. 31-43
- _____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Trad. Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: Edusc, 2004
- LEITE, E.F. Vendo, ouvindo e aprendendo, o saber popular na relação homem versus natureza no Pantanal sul- mato-grossense. *Rev. Territórios e Fronteiras*. UFMT, vol.3 n. 1 jan/jun 2002. p. 77-83
- ____ & FERNANDES, F. A. G. *Oralidade no Pantanal: vozes e saberes na pesquisa de campo*. In: FERNANDES, F. A. G. *Oralidade e literatura; manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003. 228p. p.45-64.
- LEVERGER, Augusto [1975]. *Vias de comunicação de Mato Grosso*. 2. ed. Fac-símile da edição de 1905. Cuiabá: UFMT, 1975
- LUCCA, Tânia Regina de. *Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinski (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCÍDIO, J. A. B. [1993]. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois: a ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870*. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói. 1993
- MARTINS, J. de S. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, L. M. & NOVAIS, F.A. (orgs). *História da vida privada no Brasil; contrastes da intimidade contemporânea*. 4o. vol. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 659-726.
- MONTENEGRO, A. C. T. *História Oral e Memória - a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. 153p.

- PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004
- _____. Pensamento ilustrado e crítica da destruição florestal no Brasil colonial. *Revista Nômadas* 22 (2005): 152-163.
- _____. Cultura esgotadora: Agricultura y destrucción ambiental em lãs últimas décadas Del Brasil monárquico. In: Bernardo Garcia Martínez & Maria Del Rosário Prieto (comp). *Estúdios sobre história y ambiente em América II: Norteamérica, Sudamérica, y el Pacífico*. México; El Colegio de México, 2002: 283-310.
- PESAVENTO, S. J. (org.) et al. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, séc. XIX) In: *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003. 245p
- SOUZA, J.C de. *Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)*. São Paulo: Alameda, 2008.
- SOUZA, L. de M. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, F. (coord/org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. I São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- TAUNAY, A. d'e [1981]. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981;
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493p
- THOMPSON, P. *A voz do Passado: História Oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2002.
- VILLA, M. A. *Vida e morte no sertão; história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000. 269p